

Silvio Somer

**A ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES DO *AORISTO* –
DICIONÁRIO ELETRÔNICO LATIM-PORTUGUÊS**

Dissertação submetida ao programa de
Pós-Graduação em Estudos da
Tradução da Universidade Federal de
Santa Catarina para obtenção do título
de Mestre em Estudos da Tradução:
Lexicografia, tradução e ensino de
línguas estrangeiras.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio
Esteves da Rocha.

Florianópolis
2016

Somer, Silvio

A ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES DO AORISTO -
DICIONÁRIO ELETRÔNICO LATIM-PORTUGUÊS / Silvio Somer ;
orientador, Marco Antônio Esteves da Rocha. -
Florianópolis, SC, 2016.
260 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.
Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Estudos da Tradução. 2. Ensino de latim. 3.
Lexicografia. 4. Linguística de corpus. 5. Estudos da
tradução. I. Esteves da Rocha, Marco Antônio. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

Silvio Somer

**A ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES DO *AORISTO* –
DICIONÁRIO ELETRÔNICO LATIM-PORTUGUÊS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Florianópolis, 20 de maio de 2016.

Prof.^a Dr.^a Andreia Guerini
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Marco Antônio Esteves da Rocha
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Carlos Alberto Antunes Maciel
Université de Nantes

Prof.^a Dr.^a Zilma Gesser Nunes
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. José Ernesto de Vargas
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Marco Antônio Esteves da Rocha, pelo conhecimento compartilhado, assim como ao Prof. Dr. Carlos Alberto Antunes Maciel, pelos mesmos motivos. Agradeço à PGET pela estrutura e por me proporcionar a oportunidade de estudo. À CAPES agradeço pela bolsa de estudos, o que me permitiu dedicação exclusiva à pesquisa.

Agradeço à minha família, aos meus pais e às minhas irmãs, pelo apoio e por coisas que só as famílias têm. Agradeço também ao Mozartt e à Deise, vocês sabem porquê. Agradeço às pessoas que conheci na graduação e na pós-graduação, e que tornaram a minha vida melhor: Fernanda, Mariane, Thaís, Marcos, Diego, Vanessa, Larissa, Angélica, Daiane, Andreia, Fabrício, Kall, as duas Flávias, Mariana, Nicoletta, Marina, Émilly, Berenice, Eduarda, Tiago, Alexandre, Dayane, Cryslâynne, Alckmar, Cláudio, Honácio, Mauri, Suzy e Cristiane.

Ab ovo.

(Quintus Horatius Flaccus)

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada pensando na organização das informações do *Aoristo*, um dicionário eletrônico bilíngue latim-português produzido como parte da pesquisa, mais precisamente, tratamos dos modos de aquisição, de tratamento, de distribuição e de interpretação das informações no *Aoristo*. As bases para o nosso dicionário são o *Dicionário escolar latino-português*, de autoria de Ernesto Faria, e dois *corpora* que montamos com as obras de 70 autores latinos e da apostila intitulada *Legenda Roma*. O dicionário por nós produzido tem como público alvo os estudantes de latim em seus níveis iniciais, além disso, nele são dadas informações morfológicas e sintáticas variadas, tão completas quanto possível, com a intenção de auxiliar na aquisição lexical e na compreensão da informação, por isto também foi considerado o modo de mostrar as informações em questão. Neste trabalho mostramos como analisamos as informações e como funciona o software que produzimos, partindo de teorias da metalexigrafia e da linguística de *corpus*.

Palavras-chave: Ensino de latim. Metalexigrafia. Linguística de *corpus*. Estudos da tradução.

ABSTRACT

This research was conducted thinking on *Aoristo*'s organization of information, an electronic bilingual Latin-Portuguese dictionary produced as part of the research, more precisely, we consider the ways of acquiring, processing, distributing, and interpreting the information in *Aoristo*. The basis for our dictionary are the *Dicionário escolar latino-português*, written by Ernesto Faria, and two *corpora* that we set up with the works of 70 Latin authors and a workbook entitled *Legenda Roma*. The dictionary produced by us has as target the Latin students at their initial levels, in addition, they are given various morphological and syntactic information, as complete as possible with the aim to assist them in their language acquisition and understanding of information, that's why the way to display the information was also taken into consideration. In this research we show how we analyzed the information and how the software we produced works, considering theories of metalexigraphy and *corpus* linguistics.

Keywords: Latin teaching. Metalexigraphy. *Corpus* linguistics. Translation studies.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 OBJETIVOS	17
1.1.1 Objetivo Geral	18
1.1.2 Objetivos Específicos	18
1.2 HIPÓTESE	19
1.3 ORGANIZAÇÃO DESTE TRABALHO	19
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	21
2.1 BREVE PANORAMA DA LÍNGUA LATINA	21
2.2 METALEXICOGRAFIA	27
2.2.1 Macroestrutura	33
2.2.2 Microestrutura	37
2.3 LINGÜÍSTICA DE <i>CORPUS</i>	54
3 SOBRE O MÉTODO	61
3.1 ORGANIZAÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	62
3.2 SOFTWARES PARA ANÁLISE AUTOMÁTICA DE TEXTO	66
3.3 CARACTERÍSTICAS DOS TEXTOS DOS <i>CORPORA</i>	72
3.4 O DICIONÁRIO <i>AORISTO</i>	88
3.5 RESENHA DA LITERATURA	98
4 DESENVOLVIMENTO	101
4.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DICIONÁRIOS E OS MATERIAIS UTILIZADOS NO ESTUDO DE LATIM	104
4.2 ORGANIZAÇÃO DA MICROESTRUTURA DO DICIONÁRIO <i>AORISTO</i>	108
4.3 UNIDADES LEXICAIS INDECLINÁVEIS	111
4.3.1 Interjeição	111
4.3.2 Preposição	120
4.3.3 Advérbio	139
4.3.4 Conjunção	150
4.4 UNIDADES LEXICAIS DECLINÁVEIS	162

4.4.1 Substantivo	162
4.4.2 Adjetivo	178
4.4.3 Numeral	196
4.4.4 Pronome	202
4.5 UNIDADES LEXICAIS CONJUGÁVEIS	219
4.5.1 Verbo	219
5 CONCLUSÃO	245
REFERÊNCIAS	247
APÊNDICE A – Lista de autores e de obras do CL organizada em ordem cronológica.	253

1 INTRODUÇÃO

As diferenças sintáticas e morfológicas entre o português e o latim são características que chamam a atenção do estudante desta língua, já em seu primeiro contato. Em português, a função sintática de cada unidade lexical é definida pela posição que esta ocupa na sentença, em latim, por outro lado, as funções sintáticas de cada unidade lexical são marcadas por desinências, formando um sistema de casos, que, além disso, também nos dão informações quanto ao número (singular ou plural).

Acreditamos que as diferenças morfológicas entre o português e o latim são o fator primário que dificulta o aprendizado, pois o latim, mesmo fazendo parte do grupo de línguas sintéticas, da mesma forma que o português, ao expressar as funções sintáticas através do sistema de casos, não precisa que a sentença seja organizada de modo pré-definido, como acontece com o português, que tem por base a sequência SVO (Sujeito-Verbo-Objeto). Como consequência disso, pode haver confusão na compreensão da língua para um estudante em estágio inicial.

Considerando a presença dos casos e que não há um modo pré-definido de organização das sentenças, acreditamos que estas diferenças são geradoras de dificuldades no aprendizado do latim. Com base nisso, pensamos nas características que tornam os dicionários boas ferramentas de consulta, mais precisamente no modo de organização da informação nos dicionários. Os resultados desta investigação são mostrados ao longo do presente trabalho, no qual propomos um dicionário eletrônico no par latim-português, doravante chamado *Aoristo*¹, destinado ao público universitário, especialmente aos estudantes das disciplinas de latim da Universidade Federal de Santa Catarina, parte do currículo obrigatório do curso de letras, língua portuguesa, que não tenham conhecimento prévio do latim.

O material de estudo utilizado das disciplinas de latim é uma apostila intitulada *Legenda Roma* e foi elaborado pelo prof. Dr. Mauri Furlan. Este material, que é “uma tradução e adaptação da primeira parte do famoso manual de língua latina *Reading latin*, de Peter V. Jones e Keith C. Sidwell, publicado pela Cambridge University Press desde

¹ Disponível no endereço www.aoristo.com.br. A razão para a escolha do nome, referente a um tempo verbal de línguas como o grego e o sânscrito, vai além do que se poderia esperar ao ser aplicado a um dicionário de latim e está ligada à possibilidade do registro deste domínio na internet. Além disso, planejamos produzir um dicionário de grego para o português em algum momento futuro.

1986” (FURLAN, 2005, p. 5), como nos diz o autor logo nas primeiras páginas. O objetivo deste material é o aprendizado da língua latina através de um método “intencional”, isto é, ele tem como foco a forma, em oposição ao foco no conteúdo, visto como “incidental” por Leffa (2006, p. 335). Cada seção é acompanhada de um vocabulário básico e, pelo menos nas seções iniciais, de breves observações sobre aspectos gramaticais. Em geral é possível fazer a tradução dos textos apenas com o que consta na apostila, mas nem sempre isto é possível e é a partir deste ponto que o uso do dicionário *Aoristo* é sugerido.

Cabe observar que os dicionários normalmente só podem ser usados plenamente pelos iniciados, isto é, por pessoas que os consultem extensamente, e nos perguntamos o quanto isto é desejável. Um exemplo de como as práticas estabelecidas podem afastar os interessados do aprendizado da língua está nas abreviaturas, desejáveis em dicionários impressos, situação em que é importante economizar espaço, pois a impressão é cara, mas em dicionários eletrônicos isto já não é mais necessário. Além disso, manter a estrutura do dicionário eletrônico num formato que possa ser compreendido desde o início tem a vantagem adicional de permitir que o consultante se preocupe apenas com as informações que procura, sem ter que aprender uma nova metalinguagem.

Percebendo que não há um dicionário eletrônico no par latim-português que possa ser consultado na internet, decidimos empreender esta pesquisa a fim de criar o primeiro, construído como ferramenta complementar no estudo da língua latina, tendo em vista o fornecimento das informações de modo consistente com o público alvo. Para atingir este objetivo nos utilizamos de conhecimentos em áreas como metalexigrafia e linguística de *corpus*, fazendo do *Aoristo* um dicionário de aprendizagem, que é definido por Tarp (2006, p. 300) como:

Um dicionário de aprendizagem é um dicionário cujo objetivo é o de satisfazer as necessidades de informação lexicograficamente relevantes que os estudantes tenham em uma série de situações extra-lexicográficas durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira.²

² “Un diccionario de aprendizaje es un diccionario cuyo objetivo es el de satisfacer las necesidades de información lexicograficamente relevantes que tengan los estudiantes en una serie de situaciones extra-lexicográficas durante

Com base nisto, consideramos dois aspectos das informações a serem mostradas, o primeiro trata do que mostrar (o objeto), o segundo trata de como mostrar (o modo). Decidimos mostrar ao usuário as informações tão completas quanto possível, tendo sempre em mente o público alvo. Um exemplo de como procedemos pode ser ilustrado por um substantivo, que, quando procurado pelo consulente, gera como resultado não apenas o lema ou a unidade lexical procurada, em vez disso gera a tabela de declinação completa, dando uma visão mais abrangente de como as unidades lexicais se inter-relacionam. Além disso, consideramos que os exemplos e as citações são parte importante de um dicionário, quando utilizado no aprendizado de uma língua estrangeira.

A base teórica para a organização das informações do *Aoristo* foi extraída da metalexicografia e durante o processo de pesquisa a teoria foi comparada com alguns dicionários de latim impressos no par latim-português, o que fez parte da nossa análise. O conteúdo do *Aoristo* foi extraído do *Dicionário escolar latino-português*, de autoria de Ernesto Faria e atualmente em domínio público. O processo de adaptação das informações do dicionário impresso para o formato eletrônico é descrito, junto com os *corpora*³ que foram montados para a pesquisa.

Na nossa pesquisa, os *corpora* não foram utilizados para fornecer informações semânticas, isto é, para investigar se os sentidos e as acepções fornecidos pelos dicionários têm base no conjunto da literatura latina, em vez disso, eles foram utilizados para fazer uma listagem das unidades lexicais usadas, assim como para fazer a contagem delas. A partir dos resultados obtidos, cruzamos as informações para obter várias informações novas tratando das relações entre autores, obras, modalidades textuais e período de tempo das publicações. As informações semânticas, por sua vez, têm como fonte primária o *Dicionário escolar latino-português*, ao qual já aludimos, mas também comparamos estas informações com outros dois dicionários e fizemos considerações sobre elas.

1.1 OBJETIVOS

el proceso de aprendizaje de una lengua extranjera.” (TARP, 2006, p. 300). (Tradução nossa).

³ *Corpora* é o plural de *corpus*.

1.1.1 Objetivo Geral

Com esta pesquisa espera-se contribuir para o desenvolvimento de dicionários eletrônicos, considerando a metodologia de construção dos *corpora*, a forma de organização e interpretação dos dados, assim como o modo de apresentação das informações para o usuário e a ligação dos dados dos *corpora* com o resultado final. Percebemos a necessidade de confrontar o que é dito, e o que pode ser dito, com o modo de compreensão das informações, passando pela interpretação dos dados. Não tratamos aqui da fronteira entre o que é de fato e do que pode ser, em vez disso tratamos do modo de apresentação das informações, considerando as relações que elas mantêm entre si. Em um dicionário, cada entrada dá ao usuário as informações necessárias para compreender o que se busca, além de tentar evitar que elas sejam mal compreendidas, para isto são dados os exemplos, cuja presença direciona a interpretação através de um ou mais contextos. Além desta forma de ligação das informações há outras possibilidades, como mostrar não apenas o que está sendo procurado, mas também outras entradas ligadas a ela, por exemplo, mostrando como os adjetivos se organizam nos diferentes graus de flexão.

Também relacionado à apresentação das informações está o meio utilizado para tal, que no nosso caso é a tela do computador, embora isto também possa ser feito em um *tablet* ou em telefone celular, pois o *Aoristo* é uma página da internet, disponível para acesso por aparelhos com suporte a navegadores, mas os melhores resultados são obtidos em computadores, pois o *Aoristo* foi pensado e direcionado para eles.

Ad summam, o objetivo é apresentar as informações ao usuário de modo que as dúvidas sejam esclarecidas com eficiência, pensando no processo que abrange desde o recolhimento dos textos que formam os *corpora*, passando pela confecção do software, até chegar ao modo de busca da informação, considerando que cada passo deste processo pode influenciar no estudo da língua latina.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Montar os *corpora* de textos latinos necessários para a nossa pesquisa;

- Confeccionar o software do dicionário *Aoristo*, pensando em sua visualização em telas de computadores, tendo como suporte um navegador da internet;
- Organizar as informações considerando o que mostrar ao usuário, considerando também o modo de mostrar, com base no público alvo anteriormente definido;
- Aplicar as teorias de metalexicografia e de linguística de *corpus*, considerando os seus usos em um dicionário eletrônico. A aplicação das teorias também envolve a reflexão sobre os dados como matéria plástica, a ser moldada não somente através das metodologias de pesquisa, mas também através dos modos como ela pode ser procurada e mostrada.

1.2 HIPÓTESE

A hipótese com a qual trabalhamos diz respeito à qualidade da informação a ser apresentada em um dicionário eletrônico bilíngue, considerando um público alvo como composto por estudantes de latim sem conhecimento prévio desta língua. Pressupomos que o estudo de uma língua com sistema de casos, como o latim, seja uma mudança de paradigma grande o bastante para que o falante nativo de uma língua que marca a função sintática das palavras pela sua posição na sentença, como o português, sinta que mesmo as estruturas básicas não sejam de compreensão tão intuitiva quanto em outra língua sem sistema de casos. Também pressupomos que ao chegar à universidade os alunos tenham um conhecimento apenas básico das estruturas sintáticas da língua portuguesa, por isto, ao estudar uma língua que se organiza de forma tão diferente do português, como o latim, seria necessário que eles tivessem informações básicas sobre a nova língua, assim como um conjunto mínimo de informações disponíveis para que eles mesmos pudessem observar os padrões e compreendê-los, chegando, neste processo, às suas próprias conclusões.

1.3 ORGANIZAÇÃO DESTE TRABALHO

O primeiro capítulo da dissertação é intitulado Pressupostos teóricos, nele são fornecidas informações sobre metalexicografia e linguística de *corpus*, precedidas de um breve panorama da história, do léxico e do alfabeto latino, em que apresentamos o contexto relativo aos textos latinos originais utilizados na pesquisa. No capítulo seguinte,

tratamos da metodologia utilizada na pesquisa e fazemos a resenha da literatura científica pertinente.

No terceiro capítulo, intitulado Desenvolvimento, os *corpora* coletados são utilizados ao colocarmos em prática os conceitos anteriormente vistos de linguística de *corpus* e de metalexicografia. Por fim, na Conclusão, fazemos considerações sobre a pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, abordamos os assuntos que utilizaremos para realizar o quarto objetivo específico desta pesquisa, isto é, quando colocarmos em prática as teorias de metalexicografia e de linguística de *corpus*, considerando os seus usos em um dicionário eletrônico. Começamos tratando da história de Roma, dos seus períodos históricos, do alfabeto e da pronúncia da língua latina, importantes para entendermos algumas das mudanças morfológicas, depois falaremos da metalexicografia e da linguística de *corpus*.

2.1 BREVE PANORAMA DA LÍNGUA LATINA

Originalmente uma pequena cidade nas margens do Rio Tibre, Roma cresceu em tamanho e força, no início isto se deu através do comércio. A localização da cidade disponibilizava aos comerciantes uma via de fácil navegação para o tráfego dos seus bens. A cultura e a civilização gregas, que chegaram a Roma através de suas colônias gregas ao sul, forneceram já aos primeiros romanos um modelo sobre o qual construir sua própria cultura. Dos gregos eles tomaram emprestadas a educação, a religião e os fundamentos da arquitetura. A pequena cidade comercial cresceu rapidamente entre os séculos 8 e 6 a.C., transformando-se em um reino, até que em 509 a.C., com a queda do seu último imperador, Tarquínio, o Soberbo, o sistema de governo foi reformado e surgiu a república romana (CORNELL, 1996, p. 17).

Apesar de Roma inicialmente dever sua prosperidade ao comércio foi pela guerra que ela se tornou poderosa no mundo antigo. As guerras com Cartago, cidade do norte da África, conhecidas como as Guerras Púnicas, que aconteceram entre 264 e 146 a.C., consolidaram o poder de Roma e ajudaram a cidade a crescer em riqueza e prestígio. Roma e Cartago eram rivais no comércio no Mediterrâneo Ocidental, mas com a vitória de Roma, ela passou a ter domínio quase absoluto sobre a região. A elite rica da cidade, os Patrícios, tornou-se cada vez mais rica e poderosa, resultando em menor poder efetivo dos senadores (CORNELL, 1996, pp. 19-20; 43-8).

Até o momento do Primeiro Triunvirato, estabelecido em 59 a.C., tanto a cidade quanto a república de Roma floresciam. Mesmo assim, Roma viu-se dividida entre duas ideologias conflitantes, a dos *optimates*, que era conservadora e da classe dominante, e a dos populares, ligada ao povo e que queria a democratização da república romana. O resultado foi o fim da república.

Após conflitos de poder, Gaius Julius Caesar, um popular, enquanto os outros dois eram optimates, sobreviveu ao triunvirato e estabeleceu-se como ditador romano, até ser assassinado em 44 a.C.. Um segundo triunvirato foi formado e, após novas disputas de poder, Gaius Octavius Thurinus, único sobrevivente do triunvirato, assumiu o poder e, em 27 a.C., tornou-se o primeiro imperador romano, passando a ser conhecido como Augusto (CORNELL, 1996, pp. 70-4).

Enquanto estas mudanças políticas aconteciam, tanto a cultura quanto a língua romanas também mudavam. O primeiro fator de mudança a ser observado é a passagem do tempo, pois desde a sua fundação até tornar-se um império mais de 600 anos se passaram, enquanto isso Roma travou contato com diferentes culturas através do comércio e da guerra. O segundo fator a ser observado diz respeito justamente ao contato com os outros povos, porque a Grécia, incluindo sua língua e cultura, era muito valorizada pelos romanos e era vista como um modelo a ser imitado. Enquanto isto, Roma guerreava contra outros povos que, depois de serem conquistados, eram anexados. O intercâmbio cultural passou a ser cada vez maior, o que também refletiu na língua quando esta passou a integrar estrangeirismos em seu léxico.

Além disso,

Nos lugares culturalmente menos desenvolvidos a língua de Roma, divulgada por soldados e ensinada nas escolas, foi implantada sem maiores dificuldades. Nas regiões onde a vida cultural já era intensa e tinha características próprias bem solidificadas não houve, a rigor, a latinização. O latim, todavia, mesmo sem ser uma língua “oficial” do Império foi sempre uma língua comum, cujo papel a Igreja se encarregou de acentuar (CARDOSO, 2002, pp. 9-10).

O latim (surgida no Lácio, Península Itálica; *Latium*, em latim) tinha estreito parentesco com o Osco, língua do Sâmnio (*Samnium*, em latim) e da Campânia (*Campania*, em latim), e o Umbro, língua da Úmbria (*Umbria*, em latim) desde o seu início. Segundo sua evolução, o latim pode ser classificado conforme a época e as circunstâncias em que foi usado, segundo Cardoso (2002, pp. 6-9):

- Latim pré-histórico: séculos XI a VII ou VI a. C.;

- Latim proto-histórico: talvez no século IV a. C.. Exemplos: fíbula de Preneste, cipo do Fórum e vaso de Duenos;
- Latim arcaico: do século III a. C. ao início do século I a. C. Exemplos: antigos textos literários, epitáfios e textos legais. Autores da época: Marcus Porcius Cato e os cômicos Titus Maccius Plautus e Publius Terentius Afer;
- Latim clássico: do segundo quartel do século I a. C. até o início do império. Exemplos: as grandes obras que marcaram os momentos mais importantes da prosa e da poesia latina, sendo que estas obras eram profundamente diferentes do latim falado. Autores da época: Marcus Tullius Cicero, Gaius Julius Caesar, Gaius Sallustius Crispus, Cornelius Nepos etc.;
- Latim vulgar: não era uniforme, pois estava sujeito a alterações determinadas por diversos fatores, como épocas, delimitações geográficas, influências estrangeiras, nível cultural dos falantes etc. Exemplos: são pouquíssimos, entre os quais está o *Appendix probi*, um glossário anônimo;
- Latim pós-clássico: do século I a V d. C.. Diminuiu a distância entre a língua literária e a falada. Autores da época: Titus Livius Patavinus, Lucius Annaeus Seneca, Quintus Curtius Rufus, Gaius Plinius Secundus, Marcus Fabius Quintilianus, Publius Cornelius Tacitus, Gaius Plinius Caecilius Secundus, Gaius Suetonius Tranquillus etc.;
- Latim de tabeliães ou latim bárbaro: até o século XII. Exemplos: documentos oficiais;
- Latim eclesiástico: língua oficial e obrigatória da igreja católica até 1961. Exemplos: as bulas papais;
- Latim científico: usado até o século XX. Exemplos: tratados filosóficos, científicos e acadêmicos.

Sobre o léxico, Cardoso (2002) nos diz que

era inicialmente muito pobre. As palavras mais antigas pertencem a um patrimônio indo-europeu e se referem à vida, às operações dos sentidos, às partes do corpo, às relações de parentesco, aos animais, à alimentação e ainda ao vestuário, aos fenômenos naturais, às quantidades numéricas. A esses elementos se juntaram vocábulos tomados por empréstimo das línguas de povos não indo-europeus que habitavam a Península Itálica e,

mais tarde, quando os indo-europeus divididos em grupos já possuíam línguas diferentes para cada grupo, foram importados elementos vocabulares célticos, germânicos e sobretudo gregos, aos quais se juntaram vocábulos mediterrâneos, em geral, e orientais. Cardoso (2002, pp. 12-3).

Outro processo de enriquecimento do vocabulário, além dos empréstimos estrangeiros, se deu pelos processos morfológicos de derivação e composição. A derivação era feita através da justaposição de um sufixo nominal ou verbal a um radical já existente. Neste processo o sufixo dá à nova palavra significações ou inflexões particulares, mantendo o significado inicial na raiz da palavra. A formação por composição, por outro lado, se dá com a adição de um sufixo a um radical já existente, que “se justapõem ou se aglutinam palavras variáveis e/ou invariáveis já existentes” (CARDOSO, 2002, p. 13). Com relação à representação gráfica dos fonemas, os romanos se utilizaram de um alfabeto que consiste na adaptação do alfabeto grego (CARDOSO, 2002, pp. 15-6) e na época de Marcus Tullius Cicero, 106 a.C. – 43 a.C., o alfabeto latino tinha 21 letras: A, B, C, D, E, F, G, H, I, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, V, X. Eles não conheciam os sons correspondentes à letra “v” da língua portuguesa, como na palavra “vida”, e à letra “j”, como na palavra “jogo”. A letra “u” era usada tanto para o som vocálico, como na palavra “duro”, quanto para o som consonantal, como em “uai”. A partir do século XVI, Pierre de la Ramée passou a grafar o “u” consonantal como “v”. O mesmo vale para o “i” consonantal, que é grafado como “j”, por isto elas são chamadas de letras ramistas. O “y” e o “z”, por outro lado, foram introduzidos no latim no final do século I a.C. para transcrever palavras gregas. (CART, 1986, p. 6).

O alfabeto que utilizamos em português é essencialmente igual ao romano, exceto que eles não tinham a letra “w”, se for aceito o alfabeto romano como era usado no período medieval, isto é, contendo 25 letras, consistindo em seis vogais e dezenove consoantes. Isto, no entanto, não está livre de controvérsias, pois no *Dicionário escolar latino-português*, da autoria de Ernesto Faria (1962), por exemplo, há entradas para as 25 letras, mas no livro *Latine disco*, de Hans Ørberg (2003, p. 6), material de estudo complementar ao método de Hans Ørberg, chamado *Lingua latina per se illustrata*, há referência a apenas 23 letras. No livro *Vox latina: a guide to the pronunciation of classical latin*, da autoria de W. Sidney Allen (1965, p. 114) há referência a 23

letras, o que não inclui tanto o “j” quanto o “v”, mesmo admitindo que na época clássica da língua latina havia uma variação na forma de grafar o “u” consonantal e o “u” vocálico. O mesmo serve para a letra “j”.

Tendo abordado o alfabeto, tratamos agora de duas formas de pronúncia do latim, em que a primeira é chamada de pronúncia reconstituída, relativa ao período clássico, e é similar ao português. A segunda, chamada de pronúncia romana, eclesiástica ou italiana (ØRBERG, 2003, p. 6), tem semelhanças com o modo de pronúncia do italiano. A seguir temos uma tabela de pronúncia das vogais:

Letra	Nome	O ⁴	E	Exemplos
A, a	<i>ā</i>	a		<i>áuris</i> ⁵ (orelha); <i>cósta</i> (costa, costela)
E, e	<i>ē</i>	é-e		<i>rés</i> (coisa); <i>púer</i> (menino)
I, i	<i>ī</i>	i		<i>língua</i> (língua); <i>cútis</i> (pele)
O, o	<i>ō</i>	ó-o		<i>óculus</i> (olho); <i>profúndus</i> (profundo)
U, u	<i>ū</i>	u		<i>púnc̄tum</i> (picada); <i>médicus</i> (médico)
Y, y	<i>ī</i> <i>Graeca</i>	i	como o “u” do francês	<i>lýmpha</i> (água pura) – O: límfa; E: lümfa

A fonte primária para a organização desta tabela é a *Gramática latina*, de Napoleão Mendes de Almeida (2000, pp. 29-30), embora ele não nos informe os nomes das letras, o que é fornecido por Allen (1965, pp. 111-5). Ambos os autores, no entanto, nos dizem que as vogais são sempre bem pronunciadas, não importando a posição que ocupem na frase. Por exemplo, em português, a vogal “o” é pronunciada como “u” em final de palavra, exemplo: “caro” é pronunciado como “caru”, enquanto que em latim o som da vogal permanece inalterado, “caro”. A vogal “u” no grupo “qu” é sempre pronunciada, por exemplo: *quoque* é pronunciado como “kuókue”; *quod*, como “kuód”; *quem*, como “kuém”.

A pronúncia dos grupos vocálicos “ae” e “oe”, que têm as grafias alternativas “æ” e “œ”, também pode variar (ALMEIDA, 2000, p. 30; ØRBERG, 2003, p. 4):

⁴ As letras *O* e *E* se referem às pronúncias romana e reconstituída, respectivamente.

⁵ Os acentos aqui são utilizados apenas para indicar a sílaba tônica, não fazendo parte da língua latina.

Letra	Nome	O	E	Exemplos
Æ, æ	-	é-e	ae	<i>fúgae/fúgæ</i> (fuga) – O: fúgue; E: fúgae
Œ, œ	-	é-e	óe-oe	<i>foétus/fœtus</i> (feto) – O: fétus; E: foétus

As vogais podem ter pronúncia aberta ou fechada, dependendo da sua tonicidade (ALMEIDA, 2000, p. 28; ALLEN, 1965, pp. 47-8). As consoantes, por sua vez, podem ter pronúncia semelhante ao português, como pode ser visto na tabela abaixo:

Letra	Nome	O ⁶	E	Exemplos
B, b	<i>bē</i>	é-e		<i>lābia</i> (lábio)
C, c	<i>kē</i>	k, tch	k	<i>córpus</i> (corpo); <i>céllula</i> (célula) – O: tchéllula; E: kéllula
D, d	<i>dē</i>	d		<i>grádu</i> s (passo)
F, f	<i>ef</i>	f		<i>fél</i> (bílis)
G, g	<i>gē</i>	g, dg	g, gu	<i>génu</i> (joelho) – O: dgénu; E: guénu
H, h	<i>hā</i>	r (ou aspirado)		<i>húmor</i> (líquido) - rúmor
J, j	<i>iót</i>	i		<i>jejúniūm</i> (jejum) – ieíúniūm
K, k	<i>kā</i>	k		<i>Kaléndas</i> (Calendas, primeiro do mês)
L, l	<i>el</i>	l		<i>látus</i> (lado; largo)
M, m	<i>em</i>	m		<i>mínor</i> (menor)
N, n	<i>en</i>	n		<i>sínus</i> (curva, baía)
P, p	<i>pē</i>	p		<i>ápex</i> (ápice, pico)
Q, q	<i>qū</i>	k		<i>áqua</i> (água) – ákua
R, r	<i>er</i>	r		<i>artículus</i> (articulação, junta)
S, s	<i>es</i>	ss		<i>oesóphagus</i> (esôfago) – O: essóphagus; E: oessóphagus
T, t	<i>tē</i>	t, c		<i>dígítu</i> s (dedo); - O: dídgítu;s; E: dígítu;s. Quando seguida de “i” breve tem som de c: <i>spátíu</i> m (espaço) – spácíu;m
V, v	<i>ū</i>	u		<i>vácuu</i> s (vazio) – uácuu;s
X, x	<i>ex</i>	ks		<i>córtex</i> (córtex, cortiça, casca)
Z, z	<i>zēta</i>	dz		<i>zóna</i> (cinto) - dzóna

⁶ As letras *O* e *E* se referem às pronúncias romana e reconstituída, respectivamente.

As tabelas de pronúncia das letras são importantes para pensarmos nas mudanças do latim ao longo do tempo, mesmo que não tratemos de transcrição fonética nem de etimologia no *Aoristo*. A importância das mudanças morfológicas tem relação, por exemplo, com a existência das letras ramistas, além das mudanças gráficas, como em *affero*, originalmente grafada como *adfero* (SARAIVA, pp. 25 e 47).

2.2 METALEXICOGRAFIA

A metalexigrafia trata do desenvolvimento de teorias sobre e da conceituação de dicionários, especificamente no que tange à função, à estrutura e ao conteúdo dos dicionários. Wiegand (1984, p. 13), ao tratar da lexicografia nos diz que ela “é parte da metalexigrafia e que a teoria da lexicografia não é parte da lexicografia”⁷, assim, a metalexigrafia tem como objeto de estudo a lexicografia e os trabalhos produzidos neste campo, ela é uma disciplina teórica e não deve ser confundida com a lexicografia.

O artigo de Wiegand (1984) é abordado resumidamente a seguir, mais adiante faremos uma abordagem mais detalhada de cada seção. Começamos pela teoria geral da lexicografia, que constitui o núcleo fundamental da metalexigrafia e abrange quatro seções inter-relacionadas, a primeira, seção geral, se ocupa das relações da teoria lexicográfica com:

- O entorno social: o dicionário tem o objetivo de atender às necessidades comunicativas e cognitivas dos destinatários;
- Outras teorias: relação com outras teorias de campos afins (especialmente as que estudam o léxico), dada a orientação aplicada da lexicografia;
- A história da lexicografia: conhecimento dos métodos e princípios aplicados na elaboração de repertórios lexicográficos e seu aproveitamento futuro (WIEGAND, 1984, p. 15).

Com base nesta seção, “propósitos gerais para dicionários de língua mono-, bi- e multilíngues são derivados de necessidades

⁷ “lexicography is part of meta-lexicography and that the theory of lexicography is not part of lexicography” (WIEGAND, 1984, p. 13). (Tradução nossa).

comunicativas e cognitivas da sociedade ou sociedades”⁸. Por se tratar de uma teoria geral, as propostas abarcam possibilidades variadas, tratam de termos gerais e são classificadas em grupos de tal modo que propostas concretas podem ser derivadas para cada tipo de dicionário (WIEGAND, 1984, p. 16).

A segunda seção trata da teoria da organização do trabalho lexicográfico, que é dividido em três campos de atividade:

- “O primeiro campo inclui todas as atividades conduzindo à preparação do plano do dicionário;
- O segundo campo de atividade inclui todas as atividades envolvidas no estabelecimento do dicionário base e no processamento desta base em um arquivo lexicográfico;
- O terceiro campo de atividade inclui todas as atividades diretamente relacionadas com a redação dos textos dicionarizados e, assim, com a redação do dicionário”⁹ (WIEGAND, 1984, p. 14).

A terceira seção, que trata da teoria da investigação lexicográfica sobre a linguagem, tem como objetivo concreto a classificação dos métodos científicos que podem ser aplicados no âmbito da lexicografia. Ela é dividida em dois componentes:

- “O primeiro componente é a teoria da coleta de dados lexicográficos. Esta é uma teoria sobre como compilar um dicionário base; isto é, ele trata, primeiramente, da coleção, composição, representatividade, função e tipologia dos *corpora* lexicográficos relativos aos tipos de dicionários [...];

⁸ “general purposes for mono-, bi-, and multilingual language dictionaries are derived from the communicative and cognitive needs of the society or societies” (WIEGAND, 1984, pp. 15-6). (Tradução nossa).

⁹ “(a) The first field includes all the activities leading to the drawing up of a dictionary plan.

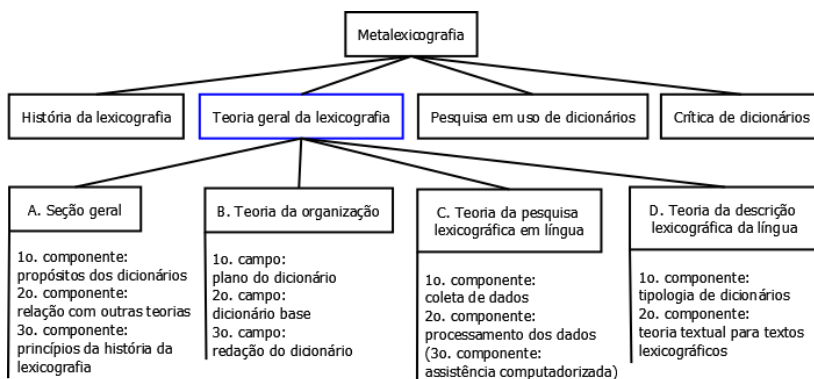
(b) The second field of activity includes all the activities involved in establishing a dictionary base and in processing this base in a lexicographical file.

(c) The third field of activity includes all the activities concerned directly with the writing of dictionary texts and thus with the writing of the dictionary.” (WIEGAND, 1984, p. 14). (Tradução nossa).

- O segundo componente [...] é a teoria sobre os modos de processamento dos dados linguísticos coletados para que seja estabelecido um arquivo do dicionário apropriado para um tipo particular de dicionários ou um grupo de tipos de dicionários”¹⁰ (WIEGAND, 1984, p. 16).

A teoria da descrição lexicográfica da linguagem, última seção abordada, tem como objetivo a classificação das possíveis apresentações dos resultados das compilações lexicográficas, isto é, uma tipologia geral das obras lexicográficas. Ela é dividida em dois componentes:

- “O primeiro componente consiste de uma tipologia de dicionários e sua base lógica [...];
- O segundo componente trata da estrutura dos textos lexicográficos”¹¹ (WIEGAND, 1984, p. 17).



¹⁰ “The first component is a theory of lexicographical data collection. This is a theory about how to compile a dictionary base; that is, it concerns, firstly, the collection, composition, representativity, function and typology of lexicographical corpora relative to dictionary types. [...]

The second component [...] is a theory about ways of processing the linguistic data collected so that a dictionary file suitable for a particular dictionary type or a group of dictionary types is established.” (WIEGAND, 1984, p. 16). (Tradução nossa).

¹¹ “The first component consists of a dictionary typology and its rationale. [...] The second component concerns the structure of lexicographical texts” (WIEGAND, 1984, p. 17). (Tradução nossa).

A figura acima reproduz o diagrama de Wiegand (1984, p. 15)¹², em que as seções da metalexigrafia abordadas são ilustradas, dando ênfase à teoria geral da lexicografia.

Depois de abordarmos a metalexigrafia passamos, a tratar da lexicografia, para isto consultamos vários autores, mas seguimos a ordem dos tópicos estabelecidos por Wiegand (1984) para a teoria geral da lexicografia. Começamos pela lexicografia, que pode ser vista como o processo, o resultado e a avaliação teórica da confecção de obras de referência que representam uma grande quantidade de estruturas heterogêneas de conhecimento. Existem, no entanto, opiniões divergentes sobre as características teóricas da lexicografia, Béjoint (2010, p. 381), por exemplo, nos diz que “[e]u simplesmente não acredito que exista uma teoria da lexicografia e eu duvido muito que ela possa existir”¹³. Sinclair (1984, p. 7) é da mesma opinião e acredita que a teoria relevante pode ser encontrada em ou através de áreas da linguística e da tecnologia da informação. Alguns linguistas, como pode ser conferido nas obras de Bergenholtz e Tarp (2003), Tarp (2012) e Wiegand (1984), no entanto, discordam desta opinião.

Tradicionalmente definida como “a arte ou técnica de dicionários” (AZORÍN FERNÁNDEZ, 2003, p. 34), a lexicografia é vista como parte da linguística. No entanto, dada esta explicação, pode parecer que a lexicografia nega o seu carácter científico e é reduzida a uma preparação pura de dicionários. Alguns linguistas, entre os anos sessenta e setenta, indicaram a existência de uma abordagem teórica para lexicografia, cujas denominações mais comuns são teoria lexicográfica, lexicografia teórica ou metalexigrafia, o que os faria concordar com Wiegand (1984).

Um dos produtos da lexicografia é o dicionário, com vários formatos e públicos possíveis, que no nosso caso é o dicionário bilíngue para estudantes de latim. Este tipo de usuário precisa, em primeiro lugar, da informação que não é conhecida, pois ele quer “decodificar completamente um texto para compreender ou traduzir em sua língua materna” (HAENSCH, 1997, p. 189) ou, fazendo o caminho inverso, ao consultar um dicionário de língua materna para língua estrangeira, tem por objetivo “produzir um enunciado linguístico em uma língua que não

¹² A figura foi traduzida por nós, além disso, ela não apresentava as informações relativas à Teoria geral da lexicografia, que adicionamos.

¹³ “I simply do not believe that there exists a theory of lexicography, and I very much doubt that there can be one” (BÉJOINT, 2010, p. 381).

é a sua ou traduzir um texto para esta” (HAENSCH, 1997, p. 189). Aqui surge a questão das funções ativa e passiva dos dicionários bilíngues.

A finalidade de um dicionário bilíngue ativo é produzir textos em língua estrangeira, por isto são necessárias mais indicações e informações detalhadas para que o usuário possa expressar-se corretamente. O dicionário bilíngue passivo por outro lado, serve para decifrar, para decodificar, um texto estrangeiro e, por conseguinte, deve proporcionar um maior número de entradas. Apesar destas diferenças, a maioria dos dicionários gerais bilíngues tenta dar conta das duas funções. Além disso, outras indicações devem ser fornecidas ao usuário, como informar as construções gramaticais, as nuances semânticas, as indicações sobre o uso contextual etc.

Abordamos agora o primeiro componente da última seção do esquema de Wiegand (1984), que trata da descrição da língua. Para atender às necessidades dos usuários há uma vasta gama de dicionários, cujos estudos tipológicos tentam fornecer sua classificação pormenorizada e exaustiva. Abaixo, para classificação dos dicionários, seguimos a tipologia proposta por Ignacio Bosque, conforme sua apresentação por Campos Souto e Pascual Perez (2003, pp. 62-77). Os autores classificam os dicionários de acordo com os seguintes critérios:

- Número de idiomas: determina a distinção entre dicionários monolíngues, que registram o léxico de uma só língua, e multilíngues, que são divididas em bilíngue e multilíngue, e reproduzem o léxico de duas ou mais línguas, oferecendo os equivalentes entre a língua de partida e a língua de chegada;¹⁴
- Eixo temporal: divide os dicionários entre sincrônicos, sendo os que registram o léxico de uma língua dentro de um determinado período de evolução, ou diacrônicos, que são os que tratam do desenvolvimento histórico do léxico de uma língua;
- Léxico registrado: divide os dicionários em exaustivos, são os que tentam registrar o léxico completo de uma língua, e os representativos, sendo os que pretendem oferecer uma amostra extensa, além de incluir regionalismos, palavras que pertencem a diferentes níveis de linguagem etc.;
- Densidade da microestrutura: divide os dicionários em integrais, ao registrarem nos artigos lexicográficos toda a informação linguística sobre o tema, e dicionários definitórios e não definitórios, de acordo com a presença ou não da definição;

¹⁴ Adiante trataremos um pouco mais dos dicionários bilíngues.

- Abordagem purista: distingue os dicionários normativos dos descritivos. Os dicionários normativos são geralmente publicados por uma autoridade acadêmica e representam um modelo ideal do léxico de uma língua sem indicar as palavras consideradas vulgares, estrangeiras etc. Os dicionários descritivos, por outro lado, oferecem o vocabulário usual dos falantes de uma língua e admitem empréstimos, neologismos etc.;
- Eixo sintagmático e eixo paradigmático: os dicionários sintagmáticos tratam das palavras no contexto, enquanto que os paradigmáticos consideram as relações de uma palavra com outra;
- Ordenação das entradas: pode ser onomasiológica, em que, a partir de uma unidade lexical, é dada a sua definição ou sua equivalência em outra língua, ou semasiológica, funcionando de modo inverso, isto é, a partir da sua definição ou equivalência em outra língua, dá-se uma unidade lexical;¹⁵
- Natureza pedagógica: os dicionários direcionados aos usuários que estão aprendendo uma língua estrangeira podem ser de aprendizagem, escolares e infantis;
- Extensão e formato do inventário lexicográfico: este critério, externo à classificação, determina o número de entradas;
- Suporte: os dicionários podem ser em forma de livro ou em formato eletrônico, neste caso permite uma busca mais rápida, além de poder ser editado sem precisar da impressão de novos volumes, algo muito caro.

Ainda tratando da descrição da língua em dicionários, em especial os bilíngues gerais, podemos considerar uma característica comum o fato de que eles “fornecem unidades lexicais equivalentes do idioma de origem na língua-alvo (ou língua de destino)” (HAENSCH, 1997, p. 187). Dada a sua longa tradição e sua importância no mundo de hoje, os bons dicionários bilíngues devem fornecer ao usuário todas as informações necessárias em uma tipologia clara e compreensível. No entanto, como Haensch (1997, p. 23) afirma, o vocabulário de uma língua é inesgotável, por isto um dicionário pode conter apenas uma seleção do mesmo. Aqui nos deparamos com o problema da elaboração dos dicionários, considerando suas limitações materiais, tendo sido

¹⁵ Abordamos as características das entradas em maior profundidade na seção intitulada Macroestrutura.

divididas em três tipos pelo autor: o tempo, o problema econômico e a educação e formação dos autores ou contribuintes.

Quanto à primeira questão, o desenvolvimento do dicionário leva um longo tempo, mas os editores, considerando que a maioria dos dicionários bilíngues é publicada por editoras comerciais, quer que o dicionário seja concluído com a maior brevidade possível. O motivo disso é econômico, que é a segunda limitação material. Esta limitação tem um papel importante e, em conjunto com o tempo disponível, está relacionada com a qualidade do dicionário resultante. Finalmente, o desenvolvimento de um dicionário é sujeito a uma boa preparação teórica e experiência prática dos autores. A seguir, nas seções Macroestrutura e Microestrutura, tratamos do segundo componente, relativo à estrutura dos textos lexicográficos, que fazem parte da descrição da linguagem, como proposta por Wiegand (1984).

2.2.1 Macroestrutura

A macroestrutura de um dicionário, também conhecida como nomenclatura, é constituída pela soma das entradas dispostas segundo um critério de ordenação específico. A macroestrutura representa uma leitura vertical do dicionário, enquanto que a microestrutura, a ser discutida mais adiante, é uma leitura horizontal. O elemento mais importante da macroestrutura é a ordenação das entradas. Outros elementos que também fazem parte dela são, segundo Haensch (1982, p. 452), a introdução, o corpo do dicionário e os anexos.

A introdução geralmente inclui um prólogo onde o objetivo do trabalho é apresentado, as fontes utilizadas são listadas etc. Além disso, o autor ou a equipe de autores com todos os dados bibliográficos são citados. Após a introdução aparecem as instruções de uso do dicionário, estas devem ser claras e suficientes. Nela aparecem informações sobre a estrutura das entradas, todos os símbolos e abreviaturas utilizadas no dicionário. Também podem aparecer informações sobre como foram tratadas as palavras polissêmicas e homônimas, além da lematização. Pode haver uma parte compreendendo paradigmas de conjugação para a qual se faz referência no corpo do dicionário. Alguns dicionários podem oferecer um resumo das regras de ortografia e, nos dicionários bilíngues, uma introdução para a pronúncia da língua de origem.

O corpo do dicionário contém o conjunto do material léxico registrado e segue um critério pré-estabelecido de ordenação das entradas. Esta parte do dicionário também pode ser chamada de catálogo, inventário ou repertório lexicográfico. Após o corpo, alguns

dicionários, especialmente os bilíngues, têm um ou vários anexos. Além disso, também após o corpo, normalmente aparecem os glossários bilíngues de nomes geográficos e nomes próprios. É possível que isto seja problemático, pois pelo menos alguns nomes podem não ter equivalente na língua-alvo. Além disso, Haensch (1982, p. 460) observa outros problemas e insiste que os dicionários tenham apenas um corpo sem anexos. De acordo com ele, é melhor oferecer a informação dos equivalentes em outro idioma só no corpo do dicionário, porque a presença de vários glossários pode dificultar o manuseio do dicionário.

Tratamos agora do corpo do dicionário em maiores detalhes, começando pela seleção das entradas, mas das entradas propriamente ditas falaremos na seção intitulada Microestrutura. A seleção das entradas que compõem a macroestrutura é uma tarefa fundamental no desenvolvimento do dicionário e para esta tarefa existem vários critérios. Haensch (1982, pp. 396-413) propõe critérios que podem ser divididos em externo e interno¹⁶. Os critérios externos são representados pela finalidade, pelo grupo de usuários e pela extensão do dicionário. Os critérios internos selecionam as entradas considerando aspectos linguísticos.

Ao coletar material para um dicionário, é necessário estabelecer um objetivo claro, o que diz respeito à finalidade do dicionário em questão. A partir disto é importante registrar o máximo de unidades lexicais que atendam a determinados objetivos a serem alcançados e, ao mesmo tempo, evitar a incorporação de palavras estrangeiras. Também segundo este critério, as entradas de um dicionário especializado são diferentes de um dicionário escolar. Ao definir a finalidade do dicionário, o público alvo também deve ser considerado e, ao mesmo tempo, as necessidades específicas do grupo de receptores devem ser consideradas. Alguns exemplos de dicionários divididos de acordo com o usuário: dicionários infantis, dicionários escolares, dicionários de inglês como língua estrangeira etc.

Ao se desenvolver um dicionário, é necessário considerar o espaço disponível, isto também influencia na seleção de entradas e é determinado pelos aspectos econômico e comercial, aos quais já aludimos. Haensch (1982, p. 400) diz que “quanto menor for o tamanho e o número de páginas de um dicionário, mais complexos são os

¹⁶ Um sistema bastante semelhante é empregado por Porto Dapena (2002, pp. 171-174).

problemas de seleção das unidades lexicais”¹⁷. As entradas selecionadas, no entanto, devem formar um conjunto equilibrado.

Os critérios internos, que dizem respeito aos aspectos linguísticos de seleção, devem sempre estar de acordo com os critérios externos. Eles são os seguintes: frequência de uso, a importância de uma unidade lexical dentro do vocabulário geral registrado e um sistema de referência, como a abordagem purista, por exemplo. O critério da frequência é muito valorizado, pelo qual as unidades lexicais são selecionadas de acordo com seu grau de frequência, determinado pela análise estatística de um *corpus* lexicográfico, ou seja, a análise nos diz que palavras são usadas com frequência suficiente para serem incluídas no dicionário.

O critério estatístico, no entanto, não deve ser o único a ser usado devido à natureza limitada da análise estatística, por este motivo se considera a importância de uma unidade lexical dentro do vocabulário geral registrado, ao qual são incorporadas as unidades lexicais cuja representação não é tão comum, mas de grande importância no *corpus*. Tornar este critério em algo objetivo é muito difícil, por isto o lexicógrafo deve sempre considerar os critérios externos, isto é, pensar no grupo de usuários, no objetivo do trabalho e no espaço disponível. O critério de diferenciação de um sistema de referência aplica-se quando são estudadas as variantes diatópicas, diastráticas, diafásicas etc., da língua padrão.

Considerando todos os critérios de seleção, o lexicógrafo deve sempre tentar manter um equilíbrio no que se registra nas entradas. Com relação ao que se registra em um dicionário bilíngue, Haensch (2003, p. 81) nos diz que os critérios de inclusão de entradas, a partir dos mais importantes, são os seguintes:

- Léxico de nível padrão, que é a maior parte do corpo do dicionário;
- Léxico de nível elevado;
- Vocabulário coloquial e gíria;
- Linguagem especial (jargão) que seja de conhecimento comum;
- Unidades lexicais consideradas tabu;

¹⁷ “cuanto más reducido es el tamaño y el número de páginas de un diccionario, tanto más complejos son los problemas de selección de las unidades léxicas” (HAENSCH, 1982, p. 400). (Tradução nossa).

- Americanismos comuns, além de outros estrangeirismos, uma vez que o dicionário bilíngue deve refletir a realidade do uso da língua.

Com relação aos tipos de entradas, os dicionários devem registrar não somente as palavras semânticas, mas também as gramaticais. Além disso, podem ser incluídos afixos, unidades fraseológicas, nomes próprios e abreviaturas. A presença dos afixos se justifica porque eles oferecem aos usuários certas informações de formação de palavras, além disso, podem poupar uma grande quantidade de espaço em um dicionário impresso. Um exemplo, em português, de sufixo produtivo é *-mente*. As unidades fraseológicas também são indicadas no corpo do dicionário, no entanto, a decisão quanto ao formato da apresentação pode ser problemática, pois podem aparecer como entradas na macroestrutura ou como subentradas na microestrutura, geralmente no final do artigo lexicográfico.

Às unidades fraseológicas pertencem as colocações, as locuções e os enunciados fraseológicos (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 117):

- As colocações são as unidades com certa restrição combinatória, isto é, elas formam blocos e, neste processo, dão a ele um significado diferente do que normalmente seria obtido a partir da análise das unidades lexicais isoladas;
- As locuções não constituem enunciados completos. Esta categoria apresenta o tratamento mais sistemático no dicionário;
- Os enunciados fraseológicos constituem enunciados por si mesmos.

As unidades fraseológicas podem aparecer em um dicionário tanto na macro quanto na microestrutura, neste caso elas são chamadas de subentradas ou sublemas (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 117).

Os nomes próprios, quando presentes em um dicionário, não se apresentam em grande quantidade, pois eles não costumam fazer parte da macroestrutura de um dicionário, exceto quando se trata de um dicionário enciclopédico. Assim, quando aparecem, deve-se à necessidade de explicar expressões que os contém. Com relação às abreviaturas, elas são incluídas em dicionários do tipo passivo, isto é, os que são usados para decodificar os enunciados.

A organização das entradas se dá fundamentalmente de dois modos diferentes: a ordem semasiológica, também chamada formal, e a

onomasiológica, chamada conceptual. Outros tipos de ordenação incluem a etimológica e a estatística. A ordenação etimológica é baseada no agrupamento de unidades lexicais por famílias, ou seja, as unidades lexicais com origem na mesma raiz são colocadas na mesma entrada. Usando o princípio estatístico, as entradas são classificadas por grau de frequência.

Na ordenação semasiológica, parte-se dos significantes para chegar aos significados. O procedimento mais comum e básico é a ordenação alfabética, que favorece o tempo de consulta, tornando-o mais rápido e, por consequência, é utilizado na maioria dos dicionários. Aqui pode surgir uma dificuldade de ordenação dos dicionários latinos, dependendo de como o lexicógrafo considera o alfabeto, isto é, se as letras ramistas, por exemplo, são aceitas, pois em casos assim pode haver duplicação de entradas. A ordem onomasiológica é exatamente o oposto da semasiológica, ou seja, tem os significados como ponto de partida para encontrar os significantes correspondentes. Um exemplo de uso deste tipo de ordenação é o *thesaurus*, que ajuda o usuário a codificar uma mensagem, pois agrupa os significantes adequadamente ligados aos significados que o usuário deseja expressar. Haensch (1982, p. 165-166), no entanto, afirma que “é conveniente incluir no final dos dicionários onomasiológicos, geralmente não alfabéticos, um índice alfabético de todos os vocábulos registrados”¹⁸, pois o usuário pode considerar difícil o manuseio deste tipo de dicionário, no que uma lista dos significantes organizados alfabeticamente ajudaria na localização rápida do que se procura.

2.2.2 Microestrutura

Segundo Farias (2011, p. 110), microestrutura é o “conjunto ordenado de todas as informações no interior do verbete”. Na microestrutura encontramos o artigo lexicográfico, ou apenas artigo, também chamado de verbete, e que representa “a unidade mínima autônoma, em que o dicionário é organizado” (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 105), ele é a base do dicionário que fornece informações sobre a unidade lexical correspondente. O verbete pode ser muito variado, podendo conter apenas algumas informações, ou uma série de divisões que encontramos no caso das unidades lexicais com

¹⁸ “es conveniente poner, al fin de los diccionarios onomasiológicos (generalmente no alfabéticos), un índice alfabético de todas las voces registradas” (HAENSCH, 1982, pp. 165-166). (Tradução nossa).

muitas acepções. Normalmente ele ocupa um parágrafo, com as informações reunidas nele sendo variáveis, o que depende da função do dicionário, assim como dos seus usuários ou destinatários, podendo haver informações sobre a pronúncia, a classe gramatical e o número, as irregularidades morfológicas, a etimologia. Também há definições ou equivalências, restrições de uso, sinônimos e antônimos, unidades fraseológicas etc.

Cada verbete é composto por duas partes principais: a enunciativa e a informativa, não podendo faltar qualquer uma delas. A parte enunciativa, também chamada enunciado, lema ou entrada, é definida por Porto Dapena da seguinte forma:

A entrada é abstrata e é parte do que alguns chamam de nomenclatura do dicionário [...], enquanto que tanto o lema quanto o enunciado são formas concretas da palavra-entrada e fazem parte do artigo lexicográfico ou microestrutura do dicionário.¹⁹

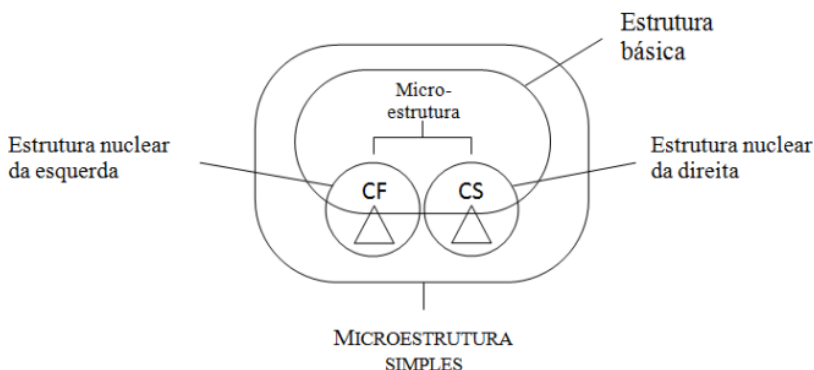
Isto é, o enunciado e o lema são as formas que precedem o corpo do artigo, ou seja, a parte informativa do artigo lexicográfico. No entanto, estes termos não devem ser confundidos. Porto Dapena (2002, p. 184) afirma que “o lema é a parte do enunciado apresentado à ordenação alfabética”.

A segunda parte do artigo, a informativa, também recebe o nome de corpo do artigo. Nela são dadas informações variadas sobre a parte enunciativa. As informações variam de acordo com o tipo de dicionário, mas as seguintes aparecem com frequência: indicação da pronúncia; categoria gramatical ou outras indicações gramaticais; etimologia. Em seguida é fornecida a definição do enunciado no dicionário monolíngue, no dicionário bilíngue, por outro lado, é fornecido o equivalente na língua-alvo com as suas restrições de uso. Depois aparecem os exemplos, sendo possível encontrar também unidades fraseológicas, sinônimos, antônimos etc.

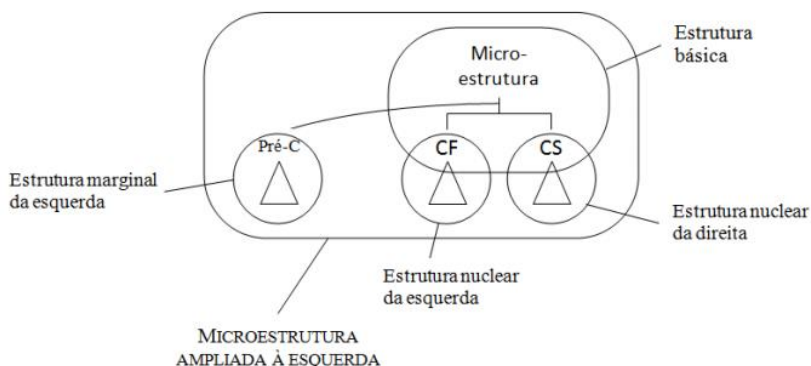
A microestrutura dos dicionários semasiológicos pode ter estruturas diferentes, dependendo das informações registradas nela, além

¹⁹ La entrada tiene carácter abstracto y forma parte de lo que algunos llaman nomenclatura del diccionario [...], mientras que tanto el lema como el enunciado son formas concretas de la palabra-entrada y forman parte del artículo lexicográfico o microestructura del diccionario (PORTO DAPENA, 2002, p. 184). (Tradução nossa).

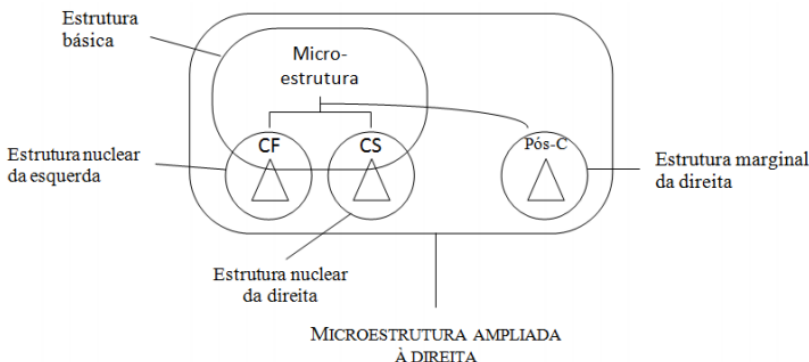
da sua organização. Farias (2011, pp. 113-4) nos diz que numa microestrutura simples aparecem informações sobre os comentários semânticos e comentários de forma, no primeiro estão as informações referentes ao seu significado e as indicações de sinonímias, enquanto que no segundo são encontradas informações relativas à representação gráfica e fonético-fonológica do lema, assim como as demais informações.



Este modelo de microestrutura é referenciado pela autora a partir do artigo *Arten von Mikrostrukturen im allgemeinen einsprachigen Wörterbuch*, de Herbert Ernst Wiegand (1989). A partir deste mesmo artigo, Farias (2011) trata de outras duas possibilidades de representações da microestrutura, elas são chamadas de microestruturas ampliadas e fazem uso de pré-comentário ou de pós-comentário como mecanismo complementar de elucidação do significado. O pré-comentário, presente na microestrutura ampliada à esquerda, precede os comentários de forma e semântico com informações adicionais para elucidação do significado. A sua representação pode ser vista na figura a seguir:



O pós-comentário, presente na microestrutura ampliada à direita e que, segundo a autora, é bem mais comum, está localizado imediatamente depois do comentário semântico e, da mesma forma que o pré-comentário, fornece informações adicionais para elucidação do significado. A sua representação pode ser vista na figura a seguir:



O pós-comentário é o mais relevante para o presente trabalho, por isto a partir de agora tratamos somente dele. Para o uso do pós-comentário, Farias (2011) propõe que as seguintes premissas sejam observadas:

- 1) o emprego do pós-comentário deve ser consequência direta de uma concepção funcional da microestrutura;
- 2) a estruturação do pós-comentário deve estar amparada em distinções como microestrutura

abstrata/microestrutura concreta, comentário de forma/comentário semântico, microestrutura simples/microestrutura ampliada;

3) o pós-comentário deve oferecer informações extraordinárias, que não estão previstas nos comentários fundamentais (p. ex., informações pragmáticas [...]; informações sobre construções sintáticas específicas [...]) (FARIAS, 2011, p. 131).

O modelo funcional da microestrutura, na primeira premissa, diz respeito, em primeiro lugar, a um planejamento adequado do dicionário, com base, por exemplo, nas classes gramaticais das entradas registradas, o que seria de se esperar de qualquer dicionário, além disso, no planejamento também deveria estar “a possibilidade de ampliação externa da microestrutura” (FARIAS, 2011, p. 131). A segunda premissa trata da relação entre o planejamento, microestrutura abstrata, e a execução, microestrutura concreta, no que tange ao uso das informações passíveis de estarem presentes nos verbetes. O planejamento, como se pode perceber, é de vital importância para que haja coerência no funcionamento de qualquer dicionário, mas em dicionários com microestrutura ampliada isto vai ainda mais longe, pois é nos pós-comentários que são registradas as informações não previstas nos comentários semântico e de forma.

Quanto aos usos que se dão aos pré- e aos pós-comentários, a autora nos diz que eles “também podem referir-se tanto à forma (pré-comentário de forma, pós-comentário de forma) quanto ao significado do signo-lemma (pré-comentário semântico, pós-comentário semântico)” (FARIAS, 2011, p. 116).

Passamos agora para as estruturas internas à microestrutura, começando pela entrada, que é a primeira informação de um artigo lexicográfico, definida por Martínez de Sousa (2009, p. 101) como “palavra, locução, frase, sintagma, signo ou conjunto de letras ou signos que encabeçam o artigo do dicionário [...] e é objeto de definição ou explicação”. As entradas propriamente ditas que são apresentadas no cabeçalho do artigo lexicográfico estão sujeitas à lematização, enquanto que as subentradas que formam parte da microestrutura não estão sujeitas à lematização.

Martínez de Sousa (2009, p. 102) também nos diz que a palavra entrada é utilizada como sinônimo de lema ou palavra-entrada, sendo lema a forma mais utilizada, o que não está totalmente de acordo com o

que Porto Dapena (2002, p. 184) nos disse acima e com quem estamos de acordo. Assim, neste trabalho, faremos distinção entre lema e entrada, sendo o primeiro relacionado à microestrutura, enquanto que a segunda está relacionada à macroestrutura. O lema, por ser o resultado da lematização, representa todas as variantes de uma palavra (CASTILLO CABALLO, 2003, p. 82-3). Recomenda-se que o lema seja escrito todo em letras minúsculas, desta forma fica mais claro quando o uso comum do lema se dá em letras maiúsculas (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 107). Antes de abordarmos os critérios para a lematização em dicionários latinos trataremos da homonímia e da polissemia, dois assuntos de grande importância no processo de organização das entradas.

Há casos em que a um mesmo significante correspondem vários significados e, ao desenvolver um dicionário, é necessário escolher um modo de organização. Sobre isso, Claveria Nadal (2000, p. 366) diz que “a delimitação entre homografia [relativa à homonímia] e polissemia é, na verdade, um princípio organizador e ordenador do dicionário e baseia-se na aplicação de determinados pressupostos teóricos e metodológicos”. Para organizar e diferenciar as duas normalmente é aplicado o critério etimológico em lexicografia, isto é, as homonímias têm etimologias distintas e são descritas em entradas distintas, enquanto que a polissemia, por sua vez, pode ser definida como “uma única palavra, mas com significados diferentes” (PORTO DAPENA, 2002, p. 186), tendo os seus significados registrados na mesma entrada.

Dentro da homonímia há a homofonia e a homografia. Pelo fato de as unidades lexicais homófonas terem grafias diferentes, a identidade das homófonas se deve ao plano fonético, por isto elas são registradas em entradas diferentes nos dicionários alfabéticos. As homógrafas são idênticas tanto na grafia quanto na pronúncia e nem todas aparecem no repertório de um dicionário devido à lematização, através da qual podem ser eliminadas, por exemplo, formas verbais conjugadas (exemplos: *como* – verbo; *como* – advérbio) (CLAVERÍA NADAL, 2000, pp. 365-6).

Considerando alguns autores, no entanto, é possível ver que os critérios para definição da homonímia e da polissemia não são ponto pacífico. Porto Dapena (2002, pp. 186-191) identifica três critérios, a saber, o critério diacrônico ou etimológico, o sincrônico e o misto. Werner (1996, pp. 297-314) também trata do critério etimológico, depois da consciência linguística dos falantes e do critério de composição do conteúdo de palavras. Clavería Nadal (2000, pp. 365-375), por sua vez, considera como principais critérios a origem

etimológica, a categoria gramatical e as características semânticas. Esta autora, diferentemente de Porto Dapena (2002) e de Werner (1996), trata apenas de dicionários monolíngues de espanhol, por isto daremos prioridade aos outros autores.

Porto Dapena (2002) e Werner (1996) mencionam, em primeiro lugar, os critérios etimológicos, nesta abordagem são homônimos os vocábulos de étimos diferentes e o fato de terem significantes iguais é uma coincidência, enquanto que no caso da polissemia os significantes têm uma origem idêntica. Apesar de esta abordagem parecer clara e aplicável, ela tem os seus problemas, criticada pelo seu uso em dicionários diacrônicos, mas o maior inconveniente é que nem sempre a etimologia é conhecida. Werner (1996) afirma que a informação etimológica não é tão importante para o usuário do dicionário bilíngue e que, pelo contrário, pode causar confusão. Além disso, ele diz que a inclusão da etimologia em dicionários diacrônicos é apropriada.

O segundo critério, de acordo com Porto Dapena (2002), é o sincrônico, com duas divisões, a primeira trata do sentimento linguístico, a segunda trata do critério componencial ou semântico. A distinção entre homonímia e polissemia na abordagem de sentimento linguístico depende do julgamento dos falantes. No caso da polissemia, os significados são relacionados a um mesmo vocábulo, enquanto que no caso da homonímia os falantes não percebem a relação entre os significados como na polissemia. O critério componencial, por sua vez, se baseia na relação semântica. Esta solução também é problemática, porque há graus de relações semânticas e dentro de uma palavra as suas primeiras acepções podem formar um caso de polissemia, mas outros significados não têm qualquer traço semântico em comum e, portanto, são considerados homônimos. O critério do sentimento linguístico coincide com o critério de consciência linguística, termo usado por Werner (1996) quando ele diz que este critério não pode ser usado, por ser de natureza subjetiva.

Tratamos agora da lematização, cujos critérios, em um dicionário latino, costumam ser os seguintes:

- Substantivos: são representados segundo os gêneros gramaticais que lhes são próprios, no singular e no caso nominativo (exemplo: *ánima*, “sopro, emanção, ar”). Em seguida é apresentada a forma do caso genitivo singular, isto pode ser feito mostrando somente o que deve ser acrescentado à raiz (*ae*), ou a forma completa pode ser mostrada (*animae*). No caso

dos *pluralia tantum* a entrada naturalmente é registrada na forma plural (*arma*, *armorum*, “armas”);

- Adjetivos: duas ou três formas são mostradas, dependendo se é de primeira ou segunda classe, assim como se é uni, bi, ou triforme. Os adjetivos de primeira classe são triformes, por isto apresentam primeiro a forma masculina, no nominativo singular (*bonus*, “bom”), seguido da forma feminina, no nominativo singular (*bona*, “boa”) e a forma neutra, no nominativo singular (*bonum*, “bom/boa”). Um adjetivo uniforme de segunda classe apresenta duas formas no lema, a primeira corresponde ao nominativo singular, esta forma serve para os três gêneros (*prudens*, “prudente”), seguida da forma no genitivo singular, abreviada (*is*) ou não (*prudentis*). Os adjetivos biformes de segunda classe apresentam duas formas no lema, a primeira é o nominativo singular, que serve para os gêneros masculino e feminino (*brevis*, “breve”), seguida da forma no nominativo singular, no gênero neutro (*e* ou *breve*). Os adjetivos triformes de segunda classe são semelhantes aos adjetivos triformes de primeira classe, isto é, cada uma das três formas apresentadas no lema está declinada no caso nominativo, em cada um dos três gêneros gramaticais latinos (*acer*, *acris*, *acre*, “agudo, acre”)²⁰;
- Pronomes: em geral são apresentados de forma semelhante aos adjetivos triformes, isto é, três formas no nominativo singular, correspondentes aos três gêneros gramaticais latinos, são mostrados no lema (*quis*, *quae*, *quid*, “quê? quem? qual?”). Os pronomes pessoais são uma exceção, tendo quatro formas no lema, *ego*, *mei*, *mihi*, *me*. A primeira forma corresponde ao nominativo na primeira pessoa do singular, a segunda ao genitivo na primeira pessoa do singular, a terceira ao dativo na primeira pessoa do singular e a quarta forma corresponde tanto ao ablativo quanto ao acusativo, ambos na primeira pessoa do singular;
- Numerais: os cardinais podem ser apresentados com uma forma no lema, quando são indeclináveis (*sex*, “seis”), ou de modo

²⁰ A diferença entre adjetivos de primeira e de segunda classe está nas desinências usadas para formar a declinação de cada um, no primeiro caso as desinências são as mesmas usadas nos substantivos da primeira e da segunda declinação. No segundo caso as desinências são tiradas dos substantivos de terceira declinação.

semelhante aos adjetivos, com três formas no lema, relativos aos três gêneros gramaticais latinos, o que pode ocorrer de modo reduzido (*unus, a, um*, “um, uma, um/uma”; *primus, a, um*, “primeiro, primeira, primeiro/primeira”) ou completo (*unus, una, unum; primus, prima, primum*). Os ordinais sempre têm três formas, de modo semelhante aos adjetivos triformes. Os multiplicativos e distributivos têm somente uma forma, independente do gênero (*semel*, “uma vez”; *singuli*, “de um em um”);

- Verbos: podem mostrar até cinco formas no lema, a primeira corresponde à conjugação na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, na voz ativa (*do*, “eu dou”), a segunda corresponde à conjugação na segunda pessoa do singular do presente do indicativo, na voz ativa (*das*, “tu dás”). A partir da terceira forma é mais comum a seguinte ordenação: infinitivo no tempo presente da voz ativa (*dare*, “dar”), seguido da forma correspondente à conjugação na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, na voz ativa (*dedi*, “eu dei”), e da quinta forma, correspondente ao supino (*datum*, “dar, para dar”);
- Advérbios, conjunções, preposições e interjeições: por serem indeclináveis têm somente uma forma, por isto são ditos invariáveis. Exemplos: o advérbio *nunc*, “agora”; a conjunção *autem*, “por outro lado, ora”; a preposição *ad*, “a, para, até”; a interjeição *heus!*, “olá!, olha!, escuta!”.

Nos artigos lexicográficos não se incluem somente os dados sobre a categoria gramatical, ou seja, se se trata de um substantivo, de um adjetivo, de um pronome etc., mas também informações mais detalhadas, como, por exemplo, se o substantivo é feminino ou masculino, se tem somente as formas do singular ou do plural, de que declinação faz parte; se o verbo é transitivo, intransitivo, pronominal ou reflexivo, se é regular ou irregular, se é deponente etc.

A informação sobre a pronúncia, por sua vez, frequentemente é incluída em dicionários de línguas. Este tipo de informação costuma aparecer imediatamente depois da entrada ou ao final do artigo lexicográfico. Em um dicionário de latim, este tipo de informação pode ser bastante útil, pois, como já dissemos anteriormente, há diferentes pronúncias, com regras discordantes.

O conhecimento da etimologia de uma palavra cria uma relação mais íntima do usuário com a palavra procurada e pode esclarecer a sua grafia (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 132). Já tratamos anteriormente da etimologia como critério básico para a distinção entre homonímia e polissemia, a partir do que se define como as entradas serão registradas. A etimologia, no entanto, nem sempre tem uma fonte segura e clara, por este motivo, quando o lexicógrafo não dispõe de uma etimologia certa é preferível que ela não seja incluída. Em um dicionário diacrônico, como o de latim, por exemplo, a etimologia pode não ser desejável, pois esta língua tem muitas etimologias de origem desconhecida ou incerta. Segundo Haensch (1982, p. 485), a indicação da etimologia em dicionários sincrônicos pode ser justificada apenas em casos muito especiais, isto é, quando pode ajudar o usuário a entender o significado de uma palavra ou ao explicar elementos de formação de palavras, especialmente os formadores de prefixos e de sufixos.

Um elemento essencial do corpo do artigo lexicográfico é a definição lexical, que é “a expressão do conteúdo do significado” (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 102). Nos dicionários bilíngues, as definições são substituídas pelos equivalentes em outro idioma, sobre isso Haensch (1997, p. 187) nos diz que “o dicionário bilíngue fornece unidades lexicais equivalentes do idioma de origem na língua de chegada (ou língua-alvo)”.

Na elaboração de um dicionário bilíngue é necessário confrontar dois sistemas linguísticos diferentes, do que raramente resulta uma equivalência perfeita. O equivalente na língua-alvo deve corresponder ao mesmo nível de estilo e expressar os mesmos matizes, mas é frequente que “haja uma conotação, um matiz ou uma construção gramatical que difere de uma língua para outra” (HAENSCH, 1997, p. 187), o que torna a sistematização das equivalências um problema complexo. Na língua de chegada, o dicionário deve relacionar indicações de uso, exemplos etc. correspondentes ao lema da língua de partida.

Haensch (2003, pp. 79-80) distingue três tipos de equivalências, chamados de equivalência plena, parcial e zero.

- Equivalência plena: trata-se de um caso ideal de equivalência de uma unidade lexical na língua de origem e na língua-alvo, situação em que um objeto abstrato ou processo corresponde a um termo unívoco. No entanto, isso raramente acontece e costumam ser termos técnicos, nomes de plantas, termos legais etc.;

- Equivalência parcial: é apenas aproximativa e as unidades lexicais não têm sentido idêntico. Alguns dicionários a indicam com o sinal matemático \cong , cuja significação é “aproximadamente igual”. A equivalência parcial, quando traduzida, demanda informações adicionais, como notas no texto, para indicar as diferenças entre os termos;
- Equivalência zero: às vezes não existe na língua-alvo equivalente de qualquer unidade lexical da língua de origem. Em situações assim, os termos costumam designar comidas e bebidas, costumes, instituições e realidades administrativas, políticas e escolares etc.

Para resolver este problema de equivalência zero, Haensch (2003, p. 80) afirma que “a única solução possível é repetir na língua-alvo o vocábulo [...] entre aspas ou em itálico, e dar entre parênteses uma definição de tipo enciclopédico na língua-alvo”.

As acepções são um dos aspectos mais importantes na organização do artigo lexicográfico. A acepção pode ser definida como “o significado assumido por uma unidade lexical” (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 21). As acepções tratam dos usos possíveis de cada uma das unidades lexicais, sendo estas interpretadas de modos diferentes, em que cada um destes modos é um sentido realizado de um significado, aceito e reconhecido pelo uso, registrado no dicionário por meio da definição lexicográfica ou da equivalência. Porto Dapena (2002, p. 199) concorda com esta definição, ao dizer que as acepções são “verdadeiros significados”, ou sentidos, das unidades lexicais polissêmicas. Além do seu equivalente, cada acepção pode conter informações sobre sua categoria gramatical, as marcas lexicográficas, os seus próprios exemplos etc.

A separação das acepções, em conjunto com a ordenação, é uma tarefa difícil para os lexicógrafos e está relacionada com o tratamento da polissemia e da homonímia no dicionário. Ela pode ser o resultado de “pura intuição” (PORTO DAPENA, 2002, p. 195) do lexicógrafo, o que explica as discrepâncias entre os dicionários, por isto os lexicógrafos devem basear-se nos textos que fazem parte do *corpus* para estabelecer as acepções de uma palavra polissêmica. Dentre os critérios usados para a separação e ordenação das diferentes acepções, um deles agrupa as acepções com base na diacronia ou na sincronia.

Outro critério é o etimológico, nele aparece em primeiro lugar a acepção mais próxima ao étimo e em seguida os sentidos que

apareceram ao longo da história da língua. Um terceiro critério é o da frequência de uso, difícil de ser realizado com rigor. Na prática, ele depende do julgamento do lexicógrafo, que decide quais acepções são as mais frequentes. Estes critérios são acompanhados dos modos de organização gramaticais e estilísticos, pelos quais são agrupadas as acepções da mesma categoria gramatical, se elas aparecem abaixo de uma entrada, isto é, quando o dicionário não divide as entradas pelas regras da homonímia, ou da mesma restrição de uso, isto é, a mesma marca de uso (GARRIGA ESCRIBANO, 2003, p. 108).

Os critérios propostos por Porto Dapena (2002, pp. 203-224) para a separação das acepções são os seguintes:

- Distinção de homônimos: o primeiro passo consiste em determinar se se trata de uma palavra polissêmica ou de homônimos, ou melhor, de homógrafos. Em seguida é necessário agrupar os significados em um mesmo artigo lexicográfico ou separá-los em unidades lexicais independentes;
- Diasistemático: este critério é baseado na determinação das diferentes utilizações das palavras. As acepções pertencentes à língua comum são mostradas antes dos usos em dialetos, técnicos ou correspondentes a outros estilos linguísticos, além de aparecerem complementadas pelas marcas lexicográficas;
- Sentidos próprios ou figurados: as metáforas lexicalizadas são separadas das metáforas ocasionais, assim como as metáforas vivas das mortas ou desaparecidas. No primeiro caso devem ser consideradas as metáforas com alta frequência no *corpus* e cujo uso é generalizado, ou seja, as lexicalizadas. No segundo caso, somente as metáforas vivas influenciam a separação dos significados;
- Componentes léxico-semânticos: fundamental para a separação das acepções, consiste no significado lexical e é influenciado pela intuição do lexicógrafo. As diferentes acepções, no entanto, são descobertas através do estudo dos textos que fazem parte do *corpus* e é a partir deles que o lexicógrafo deve observar as variações e nuances ao escrever um artigo lexicográfico. Isto não quer dizer que um artigo lexicográfico seja mais completo, ou que seja melhor para o usuário, ao registrar mais acepções, pois é mais importante que ele seja compreensível;

- Valências: trata de informar as características dos verbos, principalmente, mas também adjetivos e substantivos deverbais, quanto às suas possibilidades de combinação semântico-sintática. Ou seja, um verbo não se define sozinho, mas pensando nos contextos pelos quais as acepções são separadas.

Para determinar a ordem das acepções no artigo lexicográfico existem vários critérios, analisando-os percebemos que não há um consenso geral entre os autores. Por exemplo, Bajo Pérez (2000, p. 47) e Garriga Escribano (2003, p. 107) mencionam apenas dois critérios: frequência de uso e etimologia. Porto Dapena (2002, pp. 225-227), por outro lado, lista quatro critérios: cronológico ou histórico; etimológico ou genético; lógico ou estrutural; frequência. São estes critérios que mencionamos a seguir:

- Ordenação cronológica ou histórica: as acepções são classificadas de acordo com o momento em que apareceram na língua, isto é, das mais antigas para as mais novas. A disposição cronológica implica em certos problemas, pois em muitos casos é difícil comprovar em que ordem diacrônica as acepções se formaram. Esta ordenação é essencial em um dicionário histórico;
- Ordenação etimológica ou genética: tem como função iniciar a ordenação pela acepção mais próxima do significado etimológico e, na sequência, registrar outras acepções que se formaram na evolução semântica;
- Ordenação lógica ou estrutural: registra primeiro uma acepção básica, colocada em primeiro lugar, após a qual aparecem outras acepções, que estão relacionados logicamente com o significado básico. A acepção básica geralmente indica um sentido mais geral, ou seja, aquela que predomina na consciência linguística por causa, por exemplo, da sua maior frequência de uso. Outro modo de começar é pelo significado concreto e, em seguida, apontar outras acepções, acompanhadas de indicações como *sentido figurado*, *por extensão* ou *por analogia*;
- Ordenação por frequência de uso: este critério se baseia no arranjo das acepções da mais para a menos utilizada. Esta disposição parece ser a mais apropriada para os dicionários sincrônicos, uma vez que o usuário encontra a acepção com

maior frequência no começo do corpo do artigo. No entanto, aqui também se apresentam certos problemas, fruto do uso de estatísticas, ao se basearem em um *corpus*, que nem sempre indicam a frequência real de uma palavra. Isto pode acontecer tanto na disposição lógica como na disposição por frequência. No que diz respeito à elaboração de dicionários bilíngues, deve-se considerar que a frequência de uso de cada acepção é estudada na língua-alvo e não na de partida.

As marcas de uso, também chamadas de rubricas ou de marcas lexicográficas, são um meio de esclarecer ao usuário as restrições de uso de uma palavra. Uma marca de uso é o indicador, geralmente abreviado, situado antes da definição para indicar sua descrição linguística (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 147). As marcas de uso são bastante desejáveis para guiar o usuário na escolha da acepção no momento da tradução, com base no contexto, embora elas nem sempre sejam usadas consistentemente dentro dos dicionários. Ainda que possa parecer simples a escolha das marcas de uso não há um sistema fixo e objetivo para este processo. A inclusão de uma marca de uso no artigo lexicográfico depende do autor do dicionário e da sua decisão. Existem tipos variados de marcas de uso, que costumam ser divididos em marcas diacrônicas, diatópicas, diafásicas, diastráticas, diatécnicas e marcas de transição semântica.

Porto Dapena (2002, p. 250) amplia o conceito de marcas de uso, dizendo que elas não expressam apenas restrições sobre o uso, mas também, por exemplo, a inclusão em uma determinada categoria e subcategoria gramatical. Em adição à divisão tradicional, Porto Dapena (2002, pp. 251-265) sugere outra solução, que adotamos neste trabalho, dividida em três grupos básicos: marcas gramaticais, de transição semântica e marcas diasistemáticas.

- **Marcas gramaticais:** referem-se à categorização da palavra e também à subcategorização, uma vez que, no desenvolvimento de um dicionário, não é suficiente indicar que uma palavra é um substantivo ou um verbo, mas é importante observar se é um substantivo masculino (*m.*) ou feminino (*f.*), e um verbo transitivo (*t./tr.*) intransitivo (*i./intr.*) etc. Além destas marcas tradicionalmente utilizadas, os dicionários devem conter informações mais detalhadas, ou seja, se um substantivo é contável ou incontável, animado ou não animado, se um verbo é

perfectivo, imperfectivo etc., isto é, um dicionário deve fornecer o máximo de informações para o usuário;

- Marcas de transição semântica: indicam as mudanças semânticas resultantes de uma acepção anterior, ou seja, a marca *fig.* é usada e também aparecem indicações como: por extensão; em particular; por excelência; por sinédoque etc. As marcas semânticas de transição, por seu carácter etimológico são mais adequadas para dicionários diacrônicos;
- Marcas diassistemáticas: referem-se às diferentes variedades da língua em todos os seus aspectos, como temporais, locais, sociais, de registros ou estilos, por isso se dividem em marcas diacrônicas, diatópicas, diastráticas, entre as quais estão incluídas as marcas de especialidade e diafásicas, assim como as marcas conotativas;
- a) Marcas diacrônicas: indicam o grau de utilização de uma palavra no momento atual, elas representam uma mistura de diferentes critérios de tempo, porque, além da indicação do grau de frequência no momento atual (por exemplo: pouco usado, *p. usado*; inusitado, *inus.*; desusado, *desus.*) também aludem à idade de uma palavra (antiquada, *ant.* e neologismo, *neolog.*);
- b) Marcas diatópicas: indicam as restrições geográficas sobre a utilização de uma determinada palavra;
- c) Marcas diastráticas: expressam as diferenças entre os diferentes grupos sociais. Na linguagem, as diferenças diastráticas podem ser observadas em três grupos: entre os sexos (ou seja, entre o uso linguístico de homens e mulheres), entre gerações e entre grupos sociais dentro de uma comunidade linguística. As diferenças mais marcantes são os grupos sociais, por exemplo: culto e vulgar;
- d) Marcas diafásicas: compreendem os estilos linguísticos determinados pela situação do discurso. Por exemplo: formal ou informal, assim como literário (*lit.*) e poético (*poet.*).

Para o lexicógrafo é possível que surjam certas dificuldades pelo fato de que as marcas de uso podem ser combinadas. Por exemplo, uma marca diastrática pode ser também diatópica, da mesma forma que a diafásica pode ser diatópica etc., por isto é necessário que o usuário seja informado destas possibilidades. Com base no que foi dito, é possível perceber que as marcas de uso são artificiais, no entanto, a sua importância para o usuário é grande.

As marcas de uso, quando acompanhadas de exemplos ou de citações, podem ser de utilidade ainda maior para o usuário. Tratamos agora dos exemplos, que facilitam a compreensão da definição, ou da equivalência, e ao mesmo tempo favorecem a utilização de cada unidade lexical (CLIMENT DE BENITO, 2007, p. 5). O exemplo pode ser real ou inventado. Os exemplos reais são objetivos, mostrando o uso da língua em uma situação de produção real e, por outro lado, podem ser incompreensíveis e se tornarem pouco didáticos. O exemplo inventado, por sua vez, pode ter um tom artificial ou forçado, mas o autor pode ter como foco os aspectos gramaticais, semânticos ou pragmáticos e, assim, complementar a definição para que o posterior uso de uma palavra se torne mais fácil ao usuário (CLIMENT DE BENITO, 2007, p. 12).

As citações são textos provenientes da língua escrita e geralmente a partir dos textos literários, mas também podem ser de trabalhos científicos ou de qualquer outro tipo. As citações literárias dificilmente expressam o uso cotidiano das palavras, no entanto, como diz Bajo Pérez (2000, p. 49), as citações exemplificam melhor o significado das figuras retóricas.

Os exemplos podem ser mais compreensíveis se utilizados em conjunto com as citações, juntos eles ilustram o uso contextual das palavras e mostram como elas funcionam. Eles são geralmente colocados imediatamente depois da definição, ou o equivalente em outra língua nos dicionários bilíngues, e são diferenciados tipograficamente. O número de citações e exemplos é muito variável, pois alguns dicionários ilustram apenas uma acepção ou dão exemplos para cada acepção, o que também depende do formato e dimensão do dicionário em questão. Além disso, não é incomum que um dicionário não tenha citações nem exemplos, precisamente por causa da falta de espaço. O formato dos exemplos é variável, não sendo necessário que eles sejam constituídos de sentenças inteiras, sendo suficientes apenas as combinações usuais, por exemplo, verbo + substantivo, substantivo + adjetivo etc.

As ilustrações são “tudo aquilo que tenha um valor icônico” (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2001, p. 129) e incluem tabelas, gráficos, diagramas, desenhos e fotografias. Elas, da mesma forma que as marcas de uso, os exemplos e as citações, ajudam a entender melhor as informações fornecidas por uma definição ou equivalente. Normalmente as ilustrações são representações de animais, plantas, ferramentas, cores etc., mas podem mostrar o uso de verbos ou ações, preposições, adjetivos etc.

Um tipo de informação que nem sempre aparece nos verbetes diz respeito às relações semânticas, elas tratam das informações sobre a

existência de sinônimos, antônimos, hipônimos, hiperônimos etc. (MARTÍNEZ DE SOUSA, 2009, p. 144). Estes componentes do artigo lexicográfico costumam aparecer no final do artigo ou após cada acepção, assim como, no nosso caso, no pós-comentário lexicográfico, além disso, eles mostram ao usuário as relações semânticas que as unidades lexicais estabelecem umas com as outras, possibilitando que elas sejam encontradas com facilidade, por isto podemos dizer que elas são importantes para a usabilidade. Quando o usuário consulta um dicionário ele espera encontrar a informação desejada com facilidade, mas isto nem sempre ocorre, pois há situações em que o dicionário indica que a resposta procurada está em outra entrada, nestas situações as definições são interdependentes ou em cadeia. Em vez disto se recomenda que as definições e as equivalências sejam formuladas de maneira que o usuário não tenha que fazer mais do que uma busca.

Vinculado ao problema da busca de definições em cadeia está o círculo vicioso, falha que é descoberta ao procurar informações sobre uma forma e encontrando, em vez de uma informação objetiva, um conteúdo que consiste na reciprocidade, ou seja, uma coisa é definida pela outra, o que também se aplica ao equivalente, como em uma equação matemática, em que $A = B$ e $B = A$. Em muitos casos este fenômeno se deve a sinonímias, mas pode acontecer também em outras situações. A reciprocidade, no entanto, nem sempre é direta e o círculo vicioso pode se revelar a partir da segunda busca em diante.

Outro aspecto ligado à usabilidade do dicionário é o da tipografia. Nos dicionários bilíngues gerais deve haver uma distinção clara do que é “língua de partida, equivalente na língua-alvo e todo tipo de indicações metalexicográficas” (HAENSCH, 2003, p. 85). O negrito frequentemente é usado para o lema, mas nos dicionários modernos diferentes cores também são usadas, assim como o itálico e outros sinais gráficos. Para economizar espaço, as abreviaturas são frequentemente usadas. Segue uma breve lista de alguns dos sinais gráficos utilizados nos dicionários, com base em Haensch (1982, p. 479):

- Os parênteses geralmente são usados para explicar a utilização de uma unidade lexical em certos contextos ou para dar o nome científico de um animal ou uma planta;
- Os colchetes geralmente são reservados para a transcrição fonética;
- Na etimologia, é utilizado o sinal <, que significa “vem de”;

- Também em etimologia, é utilizado o sinal >, que significa “dá origem a”;
- O asterisco serve para indicar que uma etimologia é hipotética ou para distinguir uma palavra de outra.

2.3 LINGUÍSTICA DE *CORPUS*

A linguística de *corpus* é uma disciplina que se concentra no estudo da linguagem em contexto, na forma de grandes conjuntos de textos, o *corpus*, pois os itens lexicais adquirem um significado não isoladamente, mas inseridos em contextos. Sobre isto, Johansson (2007, p. 51), nos diz que “através dos *corpora* nós podemos observar padrões na língua dos quais não tínhamos conhecimento anteriormente ou que entrevíamos apenas vagamente”.²¹ O significado de um item lexical depende em grande parte das suas colocações, isto é, das palavras em torno delas, sejam gramaticais ou lexicais. Um *corpus* é, pela sua natureza, uma coleção de emissões externalizadas, por isto ele pode ser definido como a coleção sistemática de textos que ocorrem naturalmente (NESSELHAUF, 2004, p. 127; SINCLAIR, 1991, p. 5). Os *corpora*, plural de *corpus*, são compilados com o objetivo de descrever os tipos de padronizações lexicais, a partir delas generalizações podem ser formuladas, algo que poderia ou deveria ser ensinado ou adicionado a um dicionário. A organização de um *corpus* deve seguir algum sistema, isto é, algum critério preestabelecido, como, por exemplo, os textos delimitados a uma língua, a uma faixa de tempo, a um gênero textual, a um autor etc. (SINCLAIR, 1991, p. 14).

Atualmente o termo “*corpus*” quase sempre implica um formato para ser processado por computador. Isto não foi sempre o caso, pois no passado esta palavra só era usada para fazer referência ao texto impresso. Quando se diz que ele é feito para ser lido por computador, isto quer dizer que os textos são armazenados em arquivos na memória do computador, geralmente em um formato chamado de *texto plano* (*plain text*), também chamado de *texto simples*, isto quer dizer que este tipo de arquivo não pode receber formatações de estilo, como negrito, itálico etc. (SINCLAIR, 1991, pp. 14-5; 21-2).

Tendo um critério definido para a compilação de um *corpus*, há a questão da representatividade, pois é necessário pensar nas maneiras

²¹ “through corpora, we can observe patterns in language which we were unaware of before or only vaguely glimpsed” (JOHANSSON, 2007, p. 51). (Tradução nossa).

de construir um *corpus* que não seja muito tendencioso e, ao mesmo tempo, que seja representativo. O nosso interesse, então, é o de criar um *corpus* com a máxima representatividade da variedade a ser investigada, ou seja, que nos forneça uma imagem tão precisa quanto possível das tendências dessa variedade, bem como as suas proporções. O que estamos procurando é uma ampla gama de autores e modalidades textuais que, quando tomados em conjunto, possam ser considerados como estabelecendo uma média e que forneçam uma imagem razoavelmente precisa de toda a língua em que estamos interessados. (SARDINHA, 2004, pp. 22-5).

Embora o tamanho não seja uma garantia de representatividade, ele é um dos fatores importantes que devem ser considerados na produção de um *corpus* com grande representatividade. Biber (1993) enfatiza que precisamos definir tão claramente quanto possível os limites da população que desejamos estudar, antes de podermos definir os procedimentos de amostragem para ele. Isto significa que temos que definir rigorosamente o nosso quadro de amostragem, isto é, o conjunto completo de textos a partir dos quais extraímos as nossas amostras.

Tendo tratado do que é um *corpus* e a sua representatividade, abordamos agora as unidades que constituem o conteúdo do *corpus*, a unidade lexical, que, em conjunto, constróem os sentidos, em outras palavras, como diz Sinclair (2004, p. 18), é “uma unidade de análise, [que] mostra padrões variáveis de contexto-especificidade/generalidade e correlações claras de forma-sentido”.²² As unidades lexicais muitas vezes consistem em duas ou mais palavras, às vezes acontece mesmo, como no caso de certas expressões idiomáticas, de consistir em uma sentença completa, neste aspecto a visão da lexicografia concorda com a linguística de *corpus*. Uma unidade lexical é mais do que apenas uma combinação aleatória de palavras, pois ela consiste na criação de um sentido único, como nos diz Sinclair (2004, p. 281), embora o próprio autor admita que ainda não há confirmação se isto acontece sempre. Além disso, ele afirma que atualmente o modo de ver uma unidade lexical tem relação com o que se considera palavra, embora ele não dê maiores explicações sobre isto.

Em adição ao que se disse acima, podemos pensar na noção de *palavra* apenas como um conceito teórico, não sendo ela uma unidade que pode ser detectada e contada por um computador, pois ele não

²² “a unit of analysis, showing patterns of variable context-specificity/generality and clear form-meaning correlations” (SINCLAIR, 2004, p. 18). (Tradução nossa).

detecta palavras, ele apenas detecta cadeias de caracteres alfabéticos entre espaços. Se eles são palavras, ou não, é algo sujeito à interpretação. Esta noção de unidade que pode ser reconhecida por um computador em um texto é muito importante em linguística de *corpus*, pois ela se baseia na contagem de ocorrências, a partir do que são geradas estatísticas, assuntos que começamos a abordar, considerando como fazer sua contagem. (SINCLAIR, 1991, pp. 28-9).

Durante a investigação do *corpus* o foco é dirigido ao que é comum a todas as ocorrências de um item lexical, ou a um subconjunto deles, ou, ainda, a todas as ocorrências de uma unidade maior, uma frase mais ou menos fixa. Um dos métodos de análise do *corpus* é medir a frequência de ocorrência de um item lexical, esta é a abordagem mais direta para trabalhar com dados quantitativos. Nesta abordagem, o número de ocorrências, também chamadas de *tokens*, é determinado através de uma contagem aritmética em cada um dos textos que pertencem ao *corpus*. Seguindo o mesmo método de contagem das ocorrências, pode ser feita a contagem de tipos, também chamados de *types*. Tipos e ocorrências são ligados do seguinte modo: um item lexical, como *aurum*, “ouro”, por exemplo, é considerado um tipo e cada vez que ele aparece no *corpus* é contado como uma nova ocorrência.

Na análise automática de *corpora* os softwares utilizados diferenciam *aurum*, correspondente ao caso nominativo singular, de *aura*, correspondente ao caso acusativo plural. A diferenciação entre os casos latinos, com base na desinência, não é algo inerente ao software, isto é, ele apenas considera que a primeira é diferente da segunda por ter uma grafia diferente, mesmo que seja apenas por uma letra. Esta diferenciação, no entanto, desempenha um importante papel em nossa pesquisa, pois um dos aspectos que consideramos é a ligação entre as formas, isto é, os seus padrões de formação. A cada variação de *aurum*, em cada um dos casos latinos, seja no singular ou no plural, chamamos de forma, mantendo uma ligação com a morfologia flexional (ROSA, 2011; MATTOS E SILVA, 2002).

As contagens de frequências são úteis, mas elas têm algumas desvantagens, como quando se deseja comparar um conjunto de dados com outro, por exemplo, um *corpus* de língua falada com um *corpus* de língua escrita. Contagens de frequência simplesmente dão o número de ocorrências de cada tipo, elas não indicam o predomínio de um tipo em termos de uma proporção do número total de ocorrências no texto. Isto não é um problema quando os dois *corpora* comparados são do mesmo tamanho, mas as contagens de frequências deixam de ser úteis quando

eles são de tamanhos diferentes. O exemplo a seguir compara dois desses *corpora*, considerando a frequência da forma *est* (“ele é, ela é”):

<i>Corpus</i>	Total de ocorrências	Total de ocorrências da forma <i>est</i>
LR ²³	14.977	273
CL	7.203.459	86.087

Num primeiro momento é difícil dizer em que *corpus* a forma *est* é mais frequente, devido à disparidade entre os números obtidos. No entanto, ao calcularmos a frequência de ocorrência da forma em questão como uma porcentagem do total de ocorrências nos *corpora* obtemos:

LR: $273/14.977 \times 100 = 1,82\%$

CL: $86.087/7.203.459 \times 100 = 1,19\%$

Os números acima nos mostram que as frequências de ocorrência da forma *est* em ambos os *corpora* são diferentes, embora não tão diferentes quanto se poderia pensar.

Mesmo onde a disparidade de tamanho não é um problema, muitas vezes é melhor usar estatísticas proporcionais para apresentar frequências, uma vez que a maioria das pessoas acha mais fáceis de entender do que comparar frações de números incomuns como 86.087. Para calcular a proporção entre o tamanho da amostra e o número de ocorrências do tipo investigado a seguinte fórmula pode ser usada: proporção = número de ocorrências do tipo / número de ocorrências da amostra completa. O resultado obtido pode ser expresso como uma fração, ou mais geralmente como um decimal. A segunda opção, no entanto, resulta em um número pequeno demais, 0,0001, por exemplo, mas numa situação como esta a proporção pode ser multiplicada por 100 e representada como uma porcentagem.

Agora passamos a tratar das colocações, considerando que em um corpo de texto é possível determinar empiricamente quais pares de

²³ As abreviaturas usadas como referência aos *corpora* têm ligação com os conjuntos de textos que os compõem e não foram pensadas para abreviar os nomes dos *corpora*, por isto as abreviaturas não seguem necessariamente as regras convencionais de formação. O primeiro corpus (LR) corresponde ao conjunto de textos latinos presentes na apostila Legenda Roma, enquanto que o segundo (CL) se refere ao conjunto de textos de 70 autores latinos, ao qual chamamos de Corpus Latino. A compilação de ambos será explicada mais adiante.

palavras têm uma ligação substancial entre si. (SINCLAIR, 1991, pp. 115-6). Duas das fórmulas mais comumente encontradas são: informação mútua e *escore-t*. Ambos os testes fornecem dados semelhantes, comparando a probabilidade de duas palavras ocorrerem em conjunto, como um evento comum, com a probabilidade de que estas ocorrências são simplesmente o resultado do acaso (SARDINHA, 2004, pp. 203-5). Por exemplo, as unidades lexicais *opus* (“trabalho, obra”) e *est* (“ele é, ela é”) podem ocorrer como um evento conjunto por pertencerem a uma unidade multipalavra (*opus est*, “é necessário, é bom, é útil”), enquanto que as palavras *accidi* (“eu caí, eu aconteci”) e *manus* (“a mão”) podem ocorrer simplesmente por causa de uma justaposição que aconteceu apenas uma vez e não têm qualquer relação especial. Para cada par de palavras, uma pontuação é dada, quanto maior a pontuação maior é o grau atribuído à colocação. As fórmulas de informação mútua e *escore-t* são úteis das seguintes maneiras:

- Elas nos permitem extrair unidades multipalavras dos dados de um *corpus*, que podem ser usados em lexicografia e tradução técnica;
- Colocações de palavras semelhantes podem ser agrupadas para ajudar na identificação dos diferentes sentidos da palavra. Por exemplo, *uxor* (“esposa”) pode ser colocada com uma unidade lexical como *ducere* (“guiar, conduzir”), indicando o sentido matrimonial da palavra, *uxorem ducere* (“casar-se”), e com uma palavra como *habet* (“ele tem, ela tem”), indicando o uso possessivo da palavra, *uxorem habet* (“ele tem uma esposa”);
- Diferenças de uso entre as unidades lexicais semelhantes podem ser discriminados. Por exemplo, Church (1991) observou as colocações de *strong* e *powerful* em um *corpus* jornalístico. Embora estas duas unidades lexicais tenham significados semelhantes, suas pontuações de informação mútua para as associações com outras unidades lexicais revelaram diferenças. *Strong* colocado com *northerly*, *showings*, *believer*, *currents*, *supporter* e *odor*, enquanto que *powerful* é colocado com unidades lexicais como *tool*, *minority*, *neighbour*, *symbol*, *figure*, *weapon* e *post*. Essas informações sobre as sutis diferenças na colocação entre as duas unidades lexicais têm um papel potencialmente importante, por exemplo, para ajudar os alunos que estejam aprendendo uma língua estrangeira.

Firth (1957, p. 181) nos diz que as “colocações de uma determinada palavra são declarações dos agrupamentos habituais ou costumeiros dessa palavra”, sendo que estes agrupamentos costumeiros, compostos por duas ou mais palavras, correspondem a alguma forma convencional de dizer algo. Uma característica das colocações é a sua composicionalidade limitada. Expressões em línguas naturais são chamadas de composicionais se o significado da expressão pode ser predito a partir dos significados das partes. Colocações não são totalmente composicionais, pois geralmente há um elemento de significação adicionado à combinação. No caso de *chá forte*, *forte* adquiriu uma significação próxima ao sentido básico de força física, embora ainda seja diferente. Expressões idiomáticas são os exemplos mais extremos de não-composicionalidade. Expressões como *bater as botas* têm apenas uma relação histórica indireta com os significados das partes da expressão, pois não se trata de falar de *botas* quando alguém usa expressões como essa. Muitas colocações apresentam formas mais leves de não-composicionalidade.²⁴

Quase-sinônimos não podem ser substituídos pelos componentes de uma colocação. Por exemplo, não podemos dizer *o vinho amarelo* em vez de *o vinho branco*, embora o amarelo seja uma boa descrição da cor de vinho branco. Muitas colocações não podem ser livremente modificadas com material lexical adicional ou por transformações gramaticais. Isto é especialmente verdadeiro para expressões idiomáticas.

Em lexicografia já tratamos da lematização, mas agora abordamos o assunto aqui com outro viés, desta vez pensando nela como intimamente ligada à identificação das classes gramaticais, o que resulta na redução das formas em um *corpus* aos seus respectivos lexemas²⁵. A lematização permite ao pesquisador extrair e analisar todas as variantes de um determinado lexema sem ter que inserir todas as variantes possíveis, além de possibilitar a produção de informações sobre a frequência e a distribuição do lexema. (SINCLAIR, 1991, pp. 41-2).

²⁴ Este aspecto das colocações tem ligação com as unidades lexicais, assunto abordado tanto em lexicografia quanto em linguística de *corpus*.

²⁵ Nos referimos aqui aos lexemas como a unidades concretas que reúnem em si todas as formas possíveis de uma palavra.

3 SOBRE O MÉTODO

Neste capítulo tratamos de dois dos objetivos específicos da nossa pesquisa, o primeiro diz respeito à montagem dos *corpora* latinos necessários à pesquisa, enquanto que o segundo se refere à confecção do software do dicionário *Aoristo*. Abordamos aqui alguns tópicos do objetivo geral da pesquisa, pois os objetivos específicos estão diretamente ligados a ele:

- Metodologia de montagem dos *corpora*;
- Modos de organização e de interpretação dos dados;
- Apresentação das informações para o usuário;
- Ligação dos dados dos *corpora* com o resultado final;
- Abordagem do que efetivamente é dito e do que pode ser dito.

Estes tópicos formam um conjunto, cuja conexão está na necessidade tanto da compreensão quanto da interpretação das informações, mais precisamente, trata-se da funcionalidade da informação dicionarizada como intermediária na compreensão de uma língua estrangeira. Sobre isto, Farias (2011, pp. 112-3) nos diz o seguinte:

A funcionalidade da informação baseia-se na observância de dois princípios: (a) toda a informação deve ser discreta e (b) toda a informação deve ser discriminante. Uma informação discreta é aquela que corresponde efetivamente a um fato de norma, tendo em vista que um dicionário é sempre posterior à linguagem, cabendo a ele, pois, registrá-la e não fixá-la [...]. Uma informação discriminante, por outro lado, é a que permite ao leitor obter algum proveito com relação ao uso e/ou conhecimento da língua, o que significa que o segmento informativo deverá ser bem estruturado linguística e representacionalmente para o usuário.

As informações realizadas sob estes dois princípios têm ligação com o planejamento do dicionário, assunto do qual já tratamos e do qual a autora fala repetidamente em seu artigo. Em qualquer tipo de dicionário não basta oferecer a informação, ela precisa ser funcional

dentro do propósito estabelecido para o dicionário em questão e é isto que procuramos colocar em prática com a presente pesquisa.

A partir de agora explicamos como foi feita a compilação e organização dos *corpora*, depois disso abordamos os softwares utilizados na pesquisa, necessários para compreendermos e interpretarmos as informações recolhidas, a partir do que depois foram geradas novas informações necessárias à nossa pesquisa. Em seguida mostramos, com o auxílio de algumas tabelas e gráficos, as informações quantitativas obtidas dos *corpora*, além das informações extraídas do *Dicionário escolar latino-português*, de Ernesto Faria. Por fim, fazemos a resenha da literatura pertinente a esta pesquisa.

3.1 ORGANIZAÇÃO DOS *CORPORA*

Os *corpora* foram montados com base em diferentes conjuntos de textos, o primeiro é resultado da extração dos textos latinos da apostila *Legenda Roma*, da qual temos tratado pela abreviatura LR. Este *corpus* tem, no total, 4.176 tipos e 14.977 ocorrências. O segundo *corpus* foi montado com todos os textos de 70 autores latinos que chegaram aos nossos dias, embora nem todos os autores em questão tenham nascido em Roma, mas isto não tem importância na nossa pesquisa. A relação completa dos autores que fazem parte do *corpus*, do qual tratamos pela abreviatura CL, das suas obras e das fontes que usamos, pode ser conferida no apêndice A. Este *corpus* tem um total de 308.943 tipos e 7.203.459 ocorrências.

O critério para compilação do LR foi excluir todos os textos em português, mantendo somente o que foi redigido em latim, mantendo os títulos, como *Aulularia*, as marcações seccionais, como *Introductio*, *Sectio* e *Dramatis Personae*, assim como as marcações dos nomes dos personagens nos diálogos, tanto na forma por extenso, como *Euclio*, quanto na forma abreviada, como *EUC*. Não foi necessário editar os textos de forma alguma, pois eles são uniformes nas grafias, por exemplo, neles não são encontrados números indo-arábicos nem letras ramistas.

Para a compilação do CL o critério foi, em primeiro lugar, histórico, começando pela segunda metade do terceiro século a.C., indo até o final do sexto século d.C., abrangendo cerca de 850 anos da história de Roma. O período inicial, arcaico, inclui as obras de Titus Maccius Plautus, teatrólogo, dentre outros dois autores. Esta decisão tem duas fortes motivações, a primeira diz respeito ao fato de este autor ter suas peças ainda representadas, além de servir como base para outras

peças de teatro, até os nossos dias. A segunda motivação está no fato de que a apostila *Legenda Roma*, à qual já fizemos referência, contém estas obras. O autor latino do século VI d.C. que fecha o período de tempo escolhido, é Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus Senator, pertencente ao começo do período bárbaro, sendo o único deste período que utilizamos.

Dos autores selecionados, pertencentes aos quase 850 anos de história latina, utilizamos principalmente os textos que chegaram aos nossos dias em sua integralidade, com poucas exceções, como o *Satyricon*, de Gaius Petronius Arbiter, que foi incluído mesmo não estando completo. Um critério de uniformidade foi aplicado quando algum texto é de autoria contestada, em situações assim a autoria é atribuída ao autor mais provável.

A grafia de cada texto foi respeitada, assim todas as ocorrências das letras ramistas ficaram intocadas. Quando apareceram números indo-arábicos, por outro lado, quase todos eles foram omitidos, em parte porque eles apenas serviam para marcar seções nos textos, sem, no entanto, ter valor textual, eles eram, em outras palavras, paratextos. A única exceção foi feita para os números nos *Fasti*, de Publius Ovidius Naso. Os números romanos, quando serviam como indicadores paratextuais, também foram omitidos.

A pontuação foi extensivamente modificada, da seguinte forma:

- O hífen (-) foi usado para substituir os traços longos e os travessões;
- As aspas curvas (‘’) foram usadas no lugar das aspas angulares («», ») e das aspas retas (" , ");
- Os asteriscos (*), os colchetes ([]), as chaves ({}), o til (~), a barra (/), o e comercial (&), o sinal de menor que (<) e o sinal de maior que (>) foram eliminados;
- Os parênteses, a vírgula (,), o ponto final (.), o ponto e vírgula, o ponto de interrogação (?) e o ponto de exclamação (!) foram mantidos.

Outras possibilidades tratam das palavras divididas em duas linhas, estas foram juntadas. As abreviaturas foram mantidas. Os caracteres gregos foram eliminados, assim como referências internas (por exemplo, “p. 152”) e citações (“88”). Quando os parênteses eram utilizados para indicar possíveis reconstruções de parte das inscrições, eles também foram eliminados.

Justificamos as nossas escolhas através do seguinte critério: quisemos manter dos textos apenas os elementos textuais que têm impacto direto na compreensão destes, por isto os títulos não fazem parte do conteúdo dos arquivos, e, sim, são os títulos dos próprios arquivos. Nos casos de alguns poemas, no entanto, os títulos foram mantidos no interior dos arquivos, por considerarmos como um elemento importante para a compreensão dos poemas. Desta forma mantém-se uma coerência interna, pois os elementos textuais são utilizados sempre da mesma forma, tornando mais confiável a análise automática.

Para fazer buscas por caracteres específicos no CL, com base nos critérios definidos acima, foi necessário utilizar um conjunto de expressões regulares desenvolvidas para uso com a linguagem de programação de computadores chamada Java. As expressões regulares têm como função identificar padrões de caracteres em textos. Não explicaremos aqui a sintaxe das expressões regulares, pois isto não é relevante à presente pesquisa, em vez disso mostraremos as expressões utilizadas e diremos que funções elas desempenharam:

- `\[.*?\]`: esta expressão regular localizou nos textos todas as ocorrências de colchetes que tinham em seu interior pelo menos um caracter, por exemplo, `[a]` ou `[ab urbe condita]`;
- `\(.*?\)`: esta expressão regular tem funcionamento quase idêntico à anterior, localizando todas as ocorrências de parênteses que tinham em seu interior pelo menos um caracter, por exemplo, `(a)` ou `(ab urbe condita)`;
- `[^a-zA-Z\s\.,\;:\?\\()\|;\!\"'\-]`: esta expressão regular localizou todas as ocorrências de caracteres que não faziam parte da lista a seguir: letras do alfabeto; espaço; ponto final; vírgula; dois pontos; ponto de interrogação; parênteses; ponto e vírgula; ponto de exclamação; aspas duplas; aspas simples; hífen.

As expressões regulares foram usadas na sequência exposta acima, isto foi necessário porque a última expressão regular localiza caracteres que as duas primeiras também o fazem, o motivo da busca em três modos diferentes se mostrou necessário quando percebemos que a última nos apresentava os caracteres isoladamente, mas nós precisávamos saber qual era o conteúdo interno, para tal foi necessário observar o resultado de todas as buscas, pois só assim poderíamos dizer, por exemplo, se a busca nos apresentava uma palavra sugerida pelo

editor para complementar uma sentença originalmente incompleta (*ab [urbe] condita*, por exemplo) ou se era alguma marcação paratextual, como um número de capítulo ([XIV], por exemplo). No caso da terceira expressão regular, a sua utilidade pode ser percebida quando ela ajudou a localizar caracteres desnecessários, segundo os nossos critérios, ou possíveis erros e ambiguidades, como o número *1* no lugar da letra *l*, idênticos ao olho humano em algumas fontes, e desta forma foi possível corrigir os erros.

O CL foi estruturado de três modos diferentes, a saber: por autor; por modalidade textual; por século. Para uma referência facilitada aos arquivos de texto do CL foram estabelecidos padrões, da seguinte forma:

- Os arquivos organizados por autor foram divididos pelo nome de cada autor, cada um com uma pasta única, seguindo alguns padrões. O primeiro padrão tem o seguinte formato: “A14-D54-Gaius Julius Phaedrus”. A letra “A” indica que o autor nasceu antes da nossa era, seguida do ano, um traço, uma letra, “D”, desta vez, indicando que ele morreu em nossa era e, por fim, é fornecido o ano de sua morte, seguido de um traço e do nome completo do autor, sem abreviaturas e com a grafia latina. Às vezes há dúvidas sobre alguma data, mesmo assim ela é usada, com a finalidade de nos ajudar a situar o autor no tempo. De Decimus Junius Juvenalis, por exemplo, sabe-se apenas a época aproximada em que viveu, entre os séculos I e II d.C., assim, a pasta foi intitulada “DI-II-Decimus Junius Juvenalis”, sem quaisquer números junto à era de nascimento e morte. Uma situação semelhante ocorre com Flavius Eutropius, cuja pasta é intitulada “DIV-Flavius Eutropius”. A última possibilidade é de um conjunto de historiadores, autointitulados *Scriptores Historiae Augustae*, de quem quase nada se sabe, cuja pasta tem o título “DIV-Scriptores Historiae Augustae”;
- Dentro da pasta de cada autor há uma ou mais pastas organizadas por modalidade textual. Cada modalidade, com seu nome em latim, é abrangente e o critério de nomeação é alguma característica marcante do texto, por isto, há, por exemplo, uma modalidade intitulada “Fabula”, o que pode ser traduzido tanto por *ficção* quanto por *fábula*, tendo, também uma modalidade chamada “Poema”, cujo conteúdo pode ser ficcional ou não;

- Dentro das pastas organizadas por modalidade textual há um ou mais arquivos cujo nome segue o seguinte padrão: nome mais conhecido do autor em minúsculas, seguido de um traço, da modalidade textual, mais um traço e o título parcial ou completo do texto. Além disso, um texto pode ser dividido em vários arquivos, dependendo do modo em que o texto é dividido, assim, caso seja um conjunto de livros, para cada livro há um arquivo diferente, registrado com a letra “I”, indicando livro, seguida de um número sequencial, começando em “01”. Por fim, cada arquivo tem a extensão “txt”, para que possa ser lido pelos softwares. Por exemplo: as *Fábulas*, de Gaius Julius Phaedrus, divididas em cinco livros e um apêndice, são intituladas “phaedrus-fabulae-appendix.txt”, (apêndice), “phaedrus-fabulae-fabularum_aesopiarum-l01.txt”, (livro um), sendo que os quatro livros restantes são nomeados de acordo com a sua ordem na sequência;
- Os arquivos organizados por modalidade textual seguem um padrão muito semelhante ao que foi explicado acima, sendo que há uma pasta para cada modalidade textual, como *Dialogi*, por exemplo, dentro dela há uma outra pasta, intitulada “A4-D65-Lucius Annaeus Seneca”, e, finalmente, dentro desta pasta estão os arquivos que contêm os textos pertinentes (“seneca-dialogi-de_ira-l01.txt”, “seneca-dialogi-de_ira-l02.txt” etc.);
- Os arquivos organizados por século seguem um padrão muito semelhante ao modo de organização por modalidade textual, sendo que há uma pasta para cada século, III a.C., por exemplo, dentro dela há uma sequência de pastas e arquivos que seguem a organização por autor.

Com base nestes modos de estruturação do CL, nós produzimos algumas informações que discutiremos mais adiante, ainda neste capítulo, e que será relevante em vários aspectos até o final deste trabalho.

3.2 SOFTWARES PARA ANÁLISE AUTOMÁTICA DE TEXTO

Para a análise automática dos textos dos *corpora* utilizamos três softwares diferentes, a saber: AntConc 3.4.4w; Unitex 3.1; TreeTagger 3.2. Os três softwares têm versões para diferentes sistemas operacionais, mas utilizamos somente as versões para Windows. Abaixo explicamos

brevemente como utilizamos cada um deles, além dos diferentes resultados obtidos.

O AntConc é um software simples para pesquisa em *corpora*, mas ele tem todas as funcionalidades necessárias para a nossa pesquisa, isto é, com ele é possível produzir listas de palavras (*Word Lists*), procurar concordâncias (*Concordance*) e colocações (*Collocates*), além de outras possibilidades que não são relevantes no momento. Ao produzirmos as listas de palavras dos nossos *corpora*, obtivemos os seguintes resultados com o AntConc:

Corpus	Total de ocorrências	Total de tipos
LR	14.977	4.176
CL	7.203.459	308.700

O Unitex também é um software para pesquisa em *corpora*, ele inclui as mesmas funcionalidades básicas que o AntConc, mas ele vai além e possibilita, por exemplo, que sejam feitas buscas por todas as ocorrências a partir de uma classe gramatical. Abaixo, são mostrados os resultados das buscas que fizemos:

	LR	CL
<i>Simple forms</i> ²⁶	14.972 (4.552)	7.203.459 (345.285)
<i>Tokens</i>	37.017 (4.567 <i>diff</i>)	16.254.904 (345.310 <i>diff</i>)
<i>Occurrences simple words</i>	13.782 (13.897 <i>DLF entries</i>)	6.801.263 (590.276 <i>DLF entries</i>)
<i>Occurrences compound words</i>	0	0
<i>Occurrences unknown words</i>	1.190 (307 <i>ERR lines</i>)	360.140 (124.418 <i>ERR lines</i>)

Esta tabela mostra resultados mais detalhados do que os obtidos através do AntConc. Explicamos agora cada valor com base no manual do Unitex (PAUMIER, 2016):

- *Simple forms*: o primeiro número indica o total de unidades lexicais compostas por letras, enquanto que o número entre

²⁶ Nesta tabela mantivemos os termos em inglês, porque não temos certeza de como eles poderiam ser traduzidos, o que é brevemente explicado quando abordamos os valores relativos a cada termo.

parênteses indica a quantidade de unidades lexicais diferentes compostas por letras;

- *Tokens*: o primeiro número indica a quantidade de unidades lexicais no texto, enquanto que o número entre parênteses indica a quantidade de unidades lexicais diferentes;
- *Occurrences simple words*: o Unitex tem um dicionário de formas simples para a língua latina, embora ele não explique porque estes números são diferentes dos que são apresentados como *simple words*, além disso, também não há uma explicação clara sobre as diferenças entre os números dentro e fora dos parênteses;
- *Occurrences compound words*: o Unitex não tem um dicionário de formas compostas para a língua latina, por isto o resultado é zero;
- *Occurrences unknown words*: o manual do Unitex não dá explicações claras sobre os números entre parênteses, mas supomos que eles indiquem a quantidade de linhas que apresentam formas desconhecidas, enquanto que os números fora dos parênteses seriam a quantidade de formas desconhecidas, isto é, que não estão presentes no dicionário de formas simples.

Como se pode perceber, as informações fornecidas não são muito claras, além disso, entre os resultados fornecidos pelo AntConc e pelo Unitex há coincidência somente uma vez, na quantidade de ocorrências do CL, enquanto que a quantidade de tipos é bastante diferente. A quantidade de ocorrências do LR é semelhante nos dois softwares, mas, a quantidade de tipos, por sua vez, novamente é bastante diferente.

Agora tratamos do TreeTagger, que, embora também seja utilizado para a análise automática de textos, tem uma função distinta dos softwares anteriores, pois ele foi feito para a etiquetagem morfosintática, que consiste em atribuir uma categoria gramatical a cada palavra de um texto, segundo nos diz o seu manual, disponível somente na internet²⁷. Após fazermos o processamento do *corpus* com o TreeTagger obtivemos um arquivo de texto com mais informações do que seria possível visualizar e contar manualmente, por isto recorreremos ao sistema operacional Linux. O motivo desta escolha é o fato de ele ter

²⁷ Endereço do manual: <http://www.cis.uni-muenchen.de/~schmid/tools/TreeTagger/>

o chamado *terminal*, conceitualmente semelhante ao MS-DOS, mas com um poder de processamento, e de uso, muito maior. Como o TreeTagger faz a marcação da função gramatical de cada unidade lexical de uma sentença, o que nós fizemos foi usar expressões regulares Unix para contar a quantidade de ocorrências de cada uma delas.

Não explicaremos em detalhes como funciona cada expressão regular usada, apenas mostramos a forma básica de uma delas: `grep "INT" Corpus.txt | grep -wc a`. Basicamente esta expressão procura no arquivo intitulado `Corpus.txt` pela sequência de caracteres entre aspas (INT em letras maiúsculas) e nos diz a quantidade total. Na tabela abaixo mostramos os resultados obtidos:

	LR	CL
Verbo auxiliar “ser”: modo indicativo	543	151.042
Verbo auxiliar “ser”: modo subjuntivo	32	38.917
Verbo auxiliar “ser”: modo infinitivo	89	36.183
Verbos no modo indicativo	1.893	649.682
Verbos no modo subjuntivo	283	223.783
Verbos no modo infinitivo	373	184.894
Verbos no gerúndio	9	22.730
Verbos no gerundivo	36	36.239
Verbos no caso nominativo do particípio	237	184.923
Verbos no caso acusativo do particípio	67	95.973
Verbos no caso ablativo do particípio	48	66.991
Verbos no particípio	381	351.307
Verbos no caso acusativo do supino	0	73
Verbos no caso ablativo do supino	0	953
Verbos no modo imperativo	434	38.620
Pronomes	1.120	288.132
Pronomes relativos	245	244.805
Pronomes e adjetivos possessivos	243	80.201
Pronomes e adjetivos demonstrativos	313	136.837
Pronomes indefinidos	9	6.741
Substantivos no caso nominativo	1.193	423.187
Substantivos no caso dativo	122	74.991
Substantivos no caso genitivo	484	305.381
Substantivos no caso locativo	30	10.897
Substantivos no caso acusativo	1.282	572.956
Substantivos no caso ablativo	788	513.239

Substantivos no caso vocativo	314	39.946
Numerais	98	82.010
Conjugação coordenativa	700	435.209
Conjugação subordinativa	362	191.477
Nomes próprios	15	3.355
Adjetivos	1.420	836.175
Adjetivos comparativos	41	28.367
Adjetivos superlativos	55	18.644
Adjetivos ablativos	142	120.215
Advérbios	1.185	586.570
Preposições	742	485.760
Interjeições	88	8.604
Abreviaturas	0	31.488
Exclamações	0	43
Palavras estrangeiras	21	4.477
Clíticos	0	0
Total	15.437	7.612.017

As somatórias de todas as ocorrências são superiores aos valores fornecidos tanto pelo AntConc quanto pelo Unitex, como pode ser visto na tabela a seguir, em que comparamos os totais obtidos pelos três softwares. Os valores base usados para o cálculo são os obtidos pelo AntConc:

Corpus	AntConc	Unitex	TreeTagger
LR	14.977 (100%)	14.972 (99,966%)	15.437 (103,071%)
CL	7.203.459 (100%)	7.203.459 (100%)	7.612.017 (105,671%)

A partir dos cálculos feitos para ambos os *corpora* percebemos que para o LR houve um aumento de 560 ocorrências, enquanto que para o CL o aumento de ocorrências ficou em 408.558 e que, mesmo depois de fazer muitos cálculos para tentar entender o motivo do aumento, não conseguimos descobrir o motivo desta diferença. A lógica por trás disso seria a seguinte: os verbos no particípio têm uma contagem de 381 ocorrências no LR, embora nas três linhas anteriores tenham sido especificados valores para diferentes modalidades do particípio que, supostamente, seriam consideradas como fazendo parte

das 381 de que já tratamos. Num primeiro momento pensamos que isto também poderia ter acontecido com os pronomes e com os adjetivos, mas os cálculos não dão qualquer resultado satisfatório, o que é preocupante, pois os dados recebidos são confusos e, possivelmente, não fazem sentido.

Após este impasse com as informações obtidas, resolvemos procurar maiores informações sobre o funcionamento interno dos três softwares, mais precisamente, sobre a qualidade do desempenho, ou sobre a precisão dos cálculos, mas apenas para o TreeTagger algo foi encontrado. Os três artigos que nós consideramos nos dão resultados com valores próximos uns dos outros, Neunerdt (2013, p. 146), por exemplo, nos mostra uma variação de 88,14% a 97,18% na precisão quanto ao uso do TreeTagger. Giesbrecht (2009), por sua vez, em seus testes, obteve resultados que variaram de 87,89% a 96,89% para a precisão do software. Nøklestad (2007, p. 247), por fim, obteve resultados bastante próximos de 97%, isto é, de 96,61% a 96,89%. Estas informações nos dizem que a precisão do TreeTagger como etiquetador morfossintático é bastante alta, no entanto, isto ainda não resolve a questão da discrepância entre os resultados obtidos nos três softwares, o que nos leva a pensar na eficiência deles. A nossa motivação para isto se funda na dependência que temos deles para as análises deste trabalho.

Embora as diferenças entre os resultados sejam preocupantes, mesmo sabendo que estamos considerando apenas as ocorrências, isto é, as formas que podem ser contadas mais facilmente, ainda assim, foi necessário usar os três, pois nenhum deles executa todas as funções necessárias nesta pesquisa. Para as informações necessárias daqui até o fim de nossa pesquisa estabelecemos alguns critérios com relação ao uso dos softwares:

- Para a contagem de ocorrências e de tipos usaremos o AntConc;
- Para a contagem das formas por classe gramatical usaremos o Unitex;
- Para a contagem de formas pertencentes a pelo menos duas classes gramaticais diferentes, isto é, para eliminar as ambiguidades, usaremos o TreeTagger.

Esta situação ainda não é a ideal, mas ainda não encontramos alternativa melhor.

Neste capítulo já tratamos do modo de organização dos *corpora* e dos softwares utilizados na análise deles, sendo ambas, etapas

importantes da pesquisa e que nos fizeram observar a necessidade de seguir um método coerente para nos assegurar que os dados sejam precisos, mas sabemos que as nossas escolhas para a organização dos *corpora* podem não ser a melhor alternativa, pois o objetivo principal foi evitar alguma influência externa à língua latina, mantendo apenas caracteres existentes na época do latim clássico. Sabemos que o resultado pode não ser tão preciso quanto desejávamos, pois através dos séculos a grafia esteve sujeita a alterações, em parte por causa dos copistas, sujeitos ao erro, da mesma forma que esteve sujeita às decisões editoriais. Por outro lado, há o problema na análise dos dados que surge com as diferenças das contagens. As duas situações consideradas juntas podem nos mostrar um quadro distorcido da língua latina e nos conduzir a resultados não tão bons quanto os desejados, mas nos utilizamos de diferentes modos de visualizar as informações, com o objetivo de olharmos para elas de diferentes maneiras, o que pode nos ajudar a compreender melhor o seu teor. Com base no que foi dito abordamos agora os textos dos *corpora*, analisando os dados obtidos a partir deles.

3.3 CARACTERÍSTICAS DOS TEXTOS DOS *CORPORA*

Até o momento já tratamos da contagem do total de ocorrências dos *corpora* montados para a nossa pesquisa, o que nos dá algumas informações bastante genéricas, por isto, agora visualizaremos o CL de três modos diferentes, o primeiro modo mostra a distribuição com base nos autores, o segundo modo trata das modalidades textuais incluídas no CL, enquanto que o terceiro modo mostra a distribuição das obras por século.

Antes, no entanto, de pensarmos nos modos de distribuição do CL tratamos de duas questões, a primeira diz respeito à nossa escolha de visualizar somente o CL, isto se deve ao fato de que o LR é um conjunto de textos latinos não originais, isto é, eles foram adaptados para serem usados pelos leitores do manual de estudo de latim intitulado *Reading latin*, ao qual já fizemos referência. A segunda questão diz respeito às 100 formas mais frequentes em ambos os *corpora*, elas são importantes porque é nesta lista que nos baseamos para tratar das formas dicionarizadas abordadas no capítulo chamado Desenvolvimento.

Para a tabela de formas abaixo, utilizamos algumas abreviaturas, da seguinte forma:

- FLR: Frequência no LR;
- FCL: Frequência no CL;
- F: Forma;
- OLR: Frequência de ocorrência no LR;
- OCL: Frequência de ocorrência no CL.

Cada coluna de valores numéricos tem os seus valores somados e mostrados na última linha da tabela.

FLR	F	OLR	FCL	F	OCL
316	<i>et</i>	2,109%	209.611	<i>et</i>	2,909%
273	<i>est</i>	1,822%	141.874	<i>in</i>	1,969%
249	<i>in</i>	1,662%	90.557	<i>non</i>	1,257%
158	<i>non</i>	1,054%	86.087	<i>est</i>	1,195%
146	<i>sed</i>	0,974%	66.954	<i>ut</i>	0,929%
133	<i>quid</i>	0,888%	59.699	<i>cum</i>	0,828%
129	<i>ad</i>	0,861%	57.789	<i>ad</i>	0,802%
124	<i>ego</i>	0,827%	52.207	<i>quod</i>	0,724%
111	<i>ut</i>	0,741%	45.451	<i>qui</i>	0,630%
107	<i>me</i>	0,714%	43.944	<i>si</i>	0,610%
93	<i>chr</i>	0,620%	42.285	<i>sed</i>	0,587%
93	<i>mihi</i>	0,620%	38.745	<i>quae</i>	0,537%
93	<i>si</i>	0,620%	35.290	<i>quam</i>	0,489%
90	<i>nic</i>	0,600%	33.913	<i>de</i>	0,470%
87	<i>nam</i>	0,580%	32.847	<i>a</i>	0,455%
81	<i>tu</i>	0,540%	31.106	<i>esse</i>	0,431%
80	<i>cum</i>	0,534%	30.889	<i>ex</i>	0,428%
77	<i>nunc</i>	0,514%	28.600	<i>nec</i>	0,397%
73	<i>esse</i>	0,487%	26.411	<i>aut</i>	0,366%
72	<i>sum</i>	0,480%	24.321	<i>hoc</i>	0,337%
72	<i>te</i>	0,480%	23.892	<i>etiam</i>	0,331%
63	<i>igitur</i>	0,420%	23.675	<i>per</i>	0,328%
58	<i>a</i>	0,387%	23.484	<i>enim</i>	0,326%
55	<i>euc</i>	0,367%	22.811	<i>se</i>	0,316%
55	<i>se</i>	0,367%	22.475	<i>quid</i>	0,312%
54	<i>sectio</i>	0,360%	22.397	<i>atque</i>	0,310%
53	<i>qui</i>	0,353%	21.998	<i>sunt</i>	0,305%
50	<i>tibi</i>	0,333%	21.093	<i>ab</i>	0,292%

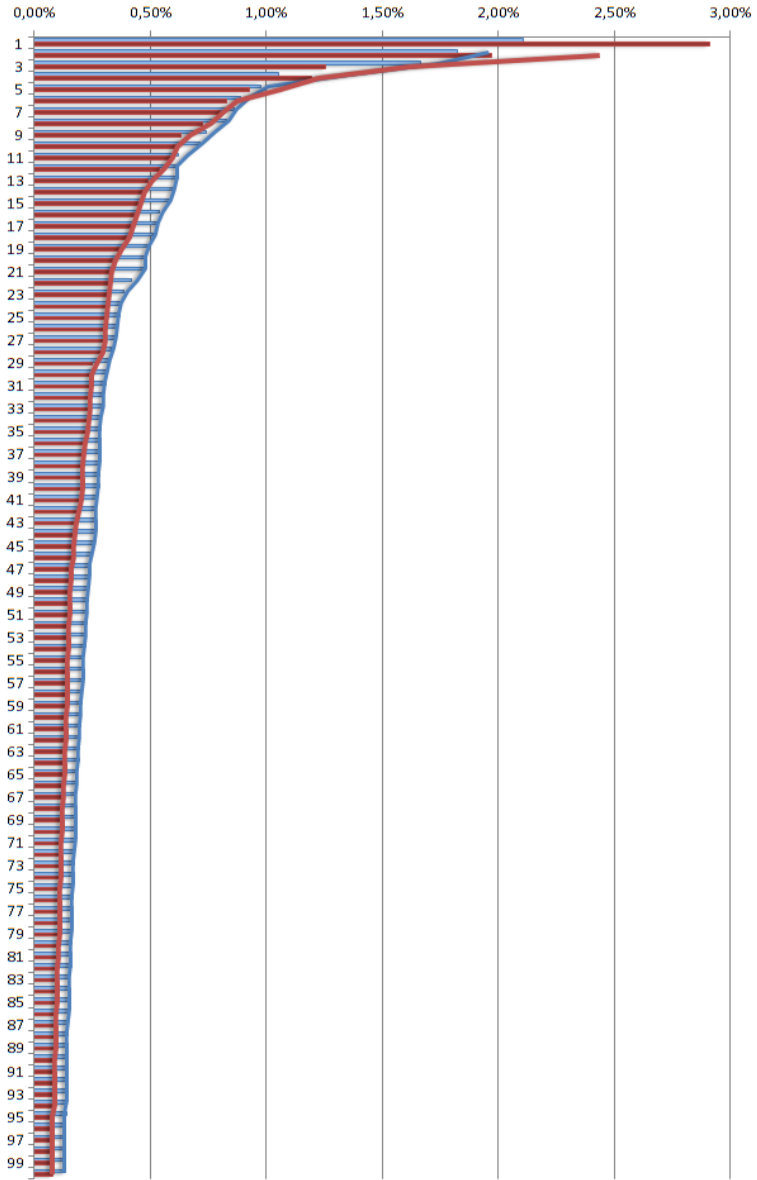
48	<i>cur</i>	0,320%	18.082	<i>quo</i>	0,251%
47	<i>euclio</i>	0,313%	17.929	<i>ac</i>	0,248%
46	<i>ita</i>	0,307%	17.732	<i>me</i>	0,246%
45	<i>erat</i>	0,300%	17.436	<i>te</i>	0,242%
45	<i>ex</i>	0,300%	17.428	<i>ne</i>	0,241%
43	<i>atque</i>	0,287%	16.827	<i>iam</i>	0,233%
43	<i>hoc</i>	0,287%	16.451	<i>autem</i>	0,228%
43	<i>quam</i>	0,287%	15.749	<i>tamen</i>	0,218%
43	<i>sunt</i>	0,287%	15.577	<i>id</i>	0,216%
42	<i>es</i>	0,280%	15.071	<i>sit</i>	0,209%
42	<i>quod</i>	0,280%	15.001	<i>haec</i>	0,208%
42	<i>ubi</i>	0,280%	14.920	<i>eius</i>	0,207%
41	<i>aedis</i>	0,273%	14.850	<i>ita</i>	0,206%
40	<i>homo</i>	0,267%	13.461	<i>mihi</i>	0,186%
40	<i>omnia</i>	0,267%	13.008	<i>nam</i>	0,180%
40	<i>quis</i>	0,267%	12.602	<i>quidem</i>	0,174%
39	<i>seruus</i>	0,260%	12.494	<i>neque</i>	0,173%
37	<i>enim</i>	0,247%	11.597	<i>quoque</i>	0,165%
36	<i>aurum</i>	0,240%	11.477	<i>vel</i>	0,159%
36	<i>haec</i>	0,240%	11.467	<i>tibi</i>	0,159%
35	<i>de</i>	0,233%	11.345	<i>quia</i>	0,157%
35	<i>uis</i>	0,233%	11.127	<i>nihil</i>	0,154%
34	<i>o</i>	0,227%	11.061	<i>nunc</i>	0,153%
34	<i>tum</i>	0,227%	10.975	<i>quibus</i>	0,152%
33	<i>statim</i>	0,220%	10.842	<i>ego</i>	0,150%
33	<i>uerres</i>	0,220%	10.649	<i>ea</i>	0,147%
32	<i>domum</i>	0,213%	10.622	<i>nisi</i>	0,147%
32	<i>hodie</i>	0,213%	10.483	<i>eo</i>	0,145%
32	<i>neque</i>	0,213%	10.423	<i>qua</i>	0,144%
31	<i>euclionis</i>	0,206%	10.366	<i>quem</i>	0,143%
31	<i>quae</i>	0,206%	10.213	<i>sic</i>	0,141%
30	<i>aulam</i>	0,200%	10.200	<i>erat</i>	0,141%
30	<i>uos</i>	0,200%	10.150	<i>inter</i>	0,140%
29	<i>aedibus</i>	0,193%	9.837	<i>modo</i>	0,136%
29	<i>e</i>	0,193%	9.730	<i>ipse</i>	0,135%
29	<i>secum</i>	0,193%	9.563	<i>pro</i>	0,132%
28	<i>ab</i>	0,186%	9.470	<i>ille</i>	0,131%
28	<i>omnes</i>	0,186%	9.091	<i>tu</i>	0,126%

27	<i>mer</i>	0,180%	9.060	<i>esset</i>	0,125%
27	<i>per</i>	0,180%	8.989	<i>sine</i>	0,124%
27	<i>rem</i>	0,180%	8.948	<i>omnia</i>	0,124%
27	<i>sos</i>	0,180%	8.732	<i>illa</i>	0,121%
27	<i>summa</i>	0,180%	8.509	<i>fuit</i>	0,118%
26	<i>habeo</i>	0,173%	8.407	<i>ubi</i>	0,116%
26	<i>meum</i>	0,173%	8.339	<i>hic</i>	0,115%
26	<i>mne</i>	0,173%	8.289	<i>tum</i>	0,115%
25	<i>eum</i>	0,166%	8.190	<i>his</i>	0,113%
25	<i>pater</i>	0,166%	8.161	<i>ante</i>	0,113%
25	<i>phil</i>	0,166%	8.060	<i>sibi</i>	0,111%
25	<i>sosia</i>	0,166%	8.037	<i>eum</i>	0,111%
24	<i>dic</i>	0,160%	7.737	<i>tam</i>	0,107%
24	<i>ille</i>	0,160%	7.680	<i>quis</i>	0,106%
24	<i>mea</i>	0,160%	7.469	<i>nos</i>	0,103%
24	<i>sic</i>	0,160%	7.430	<i>quos</i>	0,103%
23	<i>habet</i>	0,153%	7.425	<i>post</i>	0,103%
23	<i>nos</i>	0,153%	7.418	<i>omnes</i>	0,102%
23	<i>numquam</i>	0,153%	7.086	<i>vero</i>	0,098%
23	<i>senex</i>	0,153%	7.023	<i>an</i>	0,097%
22	<i>hic</i>	0,146%	6.965	<i>ergo</i>	0,096%
22	<i>meg</i>	0,146%	6.960	<i>res</i>	0,096%
22	<i>omnibus</i>	0,146%	6.701	<i>apud</i>	0,093%
22	<i>pecuniam</i>	0,146%	6.515	<i>magis</i>	0,090%
22	<i>quo</i>	0,146%	6.459	<i>potest</i>	0,089%
22	<i>tempore</i>	0,146%	6.358	<i>causa</i>	0,088%
22	<i>uolo</i>	0,146%	6.312	<i>tantum</i>	0,088%
21	<i>nisi</i>	0,140%	6.285	<i>igitur</i>	0,087%
21	<i>scaenam</i>	0,140%	6.214	<i>omnibus</i>	0,086%
20	<i>autem</i>	0,133%	6.132	<i>nobis</i>	0,085%
20	<i>bac</i>	0,133%	5.972	<i>ipsa</i>	0,082%
20	<i>chrysalus</i>	0,133%	5.910	<i>cuius</i>	0,082%
20	<i>dicis</i>	0,133%	5.858	<i>itaque</i>	0,081%
20	<i>eo</i>	0,133%	5.855	<i>dum</i>	0,081%
5.245	-	34,967%	2.095.196	-	29,042%

A partir das formas listadas podemos perceber que: algumas delas podem ter funções gramaticais diversas, como *a* (preposição ou

interjeição); há uma diferença marcante entre os valores percentuais entre formas iguais nos dois *corpora*, por exemplo, *et* está presente em 2,109% do LR, enquanto que ela está presente em 2,909% do CL; os valores das somas das 100 formas mais frequentes nos dois *corpora* são próximos. Uma última informação, que só pode ser obtida da tabela por quem conhece a apostila *Legenda Roma*, é que há alguns nomes de personagens em sua forma abreviada, como *CHR*, que corresponde a *Chrysalus*, ambas as formas estão presentes na tabela acima.

Abaixo pode ser visto um gráfico em que as formas da lista acima são organizadas a partir das mais frequentes em cada *corpus*. Para manter uma proporcionalidade entre os valores de ambos os *corpora*, o gráfico a seguir é baseado nos valores das frequências de ocorrência, em vez de nos basearmos nos números brutos. As linhas horizontais vermelhas correspondem às ocorrências do CL, enquanto que as linhas horizontais em azul correspondem às ocorrências do LR. As linhas verticais, de cores vermelha e azul, são as linhas de tendência correspondentes ao CL e ao LR, respectivamente. As linhas de tendência nos ajudam a perceber as variações dos valores percentuais das formas nos *corpora*.



Neste gráfico, fica bem visível a diferença entre as frequências de ocorrência dos dois *corpora*, sendo que, no CL, a partir da terceira forma, há uma queda brusca no uso, em comparação com o LR. Logo em seguida, por causa da quarta forma, as duas linhas se cruzam, mas, logo em seguida, as formas do CL têm uma frequência de ocorrência marcadamente menor do que as formas do LR. As formas presentes na lista acima, no entanto, são bastante diferentes, pois somente 53 formas estão presentes, dentre as 100 mais frequentes, em ambos os *corpora*.

Este gráfico pode ser interpretado considerando a distribuição das frequências do LR e do CL, em que se percebe que as frequências do léxico do LR têm tendência a manter-se próximas das frequências do léxico do CL, que abrange séculos de textos latinos originais, a partir do que concluímos que o LR tem tendência a comportar-se como a língua latina a que temos acesso.

Passamos agora à visualização da lista dos 70 autores presentes no CL, para isto fizemos a contagem de tipos e de ocorrências para cada um deles, depois disso fizemos o cálculo de frequência de ocorrência de cada autor no CL. Para a tabela de autores abaixo, utilizamos algumas abreviaturas, da seguinte forma:

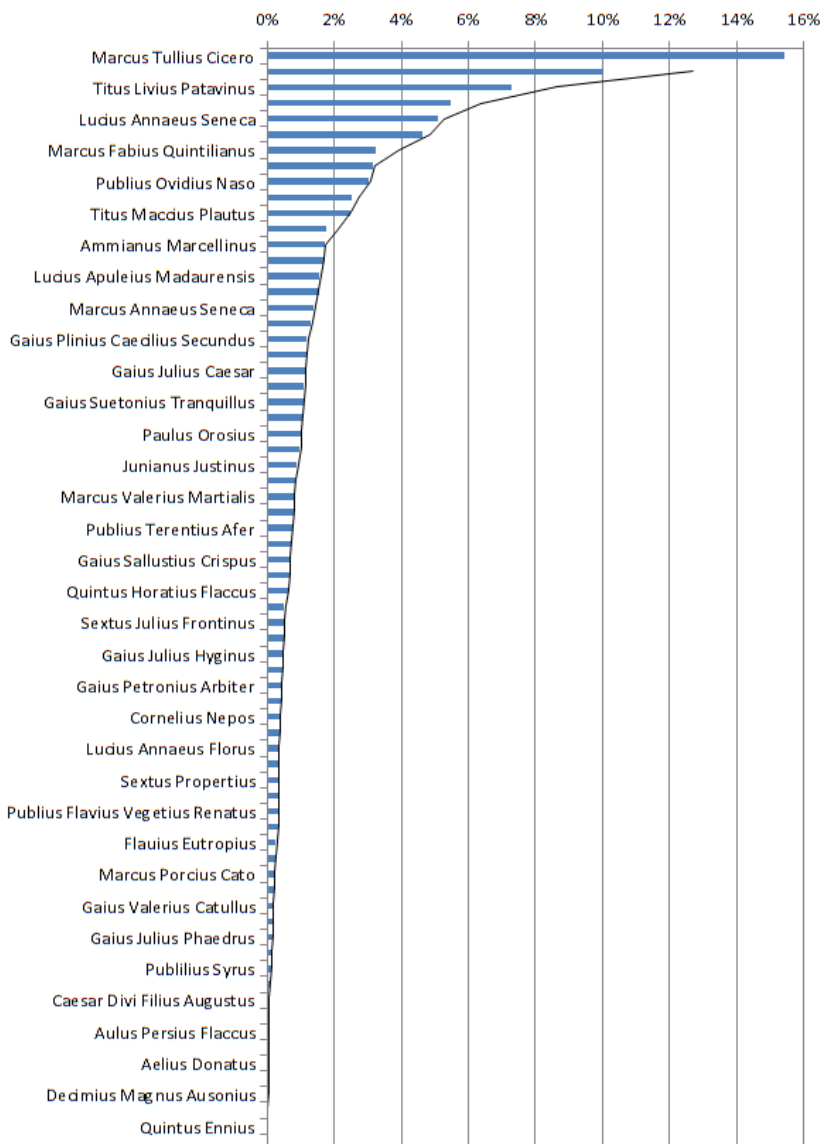
- T: Tipos;
- O: Ocorrências;
- F: Frequência de ocorrência.

Autor	T	O	F
Titus Maccius Plautus	24.539	180.238	2,502%
Quintus Ennius	840	1.133	0,015%
Marcus Porcius Cato	4.749	15.657	0,217%
Publius Terentius Afer	9.878	54.837	0,761%
Marcus Terentius Varro	17.153	77.515	0,076%
Cornelius Nepos	8.324	28.677	0,398%
Marcus Tullius Cicero	78.214	1.110.539	15,416%
Gaius Julius Caesar	15.215	83.618	1,160%
Titus Lucretius Carus	10.914	49.024	0,680%
Aulus Hirtius	80.82	29.460	0,408%
Gaius Sallustius Crispus	11.881	50.847	0,705%
Publilius Syrus	2.964	8.245	0,114%
Gaius Valerius Catullus	6.010	13.241	0,183%
Marcus Vitruvius Pollio	13.553	57.727	0,801%

Publius Vergilius Maro	20.835	83.620	1,161%
Quintus Horatius Flaccus	16.512	43.844	0,609%
Gaius Julius Hyginus	8.399	35.487	0,492%
Caesar Divi Filius Augustus	1.327	5.230	0,072%
Titus Livius Patavinus	53.648	525.085	7,289%
Sulpicia	206	255	0,003%
Albius Tibullus	5.339	12.366	0,171%
Marcus Annaeus Seneca	17.864	99.439	1,380%
Sextus Propertius	9.050	25.410	0,352%
Publius Ovidius Naso	34.964	219.002	3,040%
Marcus Velleius Paterculus	9.056	26.149	0,363%
Gaius Julius Phaedrus	5.806	11.905	0,165%
Lucius Annaeus Seneca	50.747	366.143	5,082%
Quintus Curtius Rufus	17.258	71.014	0,985%
Lucius Junius Moderatus Columella	25.002	110.746	1,537%
Valerius Maximus	20.897	79.878	1,108%
Gaius Plinius Secundus	62.436	394.437	5,475%
Gaius Petronius Arbiter	11.829	31.510	0,437%
Tiberius Catius Asconius Silius Italicus	19.768	76.398	1,060%
Aulus Persius Flaccus	2.763	4.522	0,062%
Marcus Fabius Quintilianus	34.334	234.916	3,261%
Marcus Annaeus Lucanus	14.627	51.013	0,708%
Marcus Valerius Martialis	16.873	58.881	0,816%
Sextus Julius Frontinus	11.189	36.921	0,512%
Publius Papinius Statius	24.285	95.031	1,319%
Publius Cornelius Tacitus	32.706	161.897	0,247%
Gaius Plinius Caecilius Secundus	20.202	85.963	1,193%
Gaius Suetonius Tranquillus	22.311	78.205	1,085%
Lucius Annaeus Florus	9.133	26.353	0,365%
Lucius Apuleius Madaurensis	30.195	112.150	1,556%
Aulus Gellius	24.267	120.572	1,673%
Quintus Septimius Florens Tertullianus	46.333	332.485	4,615%
Decimius Magnus Ausonius	2.243	3.264	0,045%
Sextus Aurelius Victor	11.767	33.196	0,460%
Ammianus Marcellinus	32.926	123.629	1,716%
Aurelius Ambrosius	10.226	36.200	0,502%

Flavius Theodosius Augustus	28.305	228.829	3,176%
Aurelius Prudentius Clemens	10.896	23.665	0,328%
Aurelius Augustinus Hipponensis	58.385	721.188	10,011%
Claudius Claudianus	19.055	60.312	0,837%
Paulus Orosius	19.533	74.733	1,037%
Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus Senator	29.533	126.508	1,756%
Gaius Valerius Flaccus	11.299	37.238	0,516%
Marcus Minucius Felix	5.202	11.641	0,161%
Decimus Junius Juvenalis	10.559	25.091	0,348%
Dionysius Cato	1.107	2.108	0,029%
Junianus Justinus	15.631	63.786	0,885%
Marcus Manilius	8.711	27.460	0,381%
Aelius Donatus	1.134	4.189	0,058%
Caelius Apicius	2.714	15.594	0,216%
Flavius Eutropius	5.513	18.545	0,257%
Julius Obsequens	2.347	5.124	0,071%
Publius Flavius Vegetius Renatus	8.036	24.861	0,345%
Rufus Festus	2.009	3.879	0,053%
Scriptores Historiae Augustae	22.157	108.476	2,505%
Avianus	2.515	4.280	0,059%

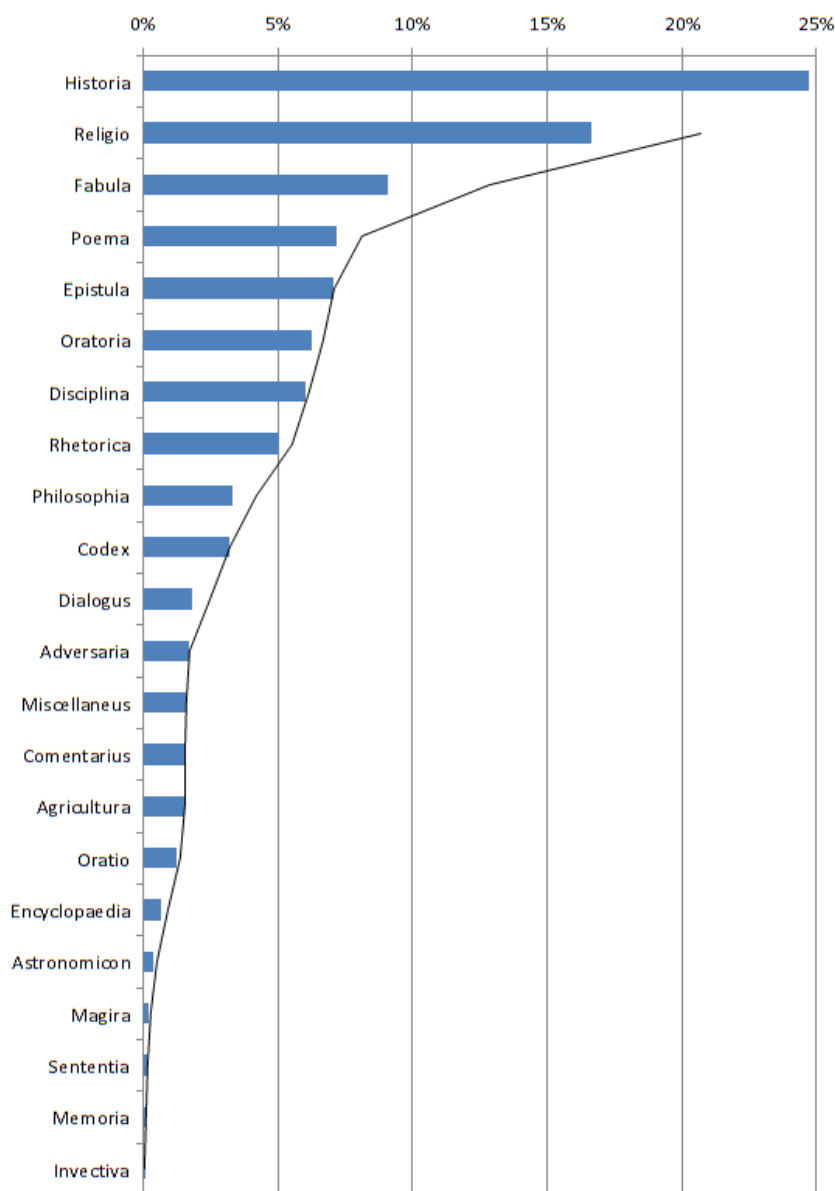
Embora os autores da tabela acima estejam ordenados por ordem cronológica, o gráfico a seguir está ordenado de modo a começar pelos autores com maior frequência de ocorrência para os autores com menor frequência de ocorrência. As linhas horizontais correspondem às ocorrências do CL, enquanto que a linha preta vertical é a linha de tendência, cujo objetivo é nos ajudar a perceber as variações dos valores percentuais da presença de cada autor no *corpus*.



Neste gráfico fica bem visível a diferença entre as frequências de ocorrência dos autores, havendo uma grande disparidade nos valores. No momento não faremos maiores considerações sobre estas informações, pois voltaremos a tratar disso no final desta seção. Passamos agora à visualização da lista das 22 modalidades textuais presentes no CL, para isto, fizemos a contagem de tipos e de ocorrências para cada uma delas, depois disso, fizemos o cálculo de frequência de ocorrência de cada modalidade textual no CL. Para a tabela abaixo utilizamos algumas abreviaturas, da seguinte forma:

- T: Tipos;
- O: Ocorrências;
- F: Frequência de ocorrência.

Modalidade textual	T	O	F
Adversaria	24.267	120.572	1,683%
Agricultura	25.002	110.746	1,537%
Astronomicon	8.711	27.460	0,381%
Codex	28.305	228.829	3,176%
Comentarius	18.719	113.078	1,569%
Dialogus	25.951	128.958	1,790%
Disciplina	65.002	433.393	6,016%
Encyclopaedia	12.036	47.477	0,659%
Epistula	56.856	508.597	7,060%
Fabula	81.350	655.005	9,092%
Historia	15.0086	1.781.059	24,725%
Invectiva	481	714	0,009%
Magira	2.714	15.594	0,216%
Memoria	1.327	5.230	0,072%
Miscellaneus	2.3721	113.919	1,581%
Oratio	19.318	89.054	1,236%
Oratoria	48.716	452.293	6,278%
Philosophia	34.402	239.594	3,326%
Poema	67.326	517.213	7,180%
Religio	96.784	1.199.912	16,657%
Rhetorica	42.472	364.469	5,059%
Sententia	2.964	8.245	0,114%



Embora as modalidades textuais da tabela acima estejam ordenadas por ordem alfabética, o gráfico acima está ordenado de modo a começar pelas modalidades com maior frequência de ocorrência para as modalidades com menor frequência de ocorrência. As linhas horizontais azuis correspondem às ocorrências no CL, enquanto que a linha preta vertical é a linha de tendência, cujo objetivo é nos ajudar a perceber as variações dos valores percentuais da presença de cada modalidade no *corpus*. No gráfico fica bem visível a diferença entre as frequências de ocorrência entre as modalidades textuais, sendo que há uma grande diferença entre as três primeiras modalidades, depois disso as diferenças são menores e continuam variando em maior ou menor grau até o final do gráfico. Novamente, não faremos maiores considerações sobre estas informações, das quais voltaremos a tratar no final desta seção.

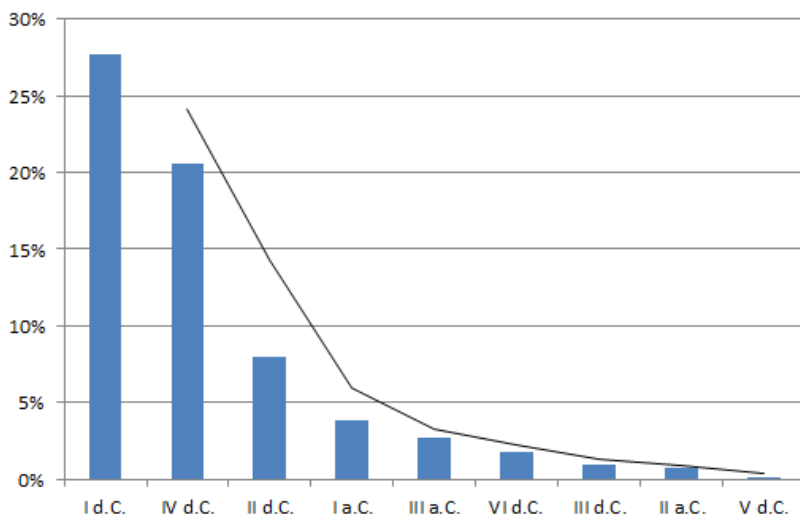
Passamos agora à visualização da contagem das ocorrências no CL, considerando a sua organização cronológica. Para isto, fizemos a contagem de tipos e de ocorrências para cada um deles, depois disso, fizemos o cálculo de frequência de ocorrência em cada século no CL. Para a tabela abaixo utilizamos algumas abreviaturas, da seguinte forma:

- T: Tipos;
- O: Ocorrências;
- F: Frequência de ocorrência.

Século	T	O	F
III a.C.	27.830	197.028	2,735%
II a.C.	9.878	54.837	0,761%
I a.C.	160.545	2.655.794	3,868%
I d.C.	167.723	1.994.508	27,688%
II d.C.	76.914	576.848	8,007%
III d.C.	16.156	65.894	0,914%
IV d.C.	121.874	1.485.684	20,624%
V d.C.	2.515	4.280	0,059%
VI d.C.	25.933	126.508	1,756%

Embora a ordenação da tabela acima tenha sido feita por ordem cronológica, o gráfico a seguir está ordenado de modo a começar pelos séculos com maior frequência de ocorrência para os séculos com menor frequência de ocorrência. As linhas verticais azuis correspondem às

ocorrências do CL, enquanto que a linha horizontal preta é a linha de tendência, cujo objetivo é nos ajudar a perceber as variações dos valores percentuais em cada século no *corpus*.

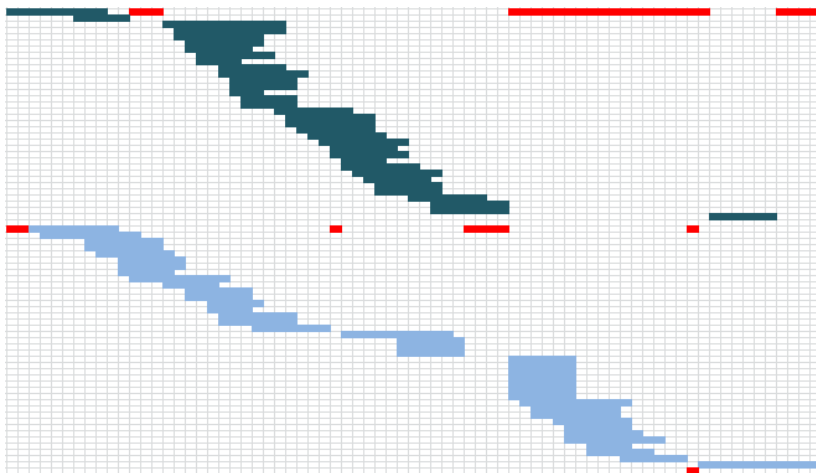


Neste gráfico, fica bem visível a diferença nas frequências de ocorrência entre os séculos, havendo uma grande disparidade nos valores.

Agora faremos as considerações sobre algumas das informações vistas acima, confrontando-as com as informações obtidas a partir da observação da organização das informações no *Dicionário escolar latino-português*, de Ernesto Faria (doravante Faria). Começamos tratando dos autores presentes no CL e no Faria, segundo o que observamos até o momento, sendo que no Faria os autores estão presentes nas citações e nos exemplos. Acima já mostramos a tabela com todos os autores presentes no CL, totalizando 70 escritores de gêneros e épocas variadas, por isto, nós não mostraremos novamente aquela tabela aqui, em vez disso, montamos uma nova tabela, desta vez, distribuindo os autores numa linha do tempo, separando os 34 autores presentes no Faria dos autores ausentes.

Na tabela a seguir, as colunas são divisões de tempo por década, começando em 250 a.C. e terminando em 600 d.C., sendo que as linhas são os autores. Em verde estão os autores presentes no Faria e no CL, enquanto que em azul estão os autores ausentes do Faria. Em vermelho

estão marcados os períodos de tempo em que há alguma lacuna autoral, isto é, nenhum dos autores do CL viveu no período em questão. Por fim, a primeira linha vermelha, de cima para baixo, marca a lacuna dos autores citados no Faria, a linha vermelha no meio marca a lacuna dos autores que não são citados no Faria, mas que estão presentes no CL, enquanto que a linha vermelha na parte de baixo marca a lacuna considerando todos os autores do CL, isto é, este é o único período de tempo, cerca de 10 anos, em que nenhum dos autores do CL produziu algum texto.



Esta tabela mostra que, dentro do período de tempo escolhido, há bastante representatividade no conjunto de autores do CL, embora haja momentos com maior concentração de autores, o que faz, no entanto, com que dois períodos de tempo não tenham qualquer representação no Faria. O primeiro período abrange três décadas, indo de 140 a.C. a 120 a.C., enquanto que o segundo período é mais extenso, começando em 220 d.C. e indo até 390 d.C., isto é, abrangendo 180 anos, um período considerável de tempo. Utilizando a delimitação das épocas da evolução do latim, como descritas por Cardoso (2002, pp. 6-9), concluímos que os autores citados no Faria incluem quase todo o período arcaico, todo o período clássico, aproximadamente metade do período pós-clássico e o começo do período bárbaro.

Os autores presentes tanto no Faria quanto no CL são os seguintes: Titus Maccius Plautus; Publius Terentius Afer; Marcus Terentius Varro; Cornelius Nepos; Marcus Tullius Cicero; Gaius Julius

Caesar; Titus Lucretius Carus; Gaius Sallustius Crispus; Gaius Valerius Catullus; Publius Vergilius Maro; Quintus Horatius Flaccus; Titus Livius Patavinus; Sulpicia; Marcus Annaeus Seneca; Sextus Propertius; Publius Ovidius Naso; Gaius Julius Phaedro; Lucius Annaeus Seneca; Lucius Junius Moderatus Columella; Valerius Maximus; Gaius Plinius Secundus; Tiberius Carius Asconius Silius Italicus; Gaius Valerius Flaccus; Marcus Fabius Quintilianus; Marcus Annaeus Lucanus; Marcus Valerius Martialis; Publius Cornelius Tacitus; Gaius Plinius Caecilius Secundus; Gaius Suetonius Tranquillus; Decimus Junius Juvenalis; Lucius Apuleius Madaurensis; Aulus Gellius; Avianus.

Agora tratamos da distribuição das citações e dos exemplos, do Faria, em uma linha do tempo. Há quatro combinações de cores diferentes, com a primeira, baseada na escala de cinza, são marcadas as décadas com até 20 citações, com a segunda, em tons de azul, marcamos as décadas com mais do que 20 e menos do que 100 citações, com a terceira, em tons de verde, por sua vez, marcamos as décadas com mais do que 100 e menos do que 1.000 citações, e, por fim, com a quarta, em tons de vermelho, marcamos as décadas com mais do que 1000 citações.

Século/ Década	00	10	20	30	40	50	60	70	80	90
III a.C.	93									
II a.C.	1305	6							93	
I a.C.	224	331	339	361	1660	1645	1418	1478	1368	1346
I d.C.	170	175	20	31	37	53	71	67	52	44
II d.C.	28	18	11		5			4		
III d.C.										
IV d.C.									1	
V d.C.		1								

Pela tabela é possível perceber que a maior parte das citações e exemplos está concentrada nos autores que viveram entre o começo do segundo século a.C. e o período que vai do final do primeiro século a.C. até a década de 40, o que se deve muito ao uso dos escritos de Marcus Tullius Cicero. Os autores que viveram entre a década de 30, do primeiro século a.C., até a década de 10, do primeiro século d.C., tiveram os seus escritos menos utilizados, mas, ainda assim, são significativos. Em outros períodos os números diminuem muito e

notamos, por exemplo, que do século III d.C. ao século V d.C. há uma quantidade mínima de citações, tendo estes autores ficado praticamente negligenciados. Quase se pode dizer o mesmo sobre os séculos II a.C. e III a.C., em que, embora o número 93 não seja tão pequeno, todas as citações e exemplos foram extraídos de apenas um autor, Titus Maccius Plautus.

Com relação à distribuição das ocorrências por autor, tratando apenas dos três com mais ocorrências, percebe-se que dois autores, Marcus Tullius Cicero (106 a.C. – 43 a.C.) e Titus Livius Patavinus (59 a.C. – 17 d.C.), viveram no primeiro século do período arcaico, enquanto que um autor, Aurelius Augustinus Hipponensis (354 d.C. – 430 d.C.), viveu no final do período pós-clássico, deixando, desta forma, uma lacuna no período clássico e na maior parte do período pós-clássico. Estes três autores, juntos, correspondem a cerca de 32,716% das ocorrências no CL, Aurelius Augustinus Hipponensis, no entanto, nunca é mencionado no Faria, como veremos com mais profundidade no capítulo intitulado Desenvolvimento, onde apresentaremos os dados de que estamos tratando brevemente aqui. Com base nisto fizemos algumas considerações, a primeira diz respeito à tendência de certos autores serem citados, Marcus Tullius Cicero, em especial, como já dissemos, o que coincide com a sua presença no *corpus*, mas também tem ligação com o fato de ele ter deixado obras em diferentes modalidades textuais, como discurso, carta, oratória e filosofia. Titus Livius Patavinus, por sua vez, é citado nos exemplos e nas citações do Faria, mas com uma frequência muito menor do que Marcus Tullius Cicero.

A segunda consideração tem relação com as modalidades textuais abordadas no Faria, em que novamente se percebe uma tendência a abordar algumas delas, deixando outras de lado, como é o caso da modalidade *religio*, relativa a assuntos religiosos, e que nunca aparece no Faria, mesmo com a quantidade de ocorrências chegando a 16,657%, um número que não pode ser negligenciado. Reiteramos que no capítulo chamado Desenvolvimento trataremos melhor deste assunto, pois lá mostraremos os dados pertinentes às análises.

3.4 O DICIONÁRIO AORISTO

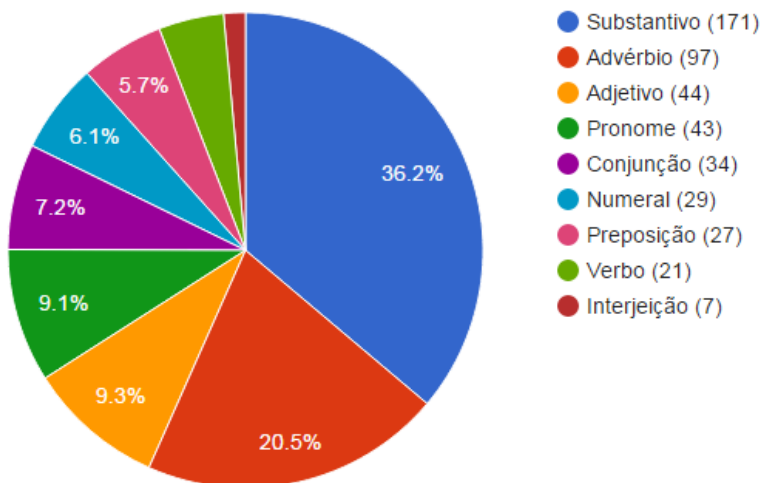
O *Aoristo* – Dicionário Latino-Português (doravante *Aoristo*) foi organizado para ser utilizado por estudantes de língua latina em seus níveis iniciais, além disso, a nossa intenção foi de fazê-lo tão intuitivo quanto possível, por isto não há, por exemplo, uma introdução ou qualquer outra explicação de como usá-lo. Assim que o usuário digita no

navegador o endereço www.aoristo.com.br o conteúdo imediatamente visível é o seguinte:



Neste momento, cinco opções estarão disponíveis, o que abordamos agora, começando pelas que estão no topo. A palavra *Aoristo* é um link que, quando clicado, conduz o usuário de volta para a página inicial a qualquer momento. A segunda opção é a caixa de busca, ela tem o fundo branco sem qualquer indicação da sua função. Quando o usuário digita alguma informação ali o dicionário analisa o que foi digitado e faz uma busca no banco de dados por alguma forma igual ou semelhante. Mais adiante explicaremos com maiores detalhes como a análise do texto é feita e os possíveis resultados desta ação, no momento trataremos da terceira ação possível, é a palavra *Créditos*, um link no rodapé da página que, quando clicado, mostra informações sobre o Faria e sobre o autor do software. A quarta opção também é um link no rodapé da página, cujo texto é a palavra *Estatísticas*. No momento, poucas informações são exibidas, mas elas já podem ajudar o usuário a perceber as diferenças de magnitude entre as quantidades de entradas com base na classe gramatical ou na letra inicial. Abaixo reproduzimos esta página dividida em duas imagens:

Total: 473 entradas (correspondentes a 6965 formas)



Este gráfico mostra a distribuição das entradas a partir das classes gramaticais, sendo que os substantivos estão presentes em maior número, o que já poderia ser esperado, considerando que esta é a classe gramatical mais abundante. Os números seguintes diminuem mais ou menos bruscamente, dependendo da classe a que dizem respeito. No lado direito, ao lado da classe gramatical, há números entre parênteses, correspondentes à quantidade de entradas existentes para cada uma delas no *Aoristo*.

O critério para inclusão das entradas no *Aoristo* é o da frequência na lista de tipos obtida do LR com o AntConc, isto é, as formas mais frequentes são incluídas primeiro. Este critério, no entanto, nem sempre é seguido, pois há muitos verbos bastante frequentes e, considerando que eles têm bastante conteúdo, foi dada prioridade aos substantivos. No capítulo intitulado Desenvolvimento, na seção Verbos, explicaremos com maiores detalhes quanto conteúdo pode ter um verbo latino.

O próximo gráfico mostra a distribuição das entradas a partir da letra inicial da forma:



Apesar de todas as letras do alfabeto serem mostradas, algumas têm valor zero, como as letras *K*, *Y* e *Z*. A distribuição das formas entre as letras é bastante irregular, com muitas delas concentradas na letra *A*, enquanto que as letras *I* e *D* têm quantidades bem mais altas do que as restantes, mas bem menores do que a letra *A*.

Por fim, a última ação possível também é um link no rodapé da página, cujo texto é a palavra *Contato*, a partir do qual alguma mensagem pode ser enviada ao desenvolvedor do dicionário.

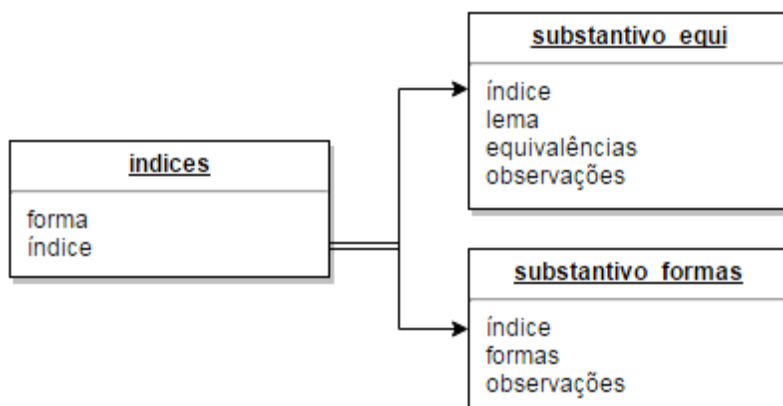
Voltando aos gráficos, nesta página o usuário é informado de que o dicionário faz as suas medições com base em formas, assunto de que já tratamos na seção intitulada *Linguística de corpus*, do capítulo Pressupostos teóricos. Antes de explicarmos como isto foi feito, precisamos falar um pouco sobre a construção do software *Aoristo*.

A base do *Aoristo* é o banco de dados que foi criado especialmente para ele, pois as informações são organizadas de modo que, ao digitar algo no campo de busca, o software procure por uma forma e, caso alguma seja encontrada, ela seja mostrada ao usuário. Um banco de dados organiza as suas informações em tabelas com linhas e colunas, como pode ser visto abaixo:

Forma	Índice
<i>animis</i>	200023;200024;
<i>patrem</i>	200084;
<i>omnia</i>	100026;200075;200076;

Esta tabela se chama *índices* e tem duas colunas, na primeira coluna é armazenada cada uma das formas possíveis para todas as entradas do *Aoristo*. Na segunda coluna são armazenados os índices relativos às formas, eles, os índices, remetem a entradas armazenadas no banco de dados com base nos lemas. O seguinte diagrama mostra, de

forma simplificada, como as tabelas do banco de dados são ligadas umas às outras:



Cada uma destas tabelas tem um campo chamado *índice*, eles são o elo entre as tabelas. Quando o usuário seleciona uma forma para ser vista, o software procura na tabela *índices* pela forma em questão e, caso ela seja encontrada, o software faz duas novas buscas, desta vez as buscas são pelo índice. Quando o índice é encontrado em cada uma das tabelas, as informações restantes são extraídas e mostradas na tela. Um substantivo, por exemplo, tem o seu conteúdo armazenado em duas tabelas, na primeira estão as informações das três partes superiores de uma entrada (lema, equivalências e observações), enquanto que na segunda tabela estão armazenadas as informações das duas partes inferiores de uma entrada (formas e observações). Este modo de ligar as informações no banco de dados faz com que as informações semânticas estejam diretamente relacionadas ao lema, assim, o lema, que é imutável, sempre é mostrado, independentemente da forma que esteja sendo consultada para o substantivo em questão.

Os índices são armazenados no formato de seis dígitos seguidos de ponto e vírgula, sendo que este é um delimitador para que o software saiba quando um índice termina e outro começa. Cada forma tem no mínimo um índice relativo a uma entrada dicionarizada. Por exemplo, a forma *animis* tem dois índices, cada um conduzindo a entradas diferentes, assim, quando o usuário digita *animis* no campo de busca, o *Aoristo* mostra para ele as seguintes opções:

Aoristo	
animis	
animis	substantivo feminino de primeira declinação (anima, animae) dativo plural ablativo plural
animis	substantivo masculino de segunda declinação (animus, animi) dativo plural ablativo plural
Visualizar todos os resultados para a forma animis .	

No lado esquerdo do navegador a forma *animis* aparece repetida, mas no lado direito são fornecidas informações que podem evitar que o usuário fique confuso, isto é, ele é informado de que a primeira forma corresponde ao substantivo feminino de primeira declinação, além disso, são dados o lema e os casos latinos correspondentes àquela forma. Para a segunda forma, o mesmo tipo de informação é dada, mas com conteúdo diferente. Aqui o usuário pode executar quatro operações diferentes, a primeira é a busca por alguma outra forma, a segunda trata de clicar na forma *animis* que aparece no topo, a terceira ação possível é clicar na forma *animis* que aparece embaixo ou, na quarta ação possível, clicar na forma *animis* que aparece no pé da página e que faz parte da sentença *Visualizar todos os resultados para a forma [animis](#)*. Caso o usuário escolha esta ação, e clique no link, ele será redirecionado para uma página com o conteúdo das duas entradas, como pode ser visto nas imagens truncadas abaixo:

anima, animae substantivo feminino de primeira declinação			
I. Sentido próprio 1 Sopro, emanção, ar (Cic. Nat. 2, 138) 1.1 Alma (princípio vital), sopro vital, vida (Cic. Tusc. 1, 19). 1.2 Alma dos mortos (que se escapou do corpo por ocasião do passamento), alma (em oposição ao corpo) (Cic. Rep. 6, 3).		Observações Os substantivos de primeira declinação, em sua maioria, são do gênero feminino.	
	Singular	Plural	Observações
Nominativo	anima (o ar)	animae (os ares)	Genitivo arcaico: animai (Lucr.). Dativo plural e ablativo plural: animabus (decadência).

Acusativo	animam (ar)	animās (ares)
------------------	----------------	------------------

animus, animī
substantivo masculino de segunda declinação

1 Princípio pensante (em oposição a **corpus e anima**), espírito, alma (Cic. Tusc. 1, 8o)

1.1 Coração (como sede da coragem, dos desejos, das inclinações e das paixões), vontade, desejo, ânimo (Cic. Marc. 8).

1.2 Sede do pensamento, pensamento, inteligência (Cic. De Or. 3, 67).

1.3 [*Linguagem poética*] Caráter, condição, natureza (Verg. G. 2, 51).

Observações

Os substantivos de segunda declinação, em sua maioria, são do gênero masculino.

	Singular	Plural	Observações
Nominativo	animus (o espírito)	animī (os espíritos)	Correspondência entre casos e funções gramaticais:

No topo de cada verbete, com fundo azul, é informado o lema, seguido de informações gramaticais relativas a ele. Logo abaixo, com fundo branco, aparecem, no lado esquerdo da página, os equivalentes, enquanto que no lado direito, também com fundo branco e encabeçado pela palavra *Observações* em negrito, são dadas informações relativas aos equivalentes, ou sintáticas, ou de construções usuais que expliquem ou especifiquem alguma exceção. Abaixo é mostrada uma tabela de declinação do substantivo no lado esquerdo, enquanto que no lado direito aparece novamente uma parte intitulada *Observações*, mas o conteúdo mostrado aqui é diferente do que abordamos acima, pois as observações que acompanham a tabela de declinação tratam de informações sobre as formas, por isto elas têm conteúdo morfológico, apesar de poderem tratar de informações sintáticas, de construções usuais, com o mesmo critério já visto, isto é, o de explicar ou especificar alguma exceção.

Este tratamento da microestrutura é um modo de colocar em prática a microestrutura ampliada proposta por Wiegand (1989), da qual já tratamos. Todos os verbetes podem ser divididos em cinco partes ou em três partes, conforme a classe gramatical de que faça parte. A microestrutura dividida em cinco partes é esquematizada abaixo:

Lema	
Equivalências	Observações sintáticas
Tabela de declinação e/ou conjugação	Observações morfológicas

Este tipo de microestrutura é usado pelos substantivos, pelos adjetivos, por alguns pronomes, pelos verbos e por alguns numerais. A microestrutura dividida em três partes é esquematizada abaixo:

Lema	
Equivalências	Observações

Como se pode ver, há uma diferença deste formato da microestrutura com relação ao formato anterior, pois neste formato não são mostradas tabelas e, por consequência, não há a parte de observações morfológicas que, quando existem para estes verbetes, são mostradas na parte de observações que acompanha as equivalências. Na imagem abaixo é mostrada uma forma de uso da microestrutura estendida por um substantivo:

amātor, amātōris
substantivo masculino de terceira declinação (imparissílabo)

I. Sentido próprio

1 O que ama, amigo (Cic. At. 1, 20, 7).

2 Amoroso, apaixonado (usado adjetivamente) (Apul. Met. 5, 24).

Observações

Substantivos imparissílabos são os que no genitivo singular têm uma ou mais sílabas a mais do que no nominativo.

II. Sentido pejorativo

3 Dissoluto, libertino (Cic. Cael. 50).

	Singular	Plural	Observações
Nominativo	amātor (o que ama)	amātōrēs (os que amam)	Correspondência entre casos e funções gramaticais: Nominativo - Sujeito e predicativo; Vocativo - Vocativo, pode vir acompanhado de "ó"; Genitivo - Adjunto adnominal restritivo, acompanhado da preposição de (do, dos, da, das); Dativo - Objeto indireto, acompanhado da preposição a (ou para: o, para o, a, para a, à, os, para os, aos, as, para as, às); Ablativo - Adjunto adverbial, acompanhado da preposição por (pelo, pelos, pela, pelas); Acusativo - Objeto direto.
Vocativo	amātor (que ama)	amātōrēs (que amam)	
Genitivo	amātōris (do que ama)	amātōrum (dos que amam)	
Dativo	amātōrī (para o que ama)	amātōribus (para os que amam)	
Ablativo	amātōre (pelo que ama)	amātōribus (pelos que amam)	
Acusativo	amātōrem (que ama)	amātōrēs (que amam)	

A tabela de declinação apresenta para o usuário todas as formas possíveis em latim e cada uma delas é acompanhada de tradução, que é

feita com base em uma acepção, sendo geralmente a mais comum. Caso o verbete em questão não tenha alguma observação no Faria, ou, caso ele não tenha alguma informação que atenda aos critérios para ser inserida na parte de observações, há um conjunto do que nós chamamos de conteúdo informacional, que é preparado para estas situações. Nós chamamos assim este tipo de informação porque ele pode tratar de aspectos variados da entrada, como a predominância de um determinado gênero gramatical em certas declinações, menção de que a forma em questão tem uma grafia alternativa, além de muitas outras possibilidades. Em outras palavras, o conteúdo informacional dá algum tipo de explicação, mas, caso a explicação se torne muito extensa, então, damos prioridade a informar o usuário de algum lugar em que a informação completa possa ser encontrada.

No verbete da imagem acima, ambas as observações são do tipo conteúdo informacional, isto é, são informações básicas e breves sobre morfologia. Na observação que acompanha os equivalentes, há uma explicação sobre o que é um substantivo imparissílabo, esta explicação é baseada no que Almeida (2000, pp. 65-6) nos diz e, a partir da tabela com todas as formas declinadas, o usuário pode observar como isto se dá na prática. A observação que acompanha a tabela de declinação trata dos casos latinos, especificando a correspondência entre eles e as funções gramaticais como são estudadas para a língua portuguesa, além disso, são listadas as preposições que podem acompanhar cada função gramatical. Esta explicação também é baseada em Almeida (2000, pp. 13-24) e, a partir da tabela com todas as formas declinadas, o usuário pode observar como isto se dá na prática.

Já falamos sobre as formas que têm mais do que um índice e que podem ser visualizadas concomitantemente, agora voltamos a falar sobre este assunto para dar alguns detalhes adicionais. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, percebemos que as formas que aparecem em verbetes diferentes, que nós chamamos de formas agrupadas, podem ser usadas para mostrar ao usuário como elas se ligam umas às outras, o que nós fazemos de duas formas, ambas já mostradas em imagens, por isto não as reproduziremos novamente, apenas faremos referência a elas. A primeira possibilidade se dá quando o usuário digita alguma forma no campo de busca que tenha mais do que um índice, como *animis*, neste caso o usuário pode ver as entradas relativas às duas formas ao mesmo tempo. A segunda possibilidade pode ser vista na imagem acima, neste caso o usuário fez uma busca por *amator* e, após clicar no link que conduz ao verbete acima, o conteúdo completo do verbete é mostrado com a forma procurada mostrada em destaque, isto

é, com fundo azul e a fonte em cor branca. Neste caso, a forma *amator* corresponde tanto ao caso nominativo singular quanto ao caso vocativo singular. As outras formas declinadas também são links que, quando clicadas, executam a uma nova busca, assim, por exemplo, se o usuário clicasse em *amatoribus*, a página com o verbete seria mostrada novamente, mas, desta vez, as duas ocorrências de *amatoribus*, relativas ao caso dativo plural e ao caso ablativo plural, estariam em destaque.

No futuro, uma terceira forma de agrupar as informações será implementada no *Aoristo*, para ilustrar a explicação nos servimos de um verbete com microestrutura ampliada, dividida em três partes:

diū
advérbio de tempo

I. Sentido próprio

- 1 Muito tempo, durante muito tempo (Cic. C. M. 69).
1.1 Desde muito tempo, há muito tempo (Plaut. Merc. 541).

Observações

Comparativo: **diutius** (Cic. Lae. 104);
superlativo: **diutissime** (Cic. Lae. 4).
É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

Na parte de observações, o usuário é informado de que este advérbio possui as formas comparativa e superlativa. A nossa intenção é de não apenas dizer que estas formas existem, o que funciona como um sistema de remissão, mas nós também mostraremos as três formas agrupadas, isto é, *diu*, *diutius* e *diutissime*. Atualmente este modo de mostrar informações já está parcialmente implementado, o que pode ser visto no adjetivo *acer* e no verbo *amo*.

Tratamos agora do modo de contagem das entradas, pois isto está relacionado à nossa decisão de organizar o *Aoristo* com base nas formas. A contagem das entradas é feita a partir do modo de armazenamento, isto é, um substantivo é armazenado ligado ao lema em uma tabela, enquanto que em outra tabela estão armazenadas as formas. Quando o usuário procura, por exemplo, pela forma *virtutes*, o *Aoristo* apresentará para ele o conteúdo do verbete cujo lema é *virtus*, *virtutis*, embora o *Aoristo* possa ter também uma entrada separada com formas alternativas, assim, ele poderia consultar a forma *uirtutes*, que seria mostrada junto com o lema *uirtus*, *uirtutis*. Este modo de armazenar as entradas faz com todo o conteúdo seja duplicado caso o lema e as formas ligadas a ele tenham alguma forma alternativa. Ao fazer a contagem nos deparamos com o dilema de considerar estas entradas como apenas uma, pelo fato de terem o mesmo conteúdo semântico, ou

contar como duas entradas, pois a diferença nas formas tornaria as duas entradas passíveis de serem consideradas diferentes. Atualmente, elas são contadas como entradas diferentes, mas esta situação ainda não foi plenamente resolvida por nós e é possível que no futuro elas sejam consideradas como uma única entrada e, quando o usuário fizer a busca por alguma forma que tenha grafia alternativa, ele seja informado de que esta forma pode ter uma segunda grafia, deste modo ele poderá escolher se quer ver o conjunto de formas de apenas uma das entradas, ou se quer ver todas as formas agrupadas.

Por fim, chamamos a atenção para o fato de que o modo de armazenamento das informações, em conjunto com o modo de consulta a elas, possibilita que o usuário veja simultaneamente verbetes que não têm necessariamente o mesmo lema, em outras palavras, não há necessariamente homonímia. Para ilustrar esta situação, voltemos ao exemplo da consulta à forma *animis*, quando o usuário opta por ver as duas entradas é possível perceber que o lema da primeira é *anima*, *animae*, enquanto que o lema da segunda é *animus*, *animi*. O que acontece é que nos dois verbetes há a forma *animis*, e é apenas por isto que elas são sugeridas para visualização simultânea para o usuário, o que não aconteceria caso ele estivesse procurando pela forma *animae*, por exemplo. Neste caso ambos os verbetes são substantivos, o que é uma coincidência, mas uma busca por *acer*, por exemplo, mostra duas entradas de classes gramaticais diferentes, um substantivo e um adjetivo, que também podem ser visualizados juntos.

Terminamos esta seção salientando que, ao planejarmos e implementarmos o *Aoristo*, duas características foram de suma importância, trata-se da consultabilidade e da legibilidade, consideradas por Farias (2011, pp. 118-9) como fatores essenciais.

3.5 RESENHA DA LITERATURA

Neste trabalho, foram utilizados materiais variados para atingir o objetivo, em especial, consultamos os livros de que falamos abaixo.

O *Dicionário escolar latino-português*, de Ernesto Faria, é destinado aos estudantes de latim em seus níveis iniciais. Atualmente ele está em domínio público e tem a edição de 1962 disponibilizada pelo Ministério da Educação. O *Novíssimo dicionário latino-português*, de autoria de F. R. dos Santos Saraiva, doravante Saraiva, é destinado a usuários de diversos níveis. A edição utilizada é uma reprodução fac-similar da edição de 1927. O *Dicionário básico latino-português*, de

Raulino Busarello, doravante Busarello, é um dicionário de bolso, feito para os estudantes de latim em seus níveis iniciais.

A *Gramática latina*, de Napoleão Mendes de Almeida, trata da estrutura e do funcionamento do latim. Nela, os assuntos ou aspectos gramaticais são tratados em parágrafos numerados, o que facilita a consulta por assunto no índice remissivo. O livro *Iniciação ao latim*, de Zélia de Almeida Cardoso, tem como base uma explicação histórica da língua, em que a autora dá uma descrição sumária da morfossintaxe latina. São abordados, o sistema fonético, a classificação tipológica, a morfologia nominal, o sistema verbal e as palavras invariáveis do latim. Em seu livro de estudo da língua latina, *Initiation a la langue latine et son système*, Simone Deléani se utilizou de pequenos excertos de obras literárias latinas sem adaptação. Além disso, o método apresenta as informações sobre a língua latina comparada com a língua francesa moderna. Os livros *Gradus primus* e *Gradus secundus*, de Paulo Rónai, têm o mesmo princípio de construção, tratando do ensino de latim a partir de breves textos escritos pelo autor, junto com as informações gramaticais e o glossário. As lições aumentam aos poucos o nível de dificuldade. A apostila *Legenda Roma*, de Mauri Furlan, foi elaborada para ser utilizada nas aulas de língua latina da Universidade Federal de Santa Catarina e se baseia no livro *Reading latin*, de Peter V. Jones e Keith C. Sidwell, contendo textos dos autores Titus Maccius Plautus, Marcus Tullius Cicero e Gaius Sallustius Crispus.

O livro *Manual de técnica lexicográfica*, de José Álvaro Porto Dapena, trata tanto de metalexicografia quanto de lexicografia, isto é, tanto do aspecto teórico quanto do aspecto prático dos dicionários. Günther Haensch, em *Los diccionarios del español en el umbral del s. XXI*, trata de questões variadas sobre dicionários, dando ênfase às pesquisas recentes. No artigo “Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas”, Virgínia Sita Farias apresenta o modelo de Herbert Ernst Wiegand, em que a microestrutura é segmentada e ampliada. No artigo “On the structure and contents of a general theory of lexicography”, de Herbert Ernst Wiegand, o autor explica a teoria geral da lexicografia, como fazendo parte da metalexicografia. Por fim, no livro *Corpus, concordance, collocation*, de John McHardy Sinclair, o autor trata brevemente de muitos aspectos da linguística de *corpus*.

4 DESENVOLVIMENTO

Neste capítulo, tratamos dos problemas e das soluções encontradas ao transpormos o conteúdo do Faria para o *Aoristo*, para isto dividimos o conteúdo do capítulo em cinco seções, na primeira seção fazemos breves considerações sobre os materiais de ensino e aprendizado de língua latina utilizados nesta pesquisa, enquanto que na segunda seção tratamos da organização lexicográfica da microestrutura do *Aoristo*. Nas três seções seguintes tratamos das classes gramaticais latinas, comparando o modo como elas são registradas no Faria, no *Novíssimo dicionário latino-português* (doravante Saraiva), de Saraiva (1993) e no *Dicionário básico latino-português* (doravante Busarello), de Busarello (2003), com o modo que elas são mostradas no *Aoristo*.

O conteúdo dicionarizado utilizado para a construção do *Aoristo* tem origem apenas no Faria, enquanto que informações variadas usadas para complementar algo que nos pareceu necessário foram extraídas de materiais diversos, entre eles a *Gramática latina*, de Almeida (2000), o livro *Initiation a la langue latine et son système*, de Deléani (1975), os livros *Gradus primus* e *Gradus secundus*, ambos de Rónai (s/d e 1986, respectivamente), além da apostila *Legenda Roma*, de Furlan (2009). As classes gramaticais de que tratamos nas últimas três seções foram organizadas do seguinte modo: na primeira seção estão as classes gramaticais indeclináveis (interjeição, preposição, advérbio e conjunção); na segunda seção abordamos as classes gramaticais declináveis (substantivo, adjetivo, numeral e pronome); na terceira seção falamos dos verbos.

As três últimas seções têm uma estrutura semelhante, começando por uma breve definição da classe gramatical em questão, mas sem entrar em maiores detalhes. Em seguida, fornecemos uma lista dos autores, das obras e das modalidades textuais utilizadas em exemplos e citações das entradas, que são seguidas de uma breve análise. A lista que se segue trata das formas a serem analisadas, que, por sua vez, são seguidas de sua análise, na qual cada forma é mostrada a partir do lema ao qual está relacionado, para isto transcrevemos os verbetes do Faria, do Saraiva e do Busarello, sempre fazendo considerações sobre as diferenças e as semelhanças.

Para selecionar as formas a serem analisadas nas últimas três seções deste capítulo, estabelecemos os seguintes critérios:

- As formas prioritárias estão contidas na lista das 100 formas mais frequentes do LR;

- Cinco formas de cada classe gramatical são escolhidas, mas, caso alguma outra forma tenha informações ou organização diferente das demais formas da mesma classe gramatical, ela será analisada também.

Com estes critérios, procuramos abordar o máximo de possibilidades de organização da microestrutura para gênero gramatical, mas reconhecemos que tanto por termos limitado a análise a apenas cinco formas, quanto por termos no *Aoristo* apenas uma pequena parte do léxico latino, não podemos dizer que estamos sendo realmente representativos lexicalmente. Dentro das nossas limitações, no entanto, mostramos que a língua latina comporta bastante variedade.

Como dissemos desde o início deste trabalho, damos muita importância aos exemplos e às citações, justificamos esta situação na própria microestrutura ampliada, criada por Wiegand (1989) e explicada por Farias (2011), pois nela não apenas se reconhece que o conjunto de informações veiculadas nos verbetes pode ser variável, mas também pode ser imprevisível. Além disso, este tipo de microestrutura privilegia a interconexão informacional, algo que valorizamos muito. Alguns dos modos de ligar uma informação a outra são os exemplos, as citações, as tabelas, as observações nos comentários, além do agrupamento das entradas que tenham, por natureza, alguma ligação entre si.

Abaixo mostramos, em uma tabela, as classes gramaticais latinas, em que especificamos o número de ocorrências para cada uma delas, assim como a abrangência de cada uma delas no CL. As informações desta tabela foram obtidas através do Unitex:

Classe gramatical	Número de ocorrências	% do <i>corpus</i>
Interjeição	72.941	0,446%
Preposição	503.183	3,077%
Advérbio	882.818	5,399%
Conjunção	650.595	3,979%
Substantivo	2.485.952	15,205%
Adjetivo	1.212.854	7,418%
Numeral	21.605	0,132%
Pronome	770.307	4,711%
Verbo	2.292.325	14,021%
Total	8.892.580	54,388%

Os substantivos e os verbos são as formas que ocorrem com maior frequência no *corpus*, seguidos, nesta ordem, pelos adjetivos, pelos advérbios, pelos pronomes, pelas conjunções, pelas preposições, pelas interjeições e pelos numerais. Os números apresentados na tabela não chegam a surpreender, tomando como exemplo os pronomes, que, em latim, costumam ser usados como modo de dar ênfase a alguma pessoa do discurso. Os números que, no entanto, nos surpreendem são os da última linha da tabela, onde apresentamos os totais. O primeiro motivo da surpresa está na diferença do número obtido aqui, que é diferente do que vimos no capítulo anterior, pois lá o total era de 7.203.459 de formas simples (*simple forms*) e de 16.254.904 de ocorrências (*tokens*). O segundo motivo está na porcentagem total, 54,388%, que também é diferente do que se esperaria quando se faz o cálculo do quanto o número 8.892.580 representa do total 16.254.904, isto é, 54,707%. Na tabela abaixo mostramos os números de ocorrências por classe gramatical e a abrangência de cada uma delas no CL. As informações desta tabela foram obtidas através do TreeTagger:

Classe gramatical	Número de ocorrências	% do <i>corpus</i>
Interjeição	8.604	0,113%
Preposição	485.760	6,414%
Advérbio	586.570	7,745%
Conjunção	626.688	8,275%
Substantivo	1.940.597	25,626%
Adjetivo	1.003.401	13,250%
Numeral	82.010	1,082%
Pronome	756.716	9,992%
Verbo	2.082.301	27,497%
Total	7.572.647	99,994%

Na maior parte das vezes os números obtidos pelo TreeTagger são radicalmente diferentes dos obtidos pelo Unitex, como pode ser visto ao compararmos as interjeições e os numerais, por exemplo. Em algumas situações, no entanto, os números se aproximam, como nas preposições, nas conjunções e nos pronomes. Como já dissemos anteriormente, não sabemos como o Unitex faz o processamento das informações dos *corpora*, mas suspeitamos que tenha um princípio semelhante ao TreeTagger, isto é, usa uma análise probabilística para diferenciação da classe gramatical a partir de um arquivo que especifica como isto deve ser feito. Sabemos que o Unitex usa dicionários em

arquivos que especificam como as formas se flexionam, enquanto que o TreeTagger usa o que chama de arquivo de parâmetros. O que sabemos sobre o funcionamento dos softwares é muito pouco, portanto, mas precisamos confiar neles, mesmo sabendo que as informações obtidas podem, por consequência, distorcer a compreensão do *corpus*. Com base nas diferenças entre os números apresentados acima, escolhemos utilizar os números fornecidos pelo TreeTagger.

4.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DICIONÁRIOS E OS MATERIAIS UTILIZADOS NO ESTUDO DE LATIM

A versão primária que utilizamos do Faria é a 3ª. edição, de 1962, disponibilizada pelo MEC e que atualmente está em domínio público²⁸. Em alguns momentos, no entanto, usaremos a 6ª. edição do Faria, pois, no arquivo que está em domínio público, não aparecem algumas informações necessárias para as considerações que faremos em seguida, nestas situações avisaremos a que edição pertencem as informações em questão.

A 3ª. edição do Faria tem duas páginas dedicadas à introdução, numa delas há a lista com as principais abreviaturas, enquanto que na outra há uma lista com as abreviaturas dos nomes de autores e obras citados no corpo do Faria, mas, ao confrontarmos esta edição com a 6ª. edição do Faria, percebemos que a brevidade da introdução daquele se deve, possivelmente, a algum erro de digitalização, pois nesta edição o prefácio se estende por 10 páginas, incluindo um mapa do império romano, uma bibliografia, um prefácio com algumas informações sobre a língua latina, mas se concentrado principalmente numa breve biografia do autor, sem, no entanto, especificar o público alvo do Faria, fazendo apenas uma referência a isto no título, caracterizando-o como escolar, o que é pouco específico. Em seguida, há duas páginas dedicadas a uma homenagem ao autor, uma página dedicada ao alfabeto e à prosódia, cerca de meia página dedicada às principais abreviaturas e cerca de uma página e meia dedicada às abreviaturas dos nomes de autores e obras mais citados, além disso, em duas páginas há uma sinopse histórica da literatura latina. As duas edições do Faria já começam o corpo do dicionário logo após a introdução.

²⁸ Uma cópia do Faria pode ser obtida em um arquivo no formato PDF no seguinte endereço:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001612.pdf>

Tratamos agora de como a microestrutura normalmente se organiza no Faria, mas não mostraremos nenhum verbete porque nas três últimas seções deste trabalho mostraremos vários verbetes e discutiremos a sua organização em maiores detalhes. No Faria, às acepções se seguem imediatamente os exemplos e as citações. Uma característica das citações e dos exemplos do Faria que consideramos importante é o fato de que o autor tomou o cuidado de dizer exatamente em que lugar da obra pode ser encontrada a informação em questão, o que, por exemplo, toma a seguinte forma, (Cic. De Or. 2, 247). Após consultarmos a introdução do Faria, descobrimos que se trata do parágrafo 247 do segundo livro da obra *De Oratore*, cujo autor é Marcus Tullius Cicero.

As últimas características do Faria são as seguintes: os nomes próprios são registrados; as marcas de uso não são explicadas, o que pode se tornar problemático; há informações morfosintáticas variadas e, em vários momentos, elas são explicadas na parte informativa do verbete; não há informações etimológicas, embora em algumas ocasiões sejam mostradas formas arcaicas; não há informações sobre a pronúncia; as formas enclíticas são registradas.

Tratamos agora das características do Saraiva, cuja versão usada neste trabalho é a da edição sem número de 1993, reprodução fac-similar da edição de 1927, também sem número, por isto a grafia corresponde à época e que, sempre que o citamos, atualizamos. O título completo do dicionário é *Novíssimo dicionário latino-português, etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico etc.* cujo plano é baseado no *Dictionnaire français-latin*, de Louis-Marie Quicherat. Este dicionário tem em seu prefácio uma lista com 15 tópicos em que o autor explica como o seu dicionário foi composto, em vários momentos ele trata da necessidade de citar os autores e as obras que deram origem às equivalências usadas no dicionário. Ele também fala da importância da adequação das informações ao público alvo. Ao escrever o seu dicionário, Saraiva (1993) nos diz, na folha de apresentação, que o *Dictionnaire français-latin* é a base para o seu trabalho e, de fato, as duas obras são bastante semelhantes, inclusive ao não deixar muito claro quem é o público alvo.

A introdução é composta de nove páginas, três delas são dedicadas à explicação das abreviaturas e aos sinais convencionais, seguidas de seis páginas com uma lista dos autores e das suas obras, que são citados no corpo do dicionário. Passamos agora ao modo como a microestrutura do Saraiva normalmente se organiza, mas, novamente, não mostraremos nenhum verbete porque nas três últimas seções deste

trabalho mostraremos vários verbetes e discutiremos a sua organização em maiores detalhes. No Saraiva, as acepções são registradas no início do verbete, depois deles são mostrados os exemplos e as citações, sendo que a quantidade destes dois é bem superior ao que aparece no Faria. Tanto nos exemplos quanto nas citações, no entanto, o usuário é informado apenas do autor que deu origem à informação em questão. O Saraiva, assim como o Faria, também registra nomes próprios e também não explica as marcas de uso; as formas enclíticas são registradas.

Por fim, tratamos das características do Busarello, cuja versão usada neste trabalho é a da 6ª. edição, de 2003. Dos três dicionários utilizados neste trabalho este é o menor em tamanho e em número de entradas, 10.000, o que é especificado no prefácio da 5ª. edição, que faz parte da introdução. Também no prefácio, que ocupa duas das seis páginas da introdução, o autor nos diz que o público alvo a que este dicionário se destina é composto por iniciantes, inclusive o título também nos aponta isto. Além disso, somos informados de que os verbetes escolhidos são os mais frequentes na literatura latina e que os prefixos e os radicais são separados por hífen. As duas páginas iniciais da introdução são dedicadas às abreviaturas, enquanto que as duas últimas páginas são dedicadas a um segundo prefácio, específico para a edição atual. Diferentemente do Faria e do Saraiva, o Busarello não fornece qualquer exemplo, assim como não registra nomes próprios nem marcas de uso, mas registra as formas enclíticas.

Agora tratamos dos materiais utilizados no estudo de latim, que são quatro livros e uma apostila, começamos fazendo considerações sobre esta. A apostila, intitulada *Legenda Roma*, de Furlan (2009), foi elaborada para os estudantes do curso de letras da Universidade Federal de Santa Catarina, além disso, ela foi pensada para que a língua latina seja conhecida a partir de textos literários latinos. Ela é dividida em cinco partes, cada uma relacionada a um texto diferente, sendo que os três primeiros são adaptações de peças de Titus Maccius Plautus, o texto da quarta parte é uma adaptação de um conjunto de discursos de Marcus Tullius Cicero, enquanto que a quinta parte é a adaptação de trechos de um livro de história de Gaius Sallustius Crispus. Os textos em questão são retitados do livro *Reading latin*, ao qual já fizemos referência.

Os livros *Gradus primus* e *Gradus secundus*, de Rónai (s/d e 1986, respectivamente), foram escritos com a intenção de serem práticos, reunindo textos latinos originais do autor, a gramática pertinente às lições, além de um vocabulário. O público alvo é formado por alunos principiantes, mais precisamente, por estudantes do ensino médio, numa época em que o latim ainda era estudado em escolas.

O livro *Initiation a la langue latine et son système, manuel pour grands débutants I*, de Deléani (1975), compartilha de várias características com os livros de Rónai, mas foi escrito para quem já terminou os estudos escolares e que também tenha estudado latim. Os textos deste livro são adaptações de originais latinos, além disso, o livro inclui gramática, vocabulário e informações sobre a evolução do francês a partir do latim.

Os materiais de estudo vistos até agora têm algumas características em comum, como terem sido feitos para aumentar o nível de dificuldade a cada lição e também o fato de terem sido feitos para quem tem pouco ou nenhum conhecimento em latim. Estas características também são compartilhadas pelo livro de que trataremos agora, embora ele seja uma gramática. O livro *Gramática latina*, de Almeida (2000), baseia o seu método de ensino de latim na tradução de sentenças isoladas, em sua maior parte inventadas pelo autor e, somente no final, alguns textos são fornecidos ao estudante. Ao contrário dos materiais anteriores, na *Gramática latina* não é especificado um público alvo, em vez disso ele dá a entender que o estudo do latim é importante para todas as pessoas ao dizer que

Quando o aluno compreender quanta atenção exige o latim, quanto lhe prendem o intelecto e lhe deleitam o espírito as várias formas flexionais latinas, a diversidade de ordem dos termos, a variedade de construções de um período, terá de sobejo visto a excelente cooperação, a real e a insubstituível utilidade do latim na formação do seu espírito (ALMEIDA, 2000, p. 8).

Os parágrafos acima são pertinentes por nos mostrarem como são estruturados os materiais elaborados para serem usados por estudantes de latim em seus primeiros passos, embora tanto a gramática latina de Almeida (2000) quanto o livro de Deléani (1975) também possam ser usados por quem já tem algum conhecimento na língua. Outra justificativa à menção dos materiais diz respeito ao fato de que eles foram consultados em vários momentos com o objetivo de extraírmos conteúdos informacionais para o *Aoristo*, pois o Faria nem sempre forneceu algumas das informações que poderiam ser de alguma ajuda ao estudante que faz parte do público alvo que definimos no começo da nossa pesquisa. Na próxima seção, abordaremos em maiores

detalhes o modo como organizamos a microestrutura ampliada do *Aoristo*.

4.2 ORGANIZAÇÃO DA MICROESTRUTURA DO DICIONÁRIO *AORISTO*

Como já vimos anteriormente, o *Aoristo* usa a microestrutura ampliada proposta por Wiegand (1989). Agora vamos mostrar como ele se organiza internamente, começando pelo lema. Os lemas de todas as classes gramaticais são escritos em letras minúsculas e por extenso. Por exemplo, a forma *animarum* tem como lema *anima*, *animae*, enquanto que em dicionários impressos ele normalmente tem como lema *anima*, *ae* ou *anima*, *-ae*. Um verbo, ilustrado pela forma *abit*, por exemplo, tem como lema *abeo*, *abis*, *abire*, *abii*, *abitum*, enquanto que em dicionários impressos ele normalmente tem como lema *abeo*, *is*, *ire*, *ii*, *itum*, ou *abeo*, *-is*, *-ire*, *-ii*, *-itum*, ou ainda *abeo*, *is*, *ivi* ou *ii*, *itum*, *ire* (SARAIVA, 1993, p. 3). Neste último caso, há duas formas possíveis para a primeira pessoa do singular do pretérito perfeito, além disso, o infinitivo foi colocado depois do supino, enquanto que em outros dicionários ele normalmente é colocado antes do pretérito perfeito. Anteriormente, já explicamos como aplicamos a lematização ao *Aoristo*, por isto não o faremos novamente aqui.

No momento, homônímias não são indicadas ao usuário através de um índice numérico, por exemplo, em vez disso agrupamos os resultados caso o usuário assim o queira. Das 7.491 formas atualmente armazenadas no banco de dados do *Aoristo*, a maior parte está distribuída em uma relação unívoca, em que uma forma está ligada a apenas um verbete, mas há situações em que ela está ligada a vários verbetes, como é o caso da forma *malum*, que faz parte de um adjetivo, de quatro substantivos e de uma interjeição, sendo que no adjetivo e na interjeição faz parte do lema. A forma *malis* também tem ligação com seis verbetes, mas, neste caso, cinco deles são substantivos e um deles é um adjetivo. Este modo de funcionamento da visualização dos verbetes tem relação com o fato de o Faria e o *Aoristo* não informarem etimologias, um dos critérios normalmente considerados para a organização das entradas.

As informações gramaticais fornecidas para cada lema são detalhadas e sempre por extenso, por exemplo: adjetivo de segunda classe (parissílabo triforme); substantivo feminino de terceira declinação (imparissílabo); preposição regida por acusativo; advérbio de lugar e de tempo; verbo regular transitivo e intransitivo.

As equivalências polissêmicas são agrupadas, como é comum aos dicionários. Normalmente elas são antecedidas por um índice numérico sem qualquer pontuação, enquanto que as equivalências de sentido estendido ou especializado são colocadas abaixo das equivalências de que são provenientes, também sendo antecedidas de um índice numérico, mas, nestes casos, é utilizada pontuação, em que o primeiro número é igual ao número da equivalência de que provém, enquanto que o número que segue o ponto é sequencial e inicia em 1. Abaixo é mostrado um exemplo que ajuda a ilustrar o que já foi dito até o momento sobre a microestrutura do *Aoristo*:

habeō, habēs, habēre, habuī, habitum
verbo regular transitivo e intransitivo

I. Sentido próprio

- 1** Manter, manter-se (Ces. B. Civ. 3, 31, 3); (Sal. C. Cat. 52, 14)
1.1 Possuir, ocupar, tomar posse de, guardar (Verg. En. 2, 290); (Sal. B. Jug. 2, 3); (Cic. Verr. 5, 104); (Cic. Verr. 2, 47).
1.2 (Sentido próprio e figurado) Ter, haver (Ces. B. Gal. 1, 8, 1); (Cic. Verr. 2, 184); (Cic. Fam. 7, 26, 1); (Cic. Tusc. 1, 57); (Cic. Leg. 2, 57).

II. Sentido figurado

- 2** Tratar (Sal. B. Jug. 113, 2); (Sal. B. Jug. 64, 5).
3 Ter como, considerar como, julgar, avaliar (Cic. Nat. 1, 45); (Ces. B. Gal. 1, 44, 11); (Cic. Of. 1, 144).
4 Conhecer, saber (Cic. Rep. 2, 33).
5 Passar (o tempo) (Sal. C. Cat. 51, 12).

As acepções de um mesmo sentido são agrupadas, assim, pode haver repetição de acepções quando estas estão ligadas a sentidos diferentes, como pode ser visto tanto na imagem anterior quanto na imagem a seguir. Considerando o modo de estruturação das acepções, acreditamos que o critério para separação das acepções se baseia nos sentidos próprios ou figurados, de que já tratamos anteriormente, porque o autor do Faria se utiliza de marcas de uso como *Sentido próprio* e *Sentido figurado*, além de muitas outras. É possível que o autor também tenha feito a separação das acepções utilizando o critério dos componentes léxico-semânticos, o que justificamos com o uso dos exemplos e das citações, além disso, há situações em que uma acepção se repete, ligada a sentidos diferentes, tendo citações diferentes, como pode ser visto na imagem a seguir.

amor, amōris

substantivo masculino de terceira declinação (imparissílabo)

I. Sentido próprio**1** Amizade, afeição (Cic. Flac. 103).**1.1** Amor (lícito ou ilícito) (Plaut. Merc. 325).**1.2** Paixão, grande desejo (Cic. Sull. 73).**1.3** Paixão, grande amor (Ov. Met. 1, 452).**1.4** [*Sentido poético*] Desejo, vontade (sem conotação erótica) (Verg. En. 2, 10).Sub
geni
mai

Com relação à ordenação das acepções, o autor do Faria parece ter se utilizado do critério de ordenação lógica ou estrutural. Para ilustrar esta possibilidade, remetemos à imagem anterior, em que o sentido próprio, ou sentido básico, de *amor* seria “Amizade, afeição”, em seguida, são registrados sentidos ligados a ele, como amor, paixão (que aparece duas vezes) e desejo. O verbo *habeo*, citado em uma imagem anterior, segue o mesmo princípio, em que os sentidos figurados são marcados, assim o usuário pode perceber que entre o sentido próprio e o sentido figurado há grandes diferenças.

As marcas de uso do Faria e do *Aoristo* se identificam com o que Porto Dapena (2002) propõe, isto é, não são usadas apenas para restrição de uso, pois também identificam categorias gramaticais. Na área de equivalências do *Aoristo* há dois modos de utilização das marcas de uso, a primeira trata das marcas gramaticais que são registradas entre colchetes e podem, por exemplo, avisar ao usuário que numa determinada acepção se trata de um substantivo próprio, o que também pode acontecer quando tem um determinado sentido no singular ou no plural. As marcas diafásicas também são registradas entre colchetes, podendo tratar de avisar ao usuário que se trata de sentido poético ou de linguagem jurídica, ou mesmo de linguagem afetiva, além de várias outras possibilidades.

Entre parênteses aparecem informações para eliminar ambiguidades, por exemplo, no verbete *acer* aparece a acepção “Bordo (árvore)”, no verbete *bucina*, cujo sentido próprio é corneta de boieiro, aparece a acepção “Vigília (anunciada pelo toque de trombeta)”. Em outras palavras, as marcas entre parênteses tratam da conotação. Uma diferença adicional entre os dois modos de utilizar as duas notações está no posicionamento, as marcas entre colchetes são postas no início da linha e se aplicam a todas as acepções que a seguem, enquanto que as

marcas registradas entre parênteses são posicionadas imediatamente após a acepção a que se referem.

Tratamos agora do modo que utilizamos os exemplos, as citações e o que chamamos de indicações de uso. Os exemplos são reais, isto é, extraídos de autores latinos e sem ser modificados, além disso, eles são registrados em negrito, com a citação da fonte entre parênteses e a tradução entre aspas, como reproduzimos aqui: **navis longa, oneraria** (Ces. B. Gal. 3, 9, 1), “navio de guerra, (navio) de transporte”; (Cic. Par. 20). Este exemplo aparece no verbete *navis*, enquanto que a citação a seguir aparece no verbete *soror*, “Irmã (Ov. Met. 6, 662)”. A diferença entre um exemplo e uma citação se deve ao fato de que nesta somente se faz referência ao texto em que uma determinada acepção, relativa ao lema em questão, pode ser encontrada.

A indicação de uso, por sua vez, pode assumir duas formas diferentes, a primeira indica ao usuário que a forma em questão pode ser usada em conjunto com alguma outra forma, por exemplo, extraída da conjunção *quam*, “Com **tantus, tanti, tanto** (Cic. Mil. 58); (Cic. Lig. 15)”. Este exemplo é semelhante a uma citação, a diferença está no fato de que o que mostramos está registrado com a notação de um sentido lexical, mas não envolve um conteúdo semântico, em vez disso, é fornecida uma informação complementar, assumindo o formato de indicação de uma co-ocorrência, por isto não é acompanhado de tradução. A segunda forma de uma indicação de uso apenas se diferencia da primeira por vir acompanhada de tradução, como no exemplo a seguir, extraído da entrada da conjunção *vel*, “**Vel... vel**, ou... ou, seja... seja (Ces. B. Gal. 1, 6, 3)”.

Passamos agora à análise das formas relativas a cada classe gramatical, mostrando o formato final de cada uma delas na microestrutura ampliada, além disso, tratamos das informações extraídas dos *corpora* para cada uma delas.

4.3 UNIDADES LEXICAIS INDECLINÁVEIS

4.3.1 Interjeição

Segundo a gramática de Almeida (2000, p. 155), interjeição “é toda a palavra que denota manifestação repentina de nosso íntimo, que exprime resumida e subitamente um sentimento nosso”. No momento o *Aoristo* tem um total de sete interjeições que podem ser consultadas, dentre elas duas têm o mesmo conteúdo semântico, por isto o número efetivo de interjeições passa a ser seis.

Abaixo listamos os autores citados nos exemplos e nas citações do Faria, também listamos os nomes das obras de cada autor, assim como as modalidades textuais de cada uma delas:

Autor	Obra	Modalidade
Marcus Tullius Cicero	<i>Philippicae</i> (2) <i>Pro Milone</i> (1) <i>In Verrem</i> (1) <i>De Re Publica</i> (1) <i>Epistulae</i> ad <i>Familiares</i> (2)	Discurso político Discurso político Discurso jurídico Retórica Carta
Publius Ovidius Naso	<i>Heroides</i> (1)	Poema
Quintus Horatius Flaccus	<i>Epistulae</i> (1)	Poema

Antes de analisarmos as informações da tabela acima, precisamos esclarecer que, tanto nesta tabela quanto nas tabelas a seguir, não fazemos distinção entre obras usadas em exemplos e obras usadas em citações, além disso, para fins de uniformização, chamados todas estas ocorrências de citações.

A divisão das citações por autor mostra uma situação desproporcional, em que, do total de nove citações, sete delas são de Marcus Tullius Cicero, perfazendo 77,777% do total, enquanto que Publius Ovidius Naso e Quintus Horatius Flaccus tiveram suas obras citadas duas vezes, uma de cada um, perfazendo 22,222% do total. Com relação às obras, Marcus Tullius Cicero novamente é citado com mais frequência do que os outros dois autores, pois este ocupa 71,428% do espaço das citações, enquanto que Publius Ovidius Naso e Quintus Horatius Flaccus ocupam 28,570% do espaço das citações, sendo que 14,285% é destinado para cada um.

As modalidades literárias, por outro lado, foram melhor distribuídas, da seguinte forma: discurso político: três citações (33,333% do total); discurso jurídico: uma citação (11,111% do total); retórica: uma citação (11,111% do total); carta: duas citações (22,222% do total); poema: duas citações (22,222% do total). Além disso, há uma predominância quantitativa de obras utilizadas como fonte de citações provenientes de duas modalidades: discurso político e poesia.

O período de tempo em que os três autores viveram abarcou pouco mais do que um século, de 106 a.C. até 17 d.C., isto é, aproximadamente do final do período arcaico até o começo do período clássico, o que nos mostra um panorama com pouca abrangência e

pouca representatividade. Os números, no entanto, ainda não são conclusivos, pois o *Aoristo* ainda tem um número muito limitado de interjeições. Estes dados, junto com os outros relativos às classes gramaticais restantes, poderão nos apontar uma tendência e, com base nisso, tomaremos decisões quanto ao futuro do *Aoristo*, além de compreendermos melhor a constituição do Faria.

Para comparação entre o formato impresso e o formato final no *Aoristo*, assim como para análise, foram escolhidas cinco interjeições, mostradas na tabela abaixo, na qual utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- OLR: Ocorrências no LR;
- OCL: Ocorrências no CL;
- FLR: Frequência de ocorrência no LR;
- FCL: Frequência de ocorrência no CL.

Interjeição	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>a</i>	58	0,387%	32.847	0,455%
<i>ah</i>	0	0%	107	0,001%
<i>heu</i>	5	0,033%	465	0,006%
<i>heus</i>	6	0,040%	194	0,002%
<i>o</i>	34	0,227%	2.736	0,037%

Na tabela acima a forma *a* está no topo de ambas as listas de frequência, isto se deve muito mais ao fato de que esta interjeição é homógrafa à preposição *ab*, que também pode ser escrita nas formas *abs*, *as* e *a*, do que necessariamente a um uso acentuado da interjeição. Com a forma *o* ocorre uma situação semelhante, embora não tenhamos descoberto outras possibilidades para referências à forma *o* além da letra do alfabeto. Para descobrir o número de ocorrências das interjeições *a* e *o* usamos expressões regulares Unix, com as quais pesquisamos nos *corpora* etiquetados morfossintaticamente através do TreeTagger. Descobrimos que a interjeição não aparece nenhuma vez no LR, enquanto que a preposição *a* aparece 48 vezes. No CL, por sua vez, a interjeição *a* aparece 40 vezes, enquanto que a preposição aparece 29.609 vezes. A interjeição *o* aparece 34 vezes no LR e 2.442 vezes no CL. Com base nestes resultados a tabela pode ser refeita da seguinte forma:

Interjeição	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>a</i>	0	0%	40	0,001%
<i>ah</i>	0	0%	107	0,001%
<i>heu</i>	5	0,033%	465	0,006%
<i>heus</i>	6	0,040%	194	0,002%
<i>o</i>	34	0,227%	2.442	0,033%

As mudanças para a interjeição *a* foram grandes, mas o mesmo não aconteceu com a interjeição *o*. Passamos agora para a análise das formas listadas acima, começando pela interjeição *a*, cuja forma final é a seguinte no *Aoristo*:

ã

interjeição

Ah! Ai! Oh! Exprime fortes emoções, como a sua correspondente portuguesa *ah!* Indica, assim, sentimentos diversos: dor, alegria, cólera, admiração, espanto, ameaça, indignação. Pertence, principalmente, à língua falada e à poesia (Cic. Rep. 1, 59).

Observações
O mesmo que *ah*.
É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

Com relação à entrada *ah*, as únicas diferenças de conteúdo estão no lema e na parte de observações, onde se esclarece que a interjeição em questão tem o mesmo conteúdo semântico que a entrada atual, a interjeição *a*. Além disso, há um conteúdo informacional adicional, não registrado no Faria, trata-se da última parte, onde é dito que esta é uma forma indeclinável, com uma breve explicação do que isto quer dizer. No Faria a interjeição *a* é registrada do seguinte modo:

ã, ou ãh – interj. Veja *ah*. (FARIA, 1962, p. 11).

Esta remissão nos conduz à página 55 do Faria, na qual a entrada está registrada da seguinte forma:

ah, ou *ã*, interj. Ah! ai! Oh! Exprime fortes emoções, como a sua correspondente portuguesa *ah!* Indica, assim, sentimentos diversos: dor, alegria, cólera, admiração, espanto, ameaça, indignação. Pertence, principalmente, à língua

falada e à poesia (Plaut., Ter., Verg., Catul., Ov.); (Cic. Rep. 1, 59). (FARIA, 1962, p. 55).

Das informações registradas no Faria apenas uma não chegou ao *Aoristo*, trata-se da lista de escritores citados. A decisão de não incluí-la tem como base o fato de que este tipo de informação não poderia ser comprovada sem que o usuário tivesse acesso às obras e procurasse nelas a forma em questão, o que contraria o nosso princípio de sempre apontar com precisão onde está localizada a informação.

O Saraiva tem entradas distintas para a interjeição e para a preposição, esta tem um conteúdo bastante extenso, enquanto que aquela tem o seguinte conteúdo:

Ā, *interj.* em vez de *Ah*. *A, quoties frustra pulsatos æquore montes obruit illa dies!* LUCAN. Ah, quantas vezes montes em vão açoutados pelo mar aquele dia sepultará! Ved. *Ah*. (SARAIVA, 1993, p. 1).

Na primeira e na última linha, há uma referência a outra forma da interjeição, grafada como *ah*, cujo conteúdo é o seguinte:

Āh!, *interj.* (*contrac.* de *Aha*, talv. do hebr. אַה, ahah). VIRG. OV. HOR. Ah, aí, exprimindo ordinar. a dor. § TER. PLAUT. Também exprime o espanto, admiração, indignação, repreensão, alegria, zombaria. (SARAIVA, 1993, p. 54).

Este conteúdo está mais de acordo com o que é fornecido pelo *Aoristo*, embora neste haja uma explicação de uso um pouco mais detalhada, além de atribuir o seu uso “principalmente, à língua falada e à poesia” (FARIA, 1962, p. 55). A outra forma citada, *aha*, tem o seguinte conteúdo no Saraiva:

**Āhă*, *interj. arc. primit.* de *Ah*. PLAUT. O m. q. o preced. (SARAIVA, 1993, p. 54).

Como o próprio conteúdo explica, esta entrada foi posta imediatamente depois da entrada *Āh*. O asterisco anteposto ao lema, diferentemente do sentido linguístico atual, sinaliza um arcaísmo ou um neologismo, mais precisamente “mostra que a palavra é de mau cunho (quer arcaísmo, quer neologismo)” (SARAIVA, 1993, p. III), como nos

diz o autor na seção de explicação das abreviaturas. No Busarello, por sua vez, a interjeição tem o seguinte conteúdo, sem qualquer informação adicional:

ă ou **ăh**, interj. ah!, ai!. (BUSARELLO, 2003, p. 11).

O Busarello não emprega exemplos em momento algum, o que permite imprimir as suas 10.000 entradas em 300 páginas de 10,8cm x 15,4cm.

Passamos agora à interjeição *heu*, que tem pouco conteúdo semântico, da mesma forma que *a*:

heu interjeição

Ah!, ai!, ui! (Cic. Phil. 7, 14). Indica principalmente dor.

Observações

Vem geralmente acompanhada de acusativo. É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

No Faria, a interjeição *heu* é registrada do seguinte modo:

heu, interj. Ah!, ai!, ui! (Cic. Phil. 7, 14). Indica principalmente dor, vindo geralmente acompanhada de acus. (FARIA, 1962, p. 448).

No *Aoristo*, a parte que se refere ao uso é registrada nas observações, junto com o conteúdo informacional usado para todas as formas indeclináveis. No Saraiva, a entrada é registrada da seguinte forma:

Heū (φεῦ), *interj.* que exprime dor (junta-se a nom. e a acc.). VIRG. OV. Ah! Oh! Ai! Hui! [...] Ved. *Eheu*. (SARAIVA, 1993, p. 550).

Seis exemplos são dados nesta entrada, por Saraiva (1993), enquanto que no *Aoristo* somente é indicado para o usuário o trecho de uma obra em que a interjeição em questão pode ser encontrada. Saraiva (1993, p. 550) também nos diz que essa interjeição pode vir

acompanhada de nominativo, além de acusativo. No final, há remissão para a entrada *eheu*:

Ēheū e Heū, heū ou **Heūheū**, *interj.* que exprime dor. TER. VIRG. Ah! ai! ui! (SARAIVA, 1993, p. 411).

Dois exemplos são dados nesta entrada, um deles é diferente dos exemplos fornecidos para a entrada *heu*. Os exemplos fornecidos na entrada *eheu* são dados na forma *heu*. O Busarello coloca a interjeição em duas entradas separadas, sendo que a primeira delas é registrada da seguinte forma:

heu, *interj.* de dor; ai!, ah!, hui!. (BUSARELLO, 2003, p. 128).

A segunda entrada, por sua vez, é registrada da seguinte forma:

heu, *interj.* para chamar a atenção; olá!, olha!, escuta!. (BUSARELLO, 2003, p. 128).

Após verificarmos os conteúdos da entrada *heus* no Faria e no Saraiva, percebemos que se trata de uma incorreção no lema da segunda entrada, que na verdade corresponde a *heus*. Agora tratamos desta interjeição, que no *Aoristo* tem a seguinte forma:

heus!
interjeição

Olá! olha! escuta! (Cic. Mil. 6o). É usada principalmente para chamar ou interpelar.

Observações

Vem frequentemente acompanhada de vocativo.
É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

Esta interjeição tem seu formato bastante semelhante a *heu*, isto é, tem pouco conteúdo semântico, no qual também aparece uma indicação de uso pragmático. Além disso, nas observações, há indicação do modo de uso, neste caso, indicando que frequentemente co-ocorre com o caso vocativo. Esta última informação, no *Aoristo*, é registrada nas observações. No Faria, a entrada é apresentada da seguinte forma:

heus! interj. Olá! olha! escuta! (Cic. Mil. 60). É usada principalmente para chamar ou interpelar, vindo frequentemente acompanhada de voc. (FARIA, 1962, p. 448).

No Saraiva, a interjeição *heus* é registrada da seguinte forma:

Heūs, *interj.* de quem chama. VIRG. Olá, olha, escuta. (SARAIVA, 1993, p. 550).

Para esta entrada, o Faria não fornece exemplos, enquanto que o Saraiva (1993) fornece quatro exemplos. Por outro lado, o conteúdo semântico é igual nos três dicionários. Já mostramos acima como o Busarello registra a interjeição, por isto não trataremos novamente dela.

Por fim, tratamos da interjeição *o*, que tem um conteúdo mais extenso do que as vistas anteriormente, expondo informações ligadas a alguns casos latinos, embora o conteúdo em si não mude, além de explicar quais emoções estão envolvidas nesta interjeição. Abaixo mostramos como ela aparece no *Aoristo*:

ō interjeição

Ó. Exclamação que serve para chamar, invocar, ou que indica uma forte agitação de espírito, espanto, admiração, perturbação etc.

Observações

É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

1 Usada com vocativo

o mi Furni (Cic. Fam. 10, 26, 2), "ó meu querido Fúrnio".

2 Usada com nominativo exclamativo

o conservandus civis (Cic. Phil. 13, 37), "ó cidadão digno de ser poupado".

3 Usada com acusativo (indicando que o

pensamento do sujeito se dirige para um objeto)

o me perditum (Cic. Fam. 14, 4, 3), "ó pobre de mim".

4 Às vezes, usada como partícula

o utinam (Ov. Her. 1, 5), "oxalá que".

Cada acepção tem um exemplo de uso e na parte das observações há somente o conteúdo informacional. No Faria, a interjeição *o* é registrada do seguinte modo:

ō – interj. Ó. Exclamação que serve para chamar, invocar, ou que indica uma forte agitação de espírito, espanto, admiração, perturbação etc. Junta-se ao: 1) Voc.: **o mi Furni** (Cic. Fam. 10, 26, 2), «ó meu querido Fúrnio». 2) Nom. exclamativo: **o conservandus civis** (Cic. Phil. 13, 37), «ó cidadão digno de ser poupado». 3) Acus.: (indicando que o pensamento do sujeito se dirige para um objeto): **o me perditum** (Cic. Fam. 14, 4, 3), «ó pobre de mim». 4) Às vezes, junta-se a uma partícula: **o utinam** (Ov. Her. 1, 5), «oxalá que». (FARIA, 1962, p. 659).

O Saraiva nos fornece o seguinte conteúdo para a interjeição *o*:

Ō, e algumas vezes Ő, antes duma vogal breve, *interj.* empregada mormente para chamar, para invocar; exprime também um desejo, admiração, espanto, perturbação, surpresa, indignação, zombaria, alegria, compaixão, dor etc. (SARAIVA, 1993, p. 796).

Em seguida, o autor apresenta um total de 12 citações, das quais três delas são iguais aos exemplos fornecidos para as acepções de números 1, 3 e 4 do Faria, com as traduções quase idênticas. No Busarello o conteúdo nos é brevemente informado da seguinte forma:

o, int. ó!, oh! (BUSARELLO, 2003, p. 182).

Uma das acepções tem conteúdo diferente do que foi visto nos outros dicionários, trata-se de “oh”, embora esta seja uma variação gráfica de “ó”. Nenhuma informação adicional é fornecida.

Cada um dos três dicionários citados aqui nesta seção tem características próprias, como a maior ou menor quantidade de citações, a localização dos exemplos junto às acepções ou depois de todas elas, assim como a presença ou não das informações de uso. Há uma característica, no entanto, semelhante aos três, trata-se do conteúdo semântico. Esta semelhança pode ser percebida mesmo ao compararmos o Busarello, que costuma ser bastante sintético, com o Faria e com o Saraiva, que registram outras acepções e usos.

4.3.2 Preposição

Segundo a gramática de Almeida (2000, p. 144), preposição “é toda a palavra que serve para ligar duas outras”, esta ligação pode ser de substantivo com substantivo, substantivo com adjetivo, substantivo com verbo etc. O que vem depois da preposição chama-se regime, por isto “as preposições *regem*, isto é, subordinam. [...] [E]m latim a regência é indicada pelos casos” (ALMEIDA, 2000, p. 144). Embora o autor indique nesta mesma página que as preposições sejam regidas somente por dois casos, acusativo e ablativo, há situações raras em que elas são regidas por genitivo, como *tenus* e *causa*.

No momento, o *Aoristo* tem um total de 27 preposições que podem ser consultadas. Dentre estas preposições, dois conjuntos delas têm o mesmo conteúdo semântico, o primeiro conjunto é formado pelas preposições *a*, *ab* e *abs*, enquanto que o segundo conjunto é formado por *e* e *ex*, por isto o número efetivo de preposições passa a ser de 24.

Abaixo listamos os autores relacionados nos exemplos e nas citações do Faria, também listamos os nomes das obras de cada autor, assim como as modalidades textuais de cada uma delas:

Autor	Obra	Modalidade
Marcus Tullius Cicero	<i>In Verrem</i> (14)	Discurso jurídico
	<i>Pro Cluentio</i> (7)	Discurso jurídico
	<i>Pro Sestio</i> (2)	Discurso jurídico
	<i>Pro Fonteio</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Flacco</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Caelio</i> (2)	Discurso jurídico
	<i>Pro Roscio Amerino</i> (2)	Discurso jurídico
	<i>Pro Quinctio</i> (2)	Discurso jurídico
	<i>Philippicae</i> (2)	Discurso político
	<i>Pro Milone</i> (1)	Discurso político
	<i>In Catilinam</i> (2)	Discurso político
	<i>De Imperio Cn. Pompei</i> (1)	Discurso político
	<i>De Lege Agraria</i> (2)	Discurso político
	<i>De Re Publica</i> (4)	Retórica
	<i>De Oratore</i> (10)	Retórica
	<i>Brutus</i> (4)	Retórica
	<i>Epistulae ad Familiares</i> (7)	Carta
	<i>Epistulae ad Atticum</i> (10)	Carta
	<i>Tusculanae Quaestiones</i> (3)	Filosofia

	<i>De Finibus Bonorum et Malorum (3)</i> <i>De Officiis (4)</i> <i>Academica (1)</i> <i>Paradoxa Stoicorum (1)</i> <i>De Natura Deorum (1)</i> <i>Timaeus (1)</i>	Filosofia Filosofia Filosofia Filosofia Filosofia Filosofia
Gaius Julius Caesar	<i>De Bello Gallico (24)</i> <i>De Bello Civili (4)</i>	Comentários Comentários
Titus Livius Patavinus	<i>Ab Urbe Condita Libri (12)</i>	História
Quintus Horatius Flaccus	<i>Epistulae (2)</i> <i>Satirae (1)</i>	Poema Poema
Publius Vergilius Maro	<i>Aeneis (3)</i> <i>Georgica (1)</i>	Poema Poema
Gaius Plinius Secundus	<i>Historia Naturalis (1)</i>	História
Gaius Plinius Caecilius Secundus	<i>Epistulae (2)</i>	Carta
Publius Cornelius Tacitus	<i>Annales (1)</i>	História
Quintus Curtius Rufus	<i>Historiarum Alexandri Magni Libri qui Supersunt (1)</i>	História
Publius Ovidius Naso	<i>Metamorphoseon Libri (1)</i>	Poema
Gaius Sallustius Crispus	<i>Bellum Iugurthinum (1)</i>	História
Titus Maccius Plautus	<i>Truculentus (1)</i> <i>Trinummus (1)</i>	Teatro Teatro
Publius Terentius Afer	<i>Hecyra (1)</i>	Teatro

A divisão das citações por autor mostra uma situação desproporcional, em que, das 145 citações, 88 delas são de Marcus Tullius Cicero, perfazendo 60,689% do total, enquanto que Gaius Julius Caesar, o segundo autor mais citado, com 28 ocorrências, perfaz 19,310% do total, com apenas duas obras. O terceiro autor mais citado, e último a ter pelo menos 10 ocorrências, é Titus Livius Patavinus, com

12 citações, perfazendo 8,275% do total, com apenas uma obra. Os 10 autores restantes correspondem a 11,724% do total, tendo sido citados 17 vezes, com as suas 13 obras.

As nove modalidades literárias, por outro lado, foram um pouco melhor distribuídas, da seguinte forma: discurso político: 31 citações (21,379% do total); comentários: 28 citações (19,310% do total); carta: 19 citações (13,103% do total); retórica: 18 citações (12,413% do total); história: 16 citações (11,034% do total); filosofia: 14 citações (9,655% do total); discurso político e poesia: 8 citações cada uma (5,517% do total cada uma); teatro: 3 citações (2,068% do total). Além disso, há uma predominância quantitativa de obras utilizadas como fonte de citações provenientes de duas modalidades: discurso jurídico e filosofia.

O período de tempo em que os 13 autores viveram abarcou quase quatro séculos, de 254 a.C. até 113 d.C., isto é, quase todo o período arcaico até a primeira década do período pós-clássico, o que nos mostra um panorama com abrangência e representatividade considerável. Os números, no entanto, ainda não são conclusivos, pois o *Aoristo* ainda tem um número muito limitado de preposições.

Para a comparação entre o formato impresso e o formato final no *Aoristo*, assim como para a análise, foram escolhidas seis preposições, mostradas na tabela abaixo, na qual utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- OLR: Ocorrências no LR;
- OCL: Ocorrências no CL;
- FLR: Frequência de ocorrência no LR;
- FCL: Frequência de ocorrência no CL.

Preposição	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>in</i>	249	1,662%	141.874	1,969%
<i>ad</i>	129	0,861%	57.789	0,802%
<i>cum</i>	80	0,534%	59.699	0,828%
<i>a</i>	58	0,387%	32.847	0,455%
<i>ab</i>	28	0,186%	21.093	0,292%
<i>abs</i>	0	0%	441	0,006%
<i>de</i>	35	0,233%	33.913	0,470%
<i>e</i>	29	0,193%	5.409	0,075%
<i>ex</i>	45	0,300%	30.889	0,428%

Na tabela acima, a forma *a* pode ser confundida com a preposição *a*, mas na seção anterior já fizemos buscas nos *corpora* através de expressões regulares para descobrir o total de ocorrências de cada uma delas, o que mostraremos abaixo. Com a forma *cum*, ocorre uma situação semelhante, podendo ela ser tanto uma preposição quanto uma conjunção. O mesmo acontece com a forma *e*, embora não tenhamos descoberto outras possibilidades para referências à forma *e* além da letra do alfabeto.

Para as três formas, descobrimos que a preposição *a* aparece 48 vezes no LR, enquanto que no CL ela aparece 29.609 vezes. A preposição *cum* aparece 46 vezes no LR e 58.163 vezes no CL, enquanto que a conjunção *cum* não aparece nenhuma vez no LR e uma vez no CL. A preposição *e*, por sua vez, aparece 22 vezes no LR e 5.161 vezes no CL. Com base nestes resultados, a tabela pode ser refeita da seguinte forma:

Preposição	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>in</i>	249	1,662%	141.874	1,969%
<i>ad</i>	129	0,861%	57.789	0,802%
<i>cum</i>	46	0,307%	58.163	0,807%
<i>a</i>	48	0,320%	29.609	0,411%
<i>ab</i>	28	0,186%	21.093	0,292%
<i>abs</i>	0	0%	441	0,006%
<i>de</i>	35	0,233%	33.913	0,470%
<i>e</i>	22	0,146%	5.161	0,071%
<i>ex</i>	45	0,300%	30.889	0,428%

As mudanças na quantidade das preposições variaram em maior ou menor grau, no entanto isto não afetou muito o resultado final. Passamos agora para a análise das formas listadas acima, começando pela preposição *in*, cuja forma final é a seguinte no *Aoristo*:

in
preposição regida por acusativo e por ablativo

I. Com acusativo (indicando resultado de um movimento). Sentido próprio e figurado
1 [Sentido local] Em
 in partum accedere (Cic. Verr. 5, 138), "penetrar no porto".
2 [Sentido local] Do lado de (indicando direção)
 in meridiem (Tac. Agr. 10), "do lado do meio-dia".

Observações
Como preverbo conserva o mesmo sentido da preposição: **sum** e **insum**; **fero** e **infero**; **mitto** e **immitto**.
O preverbo **in** junta-se, muitas vezes, a verbos incoativos para mostrar passagem a um novo estado: **involasse** (suares, mal).

II. Com ablativo (sem movimento). Sentido próprio e figurado

10 [Sentido local] Em, dentro de, sobre

in senatu litteras recitare (Cic. Fam. 3, 3,2), "fazer a leitura de uma carta no senado".

A preposição *in* tem um conteúdo bastante extenso, por isto separamos o conteúdo da entrada em duas imagens truncadas, em que mostramos apenas o começo dos dois conjuntos de sentidos: o primeiro trata do uso da preposição com o caso acusativo, enquanto que o segundo trata do uso da preposição com o caso ablativo. O uso desta preposição com ambos os casos é indicado junto ao lema, no topo da página. Nas observações, além do conteúdo informacional usual as classes gramaticais indeclináveis, cinco informações adicionais são fornecidas ao usuário, a primeira trata do uso como preverbo, a segunda também trata da preposição usada como preverbo, acrescentando dados sobre verbos com o aspecto incoativo. A terceira trata da assimilação da letra *n*, assunto da morfologia, a quarta também trata de morfologia, desta vez falando sobre a mudança da letra *n* para *m*. A quinta dá informação sobre como evitar ambiguidade, ou incompreensão, ao dizer que a preposição *in* é diferente do prefixo homógrafo. No Faria a preposição *in* é registrada do seguinte modo:

in, prep. e preverbo. Como prep. aparece: I – Com acus. (indicando resultado de um movimento). Sent. próprio e figurado: a) Sent. local: 1) Em: **in portum accedere** (Cic. Verr. 5, 138), «penetrar no porto». 2) Do lado de (indicando direção): **in meridiem** (Tac. Agr. 10), «do lado do meio-dia». B) Sent. temporal: 3) Até, para (Hor. Ep. 1, 18, 34) (Cic. Fam. 5, 15, 1). Em expressões: **in praesens**, **in posterum**, **in futurum** (Cic. Cat. 1, 22); (T. Liv. 34, 27, 10), «no presente, para o futuro»; **in dies** (T. Liv. 22, 39, 15), «cada dia, dia a dia»; **in annos singulos** (Ces. B. Gal. 5, 22, 4), «cada ano». c) Sent. diversos: 5) Em (indicando dimensão): **in agrum** (Hor. Sat. 1, 8, 12), «no sentido do campo» (i.e., em profundidade). 6) Para, por (sent. distributivo): **in militem** (T. Liv. 22, 23, 6), «por soldado». 7) Para, a fim de, em vista de: **venire in funus** (Cic. At. 16, 18, 1), «vir para os funerais». 8) Conforme, segundo, à maneira de: **servilem in modum** (Cic. Verr. pr. 13), «à maneira dos

escravos». 9) Para com: **amor in patriam** (Cic. De Or. 1, 196), «amor para com a pátria». 10) Por, a favor de ou contra: **carmen in aliquem scribere** (Cic. De Or. 2, 352), «compor um poema a favor de alguém»; **oratio, quam in Ctesiphontem contra Demosthenem dixerat** (Cic. De Or. 3, 213), «o discurso que ele pronunciava contra Ctesifonte, visando Demóstenes». II – Com abl. (sem movimento). Sent. próprio e figurado: a) Sent. local: 1) Em, dentro de, sobre: **in senatu litteras recitare** (Cic. Fam. 3, 3,2), «fazer a leitura de uma carta no senado». 2) Em, com: **in veste candida** (T. Liv. 45, 20, 5), «com uma veste branca». 3) Em, em tal obra ou autor: **in Thucydide** (Cic. Or. 234), «na obra de Tucídides». b) Sent. temporal: 4) Em, por: **bis in die** (Cic. Tusc. 5, 100), «duas vezes por dia». 5) Durante: **in consulatu** (Ces. B. Gal. 1, 35, 2), «durante o consulado». c) Sent. diversos: 6) No meio de: **in summo timore omnium advolavit** (Cic. Clu. 25), «ele acorreu no meio da consternação geral». 7) A propósito de, quando se trata de, a respeito de: **in hoc ipso Cotta** (Cic. Br. 137), «a propósito precisamente desse Cota». 8) Apesar de, dado que: **in tanta multitudine dediticiorum suam fugam occultari posse existimabant** (Ces. B. Gal. 1, 27, 4), «eles pensavam que, dada esta afluência enorme de pessoas que se rendiam, poderia passar despercebida a sua fuga». 9) Entre, no meio de: **in mediocribus oratoribus habitus** (Cic. Br. 100), «tido no meio dos oradores medianos». III – Como prevérbio conserva o mesmo sentido da prep.: **sum** e **insum**; **fero** e **infero**; **mitto** e **immitto**. O prevérbio **in** junta-se, muitas vezes, a verbos incoativos para mostrar passagem a um novo estado: **incalesco** (aqueço-me), **insuesco** (eu me acostumo), **inveterasco** (torno-me velho). Obs.: 1) Em composição, o **n** do prevérbio se assimila antes de **l**, **r**, **m**: **illabor**, **irrumpo**, **immitto**. 2) O **n** passa a **m** antes de **p**, **b**: **impello**, **imbibo**. 3) Não se confunda o prevérbio **in** com **in**, prefixo privativo ou de negação (**indoctus**, **insanus** etc.). (FARIA, 1962, p. 478)

O Saraiva, por sua vez, tem cinco entradas para a forma *in*, que são registradas da seguinte maneira:

1 *ĩ* (êv), *prep.* de *abl.* 1º. Em, a; sobre; *fig.* Em, a respeito, acerca de, com respeito a; 2º. Com, em; 3º. Sob, debaixo de; 4º. Entre, no meio de; 5º. Em, durante; 6º. Depois de; 7º. A respeito de, para com; 8º. Por, por causa, por amor de; 9º. De, como. [...]

2 *in*, *prep.* de *acus.* 1º. A, para, em; a, sobre; perto de; a; diante, em face de, em frente a; perante; por, através; *fig.* Em, a; 2º. Para com, a respeito de; 3º. Contra; 4º. Em, conforme, consoante, segundo, do mesmo modo, da mesma forma que; 5º. Para, para a parte, para o lado de; 6º. Para, para o fim de; com respeito, tocante a; para servir de, com aplicação a; 7º. Até a; 8º. Para (designando tempo futuro) durante; 9º. Por (indicando distribuição), em. [...]

3 *in*, como partícula inseparável, indica superposição, aplicação em cima [...]. Como partícula enfática, servindo de dar força ao simples [...].

4 *in*, partícula negativa, unida a adjetivos, participios, substantivos e advérbios [...].

5 *ĩn'*, *sínc.* e *apoc.* por *Isne*. (SARAIVA, 1993, p. 586).

Das entradas acima não reproduzimos as citações. As duas primeiras entradas têm a marca de uso *frases diversas*, em que as citações fornecidas são agrupadas, cada uma delas tem 10 grupos de citações. A terceira entrada tem múltiplas indicações de uso, enquanto que a quarta e a quinta têm apenas uma indicação de uso. Os conteúdos das entradas nos dois dicionários são bastante grandes, o Faria, por exemplo, se utiliza de algumas marcas de uso, como *sentido local*, *sentido temporal*, *indicando dimensão*. O Busarello novamente é bastante breve em seu conteúdo:

in, *prep.* c. *abl.* em, dentro de; c. *acus.* para, contra. (BUSARELLO, 2003, p. 137).

Em sua brevidade o Busarello registra apenas as acepções principais, sem dar qualquer detalhe sobre possíveis construções.

Tratamos agora da preposição *ad*, que tem um conteúdo longo, por isto reproduzimos somente uma parte do seu registro no *Aoristo*:

ad
preposição regida por acusativo

I. Indicando aproximação, direção para (geralmente com ideia de movimento)

- 1 [Sentido espacial] A, para, até
cum ego ad Heracleam accederem (Cic. Verr. 5, 129), "como eu me aproximasse de Heracleia".
- 2 [Sentido temporal] Com nomes de cidades e pequenas ilhas, indica a direção ou a chegada nas vizinhanças das mesmas
ad Genavam pervenit (Ces. B. Gal. 1, 7, 1), "chegou às vizinhanças de Genebra".
- 3 [Sentido temporal] Até, em, durante, por, dentro de
ad hanc diem (Cic. Cat. 3, 17), "até hoje";
ad vesperam (Cic. Cat. 2, 6), "pela tarde";
ad annum (Cic. At. 5, 2, 1), "dentro de um ano".
- 4 [Indicando proximidade] Perto de, junto de, em casa de, diante de, na frente de, do lado de (sem ideia de movimento)
pons qui erat ad Genavam (Ces. B. Gal. 1, 7, 2), "ponte que havia perto de Genebra";
filit ad me (Cic. At. 10, 4, 8), "esteve junto de mim (ou em minha casa)";

Observações

Como preverbo **ad** indica a aproximação, a direção para, e, desses sentidos passa a indicar o começo de uma ação, o que faz entrar frequentemente na formação de verbos incoativos: **eo, adeo, amo, adamo, venio, advenio, adoleasco**.

Exprime, também, ideia de adição: **do, addo, modum, admodum, augeo, adauxeo**.

Em composição, o -d- final do preverbo geralmente se assimila à consoante seguinte, como em **accurro** de **adcurro**, **affero** de **adfero**, **aggero** de **adgero**, **appello** de **adpello** etc. Mas, antes dos grupos consonânticos *gn, sc, sp*, geralmente sofre síncope o *d* de **ad**: **agnitus** de **adgnitus**, **ascribo** ou **adscribo**, **aspicio** ou **adspicio**. É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

No Faria, a preposição *ad* é registrada do seguinte modo:

ad, prep. acus. e prev. I – Como preposição indica:
a) Aproximação, direção para (geralmente com ideia de movimento), aplicando-se ao espaço e ao tempo: 1) A, para, até: *cum ego ad Heracleam accederem* (Cic. Verr. 5, 129), «como eu me aproximasse de Heracleia». 2) Com nomes de cidades e pequenas ilhas, indica a direção ou a chegada nas vizinhanças das mesmas: *ad Genavam pervenit* (Ces. B. Gal. 1, 7, 1), «chegou às vizinhanças de Genebra». Sent. temporal: 3) Até, em, durante, por, dentro de: *ad hanc diem* (Cic. Cat. 3, 17), «até hoje»; *ad vesperam* (Cic. Cat. 2, 6), «pela tarde»; *ad annum* (Cic. At. 5, 2, 1), «dentro de um ano». 4) Indica a proximidade em seus vários espaços: *perto de, junto de, em casa de, diante de, na frente de, do lado de* (sem ideia de movimento): *pons qui erat ad Genavam* (Ces. B. Gal. 1, 7, 2), «ponte que havia perto de Genebra»; *filit ad me* (Cic. At. 10, 4, 8), «esteve junto de mim (ou em minha casa)»; *ad populum agere* (Cic. Phil. 12, 17), «falar perante o povo»; *ad laevam, ad dextram* (Cic. Tim. 48), «à

esquerda, à direita». Desses sentidos gerais e básicos de «em direção a» ou «na vizinhança de», decorrem numerosas acepções derivadas: 5) Em vista, para: ad omnes casus (Ces. B. Gal. 4, 31, 2), «em vista de todas as eventualidades». 6) Relativamente a, com relação a, quanto a (Cic. Verr. 5, 22). 7) Segundo, conforme: ad naturam (Cic. Fin. 1, 30), «segundo a natureza». 8) Em comparação com (Cic. Tusc. 1, 40). 9) Cerca de, pouco mais ou menos (com numerais) (Ces. B. Gal. 1, 4, 2). 10) Contra (na linguagem militar) (Ces. B. Gal. 5, 9, 1). II – Como *preverbio* ad indica a aproximação, a direção para, e, desses sentidos passa a indicar o começo de uma ação, o que faz entrar frequentemente na formação de verbos incoativos: eo, adeo, amo, adamo, venio, advenio, adoleo. Exprime, também, ideia de adição: do, addo, modum, admodum, augeo, adaugeo. Obs.: Em composição, o -d- final do *preverbio* geralmente se assimila à consoante seguinte, como em *accurro* de *adcurro*, *affero* de *adfero*, *aggero* de *adgero*, *appello* de *adpello* etc. Mas, antes dos grupos consonânticos gn, sc, sp, geralmente sofre síncope o d de ad: *agnitus* de *adgnitus*, *ascribo* ou *adscribo*, *aspicio* ou *adspicio*. (FARIA, 1962, pp. 27-8).

No Saraiva, a entrada é registrada do seguinte modo:

Ād, *prep.* de *acusat.* (provavlt. do hebr. אָד, *a'dh*, com o qual convém na forma e significação). Indica primitivte. a tendência, direção para um lugar ou objeto, e é oposto a *a*, *ab*. Na composição ordinariamente fica inteira antes das vogais e antes de *b*, *d*, *h*, *j*, *m*, *v*. O *d* assimila-se, seguido de *c*, *f*, *g*, *l*, *n*, *p*, *r*, *s*, *t*. Algumas vezes desaparece antes de *g* e *s*. § Em composição com os verbos que exprimem movimento ou quietação, exprime a ideia de direção ou de presença [...]. § Exprime o começo duma ação ou estado [...]. § Exprime aumento por adição [...]. 1º. Sem movimento: Para, para a parte de, do lado de, ao pé de, junto a, em casa de, em; 2º. Exprimindo movimento: Para, a, em direção a, junto, ao pé de; 3º. Contra; 4º. Até; 5º. Designando tempo: Para, a aproximação

de; até; a um ponto, momento fixo; 6º. Quase, cerca de, perto de; 7º. Indicando quantidade, número: Até; 8º. Quanto a, tocante a; 9º. Segundo, conforme, a proporção de; 10º. Por; 11º. A preço de, em comparação de; 12º. Com; 13º. Além de, o mais de. (SARAIVA, 1993, p. 21).

Depois disso, o Faria nos dá, sob a marca de uso *acepções diversas*, 14 grupos de exemplos tirados de autores latinos. A preposição *ad*, regida por acusativo, no Faria tem um conjunto de quatro sentidos, dois temporais e dois espaciais, todos acompanhados de exemplos. Nas observações o usuário é informado sobre os valores assumidos pela preposição quando ela tem função de prevérbio, na primeira situação é falado sobre o uso com verbos incoativos, na segunda há o uso para exprimir adição. A composição, da morfologia, é abordada ao explicar quando a letra *d* é assimilada ou quando sofre síncope. Por último, tem o conteúdo informacional usual das classes gramaticais indeclináveis. Nesta preposição, o Saraiva e o Faria compartilham várias informações, tanto nas marcas de uso quanto nas acepções, embora o Saraiva seja mais detalhado nas informações morfológicas. No Busarello, a preposição *ad* é registrada da seguinte forma:

ad, prep. c. acus. para, a, até, diante de, junto a. (BUSARELLO, 2003, p. 16).

Novamente o autor fornece ao usuário somente as informações essenciais, sintetizando as acepções já vistas anteriormente tanto no Faria quanto no Saraiva.

A preposição *cum*, de que tratamos agora, é registrada no *Aoristo* da seguinte forma:

cum
preposição regida por ablativo

1 Com, em companhia de, juntamente com (ideia de companhia) (Cic. At. 8, 2, 3).

2 Com, logo que (indicando simultaneidade no tempo)

cum prima luce (Cic. At. 4, 3, 4), "ao raiar do dia, logo que amanhece"

exit cum nuntio (Ces. B. Gal. 5, 46, 3), "sai logo que recebe a notícia".

3 Com (ideia de modo ou maneira de ser, qualificado)

magno cum lucto (Cic. Verr. 4, 76), "com grande dor".

4 Com (ideia de instrumento)

cum lingua lingere (Catul. 98, 3), "lamber com a língua".

Observações

Como prevérbio indica: companhia, simultaneidade, reunião. Por vezes, exprime apenas o aspecto modificado, designando o processo chegando a seu termo: acabamento, intensidade.

Em composição, aparece com as formas **com**, **con** e assimila a nasal às vibrantes *l* e *r*. É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

A preposição *cum*, regida por ablativo, tem um conjunto de quatro acepções, todas elas com o sentido *com*, as diferenças se aplicam aos usos, o primeiro dá a ideia de companhia, o segundo tem um sentido temporal, indicando simultaneidade. O terceiro dá ideia de modo, enquanto que o quarto liga a preposição com uma das formas do caso ablativo, isto é, à ideia de instrumento. Nas observações, o valor assumido pela preposição quando se torna prevérbio é indicado, primeiro, ao destacar seu valor de simultaneidade, de companhia, em seguida trata de outra possibilidade, que designa algo acabando, também podendo dar ideia de intensidade. Ao tratar da morfologia, esclarece que *cum* pode assumir as formas *com* ou *con* em composição. Por fim, aparece o conteúdo informacional nas observações. No Faria, a preposição é registrada assim:

cum, prep. abl. e prev. 1) Com, em companhia de, juntamente com (ideia de companhia) (Cic. At. 8, 2, 3). 2) Com, logo que (indicando simultaneidade no tempo): **cum prima luce** (Cic. At. 4, 3, 4), «ao raiar do dia, logo que amanhece»; **exit cum nuntio** (Ces. B. Gal. 5, 46, 3), «sai logo que recebe a notícia». 3) Com (ideia de modo ou maneira de ser, qualificado): **magno cum lucto** (Cic. Verr. 4, 76), «com grande dor». 4) Com (ideia de instrumento): **cum lingua lingere** (Catul. 98, 3), «lamber com a língua». Como prevérbio indica: companhia, simultaneidade, reunião. Por vezes, exprime apenas o aspecto modificado, designando o processo chegando a seu termo: acabamento, intensidade. Em composição, aparece com as formas **com**, **con** e assimila a nasal às vibrantes **l** e **r**. (FARIA, 1962, p. 266).

No Saraiva, a entrada é registrada do seguinte modo:

Cũm, prep. de abl. 1º. Com, em companhia de; ao mesmo tempo que; e, assim como; 2º. Com ajuda de, com auxílio ou socorro de; 3º. – *eo ut* ou *quod*. Sob a condição que, com a condição de; – *eo quod*. Além de que, de mais que; 4º. Com o lucro, com a vantagem, com o interesse de; 5º. Por meio de, com (indicando instrumento); 6º. Por, com (indicando consequência ou concomitância duma

ação); 7º. Com (no sentido de ter, levar, conter em si); 8º. Com, contra. (SARAIVA, 1993, p. 324).

Em seguida, sob a marca de uso *frases diversas*, há nove conjuntos de exemplos retirados de escritores latinos selecionados para ilustrar as aceções vistas anteriormente. Os conteúdos dos dois dicionários são semelhantes, mas o Saraiva acrescenta algumas aceções, como as de números 2, 3, 4, 7 e 8. O Busarello registra a preposição da seguinte forma:

cum, prep. c. abl. com; por; por meio de. (BUSARELLO, 2003, p. 75)

Novamente o usuário é informado apenas do conteúdo das aceções básicas, sem qualquer referência a outras possibilidades.

A preposição *ab*, de que tratamos e reproduzimos do *Aoristo* agora, tem a imagem do seu conteúdo truncado por ela ser bastante extensa:

ab
preposição regida por ablativo

I. Sentido próprio

1 Ponto de partida (da vizinhança de um lugar, e não do interior do mesmo), podendo ou não ter ideia de movimento
a signo Vertumni in Circum Maximum venit (Cic. Verr. 1, 154), «veio da estátua de Vertuno ao Circo Máximo».

2 Afastamento, separação: de, longe de
ab oppido castra movit (Ces. B. Civ. 3, 80, 7), «levantou acampamento (afastando-se) da cidade».

3 Ainda em sentido local: do lado de
a decumana porta (Ces. B. Gal. 6, 37, 1), «do lado da porta decumana».

Observações

Como preverbo, **ab-** indica afastamento, ausência e daí privação: **abduco**, «levar para longe, afastar»; **amens**, «privado da razão, louco».

Ab é empregada geralmente antes de vogal e de *d, l, n, r, s* e da semivogal *i* (*j*); **abs** antes de *t* (raro); **a** antes das demais consoantes. Entretanto no uso corrente, encontram-se exceções que mostram que essas regras não são de caráter absoluto.

Em composição **ab** se emprega antes de

No Faria, a preposição é registrada do seguinte modo:

a, ab, abs – prep. abl. e prev. I – Sent. próprio: 1) Ponto de partida (da vizinhança de um lugar, e não do interior do mesmo), podendo ou não ter ideia de movimento: **a signo Vertumni in Circum Maximum venit** (Cic. Verr. 1, 154), «veio da estátua de Vertuno ao Circo Máximo». 2) Afastamento, separação: de, longe de: **ab oppido castra movit** (Ces. B. Civ. 3, 80, 7), «levantou acampamento (afastando-se) da cidade». 3) Ainda

em sentido local: do lado de: **a decumana porta** (Ces. B. Gal. 6, 37, 1), «do lado da porta decumana». II – Desses empregos concretos passou a ser usada em outras acepções deles derivadas, indicando: 4) Procedência de, da parte de: **legati ab Aeduis et a Treveris veniebant** (Ces. B. Gal. 1, 37, 1), «vinham embaixadores da parte dos éduos e dos tréviros». 5) Descendência: de, descendente de: **a Deucalione ortus** (Cic. Tusc. 1, 21), «descendente de Deucalião». III – Em sent. figurado: 6) Do lado de, do partido de, em favor de: **ab reo dicere** (Cic. Clu. 93), «falar em favor do réu». 7) A respeito de, quanto a, acerca de: **tempus mutus a litteris** (Cic. At. 8, 14, 1), «época silenciosa quanto a cartas». 8) Com verbos passivos indica o complemento de causa eficiente: **a magistratu Aeduum accusaretur** (Ces. B. Gal. 1, 19, 1), «seria acusado por um magistrado dos éduos». IV – Sent. temporal: 9) Desde, depois de: **a tuo digressu** (Cic. At. 1, 5, 4), «depois da tua partida». Obs.: Como prevérbio, **ab-** indica afastamento, ausência e daí privação: **abduco**, «levar para longe, afastar»; **amens**, «privado da razão, louco». **Ab** é empregada geralmente antes de vogal e de d, l, n, r, s e da semivogal **i** (j); **abs** antes de **t** (raro); a antes das demais consoantes. Entretanto, no uso corrente, encontram-se exceções que mostram que essas regras não são de caráter absoluto. Em composição **ab** se emprega antes de vogal, de h e das consoantes d, l, n, r, s; **abs** antes de c, t; antes de p, **abs** reduz-se a **as**; **a** é a forma reduzida antes das bilabiais b, m. (FARIA, 1962, p. 11).

A preposição *ab*, regida por ablativo, pode assumir as formas *a*, *abs* ou *as*, dependendo da letra inicial da palavra que vem a seguir, por exemplo, *ab* é usada antes de vogal, mas isto também pode acontecer quando usada antes das consoantes *d*, *l*, *n*, *r*, *s*, além da semivogal *i*, que pode assumir a forma *j*, uma letra ramista. Embora a forma possa mudar, o conteúdo semântico é o mesmo, por isto tratamos aqui apenas desta forma. Os sentidos desta preposição são divididos em três, a saber, próprio, figurado e temporal. Há também uma quarta divisão, tratando dos empregos derivados. No Saraiva, a entrada é registrada do seguinte modo:

Āb, *prep.* de *abl.* O m. q. A. (SARAIVA, 1993, p. 1).

Esta remissão nos conduz ao começo da página, na qual a entrada está registrada do seguinte modo:

Ā, apócope de *Ab*, *prep.* e *ablat.* (de ἀπό, ἀπ'). A primeira é empregada antes das palavras que começam por consoante; a segunda, antes das que começam por vogal ou *h*, com algumas poucas exceções. Ambas exprimem, em geral, a ideia de afastamento dum lugar, em oposição a *Ad*; no que se fundam as suas diversas acepções. 1º. (em *sent. pr.* e *fig.*) De, do, dos, da, das, fora de, à exceção de, afora; de casa de, dentre, de ao pé, de junto de, da proximidade de; 2º. Depois de, no segundo lugar de; 3º. De (indicando a naturalidade ou domicílio); 4º. Da parte de; proveniente de, de, a (indicando o princípio ou origem); 5º. Da parte de, do todo de, pela parte, pelo lado de; 6º. Por, a favor de, do lado, do partido de; 7º. Desde, depois de, a começar de; 8º. Por, pelo, pelos, pela, pelas, de, da parte de; 9º. Por causa de, em resultado de, em consequência de; 10º. De, contra; 11º. Quanto a, a respeito de, no tocante a, com relação a, de; 12º. De entre, do meio de, do número de. [...] § Na composição de palavras *A* e *Ab* conservam a sua primitiva significação, indicando afastamento, separação. (SARAIVA, 1993, p. 1).

Em seguida, sob a marca de uso *acepções diversas*, há 13 conjuntos de exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. Além disso, após a informação morfológica sobre a composição, há algumas indicações de uso. Os conteúdos dos dois dicionários são semelhantes, mas o Faria tem algumas acepções diferentes do Saraiva, como as de números 5 e 8. O Busarello registra a entrada do seguinte modo:

a, **ab**, **abs**, *prep.* c. *abl.* de, a partir de, desde, por. (BUSARELLO, 2003, p. 11).

Somente as acepções básicas são registradas no Busarello, sem dar qualquer indicação de outras possibilidades de uso e significação.

Agora tratamos da preposição *de*, que aqui reproduzimos apenas parcialmente, por seu verbete ser muito extenso. Ela é registrada no *Aoristo* do seguinte modo:

dē
preposição regida por ablativo

I. Indicando ponto de partida

- 1 De, a partir de (Cic. Sest. 129).
- 2 De, saído de (Cic. Clu. 163).
- 3 De, originário de (Ov. Met. 9, 613).
- 4 De (ideia de afastamento, separação), com verbos como **detrahere de**, tirar de; **decedere de**, afastar-se de; **effugere de**, escapar de; **exire de**, sair de etc. (Cic. Font. 17).
- 5 De (movimento de cima para baixo, ideia acessória) (Cic. Fin. 1, 62).
- 6 De, dentre (ideia partitiva) (Cic. Flac. 9).
- 7 De, tirando de (com ideia de extração) (Cic. Verr. 4, 71)
de publico (Cic. Verr. 105), "às expensas do Estado".

Observações

- 1 Como partícula autônoma aparece na locução: **susque deque**, de cima para baixo, como de baixo para cima, i.e., indiferentemente, mais ou menos.
- 2 Reforça certas particulas, advérbios e preposições, como: **deinde**, **dehinc**, **desuper**.
- 3 Como préverbo aparece, principalmente, em compostos verbais e com as seguintes ideias principais:
a) movimento de cima para baixo: **decido**, **dejicio**;

No Faria, a preposição *de* é registrada do seguinte modo:

dē, prep. e préverbo, I – Indicando ponto de partida: 1) De, a partir de (Cic. Sest. 129). 2) De, saído de (Cic. Clu. 163). 3) De, originário de (Ov. Met. 9, 613). 4) De (ideia de afastamento, separação), com verbos como *detrahere de*, tirar de; *decedere de*, afastar-se de; *effugere de*, escapar de; *exire de*, sair de etc. (Cic. Font. 17). 5) De (movimento de cima para baixo, ideia acessória) (Cic. Fin. 1, 62). 6) De, dentre (ideia partitiva) (Cic. Flac. 9). 7) De, tirando de (com ideia de extração) (Cic. Verr. 4, 71); **de publico** (Cic. Verr. 105), «às expensas do Estado». II – Do sent. de «a partir de», passou-se ao de: 8) Em seguida a, por (Cic. At. 7, 7, 3). 9) Logo depois de: **diem de die** (T. Liv. 5, 48, 7), «um dia depois do outro» (de dia em dia). III – Sent. moral: 10) Segundo, conforme a, de acordo com (Cic. Cael. 68). 11) A respeito de, quanto a (Cic. Of. 1, 47). IV – Sent. diversos: 12) De, durante (ideia temporal) (Ces. B. Gal. 1, 12, 2). 13) De, por causa de (ideia causal) (Cic. Ac. 1, 1). 14) De, feito de, composto de (Verg. G. 3, 13). 15) Em locuções: de integro (Cic. Verr. 2, 139), «de novo»; de improviso (Cic.

Amer. 151), «de imprevisto». Obs.: 1) Como partícula autônoma aparece na locução: *susque deque*, de cima para baixo, como de baixo para cima, isto é, indiferentemente, mais ou menos. 2) Reforça certas partículas, advérbios e preposições, como: *deinde, dehinc, desuper*. 3) Como *prevérbio* aparece, principalmente, em compostos verbais e com as seguintes ideias principais: a) movimento de cima para baixo: *decido, dejicio*; b) separação, afastamento: *decedo, deduco*; c) privação: *demens, despero*; d) acabamento: *depugno, defungor*; e) intensidade: *demiror*. (FARIA, 1962, pp. 277-8).

No Faria, a preposição *de*, regida por ablativo, tem quatro sentidos, o primeiro indica ponto de vista, que sempre pode ser traduzido como *de*, e quase sempre podendo ter uma segunda tradução. O segundo sentido é uma evolução do primeiro e trata de localização temporal. O terceiro sentido, chamado *moral*, é utilizado, por exemplo, em títulos de livros latinos, como *De rerum natura* e *De natura deorum*. O quarto sentido forma um grupo chamado de *diversos*, englobando ideia temporal, ideia causal e duas locuções. Nas observações dois pontos são observados sobre o uso desta preposição como partícula autônoma, além de ter um ponto sobre a forma *de* desempenhando a função de *prevérbio*. Por fim há o conteúdo informacional relativo às classes gramaticais indeclináveis. No Saraiva, ela é registrada do seguinte modo:

Dē, *prep. de abl.* 1°. De cima de, da parte superior de; 2°. De, fora de, vindo, procedendo de; 3°. De, saído de, descendente de; 4°. Em, a, sobre, no cimo, no alto de, debaixo de; 5°. Depois de, em seguida a; 6°. No momento de, durante; 7°. Dentre, no meio de; 8°. À vista de; com; 9°. De, feito, composto de; em vez de, em lugar de, em; 10°. Por causa, por amor de; por; 11°. Tocante a, acerca, a respeito de, quanto a; 12°. Segundo, conforme, consoante, de acordo com; 13°. Contra [...]. § *De*, na composição doutras palavras, indica movimento de cima para baixo, dum lugar para outro. (SARAIVA, 1993, p. 335).

Em seguida, sob a marca de uso *frases diversas*, há 14 conjuntos de exemplos retirados de escritores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. Além disso, após a informação morfológica sobre a composição, há algumas indicações de uso. Os conteúdos dos dois dicionários são semelhantes, mas o Faria tem algumas acepções diferentes do Saraiva, como as de números 8, 11 e 13. O Busarello, registra a entrada da seguinte forma:

de, prep. c. abl. de, do alto de; de, perto de; por causa de; sobre, a respeito de. (BUSARELLO, 2003, p. 77).

Somente as acepções básicas são registradas no Busarello, sem dar qualquer indicação de outras possibilidades de uso e significação.

Por fim, tratamos agora da preposição *ex*, que aqui reproduzimos apenas parcialmente por ter um verbete muito extenso. Ela é registrada no *Aoristo* do seguinte modo:

ex
preposição regida por ablativo

I. Indica ponto de partida (sentido local)

1 Do interior de, de (com ideia de movimento de dentro para fora). Com verbos que significam sair, expulsar, tirar, como: **exire** (sair de), **deducere** (levar, retirar), **auferre** (retirar), **tollere** etc. (Ces. B. Gal. 4, 30, 3).

2 De, procedente de (ideia de origem) (Ces. B. Gal. 5, 13, 1).

Observações

I. Como prevêrbio ex

1 É constante antes de vogal e de consoantes: **examinare**, **extollere**.

2 Toma a forma **ec** antes de *f*: **ecferre** (= **efferre**, com assimilação do *c* e do prevêrbio).

3 Toma a forma **e** antes de *b, d, g, l, m, n, r, i* consoante e *u* consoante: **egredi**, **eligere**, **emittere**.

4 Subsiste antes de *s, c, qu*: **exsequi**, **excutare**, **exquirere**.

5 **e** ou **ex**, antes de *p*: **expers**.

No Faria, a preposição *ex* é registrada do seguinte modo:

ex, ē, ec, prep. e prevêrbio. I – Indica ponto de partida (sent. local): 1) Do interior de, de (com ideia de movimento de dentro para fora). Com verbos que significam sair, expulsar, tirar, como: **exire** (sair de), **deducere** (levar, retirar), **auferre** (retirar), **tollere** etc. (Ces. B. Gal. 4, 30, 3). 2) De, procedente de (ideia de origem) (Ces. B. Gal. 5, 13, 1). 3) Da parte de, de entre, do número de, entre (ideia partitiva) (Cic. De Or. 2, 357). II – Daí: 4) De, desde, a partir de (sent. temporal)

(Cic. Rep. 1, 25). 5) Em seguida a, logo depois de (Cic. Br. 318). 6) Em virtude de, por causa de, por (sentido causal) (Cic. Of. 3, 99). 7) Conforme, segundo (Cic. Clu. 177). 8) De, feito de (indicando a matéria de que uma coisa é feita) (Cic. Verr. 2, 50). 9) Em locuções: **ex lege** (Cic. Clu. 103), «conforme a lei, legalmente»; **ex consuetudine** (Cic. Clu. 38), «segundo o costume»; **ex itinere** (Cic. Fam. 3, 9, 1), «pelo caminho, no caminho»; **ex eo** (Tac. An. 12, 7), «a partir deste momento»; **ex insidiis** (Cic. Of. 2, 26), «a traição». Obs.: I - Como prevérbio **ex**: 1) É constante antes de vogal e de consoantes: **examinare**, **extollere**. 2) Toma a forma **ec** antes de **f**: **ecferre** (= **efferre**, com assimilação do **c** e do prevérbio). 3) Toma a forma **e** antes de **b, d, g, l, m, n, r**, «**i**» consoante e «**u**» consoante: **egredi**, **eligere**, **emittere**. 4) Subsiste antes de **s, c, qu**: **exsequi**, **excutare**, **exquirere**. 5) **e** ou **ex**, antes de **p**: **expers**. II – Na composição **ex** designa: 1) Ideia de saída (**exire**, sair de), algumas vezes com ideia acessória de baixo para cima: **extollere**, elevar, levantar. 2) Ideia de ausência, privação: **expers**, que não tem parte em, falta de. 3) Ideia de acabamento: **ebibere**, beber até o fim, esvaziar. Neste emprego a força do prevérbio é, muitas vezes, enfraquecida e o composto tem o mesmo sentido que o simples: **vincio** e **evincio**, cingir, ligar, atar. 4) Serve para reforçar formas adverbiais: **exadversus**, «defronte de, em frente a». Como preposição, o emprego de **ex** obedece às mesmas regras enumeradas para o emprego de **ex** prevérbio, sendo porém, de se notar que são estas menos estritas, sendo a forma **ex** a preferida na língua falada e é de uso corrente na língua escrita. (FARIA, 1962, pp. 363-4).

A preposição *ex*, ou *e*, quando aparece antes de *b, d, g, l, m, n, r, i* consonantal (que pode ser transformado na letra ramista *j*), além de *u* consonantal (que pode ser transformado na letra ramista *v*), é regida por ablativo e indica ponto de partida, se diferencia de *ab* (e suas formas alternativas) por ter seu uso restrito a um sentido local, enquanto que a outra tem sentido de distanciamento de um local para outro. As acepções, que também incluem os sentidos temporal e causal, além da

ideia partitiva, explicam as possibilidades. Por fim, há também um conjunto de locuções.

As observações tratam do uso como *prevérbio*, da forma com a letra *x* assimilada, das variações de uso, dependendo da letra que a segue, das situações em que a letra *x* permanece, ou quando ela é facultativa, além dos possíveis sentidos que podem ser assumidos quando ela é usada em composição. O último aspecto observado trata da forma da *ex*, ou *e*, invariável, por ser indeclinável.

Em preposições como *e* e *ex*, a indicação de que as duas formas têm o mesmo conteúdo não é dada de forma tão clara quanto nas interjeições *a* e *ah*, onde se diz, por exemplo, “O mesmo que **a**”. Pelo fato de que as preposições em questão têm o mesmo conteúdo semântico tratamos de apenas uma delas aqui. No Saraiva, a interjeição *ex* é registrada do seguinte modo:

Ēx, *prep.* de *abl.* Ved. *E*. (SARAIVA, 1993, p. 442).

Esta remissão nos conduz à página 401 do Saraiva, na qual a entrada está registrada da seguinte forma:

Ē e *Ēx*, *prep.* de *abl.* a primeira antes duma consoante, a segunda antes duma vogal ou duma consoante (êv, ξ), 1°. De, fora de, vindo de, saindo de; acima de; de cima de; a, contra; de (indicando dum estado ao outro); 2°. De, da parte de; 3°. De (indicando a matéria de que uma coisa é feita), em; 4°. Dentre, do número de, entre ou em; 5°. De, desde, a começar de, em seguida a, depois de; 6°. De, de cima de, de sobre; *fig.* De (indicando dependência); 7°. Segundo, conforme, consoante, de acordo, de harmonia com; 8°. De, por, por causa, por amor de, com respeito a, em consequência, em virtude de, por meio de; 9°. Com (indicando mistura de coisas); 10°. Em, durante. [...] § *E* e *Ex*, como partículas inseparáveis, indicam 1°. a ação de tirar para fora, de afastar, apartar, separar, despojar [...]; 2°. Privação [...]; 3°. Dão mais força à expressão. (SARAIVA, 1993, p. 401).

Em seguida, sob a marca de uso *acepções diversas*, há 11 conjuntos de exemplos retirados de autores latinos selecionados para

ilustrar as acepções vistas anteriormente. Além disso, após a informação morfológica sobre a composição, há algumas indicações de uso. Os conteúdos dos dois dicionários são semelhantes, mas o Faria tem algumas acepções diferentes do Saraiva, como as de números 9 e 10. O Busarello registra a entrada da seguinte forma:

e, ex, prep. c. abl. de, do interior de; procedente de; entre; desde. (BUSARELLO, 2003, p. 96).

Somente as acepções básicas são registradas no Busarello, sem dar qualquer indicação de outras possibilidades de uso e significação.

4.3.3 Advérbio

Segundo a gramática de Almeida (2000, p. 142), advérbio é “toda a palavra que se coloca junto de um verbo para modificar a ação que o verbo exprime; pode-se também empregar o advérbio para modificar um adjetivo ou, ainda, para modificar outro advérbio”. Além disso, o autor nos diz que os advérbios são distribuídos em grupos, “segundo a circunstância que indicam” (ALMEIDA, 2000, p. 143), cujas principais são as de lugar, tempo e modo.

No momento, o *Aoristo* tem um total de 100 advérbios que podem ser consultados, dentre eles dez têm o mesmo conteúdo semântico, por isto o número efetivo de advérbios passa a ser de 90.

Abaixo listamos os autores citados nos exemplos e nas citações do Faria, também listamos os nomes das obras de cada autor, assim como as modalidades textuais de cada uma delas:

Autor	Obra	Modalidade
Marcus Tullius Cicero	<i>In Verrem</i> (32)	Discurso político
	<i>Philippicae</i> (6)	Discurso político
	<i>Pro Cluentio</i> (5)	Discurso político
	<i>De Lege Agraria</i> (2)	Discurso político
	<i>In Catilinam</i> (3)	Discurso político
	<i>Pro Milone</i> (5)	Discurso político
	<i>Pro Sestio</i> (5)	Discurso jurídico
	<i>Pro Quinctio</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Flacco</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Roscio Amerino</i> (5)	Discurso jurídico
	<i>Pro Caelio</i> (2)	Discurso jurídico
	<i>Pro Archia</i> (2)	Discurso jurídico

	<i>Epidicus (1)</i> <i>Persa (1)</i>	Teatro Teatro
Gaius Plinius Secundus	<i>Historia Naturalis (2)</i>	História
Publius Terentius Afer	<i>Phormio (2)</i> <i>Heautontimorumenos (1)</i> <i>Adelphoe (1)</i> <i>Andria (1)</i>	Teatro Teatro Teatro Teatro
Titus Lucretius Carus	<i>De Rerum Natura (2)</i>	Filosofia
Marcus Fabius Quintilianus	<i>Institutio Oratoria (1)</i>	Retórica
Publius Ovidius Naso	<i>Fasti (1)</i>	Poesia
Quintus Horatius Flaccus	<i>Carmina (1)</i> <i>Ars Poetica (1)</i>	Poesia Poesia
Publius Cornelius Tacitus	<i>De vita et moribus Iulii Agricolae (1)</i>	História
Marcus Annaeus Seneca	<i>Suasore (1)</i>	Oratória
Gaius Sallustius Crispus	<i>Bellum Catilinae (1)</i>	História

A divisão das citações por autor mostra uma situação desproporcional, em que, do total de 266 citações, 190 delas são de Marcus Tullius Cicero, perfazendo 71,428% do total, enquanto que Gaius Julius Caesar, o segundo autor com mais ocorrências, com 24 citações, perfaz 9,022% do total com apenas duas obras. O terceiro autor com mais ocorrências, por sua vez, Titus Maccius Plautus, com 17 citações, perfaz 6,390%, enquanto que o quarto autor com mais ocorrências, e último a ter pelo menos 10 citações, é Titus Livius Patavinus, com 13 citações, perfazendo 4,887% do total com apenas uma obra. Os 10 autores restantes correspondem a 8,270% do total, tendo sido citados 22 vezes, com as suas 15 obras.

As 10 modalidades literárias, por outro lado, foram um pouco melhor distribuídas, da seguinte forma: discurso político: 53 citações

(19,924% do total); filosofia: 52 citações (19,548% do total); carta: 34 citações (12,781% do total); retórica: 32 citações (12,030% do total); comentário: 24 citações (9,022% do total); teatro: 22 citações (8,270% do total); discurso jurídico: 22 citações (8,270% do total); história: 17 citações (6,390% do total); poesia: 9 citações (3,383% do total); oratória: 1 citação (3,759% do total). Além disso, há uma predominância quantitativa de obras utilizadas como fonte de citações provenientes de duas modalidades: discurso político e filosofia.

O período de tempo em que os 14 autores viveram abarcou quase quatro séculos, de 254 a.C. até 117 d.C., isto é, quase todo o período arcaico até a primeira década do período pós-clássico, o que nos mostra um panorama com abrangência e representatividade considerável. Os números, no entanto, ainda não são conclusivos, pois o *Aoristo* ainda tem um número muito limitado de advérbios.

Para comparação entre o formato impresso e o formato final no *Aoristo*, assim como para análise, foram escolhidos seis advérbios, mostrados na tabela abaixo, em que utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- OLR: Ocorrências no LR;
- OCL: Ocorrências no CL;
- FLR: Frequência de ocorrência no LR;
- FCL: Frequência de ocorrência no CL.

Advérbio	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>nunc</i> (de tempo)	77	0,514%	11.061	0,153%
<i>ubi</i> (de lugar)	42	0,280%	8.407	0,116%
<i>hodie</i> (de tempo)	32	0,213%	990	0,013%
<i>quo</i> (de lugar)	22	0,146%	18.082	0,251%
<i>facile</i> (de modo)	13	0,086%	1.820	0,025%
<i>non</i> (de negação)	158	1,054%	90.557	1,257%

Na tabela acima, a forma *ubi* pode ser confundida com a conjunção *ubi*, por isto fizemos buscas nos *corpora* através de expressões regulares Unix para descobrir o total de ocorrências de cada uma delas, o que mostraremos abaixo. Com a forma *quo* ocorre uma situação semelhante, podendo ela corresponder a dois advérbios, a dois pronomes ou a uma conjunção.

Para as duas formas, descobrimos que o advérbio *ubi* aparece 28 vezes no LR, enquanto que no CL ele aparece 4.479 vezes. O

advérbio *quo* não aparece nenhuma vez no LR e 277 vezes no CL, enquanto que a conjunção *quo* não aparece nenhuma vez no LR e 101 vezes no CL. O pronome *quo*, por sua vez, aparece 14 vezes no LR e 16.341 vezes no CL. Com base nestes resultados, a tabela pode ser refeita da seguinte forma:

Advérbio	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>nunc</i> (de tempo)	77	0,514%	11.061	0,153%
<i>ubi</i> (de lugar)	28	0,186%	4.479	0,062%
<i>hodie</i> (de tempo)	32	0,213%	990	0,013%
<i>quo</i> (de lugar)	0	0%	101	0,001%
<i>facile</i> (de modo)	13	0,086%	1.820	0,025%
<i>non</i> (de negação)	158	1,054%	90.557	1,257%

Como se pode perceber, as mudanças na quantidade dos advérbios foram bastante significativas. Passamos agora para a análise das formas listadas acima, começando pelo advérbio *nunc*, cuja forma final é a seguinte no *Aoristo*:

nunc
advérbio de tempo

Observações
É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

1 Agora, no momento presente (sentido temporal) (Cic. Tusc. 1, 23).
2 Então (com verbos no passado ou no futuro) (Cic. Verr. 3, 47).
3 Ora, assim sendo, em vista disso (sentido lógico)
vera igitur illa sunt nunc omnia (Cic. Ac. 2, 106), "assim sendo, pois, todos esses dogmas são verdadeiros".
4 Mas em realidade, assim pois (Cic. Arch. 29).

A estrutura do advérbio *nunc* é bastante típica do Faria, pelo que veremos nos próximos verbetes a serem analisados. Nele não há marca de uso indicando se os quatro sentidos fazem parte do grupo de sentidos próprios, ou se são sentidos etimológicos. Dentre os sentidos arrolados, três são relativos ao tempo, enquanto que o quarto, último, tem um sentido mais lógico do que necessariamente temporal. Apenas um exemplo é fornecido, mas há três citações adicionais. Nas observações apenas é fornecido o conteúdo informacional relativo às classes de palavras indeclináveis. No Faria, o advérbio *nunc* é registrado do seguinte modo:

nunc, adv. 1) Agora, no momento presente (sent. temporal) (Cic. Tusc. 1, 23). 2) Então (com verbos no pass. ou no fut.) (Cic. Verr. 3, 47). 3) Ora, assim sendo, em vista disso (sent. lógico): **vera igitur illa sunt nunc omnia** (Cic. Ac. 2, 106), «assim sendo, pois, todos esses dogmas são verdadeiros». 4) Mas em realidade, assim pois (Cic. Arch. 29). (FARIA, 1962, p. 656).

No Saraiva, o advérbio *nunc* é registrado do seguinte modo:

Nunc, adv. (vũv) Cic. VIRG. Agora, presentemente, neste momento, atualmente. (SARAIVA, 1993, p. 793).

Em seguida, são fornecidos 16 exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. O Saraiva concorda com o Faria na primeira acepção deste, enquanto que este fornece outros três de sentidos diversos. O Busarello registra a entrada da seguinte forma:

nunc, adv. agora, hoje em dia, então. (BUSARELLO, 2003, p. 182).

A acepção *agora* também está presente nos dicionários vistos acima, *então* aparece somente no Faria, enquanto que *hoje em dia* é um acréscimo do Busarello. Nenhuma indicação de outras possibilidades de uso e significação é dada pelo autor.

Passamos agora para o advérbio *ubi*, que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

ubi
advérbio relativo-interrogativo de lugar

¹ No lugar em que, onde (Cic. Phil. 2, 48).

² Onde? Em que lugar? (interrogação direta ou indireta) (Cic. De Or. 2, 59); (Cic. At. 9, 1, 2).

Observações

É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

No Faria, o advérbio *ubi* é registrado do seguinte modo:

ubī (ou **ubī**). I – Adv. de lugar relativo-interrogativo: 1) No lugar em que, onde (Cic. Phil.

2, 48). 2) Onde? Em que lugar? (interrogação direta ou indireta) (Cic. De Or. 2, 59); (Cic. At. 9, 1, 2). (FARIA, 1962, p. 1031).

O advérbio de lugar *ubi*, da mesma forma que o advérbio *nunc*, não tem muito conteúdo semântico. Com relação à interrogação, o autor apenas nos diz que este advérbio pode ser usado em uma interrogação direta ou indireta, sem maiores informações. Todas as informações das duas acepções fornecidas pelo Faria ficaram concentradas na parte das equivalências, sendo que nas observações há apenas o conteúdo informacional. No Saraiva, o advérbio é registrado do seguinte modo:

Ūbī, *adv.* Onde, no lugar onde. [...] § Empregado em vez do relativo *qui*, *quae*, *quod* (com respeito às pessoas e às coisas). Em quem, junto a quem, ao pé de quem, com, em, ou sobre o qual, por meio de quem ou do que. (SARAIVA, 1993, p. 1237).

No Faria, o advérbio *ubi* também tem pouco conteúdo semântico, podendo ser usado para indicar um lugar, em vez do pronome relativo *qui*, *quae*, *quod*. Em seguida são fornecidos cinco conjuntos de citações retiradas de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente, enquanto que no Faria nenhuma citação é registrada. Além disso, o Saraiva não nos informa que a forma *ubi* também pode ser uma conjunção. O Busarello registra a entrada da seguinte forma:

ūbi, *adv.* onde?, em que lugar?; *conj.* quando, no momento em que. (BUSARELLO, 2003, p. 275).

O Busarello, se limita a fornecer as acepções básicas do advérbio e dá às duas acepções uma forma interrogativa, o que pode dar ao usuário a impressão de que elas não seriam usadas em uma afirmação ou negação. Nenhuma indicação de outras possibilidades de uso e significação é dada pelo autor.

O advérbio *hodie*, de que tratamos agora, tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

hodiē
advérbio de tempo

- 1 Hoje, neste dia (Cic. Phil. 14, 14).
- 2 Durante a noite (Ov. F. 2, 76).
- 3 Hoje em dia, nos tempos atuais, agora (Cic. Verr. 5, 64).

Observações
É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

No Faria, o advérbio *hodie* é registrado do seguinte modo:

hodiē, adv. 1) Hoje, neste dia (Cic. Phil. 14, 14). 2) Durante a noite (Ov. F. 2, 76). 3) Hoje em dia, nos tempos atuais, agora (Cic. Verr. 5, 64). (FARIA, 1962, p. 452).

Este advérbio se assemelha aos advérbios anteriores por ter pouco conteúdo semântico, cujo sentido se refere ao aspecto temporal. Nas observações, apenas o conteúdo informacional é fornecido ao usuário. No Saraiva, o advérbio é registrado do seguinte modo:

Hōdīē, adv. (de *hoc die*). CIC. LIV. Ov. Neste dia, hoje, no tempo presente, agora, hoje em dia. (SARAIVA, 1993, p. 555).

Em seguida são fornecidos quatro exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente, enquanto que no Faria são dadas apenas indicações de textos em que o advérbio em questão pode ser encontrado ilustrando as acepções. O Saraiva concorda com o Faria na primeira e em parte da terceira acepção deste, enquanto que este ainda fornece uma acepção adicional. O Busarello registra a entrada da seguinte forma:

ho-dīe, adv. hoje; agora. (BUSARELLO, 2003, p. 129).

O Busarello, registra as acepções básicas para esta entrada, além de grafar o lema de modo diferente dos dicionários anteriores, o que é avisado ao usuário na introdução, onde o autor nos diz que o Busarello “separa, por hífen, os prefixos e os radicais” (BUSARELLO, 2003, p. 8). No Saraiva o usuário é informado de que *hodie* é uma composição de *hoc die*, embora não tenhamos encontrado qualquer ocorrência desta sequência nos *corpora* de pesquisa. Nenhuma

indicação de outras possibilidades de uso e significação é dada pelo autor do Busarello.

A forma *quo*, por sua vez, como já havíamos comentado, corresponde a dois advérbios, por isto ele é registrado em dois verbetes no *Aoristo*, da seguinte forma:

quō
advérbio interrogativo de lugar

1 Para onde? para que lugar? (Cic. Verr. 5, 126); (Cic. Ac. 2, 93).

2 Para que = **ad quam rem quo tantum pecuniam** (Cic. Verr. 2, 137), "para que tanto dinheiro?".

Observações

É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

quō
advérbio indefinido de lugar

Para algum lugar, para alguma parte (Cic. Verr. 5, 45).

Observações

É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

No Faria, os dois advérbios são registrados do seguinte modo:

quō, adv. (indica movimento). I – Interr.: 1) Para onde? para que lugar? (Cic. Verr. 5, 126); (Cic. Ac. 2, 93). 2) Para que = **ad quam rem: quo tantum pecuniam** (Cic. Verr. 2, 137), «para que tanto dinheiro?». II – Indef.: 3) Para algum lugar, para alguma parte (Cic. Verr. 5, 45). (FARIA, 1962, p. 837).

Como pode ser visto, separamos em duas entradas o conteúdo que era registrado em uma única entrada, esta decisão foi tomada porque um advérbio é indefinido enquanto que o outro é interrogativo. Nas observações das duas entradas, há apenas o conteúdo informacional. No Saraiva, o advérbio é registrado do seguinte modo:

Quō, *abl. sing.* tomado como *conj.* e como *adv.*
1º. Para que, afim de que; 2º. Porque; 3º. *Eo* ou *Hoc... quo*. Tanto mais... quanto mais; tanto mais quanto (com elipse do correlativo); 4º. Aonde, para onde (como interrogação ou sem ela); a que; aonde; para que, afim de que (*conj.*); 5º. Até que

ponto; 6°. Porque? Para que? 7°. A alguma parte; 8°. Por isso, por tanto, pois. (SARAIVA, 1993, p. 996).

Em seguida, há oito conjuntos de exemplos retirados de escritores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. Somente três das acepções registradas no Saraiva também estão presentes no Faria, e são as de números 4, 6 e 7. O Busarello registra a entrada da seguinte forma:

quō, adv. para onde?, para que lugar?; conj. pelo que, porque, pelo fato de que. (BUSARELLO, 2003, p. 225).

O Busarello se limita a fornecer as acepções básicas do advérbio, junto com o conteúdo da conjunção, e dá às duas acepções uma forma interrogativa, o que pode dar ao usuário a impressão de que elas não seriam usadas em uma afirmação ou negação.

O advérbio *facile*, de que tratamos agora, tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

facile
advérbio de modo

1 Facilmente, sem esforço (Cic. Flac. 66).

2 Sem dúvida, sem contestação, evidentemente (Cic. Rep. 2, 34).

3 Sem cuidado, despreocupadamente (na expressão **facile vivere**) (Plaut. Cure. 604).

Observações

Comparativo: **facilius**; superlativo:

facillime.

É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

No Faria, o advérbio *facile* é registrado do seguinte modo:

facilē, adv. 1) Facilmente, sem esforço (Cic. Flac. 66). 2) Sem dúvida, sem contestação, evidentemente (Cic. Rep. 2, 34). 3) Sem cuidado, despreocupadamente (na expressão **facile vivere**) (Plaut. Cure. 604). (FARIA, 1962, p. 385).

O advérbio de modo *facile* continua seguindo o formato anterior de pouco conteúdo semântico, embora nas observações do *Aoristo* apareça, além do conteúdo informacional relativo às classes gramaticais indeclináveis, uma informação nova, ao tratar das formas comparativa, *facilius*, e superlativa, *facillime*. Como se pode perceber estas

informações não são registradas no Faria. No Saraiva, o advérbio é registrado do seguinte modo:

Făcîlă, *adv. (neutr. de facilis)*. CIC. CAES. Facilmente, sem dificuldade. (SARAIVA, 1993, p. 469).

Em seguida, há oito exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. Somente uma das acepções registradas no Saraiva também está presente no Faria, a de número 1. O Saraiva também não registra as formas comparativa e superlativa do advérbio em questão. O Busarello, por sua vez, não registra esta entrada.

Por fim, tratamos do advérbio *non*, que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

nōn
advérbio de negação

Observações

1 Não (colocado antes do verbo). Aparece junto do nome quando a ele se refere

non curia vires meas desiderat (Cic. C. M. 32), "não é a cúria que lastima o desaparecimento de minhas forças".

2 Não é verdade que, longe de (Cic. Or. 51).

3 Ou melhor (= **non dico**) (Cic. Phil. 5, 24).

4 Por acaso não (quando a interrogação está no tom da frase, equivalendo a **nonne**)

non semper otio studui? (Cic. Phil. 8, 11), "por acaso não procurei sempre o repouso?".

Notem-se as expressões

a) **non ita, non tam** (Cic. Verr. 4, 109), "não assim exatamente";

b) **non tam... quam** (Cic. C. M. 27), "não tanto quanto, i.e. menos... que";

c) **non fere quisquam** (Cic. Verr. 5, 182), "quase ninguém".

Non é por excelência a negação do indicativo e da oração principal. Seu uso nas proibições não é permitido pela prosa clássica, mas frequente em poesia.

É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

No Faria, o advérbio *non* é registrado do seguinte modo:

nōn, *adv. de negação*. 1) Não (colocado antes do verbo). Aparece junto do nome quando a ele se refere: **non curia vires meas desiderat** (Cic. C. M. 32), «não é a cúria que lastima o desaparecimento de minhas forças». 2) Não é verdade que, longe de (Cic. Or. 51). 3) Ou melhor (= **non dico**) (Cic. Phil. 5, 24). 4) Por acaso não (quando a interrogação está no tom da frase, equivalendo a **nonne**): **non semper otio studui?** (Cic. Phil. 8, 11), «por acaso não procurei sempre o repouso?». Obs.: Notem-se as expressões: a)

non ita, non tam (Cic. Verr. 4, 109), «não assim exatamente»; b) **non tam... quam** (Cic. C. M. 27), «não tanto quanto, i.e., menos... que»; c) **non fere quisquam** (Cic. Verr. 5, 182), «quase ninguém». **Non** é por excelência a negação do indicativo e da oração principal. Seu uso nas proibições não é permitido pela prosa clássica, mas frequente em poesia. (FARIA, 1962, p. 649).

As únicas diferenças entre os conteúdos do *Aoristo* e do Faria estão no modo como elas são distribuídas no *Aoristo*, que é uma adequação ao estilo deste dicionário. As informações das observações do *Aoristo* são as mesmas registradas nas observações do verbete do Faria, com acréscimo do conteúdo informacional. No Saraiva, o advérbio é registrado do seguinte modo:

Nõn, *adv.* CIC. VIRG. Não. [...] § *Non*, seguido duma ou mais negações, conserva o valor negativo. [...] § *Non si* (determinando *subunct.*). LIV. HOR. Ainda quando, ainda mesmo quando, ainda que. § *Non* = *nonne*. Acaso não? por ventura não? [...] § *Non* = *ne* (probitivo) na poesia. [...] § *Non* (exprimindo negação absoluta). [...] § *Non*, repetido na mesma frase, modificando um infinito integrante. (SARAIVA, 1993, p. 785).

O sinal §, segundo Saraiva (1993, p. III), “indica os diferentes sentidos duma palavra”, ao qual se segue pelo menos um exemplo retirado de escritores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas. Além do sentido básico, o Faria e o Saraiva só concordam na acepção “Acaso não? por ventura não?”, com relação ao conteúdo restante, eles se complementam. O Busarello não registra uma entrada para a forma *non*, o que é surpreendente, pois ela está no topo das listas de frequências do LR e do CL. Um motivo adicional para a surpresa é o fato de que o autor indica na introdução que o Busarello registra “as [palavras] mais frequentes na literatura latina” (BUSARELLO, 2003, p. 8).

4.3.4 Conjunção

Segundo a gramática de Almeida (2000, p. 154), conjunção é “toda a palavra que serve para ligar orações”. No momento, o *Aoristo*

tem um total de 36 conjunções que podem ser consultadas. Dentre estas conjunções, sete pares delas têm o mesmo conteúdo semântico, por isto o número efetivo de conjunções passa a ser de 29.

Abaixo listamos os autores citados nos exemplos e nas citações do Faria, também listamos os nomes das obras de cada autor, assim como as modalidades textuais de cada uma delas:

Autor	Obra	Modalidade
Marcus Tullius Cicero	<i>In Verrem (10)</i>	Discurso político
	<i>Philippicae (6)</i>	Discurso político
	<i>Pro Milone (4)</i>	Discurso político
	<i>Pro Ligario (1)</i>	Discurso político
	<i>In Catilinam (1)</i>	Discurso político
	<i>De Lege Agraria (1)</i>	Discurso político
	<i>Pro Cluentio (1)</i>	Discurso político
	<i>Pro Caecina (1)</i>	Discurso jurídico
	<i>Pro Murena (2)</i>	Discurso jurídico
	<i>Pro Archia (4)</i>	Discurso jurídico
	<i>In Vatinius (1)</i>	Discurso jurídico
	<i>Pro Quinctio (2)</i>	Discurso jurídico
	<i>Pro Caecina (1)</i>	Discurso jurídico
	<i>Pro Plancio (1)</i>	Discurso jurídico
	<i>Pro Sestio (1)</i>	Discurso jurídico
	<i>Pro Roscio Amerino (1)</i>	Discurso jurídico
	<i>De Divinatione (1)</i>	Filosofia
	<i>Tusculanae Quaestiones (12)</i>	Filosofia
	<i>De Finibus Bonorum et Malorum (5)</i>	Filosofia
	<i>Academica (1)</i>	Filosofia
	<i>De Natura Deorum (2)</i>	Filosofia
	<i>Cato Maior (2)</i>	Filosofia
	<i>Laelius de Amicitia (2)</i>	Filosofia
	<i>De Officiis (5)</i>	Retórica
	<i>De Legibus (3)</i>	Retórica
	<i>Brutus (9)</i>	Retórica
	<i>De Oratore (4)</i>	Retórica
	<i>Orator (1)</i>	Retórica
	<i>De Re Publica (5)</i>	Retórica
	<i>Topica (1)</i>	Retórica
	<i>De Inventione (1)</i>	Retórica

	<i>Epistulae ad Atticum (4)</i> <i>Epistulae ad Familiares (4)</i>	Carta Carta
Publius Vergilius Naso	<i>Aeneis (4)</i> <i>Georgica (3)</i>	Poesia Poesia
Publius Terentius Afer	<i>Heautontimorumenos (1)</i> <i>Eunuchus (1)</i>	Teatro Teatro
Quintus Horatius Flaccus	<i>Epistulae (1)</i> <i>Carmina (1)</i>	Poesia Poesia
Gaius Julius Caesar	<i>De Bello Gallico (15)</i> <i>De Bello Civilis (1)</i>	Comentário Comentário
Publius Cornelius Tacitus	<i>Annales (2)</i>	História
Titus Maccius Plautus	<i>Rudens (1)</i> <i>Trinummus (1)</i> <i>Asinaria (1)</i> <i>Casina (1)</i> <i>Epidicus (1)</i> <i>Poenulus (1)</i> <i>Bacchides (1)</i> <i>Menaechmi (1)</i>	Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro
Gaius Sallustius Crispus	<i>Bellum Jugurthinum (2)</i>	História
Titus Livius Patavinus	<i>Ab Urbe Condita Libri (3)</i>	História
Publius Ovidius Naso	<i>Tristia (1)</i> <i>Epistulae ex Ponto (1)</i>	Poesia Poesia
Decimus Junius Juvenalis	<i>Saturae (1)</i>	Poesia
Titus Lucretius Carus	<i>De Rerum Natura (1)</i>	Filosofia
Gaius Suetonius Tranquillus	<i>De Vitis Caesarum (1)</i>	História

Cornelius Nepos	<i>Liber de Excellentibus Ducibus Exterarum Gentium (1)</i>	História
--------------------	---	----------

A divisão das citações por autor mostra uma situação desproporcional, em que, do total de 148 citações, 100 delas são de Marcus Tullius Cicero, perfazendo 68,627% do total, enquanto que Gaius Julius Caesar, o segundo autor com mais ocorrências, e último a ter pelo menos 10 ocorrências, com 16 citações, perfaz 10,884% do total com apenas duas obras. Os 12 autores restantes correspondem a 21,621% do total, tendo sido citados 32 vezes, com as suas 23 obras.

As nove modalidades literárias, por outro lado, foram um pouco melhor distribuídas, da seguinte forma: retórica: 29 citações (19,594% do total); filosofia: 26 citações (17,567% do total); discurso político: 24 citações (16,216% do total); comentário: 16 citações (10,810% do total); discurso jurídico: 14 citações (9,459% do total); poesia: 12 citações (8,108% do total); teatro: 10 citações (6,756% do total); história: 9 citações (6,081% do total); carta: 8 citações (5,405% do total). Além disso, há uma predominância quantitativa de obras utilizadas como fonte de citações provenientes de duas modalidades: teatro e discurso jurídico.

O período de tempo em que os 14 autores viveram abarcou quase quatro séculos, de 254 a.C. até 122 d.C., isto é, quase todo o período arcaico até a segunda década do período pós-clássico, o que nos mostra um panorama com abrangência e representatividade considerável. Os números, no entanto, ainda não são conclusivos, pois o *Aoristo* ainda tem um número muito limitado de conjunções.

Para comparação entre o formato impresso e o formato final do *Aoristo*, assim como para análise, foram escolhidas cinco conjunções, mostradas na tabela abaixo. Na tabela, utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- OLR: Ocorrências no LR;
- OCL: Ocorrências no CL;
- FLR: Frequência de ocorrência no LR;
- FCL: Frequência de ocorrência no CL.

Conjunção	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>et</i>	316	2,109%	209.611	2,909%
<i>sed</i>	146	0,974%	42.285	0,587%
<i>ut</i>	111	0,741%	66.954	0,929%
<i>si</i>	93	0,620%	43.944	0,610%

<i>nam</i>	87	0,580%	13.008	0,180%
------------	----	--------	--------	--------

Na tabela acima, a forma *et* pode ser confundida com o advérbio *et*, por isto fizemos buscas nos *corpora* através de expressões regulares para descobrir o total de ocorrências de cada uma delas, sendo que a conjunção aparece 314 vezes no LR, enquanto que no CL ela aparece 208.180 vezes. O advérbio, no entanto, não aparece nenhuma vez, tanto no LR quanto no CL. Com base nestes resultados, a tabela pode ser refeita da seguinte forma:

Conjunção	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>et</i>	314	2,096%	208.180	2,890%
<i>sed</i>	146	0,974%	42.285	0,587%
<i>ut</i>	111	0,741%	66.954	0,929%
<i>si</i>	93	0,620%	43.944	0,610%
<i>nam</i>	87	0,580%	13.008	0,180%

As mudanças na quantidade das conjunções não variaram muito, o que não teve grande efeito no resultado final. Passamos agora para a análise das formas listadas acima, começando pela conjunção *et*, cuja forma final é a seguinte no *Aoristo*:

et conjunção coordenativa

I. Sentido próprio

- 1 E (Cic. Of. 2, 57).
- 1.1 E também, e além disso, e até (Cic. Verr. 5, 121).
- 1.2 [Sentido temporal] E então, e depois (Verg. En. 6, 498).

Observações

A conjunção **et** pode repetir-se uma ou mais vezes para indicar uma conexão especial entre os termos ou frases que une.
É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

A conjunção *et* tem duas marcas de uso, a primeira indica o sentido próprio, sendo que os sentidos provenientes deles são indicados tanto pelo deslocamento do texto para o lado direito, quanto pelo índice numérico, seguido de um ponto e de um segundo índice numérico. A segunda marca de uso indica o *sentido temporal*. Nenhum exemplo é fornecido, em vez disso são fornecidas três citações. Nas observações há indicação de correlação entre os termos de uma sentença quando a conjunção é repetida. Além disso, é fornecido o conteúdo informacional relativo às classes gramaticais indeclináveis. No Faria, a conjunção *et* é registrada do seguinte modo:

et, conj. I – Sent. próprio: 1) E (Cic. Of. 2, 57). II – Daí: E também, e além disso, e até (Cic. Verr. 5, 121). Com valor temporal: 3) E então, e depois (Verg. En. 6, 498). Obs.: A conj. **et** pode repetir-se uma ou mais vezes para indicar uma conexão especial entre os termos ou frases que une. (FARIA, 1962, p. 358).

No Saraiva, a conjunção é registrada do seguinte modo:

Ēt, conj. (de ἐτι). 1º. E, demais, mais que, ainda, em cima; além disso, de mais disso; *et... et*. Não só... mais também tanto... com; 2º. Ainda, até; 3º. Pois que, de feito, com efeito; 4º. Ora, mas, entretanto; 5º. Por isso, pois, então, neste caso, depois disto, em vista disto; 6º. Já, quando, logo; 7º. Ou; 8º. Que, como; 9º. Como expletiva para dar mais força à afirmação. (SARAIVA, 1993, p. 434)

Em seguida são fornecidos nove conjuntos de exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. O Saraiva concorda com o Faria em algumas acepções, mas o Saraiva fornece algumas acepções e sentidos adicionais, além de se utilizar de uma indicação de uso para mostrar ao usuário que a conjunção pode adquirir um novo significado caso seja repetida na sentença. Nenhum dos dois dicionários informa ao usuário que a forma *et* também pode ser um advérbio. O Busarello registra o verbete do seguinte modo:

et, conj. e, ainda; **et... et**: não só... mas também. (BUSARELLO, 2003, p. 103).

Novamente, o Busarello registra somente as acepções básicas, mas desta vez ele dá indicação de outra possibilidade de uso.

Passamos agora para a conjunção *sed*, que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

sed conjunção

- 1 Mas, porém (Cic. Mil. 59).
- 2 Notem-se as expressões
 - a **non solum... sed, non modo... sed**, "não somente... mas";
 - b **sed etiam** (Cic. Mil. 61), "mas também, mas ainda";
 - c **sed tamen** (Cic. Phil. 2, 104), "mas em todos os casos".
- 3 Iniciando ou voltando a um assunto
sed redeamus ad Hortensium (Cic. Br. 291), "mas voltemos a Hortênsio".
- 4 Ora, mas também (Verg. En. 10, 576).

Observações

Na língua antiga **sed** (ou **se**) funcionava como preposição, sendo neste emprego substituída por **sine** na língua literária. Nos textos literários **sed, se** ou **so** aparecem como prevérbio, indicando a separação, o afastamento, a privação: **seditio, sedulo, secedo, sepono, socors**. É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

A conjunção *sed* não tem qualquer marca de uso, sendo que há uma situação que poderia ser substituída por uma, onde é dito "Notem-se as expressões". As expressões em questão são exemplos, além disso, há um quarto exemplo e duas citações. Nas observações, há indicação de uso da conjunção em períodos anteriores da língua latina, assim como há indicação de uso da conjunção como prevérbio. Além disso, é fornecido o conteúdo informacional relativo às classes de palavra indeclináveis. No Faria, a conjunção é registrada do seguinte modo:

sed, conj. 1) Mas, porém (Cic. Mil. 59). 2) Notem-se as expressões: a) **non solum... sed, non modo... sed**, «não somente... mas»; b) **sed etiam** (Cic. Mil. 61), «mas também, mas ainda»; c) **sed tamen** (Cic. Phil. 2, 104), «mas em todos os casos». 3) Iniciando ou voltando a um assunto: **sed redeamus ad Hortensium** (Cic. Br. 291), «mas voltemos a Hortênsio». 4) Ora, mas também (Verg. En. 10, 576). Obs.: Na língua antiga **sed** (ou **se**) funcionava como prep., sendo neste emprego substituída por **sine** na língua literária. Nos textos literários **sed, se** ou **so** aparecem como prevérbio, indicando a separação, o afastamento, a privação: **seditio, sedulo, secedo, sepono, socors**. (FARIA, 1962, p. 904).

No Saraiva, a conjunção é registrada do seguinte modo:

Sēd, conj. CIC. NEP. VIRG. Mas, porém. (SARAIVA, 1993, p. 1078).

Em seguida, são fornecidos 12 exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. As

duas únicas acepções fornecidas pelo Saraiva concordam com o Faria na primeira acepção deste, enquanto que este fornece outras três de sentidos diversos. O Busarello registra o verbete do seguinte modo:

sed, conj. mas, porém; e; mas antes.
(BUSARELLO, 2003, p. 244).

As duas primeiras acepções também estão presentes nos dicionários vistos acima, mas o Busarello acrescenta outras duas acepções, *e* e *mas antes*, que não são indicadas de qualquer forma no Faria e no Saraiva. Além disso, não são dadas outras informações.

Passamos agora para a conjunção *ut*, que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

ut
conjunção subordinativa

¹ Que (integrante)

volo ut facias (Plaut. Bac. 988a), "quero que façás";

huic mandat ut ad se quam primum revertatur (Ces. B. Gal. 4, 21, 2), "recomenda a este que volte o mais depressa possível" (Cic. At. 13, 45, 1); (Cic. Nat. 2, 41); (T. Liv. 2, 43, 11).

² Que (correlativa, ou consecutiva, construindo-se geralmente em correlação com um pronome ou advérbio da oração principal: **is, talis, tantus, adeo, ita, sic, tam, tantum**)

ea celeritate atque eo impetu milites ierunt... ut

hostes impetum legionum atque equitum sustinere

non possent (Ces. B. Gal. 5, 18, 5), "os soldados avançaram com tal rapidez e com tal impetuosidade... que os inimigos não puderam sustentar o embate das legiões e da cavalaria";

Observações

É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

Pelo fato de que a conjunção *ut* tem um conteúdo extenso, reproduzimos acima, em uma imagem truncada, somente uma parte do conteúdo. No total, sete marcas de uso são mostradas para este verbete, sendo que todas elas são especificações de que tipo de conjunção subordinativa se trata, isto é, se é integrante, causal etc. Nove exemplos são fornecidos, além de sete citações adicionais. Nas observações, apenas é fornecido o conteúdo informacional relativo às classes gramaticais indeclináveis. No Faria, a conjunção é registrada do seguinte modo:

ut, adv. e conj. [...] II - Conj. subordinativa: 5)
Que (integrante): **volo ut facias** (Plaut. Bac. 988a), «quero que façás»; **huic mandat ut ad se quam primum revertatur** (Ces. B. Gal. 4, 21, 2),

«recomenda a este que volte o mais depressa possível» (Cic. At. 13, 45, 1); (Cic. Nat. 2, 41); (T. Liv. 2, 43, 11). 6) Que (correlativa, ou consecutiva, construindo-se geralmente em correlação com um pronome ou advérbio da oração principal: **is, talis, tantus, adeo, ita, sic, tam, tantum**): **ea celeritate atque eo impetu milites ierunt... ut hostes impetum legionum atque equitum sustinere non possent** (Ces. B. Gal. 5, 18, 5), «os soldados avançaram com tal rapidez e com tal impetuosidade... que os inimigos não puderam sustentar o embate das legiões e da cavalaria»; **id que natura loci sic muniebatur ut magna ad ducendum bellum daret facultatem** (Ces. B. Gal. 1, 38, 4), «e a referida cidade era de tal maneira defendida pela natureza do terreno que havia uma grande possibilidade de prolongar a guerra»; (Ces. B. Gal. 1, 39, 1); (Cic. Arch. 17). 7) Para que, a fim de que (final): **Dumnorigi custodes ponit ut, quae agat, quibuscum loquatur, scire possit** (Ces. B. Gal. 1, 20, 6), «César põe guardas para vigiar a Dunorige, para que possa saber o que ele faz e com quem fala»; (Cic. Verr. 4, 32). 8) Quando, desde quando (temporal): **ut illos de republica libros edidisti** (Cic. Br. 19), «desde quando publicaste aqueles livros sobre a república». 9) Como (comparativa): **perge ut instituisti** (Cic. De Or. 2, 124), «continua como começaste». 10) Ainda que, embora (concessiva): **ut desint vires, tamen est laudanda voluntas** (Ov. P. 3, 4, 79), «embora faltem as forças, entretanto deve ser louvada a vontade, i.e., o espírito de determinação». 11) Porque, como (causal): **ego, ut contendere durum cum victore, sequor** (Hor. Sal. 1, 9, 42), «quanto a mim, como é difícil lutar com o vencedor, sigo». (FARIA, 1962, p. 1039).

No Saraiva, a conjunção é registrada do seguinte modo:

Ūt, conj. 1º. Que (correlativa com *sic, ita, adeo, tam, tantum, it*); 2º. De sorte que, de modo que, de maneira que, de tal sorte que; sem que (com *non*); 3º. De jeito que, por; a ponto de que; que (com verbos que expressem caso fortuito, consequência,

acréscimo); 4º. Para que; a fim de que; 5º. Que (com palavra que exprima decisão, ordem, conselho, permissão, necessidade, conveniência, oportunidade, ensejo, possibilidade); 6º. Que não (exprimindo o desejo de que o caso aconteça, com os verbos que significam temer, recear); 7º. Dado que, posto que, ainda que, admitido que; 8º. Que (exprimindo repugnância). (SARAIVA, 1993, p. 1247).

Em seguida, são fornecidos oito conjuntos de exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. O Faria e o Saraiva concordam somente em três sentidos, relativos aos números 1, 4 e 7 deste, enquanto que nas informações adicionais os dois são complementares. O Busarello registra o verbete do seguinte modo:

ut, [...] conj. que, para que, a fim de que. (BUSARELLO, 2003, p. 277).

Novamente, o Busarello sintetiza as acepções e fornece somente as básicas, relativas aos sentidos de números 1 e 4 do Saraiva. Nenhuma indicação de outras possibilidades de uso e significação é dada pelo autor.

Passamos agora para a conjunção *si*, que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

si
conjunção

I. Sentido condicional

¹ Se, se porventura, se por acaso (verbo no indicativo ou no subjuntivo) (Cic. Fam. 5, 12, 10); (Cic. C. M. 83).

² Pois que, já que, visto que (Cic. Br. 4).

II. Sentido explicativo

³ Que, de que (Cic. Of. 2, 31); (Ces. B. Gal. 3, 5, 2).

⁴ Mesmo se, ainda que, posto que (Cic. Mur. 8); (Cic. At. 5, 4).

⁵ Se, oxalá (= *utinam*) (Verg. En. 6, 187).

Observações

Geralmente é empregada no princípio da oração, introduzindo quase sempre uma frase condicional: leva o verbo para o indicativo, se a suposição é considerada real; ou para o subjuntivo, se for considerada irreal ou eventual.

Pode ser reforçada por um advérbio, como por exemplo: **si modo**, "se ao menos"; **si quidem**, "se realmente"; **si forte**, "se por acaso". É empregada com relativa frequência para introduzir uma oração completiva, apresentando ainda a tendência para substituir **num** nas interrogações completivas.

É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

A conjunção *si* tem duas marcas de uso que não foram vistas até o momento, a primeira trata do *sentido condicional*, enquanto que a segunda trata do *sentido explicativo*. A primeira marca de uso é explicada nas observações, mas isto não acontece com a segunda. Nas observações também são dadas indicações de uso, além do conteúdo informacional. Nenhum exemplo é fornecido, mas há sete citações, além de uma indicação de uso nas acepções. No Saraiva, a conjunção é registrada do seguinte modo:

si, conj. I – Sent. condicional: 1) Se, se porventura, se por acaso (verbo no indicativo ou no subjuntivo) (Cic. Fam. 5, 12, 10); (Cic. C. M. 83). 2) Pois que, já que, visto que (Cic. Br. 4). II – Sent. explicativo: 3) Que, de que (Cic. Of. 2, 31); (Ces. B. Gal. 3, 5, 2). 4) Mesmo se, ainda que, posto que (Cic. Mur. 8); (Cic. At. 5, 4). 5) Se, oxalá (= **utinam**) (Verg. En. 6, 187). Obs.: Geralmente é empregada no princípio da oração, introduzindo quase sempre uma frase condicional; leva o verbo para o indicativo, se a suposição é considerada real; ou para o subjuntivo, se for considerada irreal ou eventual. Pode ser reforçada por um advérbio, como por exemplo: **si modo**, «se ao menos»; **si quidem**, «se realmente»; **si forte**, «se por acaso». É empregada com relativa frequência para introduzir uma oração completiva, apresentando ainda a tendência para substituir **num** nas interrogações completivas. (FARIA, 1962, p. 918).

No Saraiva, a conjunção é registrada do seguinte modo:

Si, conj. (de σι). 1º. Se, suposto que, na suposição de que, no caso que, se porventura; com tanto que; 2º. Se, já que, pois que, visto que; 3º. De que, que; com medo que; 4º. Se, quando, todas as vezes que; desde que ou logo que; 5º. Ainda que, posto que, ainda quando; *Non si*. Nem se, nem ainda quando; 6º. Oxalá que, praza a Deus que, provará a Deus que, quem dera que; 7º. O m. q. *Sive*; 8º. Se (entre dois verbos), a ver se, para saber se; 9º. Do que se, como se. (SARAIVA, 1993, p. 1096).

Em seguida, são fornecidos nove conjuntos de citações retiradas de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente, enquanto que no Faria nenhuma citação é registrada. O Saraiva registra todos os sentidos que também estão presentes no Faria e acrescenta quatro outros sentidos, sendo que um deles é uma remissão. O Busarello registra o verbete do seguinte modo:

si, conj. se, se porventura. (BUSARELLO, 2003, p. 248).

O Busarello se limita a fornecer as acepções básicas da conjunção, equivalente ao primeiro sentido tanto do Faria quanto do Saraiva. Nenhuma indicação de outras possibilidades de uso e significação é dada pelo autor.

Por fim, tratamos agora da conjunção *nam*, que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

nam
conjunção

Observações

¹ De fato, realmente (Cic. Leg. 2, 17).

² Pois, porque, por isso que (Ces. B. Gal. 1, 12, 4).

³ Assim, por exemplo (Cic. Br. 81).

⁴ Pois, com efeito (Cic. De Or. 3, 192).

¹ **Nam** é uma partícula de sentido afirmativo como **enim**. Com mais frequência, porém, serve para introduzir um novo desenvolvimento, uma confirmação especial, ou uma explicação, justificação, ou exemplos em apoio de uma afirmação precedente.

² **-nam**, enclítica, acrescenta-se a pronomes ou a uma partícula de caráter interrogativo ou indefinido, para reforçar a indeterminação: **quisnam, ubinam**.

³ Normalmente **nam** coloca-se no início da frase. Entretanto, principalmente nos cômicos, é costume aparecer depois da primeira, ou até de várias palavras da oração. É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

A conjunção *nam* tem, no *Aoristo*, mais informações registradas nas observações do que na parte de equivalências, sendo que nas observações são abordados três aspectos, o primeiro é relacionado à conjunção como uma partícula, no segundo trata-se do seu funcionamento como partícula enclítica e no terceiro trata da localização desta conjunção, mais precisamente no início de sentenças. Nenhum exemplo é fornecido, mas há quatro citações, além de cinco indicações de uso. No Faria, a conjunção é registrada do seguinte modo:

nam, [...] II – Conj. 4) De fato, realmente (Cic. Leg. 2, 17). 5) Pois, porque, por isso que (Ces. B. Gal. 1, 12, 4). 6) Assim, por exemplo (Cic. Br. 81). 7) Pois, com efeito (Cic. De Or. 3, 192). Obs.: 1) **Nam** é uma partícula de sentido afirmativo como **enim**. Com mais frequência, porém, serve para introduzir um novo desenvolvimento, uma confirmação especial, ou uma explicação, justificação, ou exemplos em apoio de uma afirmação precedente. 2) **-nam**, enclítica, acrescenta-se a pronomes ou a uma partícula de caráter interrogativo ou indefinido, para reforçar a indeterminação: **quisnam**, **ubinam**. 3) Normalmente **nam** coloca-se no início da frase. Entretanto, principalmente nos cômicos, é costume aparecer depois da primeira, ou até de várias palavras da oração. (FARIA, 1962, p. 632).

No Saraiva, a conjunção é registrada do seguinte modo:

Nam, conj. Cic. LIV. Porque, pois, de feito, com efeito. (SARAIVA, 1993, p. 766).

Em seguida, são fornecidos quatro exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. As acepções registradas no Saraiva são registradas em dois sentidos no Faria, sendo que este tem outros dois sentidos adicionais. O Busarello registra o verbete do seguinte modo:

nam, conj. porque, pois; com efeito, ora. (BUSARELLO, 2003, p. 176).

O Busarello fornece as acepções básicas da conjunção, que são quase idênticas ao Saraiva, além de acrescentar uma acepção, *ora*. Nenhuma indicação de outras possibilidades de uso e significação é dada pelo autor.

4.4 UNIDADES LEXICAIS DECLINÁVEIS

4.4.1 Substantivo

Na gramática de Almeida (2000), não há definição do que constitui um substantivo em latim, em vez disso há somente explicações

de como eles são declinados. Escolhemos a explicação de Rónai (1986, p. 11) para as declinações latinas, tanto por ser mais breve quanto mais precisa. O autor nos diz que declinar um substantivo, um nome,

significa enunciar em determinada ordem as diversas formas que ele reveste segundo as funções que desempenha na oração [...]. Em latim há seis casos: *nominativo*, caso do sujeito e do predicativo; *vocativo*, caso do chamamento; *acusativo*, caso do objeto direto; *genitivo*, caso do adjunto restritivo (ou adjetivo); *dativo*, caso do objeto indireto; *ablativo*, caso do adjunto circunstancial (ou adverbial).

Os substantivos [...] repartem-se em [...] cinco declinações. (RÓNAI, 1986, p. 11).

O autor, no entanto, não diz que os casos, em uma declinação, podem ser enunciados em qualquer ordem, sendo que no *Aoristo* a ordem seguida é nominativo, vocativo, genitivo, dativo, ablativo e acusativo. Para todas as formas que podem ser declinadas, o *Aoristo* fornece as tabelas, sempre com as formas completas acompanhadas das respectivas traduções. O *Aoristo* tem, até o momento, um total de 177 substantivos, mas sete pares deles têm o mesmo conteúdo semântico, por isto o número efetivo passar a ser 170.

Abaixo, listamos os autores citados nos exemplos e nas citações do Faria, também listamos os nomes das obras de cada autor, assim como as modalidades textuais de cada uma delas:

Autor	Obra	Modalidade
Marcus Tullius Cicero	<i>Academica</i> (5)	Filosofia
	<i>De Finibus Bonorum et Malorum</i> (8)	Filosofia
	<i>Tusculanae Quaestiones</i> (14)	Filosofia
	<i>De Natura Deorum</i> (17)	Filosofia
	<i>Cato Maior</i> (12)	Filosofia
	<i>Laelius de Amicitia</i> (7)	Filosofia
	<i>De Divinatione</i> (13)	Filosofia
	<i>Timaeus</i> (1)	Filosofia
	<i>Paradoxa Stoicorum</i> (2)	Filosofia
	<i>In Catilinam</i> (21)	Discurso político
	<i>In Verrem</i> (59)	Discurso político

<i>Pro Ligario (1)</i>	Discurso político
<i>De Lege Agraria (4)</i>	Discurso político
<i>Pro Marcello (1)</i>	Discurso político
<i>Pro Milone (8)</i>	Discurso político
<i>Philippicae (10)</i>	Discurso político
<i>De Imperio Gn. Pompei (5)</i>	Discurso político
<i>In Pisonem (5)</i>	Discurso político
<i>De Domo Sua (1)</i>	Discurso político
<i>Pro Scauro (1)</i>	Discurso político
<i>Pro Cluentio (5)</i>	Discurso político
<i>De Oratore (22)</i>	Discurso político
<i>Brutus (1)</i>	Retórica
<i>Orator (7)</i>	Retórica
<i>De Re Publica (10)</i>	Retórica
<i>De Officiis (12)</i>	Retórica
<i>De Legibus (5)</i>	Retórica
<i>De Re Publica (6)</i>	Retórica
<i>De Inventione (2)</i>	Retórica
<i>Topica (2)</i>	Retórica
<i>De Optimo Genere Oratorum (1)</i>	Retórica
<i>Pro Caelio (3)</i>	Discurso jurídico
<i>Pro Flacco (4)</i>	Discurso jurídico
<i>Pro Sulla (3)</i>	Discurso jurídico
<i>Pro Plancio (2)</i>	Discurso jurídico
<i>Pro Roscio Amerino (6)</i>	Discurso jurídico
<i>Pro C. Rabirio Perduellionis Reo (1)</i>	Discurso jurídico
<i>Pro Murena (8)</i>	Discurso jurídico
<i>Pro Roscio Comoedo (1)</i>	Discurso jurídico
<i>Pro Archia (3)</i>	Discurso jurídico
<i>Pro Caecina (2)</i>	Discurso jurídico
<i>Pro Balbo (2)</i>	Discurso jurídico
<i>Pro Sestio (1)</i>	Discurso jurídico
<i>In Caecilium (1)</i>	Discurso jurídico
<i>Epistulae ad Atticum (23)</i>	Carta
<i>Epistulae ad Quintum Fratrem (2)</i>	Carta
<i>Epistulae ad Familiares (18)</i>	Carta
<i>Epistulae ad Brutus (1)</i>	Carta

Publius Vergilius Maro	<i>Aeneis</i> (32) <i>Georgica</i> (19) <i>Eclogae</i> (6)	Poesia Poesia Poesia
Publius Terentius Afer	<i>Heautontimorumenos</i> (1) <i>Andria</i> (1) <i>Adelphoe</i> (2) <i>Phormio</i> (2) <i>Eunuchus</i> (1)	Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro
Quintus Horatius Flaccus	<i>Ars Poetica</i> (1) <i>Epistulae</i> (5) <i>Epodi</i> (2) <i>Carmina</i> (8) <i>Sermones</i> (8)	Poesia Poesia Poesia Poesia Poesia
Gaius Julius Caesar	<i>De Bello Gallico</i> (49) <i>De Bello Civilis</i> (9)	Comentário Comentário
Publius Cornelius Tacitus	<i>Germania</i> (1) <i>Annales</i> (9) <i>Dialogus de Oratoribus</i> (1) <i>Historiae</i> (2)	História História História História
Titus Maccius Plautus	<i>Mercator</i> (3) <i>Aulularia</i> (7) <i>Trinummus</i> (1) <i>Cistellaria</i> (1) <i>Bacchides</i> (4) <i>Miles Gloriosus</i> (2) <i>Pseudolus</i> (1) <i>Captivi</i> (3) <i>Menaechmi</i> (2) <i>Poenulus</i> (4) <i>Amphitryon</i> (1) <i>Rudens</i> (1) <i>Persa</i> (2) <i>Casina</i> (1)	Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro
Gaius Plinius Caecilius Secundus	<i>Epistularum Libri Decem</i> (1)	Carta
Gaius Plinius Secundus	<i>Historia Naturalis</i> (8)	História
Titus Livius Patavinus	<i>Ab Urbe Condita Libri</i> (49)	História

Publius Ovidius Naso	<i>Metamorphoseon</i> (19) <i>Tristia</i> (2) <i>Fasti</i> (7) <i>Ars Amatoria</i> (3) <i>Heroides</i> (2) <i>Remedia Amores</i> (1) <i>Amores</i> (1)	Poesia Poesia Poesia Poesia Poesia Poesia Poesia
Marcus Fabius Quintilianus	<i>Institutio Oratoria</i> (4)	Retórica
Gaius Valerius Catullus	<i>Carmina</i> (7)	Poesia
Lucius Apuleius Madaurensis	<i>Metamorphoseon</i> (2)	Romance
Lucius Annaeus Seneca	<i>De Beneficiis</i> (2)	Filosofia
Marcus Annaeus Seneca	<i>Controversiae</i> (1)	Retórica
Aulus Gellius	<i>Noctes Atticae</i> (2)	Adversaria ²⁹
Gaius Sallustius Crispus	<i>Bellum Jugurthina</i> (3) <i>Bellum Catilinae</i> (4)	História
Marcus Valerius Martialis	<i>Epigrammaton Libri</i> (3)	Poesia
Albius Tibullus	<i>Carminum Libri Tres</i> (3)	Poesia
Marcus Annaeus Lucanus	<i>De Bello Civili sive Pharsalia</i> (1)	Poesia
Titus Lucretius Carus	<i>De Rerum Natura</i> (2)	Filosofia
Marcus Terentius Varro	<i>De Lingua Latina</i> (1) <i>Rerum Rusticarum Libri Tres</i> (3)	Gramática Agricultura

²⁹ Miscelânea de anotações, com assuntos abrangendo gramática, geometria, filosofia e história.

Sextus Propertius	<i>Elegiae (4)</i>	Poesia
Gaius Suetonius Tranquillus	<i>De Vitis Caesarum (3)</i>	História
Lucius Junius Moderatus Columella	<i>De Re Rustica Libri XII (1)</i>	Agricultura
Gaius Julius Phaedrus	<i>Sexto Festo (1)</i>	Fábula
Maurus Servius Honoratus	<i>In Vergilii Aeneidem commentarii (1)</i> ³⁰	Gramática

A divisão das citações por autor mostra uma situação desproporcional, em que, do total de 678 citações, 349 delas são de Marcus Tullius Cicero, perfazendo 51,474% do total, enquanto que Gaius Julius Caesar, o segundo autor com mais ocorrências, com 58 citações, perfaz 8,554% do total com apenas duas obras. O terceiro autor com mais ocorrências, por sua vez, Publius Vergilius Maro, com 57 citações, perfaz 8,407%, enquanto que o quarto autor com mais ocorrências é Titus Livius Patavinus, com 13 citações, perfazendo 4,887% do total com apenas uma obra. Publius Ovidius Naso, o quinto autor com mais ocorrências, com 35 citações, perfaz 5,162%, enquanto que o sexto autor com mais ocorrências é Titus Maccius Plautus, com 33 citações, perfazendo 4,867% do total. O sétimo autor com mais ocorrências é Quintus Horatius Flaccus, com 24 citações, perfazendo 3,539%, enquanto que o oitavo autor com mais ocorrências, e último a ter pelo menos 10 citações, é Publius Cornelius Tacitus, com 13 citações, perfazendo 1,917% do total com apenas uma obra. Os 20 autores restantes correspondem a 9,439% do total, tendo sido citados 64 vezes, com as suas 26 obras.

As 14 modalidades literárias, por outro lado, foram um pouco melhor distribuídas, da seguinte forma: discurso político: 143 citações (21,091% do total); poesia: 134 citações (19,764% do total); história: 8 citações (1,179% do total); filosofia: 79 citações (11,651% do total); comentário: 58 citações (8,554% do total); retórica: 52 citações (7,669% do total); carta: 45 citações (6,637% do total); teatro: 40 citações

³⁰ Não está no *corpus*.

(5,899% do total); discurso jurídico: 37 citações (5,457% do total); agricultura: 4 citações (0,589% do total); romance: 2 citações (0,294% do total); adversaria: 2 citações (0,294% do total); gramática: 2 citações (0,294% do total); fábula: 1 citação (0,147% do total). Além disso, há uma predominância quantitativa de obras utilizadas como fonte de citações provenientes de duas modalidades: poesia e teatro.

O período de tempo em que os 28 autores viveram abarcou cerca de oito séculos, de 254 a.C. até o começo do século V d.C., isto é, quase todo o período arcaico, passando pelos períodos clássico e pós-clássico, até o começo do período bárbaro, o que nos mostra um panorama com grande abrangência e representatividade. Os números, no entanto, ainda não são conclusivos, pois o *Aoristo* ainda tem um número muito limitado de substantivos.

Para comparação entre o formato impresso e o formato final no *Aoristo*, assim como para análise, foram escolhidos cinco substantivos, mostrados na tabela abaixo, na qual utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- OLR: Ocorrências no LR;
- OCL: Ocorrências no CL;
- FLR: Frequência de ocorrência no LR;
- FCL: Frequência de ocorrência no CL.

Substantivo	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>Chrysalus</i>	20	0,133%	9	0,001%
<i>chr</i> ³¹	93	0,620%	5	0,001%
<i>sectio</i>	54	0,360%	3	0,001%
<i>aedis</i>	41	0,273%	282	0,003%
<i>homo</i>	40	0,267%	2.723	0,037%
<i>servus</i>	39	0,260%	89	0,001%
<i>servus</i>	0	0%	254	0,003%

Na tabela acima, o substantivo de forma *servus* pode ser confundida com o adjetivo *servus*, por isto fizemos buscas nos *corpora* através de expressões regulares Unix para descobrir o total de

³¹ *chr* é a abreviatura de *Chrysalus*, nome próprio de um dos personagens de *Bacchides*, peça de teatro de Titus Maccius Plautus. No CL, as únicas cinco ocorrências desta forma aparecem na peça de teatro *Andria*, de autoria de Publius Terentius Afer.

ocorrências de cada uma delas, sendo que, após analisarmos os *corpora* etiquetados pelo TreeTagger, descobrimos que o substantivo aparece 43 vezes no LR, enquanto que no CL ele aparece 521 vezes. O adjetivo, por sua vez, não aparece nenhuma vez tanto no LR quanto no CL. Com relação à forma *seruus*, o substantivo aparece 29 vezes no LR, enquanto que no CL ele aparece 85 vezes, o adjetivo, por sua vez, não aparece nenhuma vez tanto no LR quanto no CL. Pelo fato de os resultados destas buscas terem nos fornecido resultados irreais, resolvemos descartar esta parte da pesquisa. Justificamos, agora, o motivo de chamarmos estes resultados de irreais, isto se deve ao fato de que fizemos uma busca manual nos *corpora* pelas duas formas em questão, disto descobrimos que o AntConc produziu os resultados corretos, por isto a tabela acima não será refeita.

Como se pode perceber, os substantivos pesquisados têm pouca representatividade no CL, enquanto que no LR ela é bem maior. O mesmo serve para *servus*, grafia alternativa de *seruus*. Passamos agora para a análise das formas listadas acima, começando pelo substantivo *Chrysalus*, que não foi registrado no *Aoristo* por não estar presente no Faria. No Saraiva, o verbete *Chrysalus* é registrado do seguinte modo:

Chrysälūs, ī, s. pr. m. (Χρύσαλος). PLAUT.
Chrysalo, nome de homem. (SARAIVA, 1993, p. 214).

Nenhum exemplo é fornecido, assim como não há indicação de que este substantivo próprio aparece na peça *Bacchides*, embora diga que está na obra de Titus Maccius Plautus. Esta forma também não é registrada no Busarello.

Passamos agora ao substantivo *sectio*, que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

sectiō, sectiōnis
substantivo feminino de terceira declinação (imparissílabo)

I. Sentido próprio

1 Ação de dividir cortando, corte (Plin. H. Nat. 19, 137).

II. Na língua jurídica

2 Venda em hasta pública de bens confiscados (Cic. Phil. 2, 64).

2.1 Objetos confiscados e postos à venda, presa (Ces. B. Gal. 2, 33, 6).

Observações

Substantivos imparissílabos são os que no genitivo singular têm uma ou mais sílabas a mais do que no nominativo.

	Singular	Plural	Observações
Nominativo	sectiō (o corte)	sectiōnēs (os cortes)	Correspondência entre casos e funções gramaticais: Nominativo - Sujeito e predicativo; Vocativo - Vocativo, pode vir acompanhado de "ó"; Genitivo - Adjunto adnominal restritivo, acompanhado da preposição de (do, dos, da, das); Dativo - Objeto indireto, acompanhado da preposição a (ou para: o, para o, a, para a, à, os, para os, aos, as, para as, às); Ablativo - Adjunto adverbial, acompanhado da preposição por (pelo, pelos, pela, pelas); Acusativo - Objeto direto.
Vocativo	sectiō (corte)	sectiōnēs (cortes)	
Genitivo	sectiōnis (do corte)	sectiōnum (dos cortes)	
Dativo	sectiōnī (para o corte)	sectiōnibus (para os cortes)	
Ablativo	sectiōne (pelo corte)	sectiōnibus (pelos cortes)	
Acusativo	sectiōnem (corte)	sectiōnēs (cortes)	

Neste substantivo, são utilizadas duas marcas de uso para indicar sentido próprio e um segundo sentido, da linguagem jurídica, proveniente do sentido próprio. Nenhum exemplo é fornecido, mas há três citações. Nas observações, apenas é fornecido o conteúdo informacional relativo aos substantivos imparissílabos. As formas da tabela de declinação, que são acompanhadas das respectivas traduções, são regulares, por isto, nas observações que acompanham as formas, o conteúdo informacional desta parte apenas trata da correspondência entre casos latinos e funções gramaticais em português. No Faria, o substantivo é registrado do seguinte modo:

sectiō, ōnīs, subs. f. I – Sent. Próprio: 1) Ação de dividir cortando, corte (Plin. H. Nat. 19, 37). II – Na língua jurídica: 2) Venda em hasta pública de bens confiscados (Cic. Phil. 2, 64). III – Por extensão: 3) Objetos confiscados e postos à venda, presa (Cés. B. Gal. 2, 33, 6). (FARIA, 1962, p. 903).

No Faria, o substantivo é registrado do seguinte modo:

1 **Sēctiō, ōnīs**, *s. ap. f.* (de *secare*). PLIN. VITR. Ação de dividir cortando, de cortar, corte, cortadura. [...] § PLIN. Operação cirúrgica, amputação, sarjadura. § APUL. Castração, capadura. § *Fig.* DIOM. Cesura (*ter. metrif.*). ISID. § Tmesis (*fig.* de dicção). § ENNOD. Extirpação (dos vícios).

2 **Sēctiō, ōnīs**, *s. ap. f.* (de *seco* 2, ou de *secutio*). Instância, prosseguimento. [...] § CIC. TAC. Venda em hasta pública de bens confiscados. § CAES. TAC. Objeto confiscado, e posto à venda. § FEST. Narração, narrativa. (SARAIVA, 1993, p. 1076).

A primeira entrada tem dois exemplos e a segunda entrada tem um exemplo. Comparando estas entradas é possível perceber que o Faria tem os mesmos teores de “ação de dividir cortando” e “hasta pública”, embora a segunda entrada tenha um sentido adicional, o de prosseguimento, originado de *secutio*, que não aparece no Faria, sendo que este, no entanto, juntou os conteúdos das entradas e dividiu os sentidos, como já foi visto acima. O Saraiva registra o verbete do seguinte modo:

sectiō, ōnīs, *f.* corte; amputação; venda em hasta pública. (BUSARELLO, 2003, p. 244).

As três acepções são um resumo das mesmas mostradas no Faria e no Saraiva, mas, aqui também, não aparece a acepção de prosseguimento.

Passamos agora ao substantivo *aedis*, que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

aedis, aedis
substantivo feminino de terceira declinação (parissílabo)

I. Sentido próprio

- 1 Lareira, lugar em que se faz o fogo.
- 2 Casa, habitação (Cic. Verr. 1, 53).
- 3 Quarto (Verg. G. 2, 461).
- 4 Templo (Cic. Verr. 4, 119).

Observações

No singular indica, especialmente, a morada do deus, o templo: **in aede Castoris** (Cic. Verr. 1, 129), "no templo de Castor". O plural **aedes, aedium** tem valor de coletivo e indica o conjunto de uma construção; casa, habitação.

	Singular	Plural	Observações
Nominativo	aedis (a casa) aedēs (a casa)	aedēs (as casas)	Correspondência entre casos e funções gramaticais: Nominativo - Sujeito e predicativo; Vocativo - Vocativo, pode vir acompanhado de "ó"; Genitivo - Adjunto adnominal restritivo, acompanhado da preposição de (do, dos, da, das); Dativo - Objeto indireto, acompanhado da preposição a (ou para: o, para o, a, para a, à, os, para os, aos, as, para as, às); Ablativo - Adjunto adverbial, acompanhado da preposição por (pelo, pelos, pela, pelas); Acusativo - Objeto direto.
Vocativo	aedis (a casa) aedēs (a casa)	aedēs (casas)	
Genitivo	aedis (da casa)	aedium (das casas)	
Dativo	aedī (para a casa)	aedibus (para as casas)	
Ablativo	aede (pela casa)	aedibus (pel as casas)	
Acusativo	aedem (casa)	aedēs (casas)	

Neste substantivo, uma marca de uso é utilizada, *sentido próprio*, sob a qual todas as acepções estão reunidas. Exceto para o primeiro sentido, todos têm uma citação associada. As observações que acompanham as correspondências dão informações semânticas e de uso, incluindo um exemplo, enquanto que as observações que acompanham as formas apenas tratam da correspondência entre os casos latinos e as suas funções gramaticais. No Faria, o substantivo é registrado do seguinte modo:

aedis, -is, v. aedes. (FARIA, 1962, p. 40).

O verbete *aedes* pode ser encontrado na mesma página, o que diminui o tempo de busca para o usuário.

aedes (aedis), -is, subs. f. I — Sent. próprio: 1) Lareira, lugar em que se faz o fogo. O singular indica, especialmente, a morada do deus, o

templo: in aede Castoris (Cic. Verr. 1, 129) «no templo de Castor». Daí: 2) O plural aedes, -ium tem valor de coletivo e indica o conjunto de uma construção; casa, habitação (Cic. Verr. 1, 53). Onde: 3) Quarto (Verg. G. 2, 461). 4) Templo (pl.). (Cic. Verr. 4, 119). (FARIA, 1962, p. 40).

As formas *aedis* e *aedes*, tanto do caso nominativo singular quanto do caso vocativo singular, são vistas agrupadas na tabela de declinação, cada uma acompanhada de tradução, assim é possível evitar que o usuário fique confuso. As formas em questão podem ser encontradas em diferentes tabelas de declinação, mesmo tendo o mesmo significado, além disso, como nos diz Almeida (2000, p. 79), “certos nomes há da 3ª. declinação que no plural podem ter, além do primeiro, um segundo significado”.

O Saraiva também faz uma remissão para *aedes*, que pode ser encontrada na mesma página:

Aēdēs, ĩūm, s. ap. f. plur. VIRG. CIC. Casa, morada, habitação; palácio. § VIRG. Jazigo, sepultura. § PLAUT. CURT. Aposento interior duma casa, quarto, alcova, sala. (SARAIVA, 1993, p. 38).

Em seguida, é fornecido um exemplo. O Faria fornece informações sobre o plural e sobre o coletivo, no Saraiva elas não aparecem, mas, por outro lado, neste há acepções adicionais extraídas de Publius Vergilius Maro, estas são “Jazigo, sepultura”. O Busarello fornece o seguinte conteúdo:

aedes (aedis), is, f. templo; (pl.) habitação, morada, casa. (BUSARELLO, 2003, p. 20).

Nesta linha, ficam sintetizadas as acepções básicas, sem fazer alusão a quaisquer outras.

Passamos agora ao substantivo *homo*³², que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

³² Para este substantivo não reproduzimos aqui a tabela de declinação, embora no dicionário *Aoristo* ela apareça, isto foi decidido porque as formas são regulares, não apresentando qualquer informação nova.

homō, hominis

substantivo masculino de terceira declinação (imparissílabo)

Sentido próprio

- 1 Homem, ser racional (em oposição a fera, **bestia**) (Cic. At. 2, 2, 2).
- 2 Homem, ser humano (em oposição a **deus**) (Cic. Or. 129).
- 3 [*Linguagem familiar*] Homem (em oposição a **mulier**) (Plaut. Cist. 723).
- 4 Homem, ser vivo, vivente, mortal (em oposição aos deuses e aos mortos) (Cic. Amer. 76).
- 4.1 (No plural) Habitantes, cidadãos (T. Liv. 34, 45, 1).
- 5 Homens, soldados, e especialmente a infantaria (em oposição à cavalaria) (Ces. B. Civ. 2, 39, 4).

Observações

- 1 Etimologicamente significa: o nascido da terra, o terrestre, ser humano; deste sentido geral é que passou aos sentidos particulares indicados.
- 2 Na língua familiar tem, muitas vezes, o valor de um demonstrativo, correspondendo a **hic homo** = **ego** (Plaut. Bac. 161); **homo** = **is, iste** ou **ille** (Cic. Dom. 40).

Neste substantivo, oito marcas de uso são utilizadas, a primeira delas é o *sentido próprio*, sob a qual todos os sentidos estão agrupados, enquanto que a segunda marca de uso especifica que uma determinada acepção pertence à *linguagem familiar*. As outras marcas de uso são especificações do sentido de algumas acepções, sendo que elas são tratadas como oposição a outros sentidos. Nenhum exemplo é fornecido, mas há seis citações e duas indicações de uso. Nas observações, há dois tipos de informações, o primeiro trata da etimologia do lema, enquanto que o segundo dá maiores informações sobre a acepção que tem sentido familiar, além disso, não há conteúdo informacional. As formas da tabela de declinação, que são acompanhadas das respectivas traduções, são regulares, por isto, nas observações que acompanham as formas, o conteúdo informacional desta parte apenas trata da correspondência entre casos latinos e funções gramaticais em português. No Faria, o substantivo é registrado do seguinte modo:

homo, inis, subs. m. I – Sent. Próprio: 1) Homem, ser racional (em oposição a fera, **bestia**) (Cic. At. 2, 2, 2). 2) Homem, ser humano (em oposição a **deus**) (Cic. Or. 129). Na língua familiar: 3) Homem (em oposição a **mulier**) (Plaut. Cist. 723). 4) Homem, ser vivo, vivente, mortal (em oposição aos deuses e aos mortos) (Cic. Amer. 76). Por extensão, no pl.: 5) Habitantes, cidadãos (T. Liv. 34, 45, 1). 6) Homens, soldados, e especialmente a infantaria (em oposição à cavalaria) (Cés. B. Civ. 2, 39, 4). Obs.: 1) Etimologicamente significa: o nascido da terra, o terrestre, ser humano; deste sent. geral é que passou aos sent. particulares

acima indicados. 2) Na língua familiar tem, muitas vezes, o valor de um demonstrativo, correspondendo a **hic homo** = **ego** (Plaut. Bac. 161); **homo** = **is**, **iste** ou **ille** (Cic. Dom. 40). (FARIA, 1962, pp. 452-3).

No Saraiva, o substantivo é registrado do seguinte modo:

Hōmō, ĩnīs, *s. ap. m.* CIC. PLIN. O homem, os homens, o gênero humano; um homem, uma pessoa, um indivíduo. (SARAIVA, 1993, p. 556).

Em seguida, são fornecidos 23 exemplos extraídos de autores latinos para ilustrar as acepções em questão, além disso, não há informações sobre uso. As acepções fornecidas pelo Saraiva equivalem aos primeiros três sentidos registrados no Faria, ao que este adiciona alguns outros sentidos. O Busarello tem conteúdo muito semelhante ao Saraiva, embora nos informe uma acepção que não aparece nem no Faria nem no Saraiva, como pode ser visto abaixo:

homo, ĩnis, *m.* homem; pessoa; soldado; o terrestre. (BUSARELLO, 2003, p. 129).

Novamente o Busarello sintetiza as acepções básicas fornecidas pelo Faria e pelo Saraiva.

Passamos agora ao substantivo *servus*³³, que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

servus, servī
substantivo masculino de segunda declinação

I. Sentido próprio

1 Escravo (Ter. And. 37).

II. Sentido figurado

2 Servo, escravo

cupīditatū (Cic. Verr. 1, 58), "escravo das paixões".

Observações

Os substantivos de segunda declinação, em sua maioria, são do gênero masculino.

³³ Para este substantivo não reproduzimos aqui a tabela de declinação, embora no dicionário *Aoristo* ela apareça, isto foi decidido porque as formas são regulares, não apresentando qualquer informação nova.

Neste substantivo, são utilizadas duas marcas de uso, a primeira indica *sentido próprio*, enquanto que a segunda indica *sentido figurado*. Somente um exemplo é fornecido, mas uma citação também é fornecida. A observação que acompanha as equivalências apenas dá ao usuário o conteúdo informacional sobre a prevalência do gênero masculino nesta declinação. No Faria, *servus* tem a seguinte forma:

1. **servus, -a, -um**, adj. I – Sent. próprio: 1) De escravo, pertencente ou relativo a um escravo. II – Daí: 2) Servil, dependente, dominado (Hor. Ep. 1, 19, 17). 3) Escravo (em oposição a **liber**): **serva capita** (T. Lív. 29, 29, 3) «escravos». Na língua jurídica: 4) Sujeito à servidão: **praedia serva** (Cíc. Agr. 3, 9) «terras sujeitas à servidão».
2. **servus, i**, subs. m. I – Sent. próprio: 1) Escravo (Ter. And. 37). II – Sent. figurado: 2) Servo, escravo: **cupiditatum** (Cíc. Verr. 1, 58) «escravo das paixões». (FARIA, 1962, p. 916).

A divisão em duas entradas é baseada na classe gramatical de *servus*, a partir do que o autor considera como o sentido próprio de cada entrada, do que é possível inferir que o substantivo e o adjetivo têm a mesma origem, isto é, a mesma etimologia e, por consequência, são consideradas homônimas. O Saraiva fornece o seguinte conteúdo para *servus*:

- 1 **Sērvūs, ā, ūm**, adj. PLAUT. PETR. De escravo, próprio de escravo. [...] § Fig. SALL. Escravo, sujeito, submetido, dependente. [...] § CIC. Sujeito a uma servidão (*ter. jurid.*).
- 2 **Sērvūs, i**, s. ap. m. (da mesma origem q. *Servo*). CIC. Hor. Escravo, servo. [...] § Fig. CIC. Escravo, sujeito, submisso a. [...] § HIER. Servo (do senhor). (SARAIVA, 1993, p. 1094).

O adjetivo é ilustrado por três exemplos, da mesma forma que o substantivo. Nenhum dos exemplos fornecidos no Faria coincide com os exemplos do Saraiva, embora as acepções sejam muito semelhantes, sendo que o Faria é mais sintético. O Busarello sintetiza as acepções básicas fornecidas pelo Faria e pelo Saraiva:

- sērvus, i**, m. escravo, servo. (BUSARELLO, 2003, p. 247).

As acepções são um resumo das mesmas mostradas no Faria e no Saraiva, sem dar maiores informações.

Não pudemos abordar aqui várias outras possibilidades de tratamento das entradas no *Aoristo*, dentre elas: *rēs, reī; pater, patris; littera, litterae e littera, litterarum; terra, terrae*. Os substantivos, pela sua quantidade e pela sua multiplicidade de usos, podem apresentar muitas informações diferentes para serem tratados pelo lexicógrafo, do que abordamos de uma parte muito pequena. Às vezes, no entanto, estas informações são explicadas junto com as equivalências ou com a tabela de declinação, mas, para as situações em que isto não acontece, estabelecemos alguns conteúdos informacionais, em seguida mostramos os que foram utilizados até o momento, começando pelos que acompanham as equivalências:

- Substantivo de terceira declinação e imparissílabo: Substantivos imparissílabos são os que no genitivo singular têm uma ou mais sílabas a mais do que no nominativo;
- Substantivo de terceira declinação e parissílabo: Substantivos parissílabos são os que no genitivo singular têm o mesmo número de sílabas que no nominativo;
- Nome próprio de qualquer declinação: Por ser um nome próprio não tem plural;
- Substantivo *pluralia tantum*: Substantivo que tem apenas as formas plurais, também chamado de *pluralia tantum*;
- Substantivo heterogêneo: Substantivo heterogêneo é o que tem um gênero no singular e outro, ou dois, no plural;
- Substantivo de primeira declinação: Os substantivos de primeira declinação, em sua maioria, são do gênero feminino;
- Substantivo de segunda declinação: Os substantivos de segunda declinação, em sua maioria, são do gênero masculino;
- Substantivo de quarta declinação: Os substantivos de quarta declinação, em sua maioria, são do gênero masculino;
- Substantivo de quinta declinação: Os substantivos de quinta declinação são em pequeno número.

Mostramos, agora, os conteúdos informacionais utilizados que acompanham a tabela de declinação:

- Locativo, quando existente;

- Outras situações: **Correspondência entre casos e funções gramaticais:**

Nominativo – Sujeito e predicativo;

Vocativo – Vocativo;

Genitivo – Adjunto adnominal restritivo, acompanhado da preposição de (do, dos, da, das);

Dativo – Objeto indireto, acompanhado da preposição a (ou para: o, para o, a, para a, à, os, para os, aos, as, para as, às);

Ablativo – Adjunto adverbial, acompanhado da preposição por (pelo, pelos, pela, pelas);

Acusativo – Objeto direto.

4.4.2 Adjetivo

Segundo a gramática de Almeida (2000, p. 94), adjetivo “é a palavra que se refere a um substantivo, para indicar-lhe um atributo”. O *Aoristo* tem até o momento um total de 45 adjetivos. Abaixo, listamos os autores citados nos exemplos e nas citações do Faria, também listamos os nomes das obras de cada autor, assim como as modalidades textuais de cada uma delas:

Autor	Obra	Modalidade
Marcus Tullius Cicero	<i>De Lege Agraria</i> (3)	Discurso político
	<i>Pro Cluentio</i> (1)	Discurso político
	<i>De Domo Sua</i> (1)	Discurso político
	<i>Pro Milone</i> (2)	Discurso político
	<i>Philippicae</i> (4)	Discurso político
	<i>In Pisonem</i> (2)	Discurso político
	<i>De Imperio Gn. Pompei</i> (1)	Discurso político
	<i>De Provinciis Consularibus</i> (1)	Discurso político
	<i>Pro Scauro</i> (1)	Discurso político
	<i>In Verrem</i> (14)	Discurso político
	<i>Pro Roscio Amerino</i> (5)	Discurso jurídico
	<i>Pro Archia</i> (2)	Discurso jurídico
	<i>Pro Caecina</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Caelio</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Murena</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Sestio</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>In Vatinius</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Epistulae ad Atticum</i> (4)	Carta

	<i>Epistulae ad Familiares</i> (5) <i>Brutus</i> (4) <i>De Oratore</i> (8) <i>De Officiis</i> (2) <i>Orator</i> (3) <i>De Re Publica</i> (1) <i>Cato Maior</i> (1) <i>De Divinatione</i> (3) <i>De Finibus Bonorum et Malorum</i> (6) <i>Laelius de Amicitia</i> (3) <i>De Natura Deorum</i> (5) <i>Tusculanae Quaestiones</i> (3)	Carta Retórica Retórica Retórica Retórica Retórica Filosofia Filosofia Filosofia Filosofia Filosofia Filosofia
Publius Vergilius Maro	<i>Eclogae</i> (3) <i>Aeneis</i> (15)	Poesia Poesia
Publius Terentius Afer	<i>Eunuchus</i> (1)	Teatro
Quintus Horatius Flaccus	<i>Epodi</i> (5) <i>Sermones</i> (7) <i>Carmina</i> (1)	Poesia Poesia Poesia
Gaius Julius Caesar	<i>De Bello Gallico</i> (8) <i>De Bello Civilis</i> (4)	Comentário Comentário
Publius Cornelius Tacitus	<i>Historiae</i> (1) <i>Annales</i> (1)	História História
Titus Maccius Plautus	<i>Captivi</i> (1) <i>Rudens</i> (1)	Teatro Teatro
Gaius Plinius Secundus	<i>Historia Naturalis</i> (1)	História
Titus Livius Patavinus	<i>Ab Urbe Condita Libri</i> (8)	História
Publius Ovidius Naso	<i>Ars Amatoria</i> (2) <i>Metamorphoseon</i> (2) <i>Epistulae ex Ponto</i> (2) <i>Tristia</i> (2)	Poesia Poesia Poesia Poesia
Marcus	<i>Institutio Oratoria</i> (2)	Retórica

Fabius Quintilianus		
Lucius Annaeus Seneca	<i>De Brevitate Vitae (1)</i> <i>De Ira (1)</i> <i>Epistulae Morales ad Lucilium (1)</i>	Filosofia Filosofia Carta
Gaius Sallustius Crispus	<i>Bellum Jugurthina (2)</i> <i>Bellum Catilinae (2)</i>	História História
Albius Tibullus	<i>Carminum Libri Tres (1)</i>	Poesia
Titus Lucretius Carus	<i>De Rerum Natura (1)</i>	Filosofia
Sextus Propertius	<i>Elegiae (1)</i>	Poesia
Gaius Suetonius Tranquillus	<i>De Vitis Caesarum (1)</i>	História
Lucius Junius Moderatus Columella	<i>De Re Rustica Libri XII (1)</i>	Agricultura
Gaius Julius Phaedrus	<i>Sexto Festo (1)</i>	Fábula
Gaius Valerius Flaccus ³⁴	<i>Argonautica (1)</i>	Poesia
Valerius Maximus ³⁵	<i>Factorum et Dictorum Memorabilium Libri Novem (1)</i>	História
Celsus ³⁶	<i>Λόγος Ἀληθής (1)</i>	Filosofia
Tiberius Catius Asconius Silius Italicus	<i>Punica (1)</i>	Poesia

³⁴ O Faria não diz quem ele é, ele apenas fornece a abreviatura do nome.

³⁵ O Faria não diz quem ele é, ele apenas fornece a abreviatura do nome.

³⁶ Nenhuma obra dele sobreviveu, com exceção do que Orígenes de Alexandria cita em sua obra *Contra Celsum*.

A divisão das citações por autor mostra uma situação desproporcional, em que, do total de 174 citações, 90 delas são de Marcus Tullius Cicero, perfazendo 51,724% do total, enquanto que Publius Vergilius Maro, o segundo autor com mais ocorrências, com 18 citações, perfaz 10,344%. O terceiro autor com mais ocorrências, por sua vez, Quintus Horatius Flaccus, com 13 citações, perfaz 7,471%, enquanto que o quarto autor com mais ocorrências, e último a ter pelo menos 10 citações, é Gaius Julius Caesar, com 12 citações, perfazendo 6,896% do total. Os 19 autores restantes correspondem a 23,563% do total, tendo sido citados 41 vezes, com as suas 27 obras.

As 14 modalidades literárias, por outro lado, foram um pouco melhor distribuídas, da seguinte forma: poesia: 43 citações (24,712% do total); discurso político: 30 citações (17,241% do total); filosofia: 25 citações (14,367% do total); retórica: 20 citações (11,494% do total); história: 17 citações (9,770% do total); discurso jurídico: 12 citações (6,896% do total); comentário: 12 citações (6,896% do total); carta: 10 citações (5,747% do total); teatro: 3 citações (1,724% do total); agricultura: 1 citação (0,574% do total); romance; 1 citação (0,574% do total). Além disso, há uma predominância quantitativa de obras utilizadas como fonte de citações provenientes de três modalidades: poesia, filosofia e discurso político.

O período de tempo em que os 23 autores viveram abarcou quase quatro séculos, de 254 a.C. até 122 d.C., isto é, quase todo o período arcaico até a segunda década do período pós-clássico, o que nos mostra um panorama com abrangência e representatividade considerável. Os números, no entanto, ainda não são conclusivos, pois o *Aoristo* ainda tem um número muito limitado de adjetivos.

Para comparação entre o formato impresso e o formato final no *Aoristo*, assim como para análise, foram escolhidos cinco adjetivos, mostrados na tabela abaixo, na qual utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- OLR: Ocorrências no LR;
- OCL: Ocorrências no CL;
- FLR: Frequência de ocorrência no LR;
- FCL: Frequência de ocorrência no CL.

Adjetivo	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>dives</i>	0	0%	341	0,004%

<i>diues</i>	11	0,073%	117	0,001%
<i>magnus</i>	5	0,033%	657	0,009%
<i>pauper</i>	11	0,073%	251	0,003%
<i>romanus</i>	7	0,046%	1.051	0,014%
<i>malus</i>	6	0,040%	291	0,004%

Na tabela acima, a forma *dives*, ou *diues*, pode ser confundida com um substantivo, o mesmo acontece com *romanus*, enquanto que a forma *malus* pode corresponder também a dois substantivos, por isto fizemos buscas nos *corpora* através de expressões regulares Unix para descobrir o total de ocorrências de cada uma delas.

Os resultados nos mostram que o adjetivo *dives* aparece 11 vezes no LR e 761 vezes no CL, enquanto que o substantivo aparece 6 vezes no LR e 84 vezes no CL. O adjetivo *diues*, por sua vez, aparece 5 vezes no LR e 33 vezes no CL, enquanto que o substantivo aparece 6 vezes no LR e 70 vezes no CL. O adjetivo *romanus* aparece 44 vezes no LR e 9.099 vezes no CL, enquanto que o substantivo não aparece nenhuma vez no LR e 10 vezes no CL. O adjetivo *malus* aparece 26 vezes no LR e 6.965 vezes no CL, enquanto que o substantivo não aparece nenhuma vez no LR e 1 vez no CL. O TreeTagger não nos diz a que declinação pertence a forma do substantivo *malus*, por isto temos apenas o número total de ocorrências da forma para as duas declinações.

Pelo fato de estas pesquisas terem produzido totais maiores do que obtivemos pelo AntConc, decidimos não aceitar estes resultados, por isto eles ficarão inalterados na tabela.

Passamos agora para a análise das formas listadas acima, começando pelo adjetivo *dives*, no grau positivo, como registrado no *Aoristo*:

dīves, dīvītis
adjetivo de segunda classe (parissílabo biforme)

Rico, opulento, abundante (Verg. Buc. 2, 20).

Os a
desi
terce
Os p
sing
no n
Os b
nom
mas
neut

Grau positivo (normal)						
Caso / Gênero	Singular			Plural		
	Masculino	Feminino	Neutro	Masculino	Feminino	Neutro
	dīves (o rico)	dīves (a rica)	dīves (o rico/a rica)	dīvītēs (os ricos)	dīvītēs (as ricas)	dīvīta (os ricos/as ricas)

A imagem acima foi truncada, pois ela é muito grande, além disso, decidimos mostrar o que é essencial. No grau comparativo este adjetivo é registrado da seguinte forma no *Aoristo*:

Caso / Gênero	Grau comparativo						Ur qu atr qu ao ma nei
	Singular			Plural			
	Masculino	Feminino	Neutro	Masculino	Feminino	Neutro	
Nominativo	divitior (o mais rico)	divitior (a mais rica)	divitius (o mais rico/a mais rica)	divitiores (os mais ricos)	divitiores (as mais ricas)	divitiōra (os mais ricos/as mais ricas)	

Novamente, truncamos a imagem acima, pelos mesmos motivos. No grau superlativo, este adjetivo é registrado da seguinte forma no *Aoristo*:

Caso / Gênero	Grau superlativo					
	Singular			Plural		
	Masculino	Feminino	Neutro	Masculino	Feminino	
Nominativo	divitissimus (o riquíssimo)	divitissima (a riquíssima)	divitissimum (o riquíssimo/a riquíssima)	divitissimi (os riquíssimos)	divitissimae (as riquíssimas)	divitis (os riquíssimos)

A imagem acima também foi truncada, pelos motivos já expostos. Neste adjetivo não são utilizadas marcas de uso, assim como não são fornecidos exemplos, mas há uma citação. Nas observações,

apenas é fornecido o conteúdo informacional tratando do que é um adjetivo de segunda classe, além de explicar porque eles são parissílabos e biformes. As formas da tabela de declinação, que são acompanhadas das respectivas traduções, são regulares, por isto, nas observações que acompanham as formas, o conteúdo informacional desta parte apenas trata da correspondência entre casos latinos e funções gramaticais em português. As tabelas de declinação dos graus comparativo e superlativo têm o mesmo formato da tabela de declinação do adjetivo no grau positivo. Neste caso específico há conteúdos informacionais para cada uma das tabelas, cada um deles explicando o que significa a mudança de grau, além de explicar a formação de cada um dos graus. No Faria, o adjetivo é registrado do seguinte modo:

dives, -vitis, adj. Rico, opulento, abundante (Verg. Buc. 2, 20). Obs.: Comp.: **divitior** (Cic. Lae. 58) e **ditior** (T. Liv. Pret. 11). Superl.: **divitissimus** (Cic. Div. 1, 78) e **ditissimus** (Cés. B. Gal. 1, 2, 1). (FARIA, 1962, p. 323).

No Faria, são dadas informações sobre as formas possíveis nos graus comparativo e superlativo, sendo que há duas possibilidades para cada grau, o que, até o momento, no *Aoristo* não é registrado, nem nas observações nem nas tabelas de declinação. Procuramos por entradas específicas para os graus comparativo e superlativo no Faria, mas somente o superlativo é registrado, da seguinte forma:

ditior, ditissimus, comp. e superl. de **dis** 2. que servem para **dives, -itis** 2; **ditis**, gen. de **dis** 2. e **Dis** 3. (FARIA, 1962, p. 322).

Nesta entrada, o Faria estabelece uma relação com a forma *dis*, que também procuramos, sendo que “dis 2.” e “Dis 3.” são referências a duas entradas do Faria (FARIA, 1962, p. 314), que são formas homógrafas e precedidas, nas referidas entradas, pelos índices que, na entrada “ditior, ditissimus” acima, são pospostos aos substantivos em questão. No Saraiva, o adjetivo é registrado do seguinte modo:

Dīvēs, ītis, adj. Rico, abastado, opulento. (SARAIVA, 1993, p. 388).

Em seguida, há 11 exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. Duas das

acepções são iguais nos dois dicionários, enquanto que a terceira acepção de cada um deles é apenas semelhante. Embora não seja informado, o Saraiva também tem duas entradas para o grau comparativo e uma entrada para o grau superlativo, que reproduzimos abaixo:

Dītīōr, *comp.* de *Dis*. (SARAIVA, 1993, p. 388).

Dīvītīōr. *Ved. Dives*. (SARAIVA, 1993, p. 389).

Dītīssīmūs, *sup.* de *Dis* e de *Dives*. (SARAIVA, 1993, p. 388).

As remissões direcionam o usuário para duas entradas diferentes, sendo que uma delas, *dives*, é o adjetivo de que estamos tratando no momento. A forma *Dis*, para a qual o usuário é direcionado, corresponde a três entradas no Saraiva (1993, p. 379), sendo que a primeira é uma preposição, “1 Dīs, e Dī, *prep.*”, a segunda é um adjetivo, “2 Dīs, *ītē, adj.*”, e a terceira é um substantivo, “3 Dīs, *ītīs, s. pr. m.*” Uma situação como esta, em que o usuário pode precisar fazer várias verificações em entradas diferentes, aumenta o tempo de consulta e pode deixar o usuário confuso. O Saraiva, no entanto, estabelece várias relações entre as entradas, o que pode ser uma ajuda valiosa. O Busarello, por sua vez, registra a entrada da seguinte forma:

dīves, **ītīs**, *adj.* rico, opulento, abundante. (BUSARELLO, 2003, p. 93).

As acepções são idênticas às fornecidas no Faria e quase idênticas às fornecidas no Saraiva. Além disso, não são dadas maiores informações.

O adjetivo *magnus* tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

magnus, magna, magnum
adjetivo de primeira classe (triforme)

I. Sentido próprio

- 1 Grande, elevado, vasto, abundante, espaçoso (Cic. Nat. 2, 17)
- 1.1 Grande (como quantidade) (Cic. Verr. 2, 176).
- 2 Grande (como força), alto, forte (tratando-se da voz) (Cic. Caec. 92).
- 3 Longo, de longa duração (tratando-se de tempo) (Cic. Nat. 2, 51).

II. Sentido figurado

- 4 Idoso
- natu major** (Cic. Tusc. 1, 3), "mais idoso".
- 5 Importante, considerável (Cic. Arch. 21).
- 6 Orgulhoso, soberbo (sentido pejorativo)
- lingua magna** (Hor. O. 4, 6, 2), "língua orgulhosa".

Observações

Ablativo e genitivo de preço: **magno**, **magni**. Difere de **grandis** porque muitas vezes contém a ideia acessória de força, pc ou nobreza que **grandis** não designa.

A imagem acima foi truncada, porque ela é muito grande, além disso, decidimos mostrar o que é essencial, por isto também não mostramos as formas nos graus comparativo e superlativo, pois elas são regulares e não trazem informações novas. Para este adjetivo são utilizadas sete marcas de uso, *sentido próprio* e *sentido figurado*, além das indicações que acompanham as acepções, para eliminar possíveis ambiguidades. Dois exemplos são fornecidos, além de apresentar sete citações.

Nas observações, duas informações são fornecidas ao usuário, a primeira delas trata da semântica de duas formas, enquanto que a segunda ajuda o usuário a entender melhor o sentido básico deste adjetivo. No Faria, o adjetivo é registrado do seguinte modo:

magnus, -a, -um, adj. I – Sent. próprio: 1) Grande, elevado, vasto, abundante, espaçoso (Cic. Nat. 2, 17). Daí: 2) Grande (como quantidade) (Cic. Verr. 2, 176). 3) Grande (como força), alto, forte (tratando-se da voz) (Cic. Caec. 92). 4) Longo, de longa duração (tratando-se de tempo) (Cic. Nat. 2, 51). II – Sent. figurado: 5) Idoso: **natu major** (Cic. Tusc. 1, 3), «mais idoso». 6) Importante, considerável (Cic. Arch. 21). 7) Orgulhoso, soberbo (sent. pejorativo): **lingua magna** (Hor. O. 4, 6, 2), «língua orgulhosa». Obs.: abl. e gen. de preço: **magno**, **magni**. Difere de **grandis** porque muitas vezes contém a ideia acessória de força, poder ou nobreza que **grandis** não designa. (FARIA, 1962, p. 586).

No Faria, a entrada para o grau comparativo é registrada da seguinte forma:

mājor (māior), -us, (gen.: **majoris** ou **maioris**), comp. de **magnus**. Maior: **majores natu** (Cic. C. M. 43) «os mais velhos»; **maiores** (Cic. Phil. 3, 25) «os antepassados»; **annos natus major quadraginta** (Cic. Amer. 39) «com mais de 40 anos de idade». Obs.: Emprega-se **Maior** para distinguir entre duas pessoas ou duas coisas com o mesmo nome: **Cato Maior**, Catão, o antigo; **Armenia Maior**, a Grande Armênia. (FARIA, 1962, p. 586).

Uma entrada que faz remissão ao grau comparativo é registrada no Faria, da seguinte forma:

mājus (māius), v. **mājor**. (FARIA, 1962, p. 586).

A entrada para o grau superlativo é registrada no Faria, da seguinte forma:

maxīmus, superl. de **magnus**. (FARIA, 1962, p. 597).

No Saraiva, a entrada para o adjetivo é registrada da seguinte forma:

Magnus, a, um, adj. (da raiz MAG, donde o grego μέγας, e o latim *mactō* e *mactus*). 1°. Grande, elevado; volumoso, grosso, corpulento; espaçoso, vasto, largo; abundante; longo; 2°. Grande (com respeito ao peso); numeroso; 3°. Alto, forte (com respeito à voz); 4°. Que dura muito, idoso, anoso; grande (em idade); 5°. Poderoso, ilustre, glorioso, venerando; solene; 6°. Grande, importante, considerável, insigne, famoso, grave; perfeito, completo no seu gênero; que é de boa qualidade; dificultoso? [sic] 7°. Altivo, orgulhoso, soberbo; 8°. Mui próprio, apto para. (SARAIVA, 1993, p. 704).

Em seguida, há oito conjuntos de exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. As acepções são semelhantes no Faria e no Saraiva, enquanto que o Faria fornece informações adicionais nas observações. As duas formas citadas no Saraiva, *macto* e *mactus*, também podem ser encontradas no formato de entradas, a primeira, no entanto trata do verbo *macto*, *as*, *avi*, *atum*, *are*, que registra o primeiro sentido como “Prover, recompensar com, aumentar, engrandecer” (SARAIVA, 1993, p. 700). A segunda é registrada da seguinte forma:

Māctūs, ā, ūm, *adj.* (de *mage* = *megis* e *auctus*).
Provido, fornecido, aumentado, recompensado,
gratificado com (SARAIVA, 1993, p. 701).

No grau positivo, o usuário não é informado da forma dos graus comparativo e superlativo do adjetivo, mas o Saraiva registra ambos. Quanto ao grau comparativo, ele é registrado das seguintes formas no Saraiva:

Mājōr, ūs, *gen. ōrīs*, *adj. comp.* de *Magnus I*.
Ved. esta palavra. (SARAIVA, 1993, p. 705).

Mājūs. Ved. *Maius* e *Major I* (SARAIVA, 1993,
p. 705).

Quanto ao grau superlativo, ele é registrado da seguinte forma no Saraiva:

Māximūs e Māxūmūs, *arc.*, **ā, ūm**, *adj. sup.* de
Magnus. Ved. esta palav. (SARAIVA, 1993, p.
720).

Não há, no entanto, uma entrada separada para a forma *maxumus*. O Busarello, por sua vez, registra a entrada do adjetivo no grau positivo da seguinte forma:

Magnus, a, um, *adj.* grande, extenso, largo;
imponente; nobre, generoso. (BUSARELLO,
2003, p. 165).

O Saraiva registra algumas das acepções básicas, sem abordar outras, como “idoso” e “importante”, mas tem entradas para as formas *macte* e *macto*, como pode ser visto a seguir:

macte (voc. de **mactus**), ó tu abençoado!, bravo!, ânimo!; **macte virtute esto**: bravo!, coragem!. (BUSARELLO, 2003, 165).

macto 1, tr. sacrificar, honrar os deuses, imolar; exaltar; aplacar. (BUSARELLO, 2003, 165).

O grau comparativo não é registrado, mas o grau superlativo tem uma entrada na seguinte forma:

maxīmus, a, um, adj. (superl. de **magnus**) muito grande, máximo. (BUSARELLO, 2003, 168).

Há uma rede intrincada de relações entre as entradas, mas ela nem sempre é consistente, o que pode fazer com que o usuário se sinta perdido.

Passamos agora para o adjetivo *pauper*, que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

pauper, pauperis
adjetivo de segunda classe (parissílabo biforme)

I. Sentido próprio

¹ Pobre (referindo-se a pessoas ou coisas) (Cic. Vat. 29).

II. Sentido figurado

² Pequeno, estéril, pouco abundante (Ov. P. 4, 2, 20).

III. Sentido poético

³ Pobre de, sem recursos (Tib. 1, 1, 19).

⁴ (No plural) Os pobres (Cic. Phil. 5, 22).

A imagem acima foi truncada, porque ela é muito grande, além disso, decidimos mostrar o que é essencial, por isto também não mostramos as formas nos graus comparativo e superlativo, pois elas são regulares e não trazem informações novas. Neste adjetivo são utilizadas cinco marcas de uso, *sentido próprio*, *sentido figurado* e *sentido poético*, além das indicações que acompanham as acepções, para eliminar possíveis ambiguidades. Nenhum exemplo é fornecido, mas há quatro

citações. Nas observações, somente o conteúdo informacional é fornecido, nele é explicado o que é um adjetivo de segunda classe, além de explicar porque eles são parissílabos e biformes. No Faria, o adjetivo é registrado do seguinte modo:

pauper, -ēris, adj. I – Sent. próprio: 1) Pobre (referindo-se a pessoas ou coisas) (Cic. Vat. 29). II – Sent. figurado: 2) Pequeno, estéril, pouco abundante (Ov. P. 4, 2, 20). III – Sent. poético: 3) Pobre de, sem recursos (Tib. 1, 1, 19). No pl.: 4) Os pobres (Cic. Phil. 5, 22). (FARIA, 1962, p. 710).

No Faria, não há qualquer informação sobre as formas possíveis nos graus comparativo e superlativo, o que inclui o fato de que elas não têm entradas separadas e na entrada do grau positivo nem mesmo se faz menção a elas. No Saraiva, o adjetivo é registrado do seguinte modo:

Paupēr, ěris, adj. m. f. n. Pobre (com respeito às pessoas e às coisas). [...] § Paupĕrĭōr, comp. Ov. Paupĕrĭmūs, sup. Cic. (SARAIVA, 1993, pp. 854-5).

O Saraiva faz referência tanto ao grau comparativo quanto ao grau superlativo, mas não os registra em entradas separadas. No grau positivo, apenas uma acepção é registrada para a entrada em questão, sendo que esta concorda com a primeira acepção registrada por Faria. O Saraiva fornece 11 exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar a acepção vista anteriormente, enquanto que o Faria apenas dá indicações de obras em que a forma pode ser encontrada nas acepções abordadas. O Busarello, por sua vez, registra a entrada da seguinte forma:

pauper, ěris, adj. pobre; pequeno; estéril. (BUSARELLO, 2003, p. 194).

As acepções são semelhantes às fornecidas pelo Faria, apenas não incluindo o conteúdo da última acepção. Não são dadas maiores informações e não há menção sobre os graus comparativo e superlativo.

O adjetivo *romanus*, de que tratamos agora, tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

Rōmānus, Rōmāna, Rōmānum
adjetivo de primeira classe (parissílabo triforme)

Romanos, de Roma
Romani ludi (Cic. Verr. 5, 36), "Jogos romanos".

Observ
Não tem os graus comp.

Caso / Gênero	Grau positivo (normal)					
	Singular			Plural		
	Masculino	Feminino	Neutro	Masculino	Feminino	Neutro
Nominativo	Rōmānus (o romano)	Rōmāna (a romana)	Rōmānum (o romano/a romana)	Rōmānī (os romanos)	Rōmānae (as romanas)	Rōmāna (os romanos/as romanas)

A imagem acima foi truncada por ser muito grande. Neste adjetivo não são utilizadas marcas de uso, mas um exemplo é fornecido. Nas observações, o usuário é informado de que este adjetivo não possui os graus comparativo e superlativo. As formas da tabela de declinação, que são acompanhadas das respectivas traduções, são regulares, por isto, nas observações que acompanham as formas, o conteúdo informacional desta parte apenas trata da correspondência entre casos latinos e funções gramaticais em português. No Faria, o adjetivo é registrado do seguinte modo:

Rōmānus, -a, -um, adj. Romanos, de Roma:
Romani ludi (Cic. Verr. 5, 36), «Jogos romanos».
(FARIA, 1962, p. 876).

No Saraiva, o adjetivo é registrado do seguinte modo:

Rōmānūs, -ă, -ŭm, adj. Cíc. Romano, dos Romanos, de Roma. (SARAIVA, 1993, p. 1044).

Tanto o Faria quanto o Saraiva não indicam que este adjetivo não tem os graus comparativo e superlativo. Em sua brevidade, ambos têm as mesmas acepções, além disso, o Faria dá apenas um exemplo, enquanto que o Saraiva fornece oito exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente, sendo que um deles é igual ao exemplo do Faria. O Busarello, por sua vez, registra a entrada da seguinte forma:

Romanus, a, um, adj. romano, relativo aos romanos, a Roma; **Romāni, ōrum**, m. pl. os romanos. (BUSARELLO, 2003, p. 237).

As acepções são essencialmente iguais às fornecidas no Faria e no Saraiva, embora o autor também inclua nesta entrada o que aqueles dois dicionários registram em entradas separadas, como pode ser visto a seguir:

Rōmāni, ōrum, subs. loc. m. Os romanos, habitantes de Roma: **Romanus** (T. Liv. 2, 27, 1) «os romanos» (coletivo) (FARIA, 1962, p. 875).

Rōmānī, ōrūm, subs. pr. m. pl. Cic. Romanos, habitantes de Roma. § *Sing. Romanus*. VIRG. (SARAIVA, 1993, p. 1044).

Além do que foi visto, maiores informações não são dadas por qualquer um dos autores e o Saraiva também não faz menção sobre a inexistência dos graus comparativo e superlativo para este adjetivo.

Por fim, tratamos do adjetivo *malus*, que tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

malus, mala, malum
adjetivo de primeira (triforme)

I. Sentido próprio
1 Mau, de má qualidade (Cic. Arch. 25).

II. Sentido moral
2 Desonesto, depravado, mau (Cic. Phil. 3, 183).
3 Manhoso, pernicioso, matreiro (Plaut. Rud. 466).
4 Infeliz, funesto, miserável (Cic. Div. 2, 54).

Observação
Os adjetivos de primeira classe seguem a primeira (gênero feminino) e a segunda declinação (gêneros masculino e neutro). Eles são chamados de *triformes* para cada gênero há uma desinência no nominativo singular.

Caso / Gênero	Grau positivo (normal)						Observações	
	Singular			Plural				
	Masculino	Feminino	Neutro	Masculino	Feminino	Neutro		
Nominativo	malus (o mau)	mala (a má)	malum (o mau/a má)	malī (os maus)	malae (as más)	mala (os maus/as más)	Correspondência funções gramaticais Nominativo - Sujeito Vocativo - Vocativo, acompanhado de "ó" Genitivo - Adjunto a	

A imagem acima foi truncada por ser muito grande. Neste adjetivo, são utilizadas duas marcas de uso, *sentido próprio* e *sentido moral*, assim como não são fornecidos exemplos, mas há quatro citações. Nas observações, apenas é fornecido o conteúdo informacional

tratando do que é um adjetivo de primeira classe, além de explicar porque ele é triforme. As formas da tabela de declinação, que são acompanhadas das respectivas traduções, são regulares, por isto, nas observações que acompanham as formas, o conteúdo informacional desta parte apenas trata da correspondência entre casos latinos e funções gramaticais em português. As tabelas de declinação dos graus comparativo e superlativo têm o mesmo formato da tabela de declinação do adjetivo no grau positivo. Neste caso específico há conteúdos informacionais para cada uma das tabelas, cada um deles explicando o que significa a mudança de grau, além de explicar a formação de cada um deles. O usuário, no entanto, não recebe qualquer informação sobre a diferença do radical usado nos graus comparativo e superlativo, com relação ao radical que é usado no grau positivo. No Faria, o adjetivo é registrado do seguinte modo:

malus, -a, -um, adj. I – Sent. próprio: 1) Mau, de má qualidade (Cic. Arch. 25). II – Sent. moral: 2) Desonesto, depravado, mau (Cic. Phil. 3, 183). 3) Manhoso, pernicioso, matreiro (Plaut. Rud. 466). 4) Infeliz, funesto, miserável (Cic. Div. 2, 54). (FARIA, 1962, p. 588).

No Faria, também não são dadas informações sobre as formas possíveis nos graus comparativo e superlativo, embora eles sejam registrados em entradas separadas, como pode ser visto abaixo:

pēior (pēior), -us, (gen. -ōris), comp. de **malus**. Pior, mais perverso, mais vicioso (Cic. Phil. 8, 29). (FARIA, 1962, p. 714).

pessimus (pessūmus), -a, -um, adj. (superl. de **malus**). Péssimo, muito mau, detestável: **in pessimis** (Cic. At. 11, 23, 3) «numa situação péssima». (FARIA, 1962, p. 742).

Não há uma entrada separada para *pessumus*. No Saraiva, o adjetivo é registrado do seguinte modo:

Mālūs, ā, ūm, adj. 1º. Mau, que é de má qualidade, que não tem as necessárias qualidades (físicas ou morais); 2º. Que é fora de regra, errado, errôneo; mal fundado; 3º. Feio, disforme, mal

feito, achavascado; 4º. Mau, desonesto, maligno, ruim, depravado, viciado; mau, malévolos; 5º. Maligno, arteiro, manhoso, roncioso, astuto, malicioso, velhaco; 6º. Daninho, nocivo, pernicioso; 7º. Infeliz, desgraçado, malaventurado, funesto; 8º. Doente, enfermo, achacado. [...] § Pějör, *comp.* – Pëssimūs *sup.* (SARAIVA, 1993, pp. 707-8).

Ao que se seguem oito conjuntos de exemplos. O Saraiva registra os graus comparativo e superlativo, referenciados na entrada do adjetivo no grau positivo, como pode ser visto abaixo:

Pějör, ũs, *gen. ōrīs, adj. comp. de Malus*. Cíc. Mais ruim, pior. (SARAIVA, 1993, pp. 858-9).

Pëssimūs e Pëssümūs, *arc., ā, ũm, adj. sup. de Malus*. Ov. Péssimo, malíssimo, que é de muito má qualidade, detestável. (SARAIVA, 1993, pp. 887).

O grau comparativo é seguido de cinco exemplos, enquanto que o grau superlativo é seguido de seis exemplos. No Busarello, o adjetivo é registrado da seguinte forma:

malus, a, um, *adj.* ruim, mau; malvado, funesto; prejudicial. (BUSARELLO, 2003, p. 166).

Não há referência ao grau comparativo, mas o grau superlativo é registrado da seguinte forma:

pessimūs, a, um, *adj. superl. de malus*, péssimo, detestável. (BUSARELLO, 2003, p. 202).

As acepções do adjetivo no grau positivo são semelhantes às fornecidas pelo Faria e pelo Saraiva, mas o autor acrescenta uma acepção, *ruim*. Além disso, não são dadas maiores informações.

Não pudemos tratar aqui de várias outras possibilidades de tratamento das entradas no *Aoristo*, dentre elas: *amārus, amāra, amārum; immortalis, immortalē; multus, multa, multum; tōtus, tōta, tōtum; senex, senis*. Os adjetivos, pela sua quantidade e pela sua multiplicidade de usos, podem apresentar muitas informações diferentes

para serem tratados pelo lexicógrafo e delas tratamos de uma parte muito pequena. Às vezes, no entanto, estas informações são explicadas junto com as equivalências ou com a tabela de declinação, mas para as situações em que isto não acontece estabelecemos alguns conteúdos informacionais, em seguida mostramos os que foram utilizados até o momento, começando pelos que acompanham as equivalências:

- Os adjetivos de primeira classe são os que seguem a primeira (gênero feminino) e a segunda declinações (gêneros masculino e neutro). Eles são chamados triformes, pois para cada um dos três gêneros há uma desinência diferente no nominativo singular;
- Os adjetivos são de segunda classe quando as desinências, para todos os gêneros, seguem a terceira declinação.
Os imparissílabos são os que no genitivo singular têm uma ou mais sílabas a mais do que no nominativo.
Os uniformes são os que têm uma única terminação no nominativo singular para os três gêneros;
- Os adjetivos são de segunda classe quando as desinências, para todos os gêneros, seguem a terceira declinação.
Os parissílabos são os que no genitivo singular têm o mesmo número de sílabas que no nominativo.
Os biformes têm duas terminações no nominativo singular, uma para os gêneros masculino e feminino, outra para o gênero neutro;
- Os adjetivos são de segunda classe quando as desinências, para todos os gêneros, seguem a terceira declinação.
Os imparissílabos são os que no genitivo singular têm uma ou mais sílabas a mais do que no nominativo.
Os biformes têm duas terminações no nominativo singular, uma para os gêneros masculino e feminino, outra para o gênero neutro;
- Correspondência entre casos e funções gramaticais:
Nominativo – Sujeito e predicativo;
Vocativo – Vocativo;
Genitivo – Adjunto adnominal restritivo, acompanhado da preposição de (do, dos, da, das);
Dativo – Objeto indireto, acompanhado da preposição a (ou para: o, para o, a, para a, à, os, para os, aos, as, para as, às);

Ablativo – Adjunto adverbial, acompanhado da preposição por (pelo, pelos, pela, pelas);

Acusativo – Objeto direto;

- Um adjetivo está no grau comparativo quando põe em relação dois termos, atribuindo a qualidade mais a um termo do que a outro, isto é obtido acrescentando-se ao radical a desinência – *ior-* para os gêneros masculino e feminino, enquanto ao gênero neutro acrescenta-se a desinência *-ius-*;
- Um adjetivo está no grau superlativo quando reforça a qualidade, elevando-a ao último grau, ao grau máximo. Ele é obtido acrescentando-se ao radical do adjetivo as desinências *-issimus-* (masculino), *-issima-* (feminino) e *-issimum-* (neutro). Quando os advérbios *mais* e *menos* precedem o adjetivo e vêm antecidos de *o*, dão ao adjetivo força de superlativo, o que o diferencia “*mais estudioso*” (comparativo) de “*o mais estudioso*” (superlativo);
- Não tem os graus comparativo e superlativo.

Exploramos bastante as relações que as entradas estabelecem entre si nos quatro dicionários, mas percebemos que elas não são consistentes, algo que tencionamos colocar em prática no *Aoristo*.

4.4.3 Numeral

Segundo a gramática de Almeida (2000, p. 120), numeral “é a palavra que acrescenta ao substantivo a ideia de *quantidade* [...] ou de *ordem*”. Os números cardinais estão relacionados à primeira parte da definição, enquanto que os números ordinais estão relacionados à segunda parte. O *Aoristo* tem, até o momento, um total de 29 numerais, todos eles são cardinais. Abaixo, listamos os autores citados nos exemplos e nas citações do Faria, também listamos os nomes das obras de cada autor, assim como as modalidades textuais de cada uma delas:

Autor	Obra	Modalidade
Marcus Tullius Cicero	<i>Academica (1)</i>	Filosofia
	<i>Cato Maior (2)</i>	Filosofia
	<i>Laelius de Amicitia (1)</i>	Filosofia
	<i>Tusculanae Quaestiones (2)</i>	Filosofia
	<i>Pro Roscio Amerino (1)</i>	Discurso jurídico

		<i>Pro Plancio (1)</i> <i>Pro Tullio (1)</i> <i>In Verrem (2)</i> <i>Epistulae ad Atticum (1)</i> <i>Epistulae ad Familiares (2)</i> <i>Brutus (1)</i> <i>De Oratore (1)</i> <i>De Legibus (2)</i> <i>De Re Publica (6)</i> <i>In Catilinam (1)</i> <i>Pro Cluentio (1)</i> <i>Philippicae (1)</i>	Discurso jurídico Discurso jurídico Carta Carta Retórica Retórica Retórica Retórica Discurso político Discurso político Discurso político
Publius Maro	Vergilius	<i>Aeneis (2)</i> <i>Georgica (1)</i>	Poesia Poesia
Publius Afer	Terentius	<i>Phormio (1)</i>	Teatro
Quintus Flaccus	Horatius	<i>Epistulae (1)</i> <i>Sermones (1)</i> <i>Carmina (1)</i>	Poesia Poesia Poesia
Gaius Julius Caesar		<i>De Bello Gallico (4)</i>	Comentário
Titus Patavinus	Livius	<i>Ab Urbe Condita Libri (1)</i>	História
Publius Ovidius Naso		<i>Metamorphoseon (1)</i>	Poesia
Lucius Seneca	Annaeus	<i>Troades (1)</i>	Teatro
Gaius Crispus	Sallustius	<i>Bellum Jugurthina (1)</i>	História
Marcus Marcialis	Valerius	<i>Epigrammaton Libri (1)</i>	Poesia
Gaius Catullus	Valerius	<i>Carmina (1)</i>	Poesia

A divisão das citações por autor mostra uma situação desproporcional, em que, do total de 44 citações, 27 delas são de Marcus Tullius Cicero, perfazendo 61,363% do total, único a ter pelo menos 10 citações. Os 10 autores restantes correspondem a 38,636% do total, tendo sido citados 17 vezes, com as suas 13 obras.

As nove modalidades literárias, por outro lado, foram um pouco melhor distribuídas, da seguinte forma: retórica: 10 citações (22,727% do total); poesia: 9 citações (20,454% do total); filosofia: 6 citações

(13,636% do total); discurso jurídico: 5 citações (11,363% do total); comentário: 4 citações (9,090% do total); carta: 3 citações (6,818% do total); discurso político: 3 citações (6,818% do total); teatro: 2 citações (4,545% do total); história: 2 citações (4,545% do total). Além disso, há uma predominância quantitativa de obras utilizadas como fonte de citações provenientes de três modalidades: poesia, retórica, filosofia e discurso jurídico.

O período de tempo em que os 11 autores viveram abarcou quase quatro séculos, de 195 a.C. até 102 d.C., isto é, aproximadamente metade do período arcaico até o começo do primeiro século do período pós-clássico, o que nos mostra um panorama com pouca abrangência e representatividade. Os números, no entanto, ainda não são conclusivos, pois o *Aoristo* ainda tem uma quantidade muito limitada de numerais.

Para comparação entre o formato impresso e o formato final no *Aoristo*, assim como para análise, foram escolhidos três numerais, mostrados na tabela abaixo, na qual utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- OLR: Ocorrências no LR;
- OCL: Ocorrências no CL;
- FLR: Frequência de ocorrência no LR;
- FCL: Frequência de ocorrência no CL.

Adjetivo	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>unus</i>	2	0,013%	1.712	0,023%
<i>tres</i>	0	0%	1.278	0,017%
<i>quattuor</i>	0	0%	1.469	0,203%
<i>quatuor</i>	0	0%	8	0,001%

Como se pode perceber na tabela acima, o numeral *quattuor* tem uma forma alternativa, *quatuor*, bem menos usada. Além disso, no LR poucos números são utilizados. Escolhemos apenas três numerais porque eles são representativos de todas as possibilidades dos numerais cardinais presentes no *Aoristo*.

Passamos agora para a análise das formas listadas acima, começando pelo numeral *unus*, como registrado no *Aoristo*:

ūnus, ūna, ūnum
numeral cardinal

I. Sentido próprio

¹ Um, um só, único (Cic. Fam. 2, 7, 3).

Observações
Representação numérica: I.

II. Sentidos diversos

² Um mesmo, o mesmo (Cic. Clu. 28).

³ Um mais que todos os outros, o primeiro (Verg. En. 1, 15).

⁴ Um certo, certa pessoa (Cic. De Or. 1, 132).

Caso / Gênero	Singular			Plural			Observações
	Masculino	Feminino	Neutro	Masculino	Feminino	Neutro	
Nominativo	ūnus (um)	ūna (uma)	ūnum (um/uma)	ūnī (um)	ūnae (uma)	ūna (um/uma)	O genitivo normal é ūnīus, mas ūnīus é frequente (Verg. En. 1, 41). Genitivo: ūnī (Catul. 17, 17). Dativo: ūnae (Cic. Tull. 36).
Vocativo	-	-	-	-	-	-	
Genitivo	ūnīus (de um)	ūnīus (de uma)	ūnīus (de um/de uma)	ūnōrum (de um)	ūnārūm (de uma)	ūnōrum (de um/de uma)	

A imagem acima foi truncada por ser muito grande. Neste numeral, são utilizadas duas marcas de uso, *sentido próprio* e *sentidos diversos*, além disso, nenhum exemplo é fornecido, mas há quatro citações. Nas observações, apenas é indicada para o usuário a representação numérica da entrada em questão. Esta representação numérica pode ser procurada no *Aoristo*, o que conduz o usuário para o verbete de que estamos tratando. As formas da tabela de declinação, que são acompanhadas das respectivas traduções, são regulares, com exceção do caso vocativo, que é inexistente, o que não é indicado para o usuário nas observações. Nas observações, são feitas considerações sobre o uso de algumas formas. No Faria, o numeral é registrado do seguinte modo:

ūnus, a, um, adj. num. I – Sent. próprio: 1) Um, um só, único (Cic. Fam. 2, 7, 3). II – Sent. diversos: 2) Um mesmo, o mesmo (Cic. Clu. 28). 3) Um mais que todos os outros, o primeiro (Verg. En. 1, 15). 4) Um certo, certa pessoa (Cic. De Or. 1, 132). Obs.: O gen. normal é **ūnīus**, mas **ūnīus** é frequente (Verg. Em. 1, 41). Gen. **ūnī** (Cat. 17, 17). Dat. **ūnae** (Cic. Tull. 36). Voc. **ūne** (Catul. 37, 17). (FARIA, 1962, pp. 1036-7).

No Saraiva, o numeral é registrado do seguinte modo:

Ūnūs, ā, ūm, *adj. num. card.* CAES. VIRG. Um, uma. [...] § *Vocat. m. Une.* PLAUT. ap. PRISC. CAT. (SARAIVA, 1993, p. 1243).

Em seguida, há dezenas de exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. Duas das acepções do Saraiva também são registradas no Busarello, mas o Faria fornece algumas acepções adicionais. No Busarello o numeral é registrado do seguinte modo:

ūnus, a, um, *adj.* um, um só, único. (BUSARELLO, 2003, p. 277).

As acepções são idênticas às fornecidas no primeiro sentido do Faria. Além disso, não são dadas maiores informações.
O numeral *tres* tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

trēs, tria
numeral cardinal

1 Trēs (Cic. Tusc. 4, 14).

2 Trēs (= pequeno número) (Ter. Phorm. 638).

Observações

Representação numérica: III.

Caso / Gênero	Singular			Plural			Observações
	Masculino	Feminino	Neutro	Masculino	Feminino	Neutro	
Nominativo	-	-	-	trēs (trēs)	trēs (trēs)	tria (trēs)	Correspondência entre casos e funções gramaticais: Nominativo - Sujeito e predicativo; Vocativo - Vocativo, pode vir acompanhado
Vocativo	-	-	-	trēs (trēs)	trēs (trēs)	tria (trēs)	

A imagem acima foi truncada por ser muito grande. Neste numeral, apenas uma marca de uso é utilizada, ela dá uma informação nova a uma das acepções, além disso, nenhum exemplo é fornecido, mas há duas citações. Nas observações, apenas é indicada para o usuário a representação numérica da entrada em questão. Esta representação numérica pode ser procurada no *Aoristo*, o que conduz o usuário para o verbete de que estamos tratando. As formas da tabela de declinação, que são acompanhadas das respectivas equivalências, são regulares, com exceção das formas no singular, que são inexistentes, o que não é indicado para o usuário nas observações. Nas observações que acompanham a tabela de declinação, há apenas o conteúdo informacional. No Faria, o numeral é registrado do seguinte modo:

trēs, tria, num. card. 1) Três (Cic. Tusc. 4, 14). 2) Três (= pequeno número) (Ter. Phorm. 638). (FARIA, 1962, p. 1017).

No Saraiva, o numeral é registrado do seguinte modo:

Trēs, Treis e Trīs, *m. f. triã, n.; gen. triũm; dat. e abl. triũs; acc. trēs e trīs, m. f. triã, n.; adj. num. plur.* (τρεῖς). CIC. VIRG. Trēs. (SARAIVA, 1993, p. 1221).

Em seguida, há oito exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. O Saraiva fornece ao usuário informações sobre algumas das formas possíveis para o verbete em questão. No Busarello, o numeral é registrado do seguinte modo:

tres, tria, num. card. três. (BUSARELLO, 2003, p. 272).

As acepções são iguais às fornecidas pelo Faria e pelo Saraiva. Além disso, não são dadas maiores informações.

O numeral *quattuor* tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

quattuor
numeral cardinal

Quatro (Verg. G. 1. 258).

Observações

Representação numérica: IV.
É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

Neste numeral, nenhuma marca de uso é utilizada, além disso, nenhum exemplo é fornecido, mas há uma citação. Nas observações apenas é indicada para o usuário a representação numérica da entrada em questão, junto com um conteúdo informacional igual ao que é usado para as classes gramaticais indeclináveis. No Faria, o numeral é registrado do seguinte modo:

quattũor, num. card. Quatro (Verg. G. 1, 258). (FARIA, 1962, p. 832).

No Saraiva, o numeral é registrado do seguinte modo:

Quātũōr ou **Quātũōā**, *adj. num. indecl.* Cíc.
VIRG. Quatro. (SARAIVA, 1993, p. 991).

Em seguida, há dois exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. O conteúdo semântico do Faria e do Saraiva é idêntico, além disso, há diferença nas informações gramaticais dos dois dicionários, em que o primeiro apenas caracteriza esta entrada como um numeral cardinal, enquanto que o segundo caracteriza esta entrada como um adjetivo numeral indeclinável. No Busarello, o numeral é registrado do seguinte modo:

quattũor, num. card. quatro. (BUSARELLO, 2003, p. 224).

As observações que acompanham os equivalentes costumam ser de dois tipos, o primeiro é a representação numérica relativa à entrada, enquanto que o segundo pode ser o conteúdo informacional das formas indeclináveis. Quanto ao conteúdo informacional mostrado nas observações das tabelas de declinação, até o momento somente um tipo foi utilizado, como pode ser visto abaixo:

- Correspondência entre casos e funções gramaticais:
Nominativo – Sujeito e predicativo;
Vocativo – Vocativo;
Genitivo – Adjunto adnominal restritivo, acompanhado da preposição de (do, dos, da, das);
Dativo – Objeto indireto, acompanhado da preposição a (ou para: o, para o, a, para a, à, os, para os, aos, as, para as, às);
Ablativo – Adjunto adverbial, acompanhado da preposição por (pelo, pelos, pela, pelas);
Acusativo – Objeto direto.

4.4.4 Pronome

Segundo a gramática de Almeida (2000, p. 94), pronome “é a palavra que ou substitui ou pode substituir um substantivo”. O *Aoristo* tem, até o momento, um total de 43 pronomes. Abaixo, listamos os autores citados nos exemplos e nas citações do Faria, também listamos

os nomes das obras de cada autor, assim como as modalidades textuais de cada uma delas:

Autor	Obra	Modalidade
Marcus	<i>Academica</i> (4)	Filosofia
Tullius	<i>Cato Maior</i> (1)	Filosofia
Cicero	<i>De Divinatione</i> (5)	Filosofia
	<i>De Finibus Bonorum et Malorum</i> (5)	Filosofia
	<i>Laelius de Amicitia</i> (4)	Filosofia
	<i>De Natura Deorum</i> (6)	Filosofia
	<i>Tusculanae Quaestiones</i> (10)	Filosofia
	<i>De Lege Agraria</i> (1)	Discurso político
	<i>In Catilinam</i> (4)	Discurso político
	<i>Pro Cluentio</i> (1)	Discurso político
	<i>Pro Milone</i> (2)	Discurso político
	<i>Philippicae</i> (4)	Discurso político
	<i>In Pisonem</i> (1)	Discurso político
	<i>De Provinciis Consularibus</i> (1)	Discurso político
	<i>In Verrem</i> (16)	Discurso jurídico
	<i>Pro Archia</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Balbo</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Caecina</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Roscio Comoedo</i> (2)	Discurso jurídico
	<i>Pro Flacco</i> (2)	Discurso jurídico
	<i>Pro Murena</i> (4)	Discurso jurídico
	<i>Pro Plancio</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Quinctio</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro C. Rabirio Perduellionis Reo</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Sestio</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Epistulae ad Atticum</i> (3)	Carta
	<i>Epistulae ad Familiares</i> (10)	Carta
	<i>Epistulae ad Quintum Fratrem</i> (2)	Carta
	<i>Brutus</i> (8)	Retórica
	<i>De Oratore</i> (9)	Retórica
	<i>De Legibus</i> (2)	Retórica
	<i>De Officiis</i> (5)	Retórica
	<i>Orator</i> (5)	Retórica
	<i>De Re Publica</i> (10)	Retórica
Publius	<i>Eclogae</i> (2)	Poesia
Vergilius	<i>Aeneis</i> (2)	Poesia

Maro	<i>Georgica (1)</i>	Poesia
Publius Terentius Afer	<i>Andria (1)</i> <i>Eunuchus (2)</i> <i>Heautontimorumenos (3)</i> <i>Phormio (1)</i>	Teatro Teatro Teatro Teatro
Quintus Horatius Flaccus	<i>Ars Poetica (1)</i> <i>Carmina (1)</i>	Poesia Poesia
Gaius Julius Caesar	<i>De Bello Gallico (7)</i> <i>De Bello Civilis (1)</i>	Comentário Comentário
Titus Livius Patavinus	<i>Ab Urbe Condita Libri (17)</i>	História
Publius Ovidius Naso	<i>Fasti (1)</i>	Poesia
Lucius Annaeus Seneca	<i>De Beneficiis (1)</i> <i>Epistulae Morales ad Lucilium (2)</i>	Filosofia Carta
Marcus Annaeus Seneca	<i>Controversiae (1)</i>	Retórica
Publius Cornelius Tacitus	<i>Annales (1)</i>	História
Titus Lucretius Carus	<i>De Rerum Natura (1)</i>	Filosofia
Sextus Propertius	<i>Elegiae (1)</i>	Poesia
Titus Maccius Plautus	<i>Amphitryon (1)</i> <i>Bacchides (1)</i> <i>Casina (1)</i> <i>Miles Gloriosus (2)</i> <i>Pseudolus (1)</i> <i>Truculentus (2)</i> <i>Stichus (2)</i>	Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro

A divisão das citações por autor mostra uma situação desproporcional, em que, do total de 191 citações, 134 delas são de Marcus Tullius Cicero, perfazendo 70,157% do total, o segundo autor com mais ocorrências é Titus Livius Patavinus, com 17 citações, com 8,900% do total, enquanto que o terceiro autor com pelo menos 10 ocorrências é Titus Maccius Plautus, com 10 citações, perfazendo 5,235% do total. Os 10 autores restantes correspondem a 15,706% do total, tendo sido citados 30 vezes, com as suas 18 obras.

As nove modalidades literárias, por outro lado, foram um pouco melhor distribuídas, da seguinte forma: retórica: 40 citações (20,942% do total); filosofia: 37 citações (19,371% do total); discurso jurídico: 31 citações (16,230% do total); história: 18 citações (9,424% do total); carta: 17 citações (8,900% do total); teatro: 17 citações (8,900% do total); discurso político: 14 citações (7,329% do total); poesia: 9 citações (4,712% do total); comentário: 8 citações (4,188% do total). Além disso, há uma predominância quantitativa de obras utilizadas como fonte de citações provenientes de duas modalidades: teatro e discurso jurídico.

O período de tempo em que os 13 autores viveram abarcou quase quatro séculos, de 254 a.C. até 117 d.C., isto é, quase todo o período arcaico até a segunda década do primeiro século do período pós-clássico, o que nos mostra um panorama com representatividade considerável. Os números, no entanto, ainda não são conclusivos, pois o *Aoristo* ainda tem uma quantidade muito limitada de pronomes.

Para comparação entre o formato impresso e o formato final no *Aoristo*, assim como para análise, foram escolhidos seis pronomes, mostrados na tabela abaixo, na qual utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- OLR: Ocorrências no LR;
- OCL: Ocorrências no CL;
- FLR: Frequência de ocorrência no LR;
- FCL: Frequência de ocorrência no CL.

Pronome	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>ego</i> (pessoal)	124	0,827%	10.842	0,150%
<i>meus</i> (possessivo)	19	0,126%	1.201	0,016%
<i>hic</i> (demonstrativo)	22	0,146%	8.339	0,115%
<i>qui</i> (relativo)	53	0,353%	45.451	0,630%
<i>quot</i> (interrogativo)	3	0,020%	808	0,011%
<i>nihil</i> (indefinido)	18	0,120%	11.127	0,154%

Na tabela acima, a forma *hic* pode ser confundida com um advérbio, o mesmo acontece com *qui*, que pode corresponder a dois pronomes e a um advérbio, por isto fizemos buscas nos *corpora* através de expressões regulares Unix para descobrir o total de ocorrências de cada uma delas.

Os resultados nos mostram que o pronome *ego* aparece 164 vezes no LR e 77.362 vezes no CL, enquanto que o advérbio aparece 7 vezes no LR e 2.388 no CL. O pronome *qui*, por sua vez, aparece 243 vezes no LR e 24.250 vezes no CL, enquanto que o advérbio não aparece nenhuma vez tanto no LR quanto no CL. Com relação ao pronome interrogativo *qui*, nada conseguimos descobrir, pois o TreeTagger não marca qualquer pronome com esta etiqueta.

Pelo fato de estas pesquisas terem produzido totais maiores do que obtivemos pelo AntConc, decidimos não aceitar estes resultados, por isto eles ficarão inalterados na tabela.

Passamos agora para a análise das formas listadas acima, começando pelo pronome *ego*, como registrado no *Aoristo*:

pronome pessoal masculino e feminino

- 1 **egō, meī, mihi, mē**, Eu (Cic. De Or. 1, 39); (Cic. Agr. 2, 55).
 - 2 **tū, tuī, tibi, tē**, Tu, te, ti (Cic. De Or. 2, 94).
 - 3 **suī, sibi, sē**, De si, dele, dela, deles, delas; para si, a si, lhe, lhes; se, a si, a ele, a ela, a eles, a elas (Cic. Lae. 98).
 - 4 **nōs, nostrum ou nostrī**, Nós (Cic. Fam. 1, 1, 4).
 - 5 **vōs, vestrī e vestrum, vōbis**, Vós (Cic. Phil. 4, 4).
- Vobiscum** (Cic. Rep. 1, 70), "conosco".

Observações
A terceira pessoa é declinada da mesma forma no singular e no plural, além disso não possui nominativo, pois este pronome é reflexivo, em seu lugar são usados os pronomes demonstrativos.

Pessoa	Pronomes pessoais						Observações
	Casos retos		Casos oblíquos				
	Nominativo	Vocativo	Genitivo	Dativo	Ablativo	Acusativo	
1a. do singular	egō (eu)	-	meī (de mim)	mihi (para mim)	mē (por mim)	mē (mim)	A segunda pessoa do singular tem as seguintes características: a Pode vir reforçada por: - te: tute (Cic. Rep. 1, 59); tete (Cic. Tusc. 2, 63); tutin? (= tutene) (Plaut. Mil. 299); te e met , tutimet (Ter. Heaut. 374); tutemes (Lucr. 1, 102). b Genitivo plural arcaico: tis (Plaut. Mil. 1034). A terceira pessoa do singular tem as formas com enclíticas: sepsē (Cic. Rep.
2a. do singular	tū (tu)	tū (tu)	tuī (para ti)	tibi (de ti)	tē (por ti)	tē (ti)	
3a. do singular (Reflexivo)	-	-	suī (de si)	sibi (para si)	sē (por si)	sē (si) sēsē (si)	

A imagem acima foi truncada, pois ela é muito grande, além disso, decidimos mostrar o que é essencial. Neste pronome, não são

utilizadas marcas de uso, apenas um exemplo é fornecido e há seis citações. Nas observações que acompanham os equivalentes, são fornecidas informações sobre a terceira pessoa do pronome pessoal. As formas da tabela de declinação são acompanhadas dos respectivos equivalentes e, além disso, nas observações que a acompanham, há informações variadas sobre as formas. No Faria, o pronome é registrado do seguinte modo:

egō, meī, mihi, mē, pron. pess. m. e f. Eu (Cic. De Or. 1, 39); (Cic. Agr. 2, 55). Obs.: Na língua literária tem valor expressivo, sendo empregado para pôr em relevo uma pessoa em oposição a outra. (FARIA, 1962, p. 341).

No Faria, o pronome tem apenas uma acepção, enquanto que nas observações há informações sobre o uso do pronome na literatura. O lema no Faria mostra as quatro formas possíveis do pronome quando declinado para cinco dos seis casos latinos, com exceção do vocativo, na 1ª. pessoa do singular. No Saraiva, o pronome é registrado do seguinte modo:

Ēgō, mēī, mīhī, ou **mīhī**, ou **mī**, *sinc. mē, mē*, *pron. pess. m. f. (ἐγώ)*, Eu. [...] § *Mihi*, empregado pleonasticamente. (SARAIVA, 1993, p. 411).

Em seguida, há oito exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. No Busarello, o pronome é registrado do seguinte modo:

ego, mēi, me, mihi, pron. pess. eu, de mim, me, mim. (BUSARELLO, 2003, p. 98).

Somente uma acepção é igual ao Faria e ao Saraiva, as outras são acrescentadas pelo autor. Além disso, não são dadas maiores informações.

O *Aoristo* mostra numa tabela todas as pessoas do discurso, mas tanto o Faria quanto o Saraiva não fazem referência a elas, por isto procuramos por estas entradas e as mostramos abaixo. No Faria, os pronomes da 2ª. pessoa do singular são registrados do seguinte modo:

tū, tuī, tibi, tē, Tu, te, ti (Cic. De Or. 2, 94). (FARIA, 1962, p. 1023).

No Saraiva, o pronome é registrado do seguinte modo:

Tū, tūi, tibi, tē, pron. pess. (dor. τυ = συ). Tu. (SARAIVA, 1993, p. 1228-9).

Em seguida, há 10 exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. No Busarello, o pronome é registrado do seguinte modo:

tu, tui, te, tibi, pron. pess. tu, de ti, a ti. (BUSARELLO, 2003, p. 273).

Somente uma acepção é igual tanto ao Faria quanto ao Saraiva, enquanto que duas outras são semelhantes ao Faria. Além disso, não são dadas maiores informações. No Faria, os pronomes da 3ª. pessoa do singular são registrados do seguinte modo:

sui, sibi, se, pron. reflex. da 3ª. p. do sg. e do pl. De si, dele, dela, deles, delas; para si, a si, lhe, lhes; se, a si, a ele, a ela, a eles, a elas (Cic. Lae. 98). Obs.: Formas com enclíticas: **sepse** (Cic. Rep. 3, 12); **semet** (T. Liv. 2, 12, 7). Forma reduplicada: **sese** (Cés. B. Gal. 2, 6, 4). (FARIA, 1962, p. 964).

No Saraiva, o pronome é registrado do seguinte modo:

Sui, sibi, se, pron. recipr. sing. e plur. CAES. CIC. VIRG. De si, dele, dela, deles, delas; para si, a si, lhe, lhes; se, a si, a ele, a ela, a eles, a elas. [...] Ved. *Secum. Sese*. (SARAIVA, 1993, p. 1155).

Em seguida, há seis exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. Todas as acepções do Saraiva são iguais às do Faria, mas este fornece informações adicionais. No Busarello, este pronome não é registrado.

No Faria, os pronomes da 1ª. pessoa do plural são registrados do seguinte modo:

nōs, nostrum ou **nostrī**, pron. pess. Nós (Cic. Fam. 1, 1, 4). Obs.: 1) **Nostrī** é geralmente um

gen. objetivo: **misereri nostri**, «tem compaixão de nós». 2) **Nostrum** é geralmente um gen. partitivo como: **quis nostrum**, «qual de nós». 3) Por vezes, emprega-se **nos** por **ego** (Verg. Buc. 1, 4). (FARIA, 1962, p. 650).

No Saraiva, o pronome é registrado do seguinte modo:

Nōs, *gen. nōstrī e nōstrūm, dat. e ab. nōbis, pron. pess.* CÍC. VIRG. Nós. (SARAIVA, 1993, p. 786).

Em seguida há quatro exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. A única acepção fornecida tanto pelo Faria quanto pelo Saraiva é igual, mas o Faria fornece informações adicionais. No Busarello, o pronome é registrado do seguinte modo:

nos, nostri ou **nostrum**, *pron. pess. nós, de nós.* (BUSARELLO, 2003, p. 180).

No Busarello, há uma segunda acepção adicional, além da que é fornecida pelo Faria e pelo Saraiva. Além disso, não são dadas maiores informações. No Faria, os pronomes da 2ª. pessoa do plural são registrados do seguinte modo:

vōs, *pron. pess. Vós* (Cic. Phil. 4, 4). (FARIA, 1962, p. 1077).

No Saraiva, o pronome é registrado do seguinte modo:

Vōs, vēstrī e vēstrūm, dat. e abl. Vōbis. CAES. VIRG. Vós. (SARAIVA, 1962, p. 1291).

Em seguida, há cinco exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. A única acepção fornecida tanto pelo Faria quanto pelo Saraiva é igual, mas o Faria registra o lema apenas com a forma relativa aos casos nominativo, vocativo e acusativo, enquanto que o Saraiva também registra as duas formas relativas aos casos genitivo, dativo e ablativo. No Busarello, o pronome é registrado do seguinte modo:

vos, pron. pess. vós. (BUSARELLO, 2003, p. 288).

A 3ª. pessoa do plural é declinada da mesma forma no singular e no plural, além disso, não possui nominativo nem vocativo, pois este pronome é reflexivo, em seu lugar são usados os pronomes demonstrativos, do que o usuário é informado nas observações.

O pronome possessivo *meus* tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

meus, mea, meum
pronome possessivo

- I. Sentido próprio**

 - 1 **Meu, minha**, que me pertence (Cic. Planc. 26).
 - 2 [*Linguagem afetiva*] Querido, que me é querido
mi Tiro (Cic. Fam. 16, 20), "ó meu querido Tirão".
- Observações**

Declina-se como o adjetivo de primeira classe **bonus, bona, bonum**.

- II. Em locuções**
- 3 **meum est** (com infinitivo), "pertence-me, é meu direito, é meu dever".
 - 4 **non est meum** (Ter. Heaut. 549), "não é minha maneira de".
 - 5 **Meus est** (Plaut. Mil. 334), "é meu, está seguro".

Caso / Gênero	Singular			Plural			Observações
	Masculino	Feminino	Neutro	Masculino	Feminino	Neutro	
Nominativo	meus (o meu)	mea (a minha)	meum (o meu/a minha)	mei (os meus)	meae (as minhas)	mea (os meus/as minhas)	O vocativo masculino singular tem a forma mi , enquanto a forma meus raramente é usada.
Vocativo	mī (meu)	mea (minha)	meum (meu/minha)	meī (meus)	meae (minhas)	mea (meus/minhas)	

A imagem acima foi truncada, pois ela é muito grande, além disso, decidimos mostrar o que é essencial. Neste pronome, são utilizadas quatro marcas de uso, *sentido próprio* e *em locuções*, além de *linguagem afetiva*, que acompanha duas acepções, e a indicação de uso que acompanha uma das locuções. Quatro exemplos são fornecidos, três deles estão sob a marca de uso *em locuções*, além de quatro citações.

Nas observações que acompanham os equivalentes, há apenas um conteúdo informacional sobre o modo de declinar este pronome. As formas da tabela de declinação são acompanhadas das respectivas traduções, além disso, nas observações que a acompanham, há informações sobre as formas do caso vocativo. No Faria, o pronome é registrado do seguinte modo:

meus, -a, -um, pronome possessivo. I – Sent. próprio: 1) Meu, minha, que me pertence (Cic. Planc. 26). II – Na língua afetiva: 2) Querido, que me é querido: **mi Tiro** (Cic. Fam. 16, 20), «ó meu querido Tirão». III – Em locuções: 3) **meum est** (com infinit.): «pertence-me, é meu direito, é meu dever». 4) **non est meum** (Ter. Heaut. 549), «não é minha maneira de». 5) **Meus est** (Plaut. Mil. 334), «é meu, está seguro». (FARIA, 1962, pp. 608-9).

No Saraiva, o pronome é registrado do seguinte modo:

Meūs, ā, ūm, *adj. possess.* Meu, minha, que me pertence; que me diz respeito. [...] § *Vocat. Meus*. FORT. (SARAIVA, 1993, p. 735).

Em seguida, há três conjuntos de exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. Apenas uma das acepções do Saraiva é diferente do Faria. No Busarello, o pronome é registrado do seguinte modo:

meus, a, um, pron. poss. Meu, minha; querido. (SARAIVA, 2003, p. 170).

As acepções do Busarello são semelhantes às fornecidas no Faria e também têm semelhança com algumas das acepções do Saraiva. Além disso, nenhuma informação adicional é fornecida.

O pronome possessivo *hic* tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

hic, haec, hoc
pronome demonstrativo

I. Sentido genérico

1 Este, esta, isto (de que falo, que mostro) (Cic. Rep. 1, 1).

II. Sentidos especiais

2 Tal (com acusativo de exclamação)

hanc audaciam! (Cic. Verr. 5, 62), "uma tal audácia!".

3 Um ou outro (tratando-se de dois objetos) (T. Liv. 24, 3, 17).

4 Eis (designando o que se vai seguir)

hic est ille Demosthenes (Cic. Tusc. 5, 103), "eis o famoso Demóstenes".

5 Eis, tal é (resumindo o que precede) (Cic. Ac. 1, 22).

6 Neutro **hoc** + genitivo

hoc muneris (Cic. Or. 2, 50), "este cargo".

Observações

Hic, da mesma forma que **iste**, é empregado para indicar um objeto que se mostra, isto é, um objeto presente ou próximo.

Caso / Gênero	Singular			Plural			Observações
	Masculino	Feminino	Neutro	Masculino	Feminino	Neutro	
Nominativo	hic (este)	haec (esta)	hoc (isto)	hī (estes)	hae (estas)	haec (estes/estas)	Principalmente no período arcaico ocorrem as seguintes formas: hic (nominativo masculino plural) (Plant. De 800).
Vocativo	-	-	-	-	-	-	

A imagem acima foi truncada, pois ela é muito grande, além disso, decidimos mostrar o que é essencial. Neste pronome são utilizadas sete marcas de uso, *sentido genérico* e *sentidos especiais*, além disso, há cinco marcas de uso que acompanham acepções dando indicações de uso. Três exemplos são fornecidos e 11 citações, sendo que cinco delas aparecem nas observações. Nas observações que acompanham os equivalentes, o usuário é informado sobre um modo de uso do pronome, enquanto que nas observações que acompanham as formas há informações sobre o uso de algumas formas no período arcaico. No Faria, o pronome é registrado do seguinte modo:

hic, haec, hoc, pron. demonstr. da 1a. pessoa: I – Sent. genérico: 1) Este, esta, isto (de que falo, que mostro) (Cic. Rep. 1, 1). II – Sent. especiais: 2) Tal (com acusativo de exclamação): **hanc audaciam!** (Cic. Verr. 5, 62), «uma tal audácia!». 3) Um ou outro (tratando-se de dois objetos) (T. Liv. 24, 3, 17). 4) Eis (designando o que se vai seguir): **hic est ille Demosthenes** (Cic. Tusc. 5, 103), «eis o famoso Demóstenes». 5) Eis, tal é (resumindo o que precede) (Cic. Ac. 1, 22). 6) Neutro **hoc** + gen.: **hoc muneris** (Cic. Or. 2, 50), «este cargo». Obs.: Principalmente no período

arcaico ocorrem as seguintes formas: **hic**, nom. m. pl. (Plaut. Ps. 822); **haec**, nom. f. pl. (Plaut. Bac. 1.142); (Lucr. 3, 599); (Cic. Tusc. 1, 22); **hibus**, dat. abl. pl. (Plaut. Curc. 506). (FARIA, 1962, p. 448).

No Saraiva, o pronome é registrado do seguinte modo:

Hic, haec, hoc (*gen. hujus*), *pron. demonstr.* 1°. Este, esta, isto, (i. é, aquele, aquela, que está presente, ou de quem se fala); aquele, aquela; a (subjektivante.); ele, ela; isto, aquilo, isso; *Hoc*, seguido dum *gen.* Este, esta; 2°. Este, este (em correlação com *Ille*), o segundo, o derradeiro, o último; às vezes. Aquele (em correlação com *Ille*, significando Este); às vezes. O de que se acaba de falar (em oposição a *Ille*, o de que se vai falar); *Hic... hic... Este... aquele, um... outro*; 3°. Este (designando a primeira pessoa), meu, o meu; eu; 4°. Tal, qual, o que está em um estado qualquer. (SARAIVA, 1993, p. 551).

Em seguida, há quatro conjuntos de exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. O Faria e o Saraiva concordam em algumas acepções, mas cada um deles acrescenta novas informações, tornando-os complementares. No Busarello, o pronome é registrado do seguinte modo:

hic, haec, hoc, *pron. demonstr.* este, esta, isto. (BUSARELLO, 2003, p. 128).

As acepções do Busarello são semelhantes às fornecidas no primeiro sentido do Faria e, em parte, também têm semelhança com algumas das acepções do Saraiva. Além disso, nenhuma informação adicional é fornecida.

O pronome relativo *qui* tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

quī, quae, quod

pronome relativo

1 Que, o qual, quem (Ces. B. Gal. 1, 3, 1).

Observações

Não possui vocativo.

I. Sentido particular

2 O que (com omissão do antecedente) (Cic. Or. 1, 118).

3 Visto que, pois que, porque (matiz causal)

Antiochus qui animo puerili esset... (Cic. Verr. 4, 65), "Antíoco, porque tinha uma alma pueril".

4 Se bem que, que, portanto (matiz concessivo)

egomet, qui sero Graecas litteras attigissem (Cic. De Or. 1, 82), "eu mesmo, se bem que me tenha aproximado das letras gregas tardiamente".

5 A fim de que, para que (matiz final)

eripiunt aliis quod aliis largiantur (Cic. Of. 1, 43), "tiram a uns a fim de dar a outros".

6 De tal sorte que, tal que (matiz consecutivo)

is es, qui nescias (Cic. Fam. 5, 12, 6), "tu és (homem) capaz de ignorar".

Caso / Gênero	Singular			Plural			Observações
	Masculino	Feminino	Neutro	Masculino	Feminino	Neutro	
Nominativo	quī (o que)	quae (a que)	quod (o que/a que)	quī (os que)	quae (as que)	quae (os que/as que)	Além das formas de ablativo singular qu ablativo pl quibus ou quibus , ocorrem ai o genitivo
Vocativo	-	-	-	-	-	-	

A imagem acima foi truncada, pois ela é muito grande, além disso, decidimos mostrar o que é essencial. Neste pronome são utilizadas seis marcas de uso, uma delas é o *sentido particular*, além dela há cinco marcas de uso que acompanham acepções dando indicações de uso. Quatro exemplos são fornecidos e duas citações. Nas observações que acompanham os equivalentes, há apenas o conteúdo informacional indicando que este pronome não tem as formas do caso vocativo, enquanto que nas observações que acompanham as formas há informações sobre algumas formas alternativas, além do uso do pronome com a preposição *cum* enclítica. No Faria, o pronome é registrado do seguinte modo:

quī, quae, quod, pron. relat. I – Relativo: 1) Que, o qual, quem (Ces. B. Gal. 1, 3, 1). II – Sent. particular: 2) O que (com omissão do antecedente) (Cic. Or. 1, 118). 3) Visto que, pois que, porque (matiz causal): **Antiochus qui animo puerili**

esset... (Cic. Verr. 4, 65), «Antíoco, porque tinha uma alma pueril». 4) Se bem que, que, portanto (matiz concessivo): **egomet, qui sero Graecas litteras attigissem** (Cic. De Or. 1, 82), «eu mesmo, se bem que me tenha aproximado das letras gregas tardiamente». 5) A fim de que, para que (matiz final): **eripiunt aliis quod aliis largiantur** (Cic. Of. 1, 43), «tiram a uns a fim de dar a outros». 6) De tal sorte que, tal que (matiz consecutivo): **is es, qui nescias** (Cic. Fam. 5, 12, 6), «tu és (homem) capaz de ignorar». [...] Obs.: Além das formas de abl. sg. **qui** e pl. **quis** ou **queis**, ocorrem ainda o gen. sg. **quouis**, o dat. sg. **quoi**, o nom. ac. n. pl. **qua**, e as formas com a prep. **cum** enclítica: **quocum, quibuscum, quicum** etc. (FARIA, 1962, p. 833).

O formato registrado no *Aoristo* ficou diferente do convencional, em parte isto aconteceu porque o Faria registra três pronomes na mesma entrada, começando pelo relativo e passando pelos pronomes interrogativo e indefinido. Além disso, o Faria tem uma entrada separada para estes dois pronomes. Por fim, não há uma marca de uso dizendo se o pronome tem sentido próprio. No Saraiva, o pronome é registrado do seguinte modo:

Qui, quāe, quōd; cūjūs (*gen.*); **cui** (*dat.*). 1º. Que, o qual, a qual, ele, ela; 2º. Aquele, aquela, que (com elipse do antecedente); 3º. *Is* ou *Talis qui*. Tal que; 4º. Equivalente a *Ut is, ille, ego, tu, nos* (com o verbo no subjunt.); Visto ou já que eu, tu, ele; 5º. Tal que (com elipse do antecedente); 6º. Que?, quem?; quem, qual (com interrogação ou sem ela); 7º. Algum, alguém; 8º. Qual dos dois. PHAEDR.; 9º. *Qui*, *f. arc.* por *Quae*. PLAUT. (SARAIVA, 1993, p. 992).

Em seguida há sete conjuntos de exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as aceções vistas anteriormente. O Saraiva fornece, além das formas convencionais do lema, duas formas adicionais, uma para o genitivo e outra para o dativo, no entanto, o usuário não é informado de que se trata de um pronome, além disso, o autor parece ter incluído as aceções do pronome interrogativo, *que? quem?*. O Faria e o Saraiva concordam em algumas aceções, mas cada

um deles acrescenta novas informações, tornando-os complementares. No Busarello, o pronome é registrado do seguinte modo:

qui, quae, quod, pron. relat. que, o qual, quem. (BUSARELLO, 2003, p. 224).

As acepções do Busarello são idênticas às fornecidas no primeiro sentido do Faria e, em parte, também têm semelhança com algumas das acepções do Saraiva. Além disso, nenhuma informação adicional é fornecida, assim como não há entradas para os pronomes relativo e interrogativo.

O pronome relativo *quot* tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

quot
pronome interrogativo

¹ Quantos? (Cic. Tusc. 4, 5).

² Quanto, quantos (em correlação com **tot**)

quot homines, tot sententiae (Cic. Fin. 1, 15), "quantas cabeças, tantas sentenças".

Observações

É indeclinável, por isto tem apenas uma forma.

Neste pronome somente uma marca de uso é utilizada, dando indicação de uso. Nenhum exemplo é fornecido, mas há duas citações. Nas observações, há apenas o conteúdo informacional indicando que este pronome é indeclinável. No Faria, o pronome é registrado do seguinte modo:

quot, pron. indecl. 1) Quantos? (Cic. Tusc. 4, 5).

2) Quanto, quantos (em correlação com **tot**): **quot homines, tot sententiae** (Cic. Fin. 1, 15), «quantas cabeças, tantas sentenças». (FARIA, 1962, p. 838).

Pelo que se pode ver, o Faria, não informa ao usuário o tipo de pronome que está sendo consultado. No Saraiva, o pronome é registrado do seguinte modo:

Quōt, *adj. indecl. plur.* VARR. CIC. VIRG. Quantos (em correlação com *tot*, *totidem*). (SARAIVA, 1993, p. 997).

Em seguida, há seis exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. O Saraiva, que identifica este pronome como *adj. incl. plur.*, fornece apenas uma acepção, que também é registrada no Faria, mas cada um deles acrescenta novas informações, tornando-os complementares. No Busarello, o pronome é registrado do seguinte modo:

quot, pron. indef. indecl. quantos, quanto.
(BUSARELLO, 2003, p. 226).

As acepções do Busarello concordam em parte com o Faria e com o Saraiva. Além disso, o usuário é informado de que este pronome é indefinido e indeclinável, o que faz com que os três dicionários tratem a mesma forma de modos diferentes. O Busarello não oferece informações adicionais.

O pronome indefinido *nihil* tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

nihil pronome indefinido		
I. Substantivo (sentido próprio)		
1 Nada		
nihil agere (Cic. C. M. 15), "nada fazer".		
2 Nada, nulidade, inutilidade (Cic. Tusc. 3, 77).		
Observações É usado como substantivo e advérbio. Também ocorre na forma nil .		
Nominativo	nihil (nada)	Observações Não possui vocativo nem plural.
Vocativo	-	

A imagem acima foi truncada, pois ela é muito grande, além disso, decidimos mostrar o que é essencial. Neste pronome são utilizadas quatro marcas de uso, uma delas especifica os sentidos do pronome, *sentido próprio*, quando tratado como substantivo, a segunda marca de uso especifica os sentidos do pronome, *empregos particulares*, em diferentes construções, além disso, há uma marca de uso indicando o uso como advérbio. A quarta marca de uso trata de uma indicação de uso. Nove exemplos são fornecidos e 11 citações. Nas observações que acompanham os equivalentes, há, além do conteúdo informacional, uma indicação de que este pronome pode ser usado como substantivo ou advérbio, enquanto que nas observações que acompanham as formas, há uma indicação de que este pronome não tem vocativo nem plural. No Faria o pronome é registrado do seguinte modo:

nihil ou **nil**, n. indecl. É usado como subs. e adv. I – Subs.: Sent. próprio: 1) Nada: **nihil agere** (Cic. C. M. 15), «nada fazer». 2) Nada, nulidade, inutilidade (Cic. Tusc. 3, 77). II – Empregos particulares: 3) **nihil** reforçado por **ne... nec**: **nihil nec obsignatum nec occlusum** (Cic. De Or. 2, 248), «nada nem de selado nem de fechado». 4) **nihil est cur, quod, ut**, «não há razão para que» (Cic. Of. 1, 133). 5) **nihil ad te, ad me** (subent. **attinet**), «nada te importa, nada me importa» (Cic. Pis. 68). 6) **nihil ad**, «nada em comparação com» (Cic. De Or. 2, 25). 7) **nihil non**, «tudo, todo o possível» (Cic. Br. 140). 8) **Non nihil**, «alguma coisa» (Cic. Fam. 4, 14, 2). 9) **nihil nisi, nihil aliud nisi**, «nada mais a não ser» (T. Liv. 2, 29, 4). 10) **nihil minus**, «absolutamente nada», «o menos possível» (Cic. Of. 3, 81). III – Adv.: 11) Por motivo algum, por nada, em nada absolutamente (Cés. B. Gal. 2, 20, 4). (FARIA, 1962, p. 644).

No Faria, o pronome é registrado do seguinte modo:

Nihil e *sínc.*, **Nil**, *s. ap. n. indecl.* (de *ni* e *hilum*).
Nada, coisa nenhuma. (SARAIVA, 1993, p. 780).

Em seguida, há 31 exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. O Faria e o Saraiva concordam apenas em uma acepção, mas cada um deles acrescenta novas informações, tornando-os complementares. Uma das informações adicionais do Saraiva trata da forma sincopada, *nil*, que não tem uma entrada separada no Saraiva, mas *ni*, por sua vez, ele registra do seguinte modo:

1 **Ni**, *conj.* (contraç. de *Nisi*). Se não. [...]
2 **Ni**, *adv.* (que exprime negação absoluta, como *Ne*). (SARAIVA, 1993, p. 778).

À primeira entrada se seguem quatro exemplos, enquanto que à segunda entrada se segue um exemplo, todos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. *Hilum*, por sua vez, ele registra do seguinte modo:

Hilūm, ī, s. ap. n. FEST. Olho negro das favas. § *Fig.* LUCR. Um pouco, um quase nada. § *Non hilum.* LUCR. Nada. *Non proficit hilum.* POET. ap. CIC. Não faz coisa alguma, nada aproveita, trabalha em vão. (SARAIVA, 1993, p. 553).

No Saraiva, o pronome é registrado do seguinte modo:

nihil ou **nil**, n. (indecl.) nada, coisa nenhuma. (BUSARELLO, 2003, p. 179).

As acepções do Busarello são idênticas às fornecidas pelo Saraiva. Além disso, não são dadas maiores informações.

Os pronomes são variados, por isto as observações que as acompanham também o são. Os pronomes que declinam, até o momento têm os seguintes conteúdos informacionais:

- Correspondência entre casos e funções gramaticais:
Nominativo – Sujeito e predicativo;
Vocativo – Vocativo;
Genitivo – Adjunto adnominal restritivo, acompanhado da preposição de (do, dos, da, das);
Dativo – Objeto indireto, acompanhado da preposição a (ou para: o, para o, a, para a, à, os, para os, aos, as, para as, às);
Ablativo – Adjunto adverbial, acompanhado da preposição por (pelo, pelos, pela, pelas);
Acusativo – Objeto direto;
- Declina-se como o adjetivo de primeira classe *bonus, bona, bonum*;
- Não possui vocativo.

Há, também, as situações em que os pronomes são indeclináveis, para estes casos o conteúdo informacional é o mesmo usado nas classes gramaticais indeclináveis.

4.5 UNIDADES LEXICAIS CONJUGÁVEIS

4.5.1 Verbo

Segundo a gramática de Almeida (2000, p. 13), verbo é “toda a palavra que indica ação”. O *Aoristo* tem, até o momento, um total de 23 verbos. Abaixo listamos os autores citados nos exemplos e nas citações do Faria, também listamos os nomes das obras de cada autor, assim como as modalidades textuais de cada uma delas:

Autor	Obra	Modalidade
Marcus Tullius Cicero	<i>Academica</i> (4)	Filosofia
	<i>Cato Maior</i> (3)	Filosofia
	<i>De Divinatione</i> (5)	Filosofia
	<i>De Finibus Bonorum et Malorum</i> (6)	Filosofia
	<i>Laelius de Amicitia</i> (4)	Filosofia
	<i>De Natura Deorum</i> (4)	Filosofia
	<i>Paradoxa Stoicorum</i> (1)	Filosofia
	<i>Tusculanae Quaestiones</i> (12)	Filosofia
	<i>De Lege Agraria</i> (2)	Discurso político
	<i>In Catilinam</i> (3)	Discurso político
	<i>Pro Cluentio</i> (1)	Discurso político
	<i>Pro Dejotaro</i> (1)	Discurso político
	<i>De Domo Sua</i> (3)	Discurso político
	<i>Pro Milone</i> (2)	Discurso político
	<i>Philippicae</i> (6)	Discurso político
	<i>In Pisonem</i> (2)	Discurso político
	<i>De Provinciis Consularibus</i> (1)	Discurso político
	<i>Pro Archia</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Roscio Comoedo</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Flacco</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Murena</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Plancio</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Quinctio</i> (1)	Discurso jurídico
	<i>Pro Sestio</i> (2)	Discurso jurídico
	<i>In Verrem</i> (20)	Discurso jurídico
	<i>Epistulae ad Atticum</i> (13)	Carta
	<i>Epistulae ad Familiares</i> (13)	Carta
	<i>Epistulae ad Quintum Fratrem</i> (4)	Carta
	<i>Brutus</i> (7)	Retórica
	<i>Pro Caelio</i> (1)	Retórica
	<i>De Oratore</i> (4)	Retórica
	<i>De Legibus</i> (2)	Retórica
	<i>De Officiis</i> (6)	Retórica

	<i>De Optimo Genere Oratorum (1)</i> <i>Orator (2)</i> <i>De Re Publica (7)</i>	Retórica Retórica Retórica
Publius Vergilius Maro	<i>Eclogae (3)</i> <i>Aeneis (6)</i> <i>Georgica (1)</i>	Poesia Poesia Poesia
Publius Terentius Afer	<i>Adelphoe (1)</i> <i>Andria (3)</i> <i>Eunuchus (2)</i> <i>Heautontimorumenos (1)</i> <i>Hecyra (1)</i>	Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro
Quintus Horatius Flaccus	<i>Epistulae (1)</i> <i>Sermones (3)</i>	Poesia Poesia
Gaius Julius Caesar	<i>De Bello Gallico (19)</i> <i>De Bello Civilis (1)</i>	Comentário Comentário
Titus Livius Patavinus	<i>Ab Urbe Condita Libri (8)</i>	História
Publius Ovidius Naso	<i>Amores (2)</i> <i>Heroides (1)</i> <i>Metemorphoseon (3)</i>	Poesia Poesia Poesia
Gaius Plinius Secundus	<i>Historia Naturalis (2)</i>	História
Publius Cornelius Tacitus	<i>Historiae (1)</i>	História
Titus Lucretius Carus	<i>De Rerum Natura (2)</i>	Filosofia
Gaius Sallustius Crispus	<i>Bellum Jugurthina (4)</i> <i>Bellum Catilinae (2)</i>	História História
Titus Maccius Plautus	<i>Aulularia (2)</i> <i>Amphitryon (1)</i> <i>Asinaria (1)</i> <i>Bacchides (1)</i> <i>Captivi (4)</i>	Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro

	<i>Casina (1)</i> <i>Cistellaria (1)</i> <i>Curculio (1)</i> <i>Mostellaria (6)</i> <i>Poenulus (1)</i> <i>Pseudolus (1)</i> <i>Trinummus (1)</i>	Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro Teatro
Sextus Propertius	<i>Elegiae (2)</i>	Poesia
Lucius Annaeus Seneca	<i>De Beneficiis (1)</i> <i>Epistulae Morales ad Lucilium (1)</i>	Filosofia Carta
Cornelius Nepos	<i>Liber de Excellentibus Ducibus Exterarum Gentium (1)</i>	História

A divisão das citações por autor mostra uma situação desproporcional, em que, do total de 251 citações, 148 delas são de Marcus Tullius Cicero, perfazendo 58,964% do total, o segundo autor com mais ocorrências é Titus Maccius Plautus, com 21 citações, com 8,366% do total, enquanto que o terceiro autor com mais ocorrências é Gaius Julius Caesar, com 20 citações, com 7,968% do total, Publius Vergilius Maro, por sua vez, último autor com pelo menos 10 ocorrências, tem 10 citações, perfazendo 3,984% do total. Os 11 autores restantes correspondem a 16,733% do total, tendo sido citados 42 vezes, com as suas 19 obras.

As nove modalidades literárias, por outro lado, foram um pouco melhor distribuídas, da seguinte forma: filosofia: 42 citações (16,733% do total); carta: 31 citações (12,350% do total); retórica: 30 citações (11,952% do total); teatro: 29 citações (11,553% do total); discurso jurídico: 28 citações (11,155% do total); poesia: 22 citações (8,764% do total); discurso político: 21 citações (8,366% do total); comentário: 20 citações (7,968% do total); história: 18 citações (7,171% do total). Além disso, há uma predominância quantitativa de obras utilizadas como fonte de citações provenientes de três modalidades: filosofia, poesia e discurso político.

O período de tempo em que os 15 autores viveram abarcou quase quatro séculos, de 254 a.C. até 117 d.C., isto é, quase todo o período arcaico até a segunda década do primeiro século do período pós-clássico, o que nos mostra um panorama com abrangência e representatividade considerável. Os números, no entanto, ainda não são

conclusivos, pois o *Aoristo* ainda tem uma quantidade muito limitada de verbos.

Para comparação entre o formato impresso e o formato final no *Aoristo*, assim como para análise, foram escolhidos seis verbos, mostrados na tabela abaixo, na qual utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- OLR: Ocorrências no LR;
- OCL: Ocorrências no CL;
- FLR: Frequência de ocorrência no LR;
- FCL: Frequência de ocorrência no CL.

Verbo	OLR	FLR	OCL	FCL
<i>est</i>	273	1,822%	86.087	1,195%
<i>loquor</i>	4	0,026%	293	0,004%
<i>uti</i>	13	0,086%	2.639	0,036%
<i>habeo</i>	26	0,173%	770	0,010%
<i>dic</i>	24	0,160%	669	0,009%
<i>volo</i>	0	0%	924	0,012%
<i>uolo</i>	22	0,146%	89	0,001%

As formas da tabela acima não correspondem necessariamente a alguma forma do lema, em vez disso mostramos a forma mais frequente de cada um dos verbos escolhidos.

Na tabela acima, a forma *uti* pode ser confundida com uma conjunção, o mesmo acontece com *volo*, ou *uolo*, que pode corresponder a dois verbos e a um substantivo, por isto fizemos buscas nos *corpora* através de expressões regulares Unix para descobrir o total de ocorrências de cada uma delas.

Os resultados nos mostram que o verbo *uti* aparece 4 vezes no LR e 433 vezes no CL, enquanto que a conjunção aparece 9 vezes no LR e 2.173 no CL. O verbo *volo*, por sua vez, aparece 57 vezes no LR e 7.245 vezes no CL, enquanto que o substantivo aparece 32 vezes no LR e 171 vezes no CL. Pelo fato de o TreeTagger não marcar os verbos pela conjugação, não conseguimos descobrir quantas ocorrências se referem ao verbo irregular, *volō*, *vīs*, *vult*, *velle*, *voluī*, e quantos se referem ao verbo regular de primeira conjugação, *volō*, *volās*, *volāre*, *volāvī*, *volātum*.

Pelo fato de estas pesquisas terem produzido totais maiores do que obtivemos pelo AntConc, decidimos não aceitar estes resultados, por isto eles ficarão inalterados na tabela.

Passamos agora para a análise das formas listadas acima, começando pelo verbo *sum*, relativo à forma *est*, como registrado no *Aoristo*:

Pessoa	Tempo presente, modo indicativo		Observações
	Voz ativa	Voz passiva	
1a. do singular	sum (eu sou)	-	Tempo O presente em latim indica tempo indivisível, da mesma forma que em português.
2a. do singular	es (tu és)	-	Modo O modo indicativo indica que a ação do verbo é expressa de maneira real, categórica, definida.
3a. do singular	est (ele é/ela é)	-	
1a. do plural	sumus (nós somos)	-	Voz A voz ativa indica que o sujeito pratica a ação, enquanto a voz passiva indica que o sujeito sofre a ação.
2a. do plural	estis (vós sois)	-	
3a. do plural	sunt (eles são/elas são)	-	

A tabela da imagem acima mostra a conjugação do verbo *sum* no tempo presente do modo indicativo, incluindo as três pessoas do singular e do plural, na voz ativa, enquanto que a voz passiva é inexistente para este verbo. Esta tabela é apenas um dos cinco tipos de tabelas usadas para os verbos, sendo a tabela acima a mais comum, embora a quantidade de informações contidas nas tabelas possa variar. Por exemplo, na imagem abaixo é reproduzida uma tabela igual à anterior, mas na voz passiva há o triplo de informações para verbos regulares, como *amo*, na voz passiva do tempo perfeito do modo indicativo:

Pessoa	Tempo perfeito, modo indicativo		Observações
	Voz ativa	Voz passiva	
1a. do singular	amāvī (eu amei)	amātus sum (eu fui amado/eu fui amada) amāta sum (eu fui amado/eu fui amada) amātum sum (eu fui amado/eu fui amada)	Tempo O (pretérito) perfeito em latim indica fato realizado e concluído em certo do passado, da mesma forma que em português. Modo O modo indicativo indica que a ação é expressa de maneira real, categórica.

A tabela acima é usada em todos os tempos dos modos indicativo e subjuntivo. Um segundo tipo de tabela de conjugação, mostrado na imagem truncada abaixo, apenas com os casos nominativo

e vocativo, é usado pelos participípios e tem a estrutura de um adjetivo triforme.

	Participípio futuro ativo						O
	Masculino Singular	Feminino Singular	Neutro Singular	Masculino Plural	Feminino Plural	Neutro Plural	É ur adje uma imp char nom corr part port trad por relat
Nominativo	amātūrus (o que está para amar)	amātūra (a que está para amar)	amātūrum (o que está para amar/a que está para amar)	amātūrī (os que estão para amar)	amātūrae (as que estão para amar)	amātūra (os que estão para amar/as que estão para amar)	
Vocativo	amātūre (ó que está para amar)	amātūra (ó que está para amar)	amātūrum (ó que está para amar)	amātūrī (ó que estão para amar)	amātūrae (ó que estão para amar)	amātūra (ó que estão para amar)	Ten Indi

Abaixo, mostramos a imagem do terceiro tipo de tabela, usado somente para o infinitivo:

Pessoa	Infinitivo		É
	Voz ativa	Voz passiva	
Presente	amāre (amar)	amārī (ser amado/ser amada)	
Perfeito	amāvisse (ter amado)	amātus esse (ter sido amado/ter sido amada)	
Futuro	amātūrus esse (ir amar, dever amar)	amātum īrī (ir ser amado, dever ser amado/ir ser amada, dever ser amada)	

O verbo *amo*, no infinitivo, tem três tempos, presente, perfeito e futuro, tanto na voz ativa quanto na voz passiva, diferentemente do português. O quarto tipo de tabela, mostrado na imagem abaixo, é usado somente para o gerúndio:

	Gerúndio		
	Genitivo	Dativo	
Genitivo	amandī (de amar)		É il v
Dativo	amandō (amando)		V T s
Ablativo	amandō (amando)		C I d
Acusativo	(ad) amandum ((para) amar)		

Sem indicação de voz ativa ou passiva, o gerúndio declina o verbo em somente quatro casos: genitivo; dativo; ablativo; acusativo. Este tipo de tabela é usado somente uma vez por verbo, o mesmo acontece com o quinto tipo de tabela, trata-se do supino mostrado na imagem abaixo:

Supino	
amātum (para amar)	É it
amātū (de amar/por amar)	U A d e p

Para o supino, também não há indicação de voz ativa e passiva, além disso, somente duas formas estão disponíveis.

Dentre os verbos atualmente disponíveis para consulta no *Aoristo*, há algumas características mais comuns, por exemplo:

- Regularidade: 13 verbos são regulares; sete são irregulares;
- Conjugação: sete são de primeira conjugação; quatro são de segunda conjugação; cinco são de terceira conjugação;
- Transitividade: quatro são transitivos; cinco são intransitivos; nove são transitivos e intransitivos; para um deles não há informação sobre transitividade;
- Voz: dois verbos são depoentes; seis verbos têm somente as formas conjugadas na voz ativa, dois deles têm a 3ª. pessoa do singular na voz passiva; um verbo regular tem a voz passiva irregular.

Para cada uma das 13 formas possíveis de conjugar os verbos, além das seis formas de declinação deles, há observações para os usuários. O teor das observações é variado, dependendo do que não tem correspondência direta em português ou de informações que não são encontradas facilmente em materiais de estudo. Um exemplo do que não tem correspondência direta em português são as quatro formas participiais latinas.

Há uma informação sobre os verbos que parece não ter ponto pacífico, ela diz respeito aos tempos primitivos. Os tempos primitivos, segundo Almeida (2000, p. 208), “são os tempos fundamentais de que derivam os demais tempos”. Quando os tempos primitivos dos verbos

são conhecidos é possível, através de regras de derivação, conjugar um verbo em todas as suas formas, estes são os chamados tempos derivados.

Os três principais autores utilizados nesta parte da pesquisa para dúvidas gramaticais, Rónai (1986), Almeida (2000) e Deléani (1975), concordam em alguns pontos sobre os tempos primitivos, mas discordam em vários pontos. Começamos pelas informações em que os autores concordam: os tempos primitivos usados no modo indicativo, assim como no supino e no gerúndio.

Abaixo, mostramos tabelas coloridas para tentar mapear as informações fornecidas pelos autores. Depois de cada grupo de tabelas, fazemos algumas considerações sobre as informações. Em latim, os tempos primitivos são quatro, como podem ser vistos na tabela com a legenda a seguir, em que cada cor tem relação com um tempo verbal.

Legenda:

Tempos primitivos
Presente do indicativo
Pretérito perfeito do indicativo
Supino
Infinitivo

Não é tempo primitivo
Particípio + sum

Como pode ser visto na tabela abaixo, os autores concordam sobre o uso dos tempos primitivos no modo indicativo.

Modo indicativo		
Tempo	Voz ativa	Voz passiva
Presente		
Imperfeito		
Futuro		
Perfeito		
Mais-que-perfeito		
Futuro perfeito		

Eles também concordam no uso dos tempos primitivos no supino e no gerúndio.

Supino	Gerúndio

Nas tabelas acima, pode-se perceber que, sobre o modo indicativo, os autores concordam que os tempos do *infectum*, isto é, os tempos do verbo que indicam ações não concluídas, são formados a partir do verbo no presente do indicativo, o que serve tanto para a voz ativa quanto para a voz passiva. Os autores também concordam que a voz ativa dos três tempos do *perfectum*, isto é, os que indicam ação já concluída, é formada a partir do verbo no pretérito perfeito do indicativo. Por fim, eles também concordam que a voz passiva dos três tempos do *infectum* é formada a partir de um verbo em sua forma participial, seguida do verbo *sum* conjugado. O tempo primitivo para formação dos verbos no supino é o próprio supino. O tempo primitivo para formação dos verbos no gerúndio, por sua vez, é o presente do indicativo.

Agora, trataremos das conjugações e declinações dos verbos em que os autores discordam sobre o uso dos tempos primitivos, ou das situações em que eles não fornecem todas as informações necessárias. Abaixo, mostramos uma tabela com informações sobre o modo subjuntivo, em que utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- AVA: Voz ativa; fonte: Almeida (2000);
- AVP: Voz passiva; fonte: Almeida (2000);
- DVA: Voz ativa; fonte: Deléani (1975);
- DVP: Voz passiva; fonte: Deléani (1975);
- RVA: Voz ativa; fonte: Rónai (1986);
- RVP: Voz passiva; fonte: Rónai (1986).

Modo subjuntivo						
Tempo	AVA	AVP	DVA	DVP	RVA	RVP
Presente						?
Imperfeito						?
Perfeito						
Mais-que-perfeito						

Sobre o uso dos tempos primitivos na formação dos tempos do modo subjuntivo, os autores concordam que o tempo presente, tanto na voz ativa quanto na voz passiva, é formado a partir do tempo presente do indicativo, exceto na voz passiva, para a qual Rónai (1986) não nos dá informações.

O imperfeito do subjuntivo, por sua vez, é visto de forma diferente pelos autores. Almeida (2000) nos diz que tanto a voz ativa quanto a voz passiva são formadas a partir do infinitivo, enquanto que Deléani (1975) e Rónai (1986) nos dizem que as vozes ativa e passiva do imperfeito são formadas a partir do tempo presente do indicativo. Rónai (1986), novamente, nada nos diz sobre a formação da voz passiva.

Com relação aos tempos perfeito e mais-que-perfeito do subjuntivo, os autores concordam que a voz ativa de cada um deles é formada a partir do pretérito perfeito do indicativo, enquanto que a voz passiva seria formada a partir de uma combinação do verbo em sua forma participial, seguida do verbo *sum* conjugado.

Abaixo, mostramos uma tabela com informações sobre o participípio, em que utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- AVA: Voz ativa; fonte: Almeida (2000);
- AVP: Voz passiva; fonte: Almeida (2000);
- DVA: Voz ativa; fonte: Deléani (1975);
- DVP: Voz passiva; fonte: Deléani (1975);
- RVA: Voz ativa; fonte: Rónai (1986);
- RVP: Voz passiva; fonte: Rónai (1986).

Particípio						
Tempo	AVA	AVP	DVA	DVP	RVA	RVP
Presente		-		-		-
Futuro		?				
Perfeito	-		-		-	

Sobre o uso dos tempos primitivos na formação dos tempos do particípio, os autores concordam que o tempo presente é formado a partir do tempo presente do indicativo. Este tempo não tem voz passiva.

Com relação ao tempo futuro do particípio, os autores concordam que ele é formado a partir da voz ativa do supino, enquanto que a voz passiva seria formada a partir do tempo presente do indicativo. Rónai (1986), no entanto, nada nos diz sobre a formação da voz passiva.

O tempo perfeito, por sua vez, é visto de forma diferente pelos autores, Almeida (2000) e Rónai (1986) nos dizem que a voz passiva é formada a partir do supino, enquanto que Deléani (1975) nos diz que ela é formada a partir do pretérito perfeito do indicativo. Este tempo não tem voz ativa.

Abaixo, mostramos uma tabela com informações sobre o modo imperativo, em que utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- AVA: Voz ativa; fonte: Almeida (2000);
- AVP: Voz passiva; fonte: Almeida (2000);
- DVA: Voz ativa; fonte: Deléani (1975);
- DVP: Voz passiva; fonte: Deléani (1975);
- RVA: Voz ativa; fonte: Rónai (1986);
- RVP: Voz passiva; fonte: Rónai (1986).

Modo imperativo						
Tempo	AVA	AVP	DVA	DVP	RVA	RVP
Presente				?		?
Futuro				?		?

Sobre o uso dos tempos primitivos na formação dos tempos do modo imperativo, Almeida (2000) tem opinião diferente dos outros

autores. Segundo este autor, tanto o tempo presente quanto o tempo futuro, nas vozes ativa e passiva, são formados a partir do infinitivo, enquanto que Deléani (1975) e Rónai (1986) apenas nos dão informação sobre a formação da voz ativa de ambos os tempos, no que eles concordam entre si, isto é, segundo eles, o tempo primitivo é o presente do indicativo.

Abaixo, mostramos uma tabela com informações sobre o modo infinitivo, em que utilizamos algumas abreviaturas, com a seguinte correspondência:

- AVA: Voz ativa; fonte: Almeida (2000);
- AVP: Voz passiva; fonte: Almeida (2000);
- DVA: Voz ativa; fonte: Deléani (1975);
- DVP: Voz passiva; fonte: Deléani (1975);
- RVA: Voz ativa; fonte: Rónai (1986);
- RVP: Voz passiva; fonte: Rónai (1986).

Modo infinitivo						
Tempo	AVA	AVP	DVA	DVP	RVA	RVP
Presente						?
Futuro						?
Perfeito						

Sobre o uso dos tempos primitivos na formação dos tempos do modo infinitivo, os autores estão divididos. Para o tempo presente, Almeida (2000) nos diz que tanto a voz ativa quanto a voz passiva são formadas a partir do infinitivo. Deléani (1975) nos diz que este tempo é formado a partir do presente do indicativo, com o que Rónai (1986) concorda, exceto que ele nada nos diz sobre a voz passiva.

Para Almeida (2000), as vozes ativa e passiva do tempo futuro são formadas a partir do infinitivo, enquanto que tanto Deléani (1975) quanto Rónai (1986) nos dizem que a voz ativa é formada a partir do supino. Deléani (1975) ainda nos diz que a voz passiva é formada a partir do tempo presente do indicativo, enquanto que Rónai (1986) nada nos diz sobre isso.

Por fim, os autores concordam que o tempo perfeito do infinitivo é formado a partir do pretérito perfeito do indicativo, Rónai (1986), no entanto, nos diz que a voz passiva é formada a partir de uma

combinação do verbo em sua forma participial, seguida do verbo *sum* conjugado.

Acima, tratamos dos tempos primitivos na formação dos tempos derivados latinos, pois o conhecimento das regras pode ajudar no conhecimento dos verbos sem que seja necessário conhecer todas as formas diferentes, cujo total pode chegar a 300, que são mostradas em até 19 tabelas verbais no *Aoristo*. Além disso, a partir das regras de derivação é possível fazer generalizações, mas, como vimos, não parece haver acordo em todas as situações, o que pode dificultar o aprendizado.

Passamos agora para a análise dos verbos selecionados, começando pelo verbo *sum*, cuja forma *est* é bastante frequente. No *Aoristo* ele é registrado do seguinte modo:

sum, es, esse, fui

verbo irregular intransitivo de existência e copulativo

I. Sentido próprio

1 Ser, existir (Cic. Fam. 11, 21, 1); (Cic. Fam. 6, 18, 4); (Cic. Phil. 5, 42); (Cic. Rep. 1, 12); (Cic. Opt. 15).

2 Estar, viver, morar (com locativo ou ablativo com *in*)

esse apud aliquem (Cic. Rep. 1, 21), "estar em casa de alguém";

esse cum aliquo (Cic. Br. 309), "viver (estar) com alguém"; (Cic. Verr. 2, 100).

2.1 Ser de, ser próprio de, pertencer a (Cic. C. M. 20); (Cic. Fam. 5, 16, 5); (Cic. Verr. 1, 66).

Observações

Constrói-se como intransitivo absoluto; com predicativo; localivo; com ablativo com *in*; com genitivo; com dativo; com duplo dativo; com acusativo com *in*.

Formas arcaicas: **siem, sies, siet, sient** (Plaut. Amph. 57); (Lucr. 3, 101) etc.; subjuntivo presente: **fuam, fuas, fuat, fuant** (Plaut. Bac. 156); (Plaut. Amph. 985).

II. Empregos especiais

3 [Impessoal] Haver (Ces. B. Gal. 1, 12, 1); (Cic. Fam. 1, 9, 25).

4 Ser avaliado, custar, valer (Cic. Com. 33); (Cic. Of. 3, 92).

5 Ter, possuir (Cic. Verr. 3, 168); (Cic. Phil. 2, 77); (Ces. B. Gal. 5, 40, 7).

6 Servir de, causar, dar, trazer (T. Liv. 4, 13, 2); (Cic. Verr. 5, 100).

7 Tratar de, versar sobre, compor-se de (Cic. Tusc. 1, 24); (Cic. Verr. 5, 110); (Cic. De Or. 3, 183).

Na imagem acima, mostramos somente o lema, os equivalentes e as observações, um dos motivos para isto é o fato de já termos tratado das tabelas de conjugação dos verbos, um segundo motivo é o fato de este verbo ter 14 tabelas diferentes, tanto para a conjugação quanto para a declinação do verbo. Além disso, uma terceira motivação é por já termos mostrado a tabela de conjugação do verbo no presente do indicativo.

Neste verbo, são utilizadas quatro marcas de uso, duas são usadas para agrupar os sentidos, a terceira é usada pra indicar que uma

acepção é impessoal, enquanto que na quarta há a indicação de uso de um dos sentidos. Nas observações, há indicações de como o verbo pode ser utilizado com relação à transitividade, além de mostrar algumas formas arcaicas do verbo. Apenas dois exemplos são fornecidos, mas há 20 citações, quatro delas estão nas observações. No Faria, o verbo é registrado do seguinte modo:

sum, es, esse, fui, v. de existência e copulativo, intr. I – Sent. próprio: 1) Ser, existir (Cic. Fam. 11, 21, 1); (Cic. Fam. 6, 18, 4); (Cic. Phil. 5, 42); (Cic. Rep. 1, 12); (Cic. Opt. 15). 2) Estar, viver, morar (com locativo ou abl. com **in**): **esse apud aliquem** (Cic. Rep. 1, 21) «estar em casa de alguém»; **esse cum aliquo** (Cic. Br. 309) «viver (estar) com alguém»; (Cic. Verr. 2, 100). Daí: 3) Ser de, ser próprio de, pertencer a (Cic. C. M. 20); (Cic. Fam. 5, 16, 5); (Cic. Verr. 1, 66). II – Empregos especiais: 4) Impessoal: Haver (Cés. B. Gal. 1, 12, 1); (Cic. Fam. 1, 9, 25). 5) Ser avaliado, custar, valer (Cic. Com. 33); (Cic. Of. 3, 92). 6) Ter, possuir (Cic. Verr. 3, 168); (Cic. Phil. 2, 77); (Cés. B. Gal. 5, 40, 7). 7) Servir de, causar, dar, trazer (T. Liv. 4, 13, 2); (Cic. Verr. 5, 100). 8) Tratar de, versar sobre, compor-se de (Cic. Tusc. 1, 24); (Cic. Verr. 5, 110); (Cic. De Or. 3, 183). Obs.: Formas arcaicas: **siem, sies, siet, sient** (Plaut. Amph. 57); (Lucr. 3, 101) etc.; **fuam, fuas, fuat, fuant** (Plaut. Bac. 156); (Plaut. Amph. 985) etc. (FARIA, 1962, p. 964).

No Saraiva, o verbo é registrado do seguinte modo:

1 Sũm, ẽs, fũĩ, ẽssẽ, v. *substan.* (da m. família q. o gr. εἶμί, o sânscr. asmi, o hebr. שׁוּן, iéch). 1º. Ser, existir (com respeito às pessoas e às coisas); viver; durar; no *pret. perf.* Ter vivido, não existir já; 2º. Estar, achar-se em; morar, residir; estar com alguém; viver com, ter trato. Cic. Ov.; 3º. Ir, chegar, vir; 4º. Ser (com respeito a um fato), ser realmente, ser verdade; dar-se, acontecer, suceder; ser, vir, chegar (o tempo); [...] 5º. Ser este ou aquele, desta ou daquela natureza, estar neste ou naquele estado (com respeito às pessoas e às coisas); ser provido ou dotado de; ser

descendente, oriundo; estar para ou com tenção de; 6º. Com o *part. pass.* forma os tempos compostos dos verbos passivos e depoentes; e o presente toma então a significação de pretérito perfeito; 7º. Ser estimado, avaliado; valer, custar; 8º. Ser de (alguém), ser propriedade de, pertencer a, ser concernente, dizer respeito a, convir; ser por (alguém), estar do lado de, favorecer; ocupar-se em, com, cuidar em, tratar de; 9º. Ser para, servir de, trazer, causar; 10º. Ser suficiente para, bastar para; ser capaz de, próprio para, bom para. (SARAIVA, 1993, pp. 1156-7).

Depois disto, o autor fornece 11 conjuntos do que ele chama de *frases diversas*, que são exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente.

O Faria e o Saraiva têm muitas acepções em comum, embora o Saraiva acrescente algumas, como as de números 3, 4, 5 e 10. Outra informação adicional deste dicionário está na acepção de número 6, ao dizer que “[c]om o *part. pass.* forma os tempos compostos dos verbos passivos e depoentes; e o presente toma então a significação de pretérito perfeito”, o que pode servir de lembrete ao consulente, assim como pode ser uma informação nova, dependendo do conhecimento que este tenha da língua latina. No Busarello, a entrada está registrada da seguinte forma:

sum, es, esse, fui, irr. intr. ser, existir; viver, pertencer a; encontrar-se; ser possível; bastar para; ser próprio de. (BUSARELLO, 2003, p. 260).

Novamente, o Busarello sintetiza as acepções básicas fornecidas pelo Faria e pelo Saraiva, sem acrescentar novas informações.

O verbo *loquor* funciona de modo diferente do verbo *sum*, como pode ser visto abaixo:

loquor, loqueris, loquī, locūtus sum
verbo regular depoente transitivo e intransitivo de terceira declinação

- 1 Falar, exprimir, dizer (Cic. Br. 258); (Cic. Br. 228); (Cic. Verr. 4, 69); (Cic. Tusc. 1, 13).

2 Falar sem cessar, ter sempre à boca (Cic. Par. 50).
- Observações**
Constrói-se como intransitivo ou com ablativo com **de**; ou transitivamente.

Pessoa	Tempo presente, modo indicativo		Observações
	Voz ativa	Voz passiva	
1a. do singular	-	loquor (eu falo)	Tempo O presente em latim indica tempo indivisível, da mesma forma que em português.
2a. do singular	-	loqueris (tu falas) loquere (tu falas)	Modo O modo indicativo indica que a ação do verbo é expressa de maneira real, categórica, definida.
3a. do singular	-	loquitur (ele fala/ela fala)	Voz A voz ativa indica que o sujeito pratica a ação, enquanto a voz passiva indica que o sujeito sofre a ação.
1a. do plural	-	loquimur (nós falamos)	
2a. do plural	-	loquimini (vós falais)	
3a. do plural	-	loquuntur (eles falam/elas falam)	

Na imagem acima, mostramos o lema, os equivalentes, as observações e o verbo conjugado somente no presente do indicativo, um dos motivos para isto é o fato de já termos tratado das tabelas de conjugação dos verbos, um segundo motivo é o fato de este verbo ter 19 tabelas diferentes, tanto para a conjugação quanto para a declinação do verbo.

Neste verbo não são utilizadas marcas de uso, assim como não são fornecidos exemplos, mas há cinco citações. Nas observações, há apenas indicações de como o verbo pode ser utilizado com relação à transitividade. No Faria, o verbo é registrado do seguinte modo:

loquor, ĕris, loquī, locūtus sum, v. dep. intr. e tr.
1) Fala, exprimir, dizer (Cic. Br. 258); (Cic. Br. 228); (Cic. Ver. 4, 69); (Cic. Tusc. 1, 13). 2) Falar sem cessar, ter sempre à boca (Cic. Par. 50). Obs.: Constrói-se como intransitivo ou com abl. com **de**; ou transitivamente. (FARIA, 1962, p. 571).

No Saraiva, o verbo é registrado do seguinte modo:

Lōquōr, ĕrīs, lōcūtūs ou **lōquūtūs sūm, lōquī**, v. dep. intrans. e trans. (de λόγος?). CIC. VIRG.

Falar, discorrer, discursar, dizer; contar, narrar. (SARAIVA, 1993, p. 688).

Depois disto, o autor fornece 18 exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente, que são seguidos da marca de uso *Fig.* e, para ilustrar os sentidos figurados, onde seis exemplos adicionais são fornecidos. No momento, o *Aoristo* não dá informações sobre o que é um verbo depoente. No Busarello, o conteúdo é o seguinte:

loquor, ĕris, lōqui, locūtus sum, dep. intr. e tr.
falar, dizer; exprimir. (BUSARELLO, 2003, p. 162).

Entre os três dicionários impressos citados, há pequenas diferenças, mesmo mantendo as acepções básicas. Por exemplo, no Busarello, *falar* e *dizer* têm o mesmo sentido, enquanto que *exprimir* tem um segundo sentido. No *Aoristo*, por sua vez, as três acepções são consideradas como pertencentes ao mesmo sentido, além deste há um segundo sentido, “falar sem cessar, ter sempre à boca”, que não aparece no Saraiva, enquanto que este, por sua vez, nos dá novas informações ao dizer que o verbo também tem o sentido de “contar, narrar”.

Tratamos agora do verbo *utor*, também depoente, que é registrado no *Aoristo* do seguinte modo:

ūtor, ūteris, ūtī, ūsus sum
verbo depoente transitivo e intransitivo de terceira conjugação

I. Sentido próprio

¹ Usar, fazer uso de, servir-se, empregar, utilizar (Ces. B. Gal. 4, 31, 2)

^{1.1} Ter relações com (Cic. Clu. 46).

^{1.2} Ter à sua disposição, ter, gozar de (Hor. Ep. 1, 7, 57).

^{1.3} Encontrar (Cic. Fin. 1, 2).

Observações

Constrói-se com ablativo; como intransitivo absoluto e, no período arcaico, como transitivo (Plaut. Poen. 1.088).

Pessoa	Tempo presente, modo indicativo		Observações
	Voz ativa	Voz passiva	
1a. do singular	-	ūtor (eu uso)	Tempo O presente em latim indica tempo indivisível, da mesma forma que em português.

Na imagem acima, mostramos somente o lema, os equivalentes, as observações e somente a 1ª. pessoa do singular do verbo no tempo presente do indicativo, um dos motivos para isto é o fato de já termos tratado das tabelas de conjugação dos verbos, um segundo motivo é o

fato de este verbo ter 19 tabelas diferentes, tanto para a conjugação quanto para a declinação do verbo.

Neste verbo, somente uma marca de uso é utilizada, nenhum exemplo é fornecido, mas há cinco citações, sendo que uma delas está nas observações. Nas observações, há apenas indicações de como o verbo pode ser utilizado com relação à transitividade. No Faria, o verbo é registrado do seguinte modo:

ūtor, -ēris, ūtī, ūsus sum, v. dep. intr. e tr. I – Sent. próprio: 1) Usar, fazer uso de, servir-se, empregar, utilizar (Cés. B. Gal. 4, 31, 2). II – Daí: 2) Ter relações com (Cic. Clu. 46). 3) Ter à sua disposição, ter, gozar de (Hor. Ep. 1, 7, 57). 4) Encontrar (Cic. Fin. 1, 2). Obs.: Constrói-se com abl.; como intr. absoluto e, no período arcaico, como transitivo (Plaut. Poen. 1088). (FARIA, 1962, p. 1040).

No Saraiva, o verbo é registrado do seguinte modo:

Ūtōr, ēris, ūsūs sūm, ūtī, v. dep. Usar de, servir-se de, fazer uso de; gastar, dispende, fazer despesa. (SARAIVA, 1993, p. 1249).

Depois disto, o autor fornece 20 exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. Em seguida, são fornecidos mais 12 exemplos, desta vez eles estão relacionados ao uso, arcaico, com o caso acusativo, enquanto que o Faria apenas comenta sobre o uso com o caso ablativo, sem dar quaisquer exemplos. O Busarello é igualmente breve em seu conteúdo para o verbo:

ūtor, ēris, ūtī, ūsus sum, dep. intr. usar; servir-se de; valer-se de; ter intimidade com. (BUSARELLO, 2003, p. 278).

Dois sentidos novos são registrados, “valer-se de” e “ter intimidade com”, embora “valer-se de”, supostamente, tenha um sentido semelhante a “servir-se de”.

O verbo *habeo*, de que tratamos agora, é regular, como pode ser visto na imagem abaixo:

habeō, habēs, habēre, habuī, habitum
verbo regular transitivo e intransitivo

I. Sentido próprio

- 1 Manter, manter-se (Ces. B. Civ. 3, 31, 3); (Sal. C. Cat. 52, 14)
1.1 Possuir, ocupar, tomar posse de, guardar (Verg. En. 2, 290);
(Sal. B. Jug. 2, 3); (Cic. Verr. 5, 104); (Cic. Verr. 2, 47).
1.2 (Sentido próprio e figurado) Ter, haver (Ces. B. Gal. 1, 8, 1);
(Cic. Verr. 2, 184); (Cic. Fam. 7, 26, 1); (Cic. Tusc. 1, 57); (Cic. Leg. 2,
57).

II. Sentido figurado

- 2 Tratar (Sal. B. Jug. 113, 2); (Sal. B. Jug. 64, 5).
3 Ter como, considerar como, julgar, avaliar (Cic. Nat. 1, 45); (Ces. B.
Gal. 1, 44, 11); (Cic. Of. 1, 144).
4 Conhecer, saber (Cic. Rep. 2, 33).
5 Passar (o tempo) (Sal. C. Cat. 51, 12).

Observações

Constrói-se com acusativo; com dois
acusativos; com infinitivo; com genitivo de
preço; como intransitivo. Em Cícero (Leg. 2,
19) ocorre a forma **habessit = habuerit**, por
arcaísmo.

Pessoa	Tempo presente, modo indicativo		Observações
	Voz ativa	Voz passiva	
1a. do singular	habeō (eu tenho)	habeor (eu sou tido/eu sou tida)	Tempo O presente em latim indica tempo indivisível, da mesma forma que em português.

Na imagem acima, mostramos somente o lema, os equivalentes, as observações e somente a 1ª. pessoa do singular do verbo no tempo presente do indicativo, um dos motivos para isto é o fato de já termos tratado das tabelas de conjugação dos verbos, um segundo motivo é o fato de este verbo ter 19 tabelas diferentes, tanto para a conjugação quanto para a declinação do verbo.

Neste verbo, quatro marcas de uso são utilizadas, nenhum exemplo é fornecido, mas há 19 citações, sendo que uma delas está nas observações. Nas observações, há indicações de como o verbo pode ser utilizado com relação à transitividade, além de mostrar uma forma arcaica. No Faria, o verbo é registrado do seguinte modo:

habeō, -ēs, -ēre, habuī, habitum, v. tr. e intr. I – Sent. próprio: 1) Manter, manter-se (Cés. B. Civ. 3, 31, 3); (Sal. C. Cat. 52, 14). Daí: 2) Possuir, ocupar, tomar posse de, guardar (Verg. En. 2, 290); (Sal. B. Jug. 2, 3); (Cic. Verr. 5, 104); (Cic. Verr. 2, 47). Onde: 3) Ter, haver (sent. próprio e figurado) (Cés. B. Gal. 1, 8, 1); (Cic. Verr. 2, 184); (Cic. Fam. 7, 26, 1); (Cic. Tusc. 1, 57); (Cic. Leg. 2, 57). II – Sent. figurado: 4) Tratar (Sal. B. Jug. 113, 2); (Sal. B. Jug. 64, 5). 5) Ter como, considerar como, julgar, avaliar (Cic. Nat. 1, 45); (Ces. B. Gal. 1, 44, 11); (Cic. Of. 1, 144). 6) Conhecer, saber (Cic. Rep. 2, 33). 7) Passar (o

tempo) (Sal. C. Cat. 51, 12). Obs.: Constrói-se com acus., com dois acus., com inf., com gen. de preço ou como intransitivo. Em Cícero (Leg. 2, 19) ocorre a forma **habessit** = **habuerit** por arcaísmo. (FARIA, 1962, p. 438).

No Saraiva, o verbo é registrado do seguinte modo:

Hābēō, ēs, ūi, itūm, ērē, v. *trans.* e *intrans.* (da raiz *Hab*, correspondente à gr. ΑΠ, donde ἀπτομαι, ἀπτω, ἀφή). 1º. Ter, possuir; ser ou estar senhor de, ter, conter, encerrar, abranger, exibir; 2º. Ter (em si), trazer, andar com; 3º. Entrar de posse, tomar; reassumir, ganhar, alcançar, obter; guardar, ter em segredo; 4º. Ter para dizer, a responder; saber, conhecer; 5º. Tratar alguém, portar-se para com; tratar (de negócios), dirigir, administrar; ter (em ódio, desprezo etc.), ter (como objeto de lucro); 6º. Topar (alguém em uma disposição qualquer); ser objeto de, experimentar; estar sujeito, exposto a, sofrer, suportar; receber um golpe; tomar (uma coisa dum modo qualquer); 7º. Seguido dum *part. p.* Ter; seguido dum *adj.* pôr neste ou naquele estado, tornar, reduzir a; 8º. Ter que (fazer uma coisa), dever, haver de; poder; 9º. Ter, considerar, reputar como, ter em conta de, julgar; *pass.* dizer-se, contar-se, referir-se; 10º. Avaliar, presar, estimar; 11º. Passar (o tempo); 12º. Fazer, cumprir, executar; celebrar (uma assembleia); 13º. Habitar, morar; 14º. Ter de seu, ser rico. (SARAIVA, 1993, pp. 538-9).

Depois disto, o autor fornece 16 conjuntos de exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. O conteúdo desta entrada é mais ou menos da mesma extensão que o verbo *sum*, isto quer dizer que ela ocupa cerca de uma página inteira. O Busarello é breve em seu conteúdo para o verbo:

habēo, es, ēre, habūi, habī,um, tr. e intr. ter; possuir; haver; julgar, avaliar; proferir; comportar-se. (BUSARELLO, 2003, p. 126).

Novamente, o Busarello nos dá informações novas, trata-se das acepções “proferir” e “comportar-se”.

Com relação ao verbo *dico*, verbo regular transitivo de terceira conjugação, o seguinte conteúdo pode ser encontrado no *Aoristo*:

dicō, dicis, dicere, dixi, dictum
verbo regular transitivo de terceira conjugação

I. Sentido próprio

1 Dizer (com um caráter solene e técnico, pois se trata de um vocábulo da língua religiosa e jurídica), afirmar, expor, pronunciar, falar em tom solene e ameaçador (Cic. Fin. 2, 85); (Cic. De Or. 3, 213); (Cic. Fam. 3, 8, 5); (Cic. Dom. 70).

II. Outros sentidos

- 2** Criar, eleger, nomear
consules dicere (T. Liv. 26, 22, 9), "nomear os cônsules".
- 3** Chamar, denominar, designar (Cic. Ac. 1, 17).
- 4** Cantar, celebrar (Hor. O. 1, 21, 1).
- 5** Fixar, determinar, regular (Ces. B. Gal. 1, 41, 4); (Ces. B. Gal. 1, 42, 3).
- 6** Advertir, notificar, avisar (Cic. Arch. 8).
- 6.1** Falar, dizer (Cic. Or. 153); (Cic. Cael. 28).

Observações

Constrói-se com acusativo; com acusativo e infinitivo; com dativo. Na voz passiva impessoal constrói-se com nominativo e infinitivo.
Formas arcaicas: imperfeito **dice** (Plaut. Capt. 359); subjuntivo **dixis** (Plaut. Aul. 744); infinitivo **dicier** (Plaut. Cist. 83).

Pessoa	Tempo presente, modo indicativo		Observações
	Voz ativa	Voz passiva	
1a. do singular	dicō (eu digo)	dicor (eu sou dito/eu sou dita)	Tempo O presente em latim indica tempo indivisível, da mesma forma que em português.

Na imagem acima, mostramos somente o lema, os equivalentes, as observações e somente a 1ª. pessoa do singular do verbo no tempo presente do indicativo, um dos motivos para isto é o fato de já termos tratado das tabelas de conjugação dos verbos, um segundo motivo é o fato de este verbo ter 19 tabelas diferentes, tanto para a conjugação quanto para a declinação do verbo.

Neste verbo, há três marcas de uso, sendo que uma delas é utilizada para indicar o uso de uma das acepções. Somente um exemplo é fornecido, mas há 15 citações, sendo que três delas estão nas observações. Nas observações há apenas indicações de como o verbo pode ser utilizado com relação à transitividade. No Faria, o verbo é registrado do seguinte modo:

dicō, -is, -ēre, dixi, dictum, v. tr. I – Sent. próprio: 1) Dizer (com um caráter solene e técnico, pois se trata de um vocábulo da língua religiosa e jurídica), afirmar, expor, pronunciar, falar em tom solene e ameaçador (Cic. Fin. 2, 85);

(Cic. De Or. 3, 213); (Cic. Fam. 3, 8, 5); (Cic. Dom. 70). II – Outros sentidos: 2) Criar, eleger, nomear: **consules dicere** (T. Liv. 26, 22, 9), «nomear os cônsules». 3) Chamar, denominar, designar (Cic. Ac. 1, 17). 4) Cantar, celebrar (Hor. O. 1, 21, 1). 5) Fixar, determinar, regular (Ces. B. Gal. 1, 41, 4); (Ces. B. Gal. 1, 42, 3). 6) Advertir, notificar, avisar (Cic. Arch. 8). 7) Falar, dizer (Cic. Or. 153); (Cic. Cael. 28). Obs.: Constrói-se com acus.; com acus. e inf.; com dat. Na passiva impress. constrói-se com nom. e inf. Formas arcaicas: imperf. **dice** (Plaut. Capt. 359); subj. **dixis** (Plaut. Aul. 744); inf. **dicier** (Plaut. Cist. 83). (FARIA, 1962, p. 306).

No Saraiva, o verbo é registrado do seguinte modo:

Dicō, is, xī, ctūm, cērē, v. trans. 1º. Dizer; 2º. Afirmar; 3º. Dizer, exprimir, recitar; falar em público; manejar a palavra; 4º. Descrever, expor, contar, referir, compor, anunciar, predizer; 5º. Pronunciar; 6º. Chamar, apelidar; 7º. Nomear, eleger, elevar a uma dignidade; 8º. Assignar, determinar, fixar, regular; 9º. Advertir, avisar ameaçando, dar a saber, notificar; 10º. Entender, querer dizer, ter intenção de; 11º. Alistar-se, assentar praça. (SARAIVA, 1993, pp. 370-1).

Depois disto, o autor fornece 11 conjuntos de exemplos retirados de autores latinos selecionados para ilustrar as acepções vistas anteriormente. Com exceção de algumas acepções de quatro sentidos do Faria, as outras, de modo geral, concordam com as acepções do Saraiva, enquanto que os sentidos de números 4, 5 e 10, são exclusivos ao Saraiva. O Busarello sintetiza os conteúdos anteriores da seguinte forma:

dico, is, ěre, dixi, dīctum, tr. dizer; pronunciar; declarar; chamar; escrever; falar em público. (BUSARELLO, 2003, 87).

Uma das acepções tem conteúdo diferente do que foi visto nos outros dicionários, trata-se de “escrever”, o que possivelmente é um erro

de digitação, pois este sentido tem um teor muito diferente dos outros, no entanto, não temos provas a favor ou contra esta possibilidade.

Por fim, o verbo *volo*, que também pode ser grafado como *uolo*, tem o seguinte conteúdo no *Aoristo*:

volō, vīs, vult, velle, volūi
verbo irregular transitivo

I. Sentido próprio
1 Querer, desejar (Ter. Eun. 813); (Cic. Nat. 1, 17); (Cic. Verr. 3, 196); (Cic. At. 13, 32, 2); (Cic. Rep. 1, 38); (Cic. Tusc. 1, 34); (Cic. C. M. 73); (Ter. Ad. 432); (Cic. Of. 2, 78); (Cic. Rep. 1, 15).
2 Ter vontade de, ter intenção de, consentir (Cic. At. 9, 1,3); (Cic. Tusc. 1, 88).
3 Querer bem ou mal (**bene, male**) (Plaut. Cas. 464).
4 Querer ver (Cic. Q. Fr. 3, 9, 3).
5 Querer falar a (Cic. At. 10, 16, 4); (Ter. And. 536).
6 Querer dizer, significar (Cic. Verr. 2, 150).

Observações
Constrói-se como intransitivo absoluto; com acusativo (de pessoa ou de coisa); com pronome neutro; com infinitivo; com oração infinitiva; com acusativo e infinitivo; com duplo acusativo; e com **ut** ou **ne**.

II. Locução (na língua jurídica)
7 **velitis, jubeatis, Quirites, ut** (Cic. Dom. 44; Pis. 72), "ordenai, se vos apraz, Romanos, que".

Pessoa	Tempo presente, modo indicativo		Observações
	Voz ativa	Voz passiva	
1a. do singular	volō (eu quero)	-	Tempo O presente em latim indica tempo indivisível, da mesma forma que em português.

Na imagem acima, mostramos somente o lema, os equivalentes, as observações e somente a 1ª. pessoa do singular do verbo no tempo presente do indicativo, um dos motivos para isto é o fato de já termos tratado das tabelas de conjugação dos verbos, um segundo motivo é o fato de este verbo ter 12 tabelas diferentes, tanto para a conjugação quanto para a declinação do verbo.

Neste verbo, há três marcas de uso, sendo que uma delas é utilizada para indicar o uso de uma das acepções. Somente um exemplo é fornecido, mas há 17 citações. Nas observações, há apenas indicações de como o verbo pode ser utilizado com relação à transitividade. No Faria, o verbo é registrado do seguinte modo:

volō, vīs, vult, vele, volūi, v. tr. I – Sent. próprio:
1) Querer, desejar (Ter. Eun. 813); (Cic. Nat. 1, 17); (Cic. Verr. 3, 196); (Cic. At. 13, 32, 2); (Cic. Rep. 1, 38); (Cic. Tusc. 1, 34); (Cic. C. M. 73); (Ter. Ad. 432); (Cic. Of. 2, 78); (Cic. Rep. 1, 15).
2) Ter vontade de, ter intenção de, consentir (Cic. At. 9, 1,3); (Cic. Tusc. 1, 88). 3) Querer bem ou

mal (**bene, male**) (Plaut. Cas. 464). 4) Querer ver (Cic. Q. Fr. 3, 9, 3). 5) Querer falar a (Cic. At. 10, 16, 4); (Ter. And. 536). 6) Querer dizer, significar (Cic. Verr. 2, 150). II – Locução (na língua jurídica): 7) **velitis, jubeatis, Quirites, ut** (Cic. Dom. 44; Pis. 72), “ordenai, se vos apraz, Romanos, que”. Obs.: Constrói-se como intr. absoluto; com acus. (de pessoa ou de coisa); com pronome neutro; com inf.; com or. Inf.; com acus. e inf.; com duplo acus.; e com **ut** ou **ne**. (FARIA, 1962, p. 1074).

No Saraiva, o verbo é registrado do seguinte modo:

Völō, vīs, vūlt, vōlūi, vēllē, v. *trans.* (da m. família q. BOA, donde βόλομαι, βουλομαι, querer, desejar). Querer, consentir. (SARAIVA, 1993, p. 1288).

Depois de tratar tão brevemente dos equivalentes, o Saraiva lista dezenas de exemplos, sendo que as duas acepções fornecidas também são registradas pelo Faria, tornando os dois dicionários complementares. O Busarello registra o verbo do seguinte modo:

volō, vīs, velle, volūi, -, tr. querer, desejar; consentir; escolher; querer (bem ou mal) a alguém. (BUSARELLO, 2003, p. 288).

Uma das acepções tem conteúdo diferente do que foi visto nos outros dicionários, trata-se de “escolher”. Nenhum dos três dicionários, no entanto, informa ao usuário que se trata de um verbo irregular.

Devido ao espaço necessário não pudemos tratar aqui de várias outras possibilidades de tratamento das entradas no *Aoristo*, dentre elas: *placeō, placēs, placēre, placuī, placitum; nōlō, nōn vīs, nōlle, nōlui; dō, dās, dare, dedī, datum; faciō, facis, facere, fēcī, factum; pereō, perīs, perīre, perīi (perivī, forma rara), peritum*. Os verbos, pela sua quantidade e pela sua multiplicidade de usos, podem apresentar muitas informações diferentes para serem tratadas pelo lexicógrafo, do que tratamos de uma parte muito pequena. Às vezes, no entanto, estas informações são explicadas junto com as equivalências ou com as tabelas de conjugação e declinação, mas para as situações em que isto não acontece estabelecemos alguns conteúdos informacionais, em

seguida, mostramos que tipo de conteúdo informacional acompanha as tabelas:

- Para os tempos do *inflectum* do modo indicativo (presente, imperfeito e futuro) e do modo subjuntivo (presente e imperfeito), mostramos informações sobre o tempo, o modo e a voz;
- Para os tempos do *perfectum* do modo indicativo (perfeito, mais-que-perfeito e futuro anterior) e do modo subjuntivo (perfeito e mais-que-perfeito), mostramos informações sobre o tempo, o modo, a voz e a construção da voz passiva;
- Para os tempos do particípio (presente ativo, futuro ativo, perfeito passivo e futuro passivo), mostramos uma breve caracterização, além de informações sobre o tempo, o modo e a construção da voz passiva;
- Para os tempos do modo imperativo (presente e futuro), mostramos uma breve caracterização, além de informações sobre o tempo e a voz;
- Para os tempos do infinitivo (presente, perfeito e futuro), mostramos uma breve caracterização;
- Para o gerúndio, mostramos uma breve caracterização, além de informações sobre a voz e a construção;
- Para o supino, mostramos uma breve caracterização, além de informações sobre o uso.

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, colocamos em prática teorias de metalexicografia e linguística de *corpus*, partindo da hipótese que a informação, desde a construção do *corpus* até o modo de pesquisa disponível para o usuário, passando pelas etapas intermediárias, deve ser de boa qualidade. Em outras palavras, é necessário que haja um planejamento a ser seguido para atingir o objetivo, que no nosso caso é apresentar as informações ao usuário de modo que as dúvidas sejam esclarecidas com eficiência, como definimos no objetivo geral desta pesquisa. Este objetivo tem ligação com o público alvo definido, os estudantes de língua latina sem conhecimento prévio desta língua.

Para atingir o nosso objetivo geral, seguimos quatro objetivos específicos. Para atender ao primeiro, montamos dois *corpora*, ambos com critérios bem definidos, o que foi realizado sem maiores dificuldades além do tempo necessário para processar todas as informações, que sempre foram verificadas para nos certificarmos de que atendiam aos critérios. Para atender ao segundo objetivo, confeccionamos o software do *Aoristo*, pensado para ser visualizado na tela de um computador, no qual colocamos em prática a microestrutura ampliada proposta por Wiegand (1989), na qual as informações são divididas por funções, desta forma as equivalências têm lugar de destaque, o que tem relação com o nosso terceiro objetivo. Neste modo de organização da informação, o usuário pode decidir se vai se limitar a apenas observar os equivalentes, por exemplo, ou se as informações extraordinárias também serão úteis para ele, dependendo do motivo que o levou a consultar o dicionário.

Neste ponto, já podemos expor a primeira parte da conclusão, que trata do modo de mostrar a informação com base no seu conteúdo. Acreditamos que até o momento há problemas de inconsistência nas informações, o que tem origem no tratamento heterogêneo sofrido pelos textos usados nos *corpora*, passando pelos dicionários consultados e pelos softwares de análise utilizados, refletindo no resultado final. Isto é visível nas marcas de uso, em especial, e nos exemplos, pois estes são muitas vezes extraídos de uma quantidade muito pequena de obras latinas, priorizando algumas poucas modalidades literárias, enquanto que outras obras são ignoradas, deixando de lado uma gama de possibilidades de interpretação da língua latina. Por outro lado, as marcas de uso, como já explicamos, são de difícil sistematização, o que também tem relação com o modo de percepção pelo público atual de

obras que foram escritas há pelo menos 1500 anos. Há outras situações que também sofrem de inconsistência no *Aoristo*, formando um conjunto de difícil resolução, mas que esperamos abordar em algum momento.

O último objetivo específico foi extensamente abordado neste trabalho, em que expomos problemas variados da compreensão e interpretação das informações extraídas dos *corpora*, com a finalidade de usar os dados obtidos no *Aoristo*. O primeiro problema encontrado foi o da inconsistência entre os softwares utilizados para compreensão dos dados, trata-se do AntConc, do Unitex e do TreeTagger. Apesar de eles nos terem mostrado resultados diferentes, foi necessário confiar neles, pois, em última instância, não tínhamos outro modo de analisar os *corpora*. Estas informações foram utilizadas em conjunto com as informações obtidas de três dicionários impressos, o Faria, o Saraiva e o Busarello, que, em vários momentos, mostraram estar de acordo uns com os outros, o que nos ajudou a ver os dados dos *corpora* de um modo diferente. As informações extraídas dos *corpora* foram utilizadas em análises diferentes e que nos ajudaram a perceber certas deficiências na abrangência dos usos das informações, o que representa um segundo problema e que reflete nos resultados apresentados ao usuário, algo que tencionamos melhorar em iterações futuras do *Aoristo*.

Podemos dizer que para atingirmos os objetivos propostos para o *Aoristo* ainda há um longo caminho, pois as informações linguísticas podem se ligar umas às outras de modos sutis, o que se agrava quando pensamos no latim, uma língua morta, cuja compreensão é intermediada pelos seus registros que sobreviveram ao teste do tempo.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, W. Sidney. **Vox latina**: a guide to the pronunciation of classical latin. Cambridge: Cambridge University Press, 1965.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**: curso único e completo. São Paulo: Saraiva, 2000.
- AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores. La lexicografía como disciplina lingüística. In A. M. MEDINA GUERRA (coord.), **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel, 2003, pp. 31-52.
- BAJO PÉREZ, Elena. **Diccionarios**: introducción a la historia de la lexicografía del español. Gijón: Trea, 2000.
- BÉJOINT, Henri **The lexicography of English**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BERGENHOLTZ, Henning, TARP, Sven. Two opposing theories: on H. E. Wiegand's recent discovery of lexicographic functions. **Hermes, Journal of Linguistics**. Aarhus, pp. 171-196, n°31, 2003.
- BIBER, D. Representativeness in corpus design. **Literary and Linguistic Computing**, Oxford, Oxford University Press, v.8, n.4, out/1993, p.243-57. 33.
- BUSARELLO, Raulino. **Dicionário Básico Latino-Português**. Florianópolis: EdUFSC, 2003.
- CAMPOS SOUTO, Mar.; PEREZ PASCUAL, José I. El diccionario y otros productos lexicográficos. In: ____ MEDINA GUERRA, Antonia. M. (Coord.). **Lexicografía española**. Madrid: Ariel, 2003. pp. 53-78.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. **Iniciação ao latim**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CART, Adrien. **Gramática latina**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1986.

CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora. La macroestructura del diccionario. In A. M. MEDINA GUERRA (coord.), **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel, 2003.

CHURCH, K.. Using statistics in lexical analysis. In Zernik, U. (ed.) **Lexical acquisition: exploiting on-line resources to build a lexicon**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

CLAVERÍA NADAL, Gloria. El problema de la homonimia en la lexicografía española. In: Stefan RUHSTALLER y Josefina PRADO ARAGONÉS (eds.), **Tendencias en la investigación lexicográfica del español: el diccionario como objeto de estudio lingüístico y didáctico. Actas del congreso celebrado en la Universidad de Huelva del 25 al 27 de noviembre de 1998**. Huelva, 2000, pp. 365-375.

CLIMENT DE BENITO, Jaime. **El ejemplo. La fraseología. Las ilustraciones. Otras informaciones**. Madrid: Liceus, Servicios de Gestión y Comunicación, 2007. Disponível em: <http://books.google.es/books?id=uFKIewBVHDgC&printsec=frontcover&hl=es#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 04 fev. 2016.

CORNELL, Tim. **Roma: legado de um império**, vol. 1. Madri: Edições del Prado, 1996.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. Rio de Janeiro: FAE, 1962.

_____. **Dicionário escolar latino-português**. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

FARIAS, Virgínia Sita. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. In: **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011.

FIRTH, J. R. A synopsis of linguistic theory, 1930-1955, in: J. R. Firth, ed., **Studies in linguistic analysis**. Special volume of the Philological Society, Oxford: Blackwell, 1957.

FURLAN, Mauri. **Legenda Roma**. 2005. Apostila de latim utilizada na Universidade Federal de Santa Catarina.

GARRIGA ESCRIBANO, Cecilio. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: MEDINA GUERRA, Antonia M (coord.): **Lexicografía española**. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 2003, pp. 103-126.

GIESBRECHT, Eugenie. Is part-of-speech tagging a solved task? An evaluation of pos taggers for the german web as corpus. In: **Proceedings of the 5th Web as Corpus Workshop (WAC5)**, Donostia. 2009.

HAENSCH, Günther. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In G. HAENSCH; R. WERNER et al., **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, 1982, pp. 395-534.

_____. Los diccionarios bilingües españoles en el umbral del siglo XXI. In M. A. MARTÍN ZORRAQUINO; J. L. ALIAGA JIMÉNEZ, **La lexicografía hispánica ante el siglo XXI: balance y perspectivas**. Zaragoza: Departamento de Educación, Cultura y Deporte: Institución Fernando el Católico, 2003, pp. 77-97.

_____. **Los diccionarios del español en el umbral del s. XXI**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1997.

JOHANSSON, Stig. Seeing through multilingual corpora. In R. FACCHINETTI, **Corpus linguistics: 25 years on**. Amsterdam: Editions Rodopi B.V., 2007, pp. 51-71.

LEFFA, Vilson J. O dicionário eletrônico na construção do sentido em língua estrangeira. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, n. 18, pp. 319-340, n°2, jan./abr. 2006.

MARTÍNEZ DE SOUSA, José. **Manual básico de lexicografía**. Gijón: Ediciones Trea, S. L., 2009.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

NESSSELHAUF, Nadja. Learner corpora and their potential for language teaching. In J. M. SINCLAIR, **How to use corpora in language teaching**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2004, pp. 125-155.

NEUNERDET, Melanie. Part-of-speech tagging for social media texts. **Language processing and knowledge in the web: 25th international conference, GSCL 2013, Darmstadt, Germany, September 25-27, 2013, Proceedings**. New York: Springer Verlag, 2013.

NØKLESTAD, Anders. Tagging a Norwegian speech corpus, In: Joakim Nivre; Heiki-Jaan Kaalep; Kadri Muischnek & Mare Koit (ed.), **NODALIDA 2007 PROCEEDINGS**. University of Tartu, 2007.

ØRBERG, Hans Henning. **Latine disco**. Roma: Edizioni Accademia Vivarium Novum, 2003.

PAUMIER, Sébastien. **Unitex 3.1RC**: user manual. 2016. Manual do usuário do software Unitex.

PORTO DAPENA, José Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português**: etimológico, prosódico histórico, geográfico, mitológico, biográfico, etc. 10. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

SARDINHA, Tony Berber. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.

SCHMIED, J. Qualitative and quantitative research approaches to English relative constructions. In Souter, C. and Atwell, E. (eds.) **Corpus based computational linguistics**. Amsterdam: Rodopi, 1993.

SINCLAIR, John McHardy. **Corpus, concordance, collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

_____. **How to use corpora in language teaching**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2004.

_____. Lexicography as an Academic Subject. Hartmann, R.R.K. (Ed.). Hartmann, R.R.K. (Ed.). **LEXeter '83 Proceedings. Papers from the**

International Conference on Lexicography at Exeter, 9–12 September 1983. Tübingen, pp. 3-12, 1984.

TARP, Sven. Do we need a (new) theory of lexicography?, **Lexikos**. Stellenbosch, pp. 321-332, n°22, 2012.

_____. Lexicografía de aprendizaje. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, n. 18, pp. 295-317, n°2, jan./abr. 2006.

WERNER, Reinhold. Algunos elementos de una teoría del diccionario bilingüe. In M. T. CABRÉ, M. LLORENTE (eds.), **Lèxic, corpus i diccionaris. Cicle de conférences 95-96**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1996.

WIEGAND, Herbert Ernst. Arten von Mikrostrukturen im allgemeinen einsprachigen Wörterbuch. In: **Wörterbücher. Dictionaries. Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie** Berlin, pp. 462-501, 1989.

_____. On the structure and contents of a general theory of lexicography. Hartmann, R.R.K. (Ed.). **LEXeter '83 Proceedings. Papers from the International Conference on Lexicography at Exeter, 9–12 September 1983**. Tübingen, pp. 13-30, 1984.

APÊNDICE A – Lista de autores e de obras do CL organizada em ordem cronológica.

As fontes são anotadas da seguinte forma:

1. The Latin Library;
2. Perseus Digital Library;
3. Bibliotheca Augustana;
4. Sant'Agostino, Augustinus Hipponensis;
5. Algumas obras foram extraídas do The Latin Library e outras do Perseus Digital Library.

Planilha 1

Autores	Obras	Fonte
Titus Maccius Plautus (254 a.C. – 184 a.C.)	<i>Amphitruo; Asinaria; Aulularia; Bacchides; Captivi; Casina; Cistellaria; Curculio; Epidicus; Menaechmi; Mercator; Miles Gloriosus; Mostellaria; Persa; Poenulus; Pseudolus; Rudens; Stichus; Trinummus; Truculentus.</i>	1
Quintus Ennius (239 a.C. – 169 a.C.)	<i>Annalium Libri.</i>	1
Marcus Porcius Cato (234 a.C – 149 a.C.)	<i>De Agri Cultura.</i>	1
Publius Terentius Afer (195 a.C. – 159 a.C.)	<i>Andria; Hecyra; Eunuchus; Phormio; Heauton Timorumenos; Adelphoe.</i>	1
Marcus Terentius Varro (116 a.C. – 27 a.C.)	<i>Rerum Rusticarum de Agri Cultura; De Lingua Latina.</i>	1
Cornelius Nepos (110 a.C. – 24 a.C.)	<i>Liber de Excellentibus Ducibus Exterarum Gentium; Liber de Latinis Historicis.</i>	1
Marcus Tullius Cicero (106 a.C. – 43 a.C.)	<i>Ad Atticum; Ad Familiares; Ad Quintum; Ad Brutum; Pro Quinctio; Pro Roscio Amerino; Pro Roscio Comodeo; De Lege Agraria Contra Rullum; In Verrem; De Imperio Cn. Pompei; Pro Caecina; Pro Cluentio; Pro</i>	1

	<i>Rabirio Perduellionis Reo; In Catilinam; Pro Murena; Pro Sulla; Pro Flacco; Pro Archia; Post Reditum in Senatu; Post Reditum in Quirites; De Domo Sua; De Haruspicum; Responsis; Pro Cn. Plancio; Pro Sestio; In Vatinius; Pro Caelio; De Provinciis Consularibus; Pro Balbo; Pro Milone; In Pisonem; Pro Scauro; Pro Fonteio; Pro Rabirio Postumo; Pro Marcello; Pro Ligario; Pro Deiotaro; Phillipicae; De Inventione; De Optimo Genere Oratorum; Topica; De Oratore; De Fato; Paradoxa Stoicorum; De Partitione Oratoria; Brutus; Orator; De Re Publica; De Consulatu Suo; De Legibus; De Finibus; Tusculanae Disputationes; De Natura Deorum; Academica; Cato Maior de Senectute; Laelius de Amicitia; De Dininatione; De Officiis; Commentariolum Petitionis.</i>	
Gaius Julius Caesar (100 a.C. – 44 a.C.)	<i>De Bello Gallico; De Bello Civili.</i>	1
Titus Lucretius Carus (99 a.C. – 55 a.C.)	<i>De Rerum Natura.</i>	1
Aulus Hirtius (90 a.C. – 43 a.C.)	<i>De Bello Africo; De Bello Alexandrino; Bellum Hispaniensi.</i>	1
Gaius Sallustius Crispus (86 a.C. – 35 a.C.)	<i>Epistola ad Caesarem I-II; Epistula Mithridatis; Epistula Pompei; Bellum Catilinae; Bellum Iugurthinum; Fragmenta Historiarum; Invectiva in Ciceronem; Oratio Lepidi; Oratio Philippi; Oratio Cottae; Oratio Macri.</i>	1
Publius Syrus (85 a.C. – 43 a.C.)	<i>Sententiae.</i>	1
Gaius Valerius Catullus (84	<i>Carmina.</i>	1

a.C. – 54 a.C.)		
Marcus Vitruvius Pollio (80 a.C. – 25 a.C.)	<i>De Architectura.</i>	1
Publius Vergilius Maro (70 a.C. – 19 a.C.)	<i>Aeneis; Eclogae; Georgica.</i>	1
Quintus Horatius Flaccus (65 a.C. – 8 a.C.)	<i>Ars Poetica; Carmina; Epistulae; Sermones.</i>	1
Gaius Julius Hyginus (64 a.C. – 17 d.C.)	<i>De Astronomia Libri Quattuor; De Munitionibus Castrorum; Fabulae.</i>	1
Caesar Divi Filius Augustus (63 a.C. – 14 d.C.)	<i>Res Gestae Divi Augusti.</i>	1
Titus Livius Patavinus (59 a.C. – 17 d.C.)	<i>Ab Urbe Condita Libri.</i>	1
Sulpicia (55 a.C. – 19 a.C.)	<i>Carmina Omnia.</i>	1
Albius Tibullus (55 a.C. – 19 a.C.)	<i>Elegiae.</i>	1
Marcus Annaeus Seneca (54 a.C. – 39 d.C.)	<i>Controversiae; Suasoriae.</i>	1
Sextus Propertius (50 a.C. – 16 a.C.)	<i>Elegiae.</i>	1
Publius Ovidius Naso (43 a.C. – 17 d.C.)	<i>Ars Amatoria; Fasti; Remedia Amoris; Ex Ponto; Tristia; Amores; Heroides; Metamorphoseon; Ibis.</i>	1
Marcus Velleius Paterculus (19	<i>Historiae Romanae.</i>	1

a.C. – 31 d.C.)		
Gaius Julius Phaedrus (14 a.C. – 54 d.C.)	<i>Fabularum Aesopiarum Libri Quinque.</i>	1
Lucius Annaeus Seneca (4 a.C. – 65 d.C.)	<i>Ad Helviam; Ad Marciam; Ad Polybium; De Beneficiis; De Brevitate Vitae; De Clementia; De Constantia; De Ira; De Otio; De Providentia; De Tranquillitate Animi; De Vita Beata; Quaestiones Naturales; Epistulae Morales ad Lucilium; Agamemnon; Apocolocyntosis; Hercules Furens; Hercules Oetaeus; Medea; Octavia; Oedipus; Phaedra; Phoenissae; Proverbia; Thyestes; Troades.</i>	5
Quintus Curtius Rufus (séc. I d.C.)	<i>Historiarum Alexandri Magni Libri qui Supersunt.</i>	1
Marcus Manilius (séc. I d.C.)	<i>Astronomicon.</i>	1
Gaius Valerius Flaccus (? – 90 d.C.)	<i>Argonautica.</i>	1
Lucius Junius Moderatus Columella (4 d.C. – 70 d.C.)	<i>De Arboribus; De Re Rustica Libri XII.</i>	1
Valerius Maximus (13 d.C. – 37 d.C.)	<i>Factorum et Dictorum Memorabilium Libri Novem.</i>	1
Gaius Plinius Secundus (23 d.C. – 79 d.C.)	<i>Naturalis Historia.</i>	2
Gaius Petronius Arbiter (27 d.C. – 66 d.C.)	<i>Satiricon.</i>	1
Tiberius Carius Asconius Silius Italicus (28 d.C. – 103 d.C.)	<i>Punica.</i>	1

Aulus Persius Flaccus (34 d.C. – 62 d.C.)	<i>Saturae.</i>	1
Marcus Fabius Quintilianus (35 d.C. – 100 d.C.)	<i>Institutiones; Declamationes Maiores.</i>	1
Marcus Annaeus Lucanus (39 d.C. – 65 d.C.)	<i>De Bello Civili sive Pharsalia.</i>	1
Marcus Valerius Martialis (40 d.C. – 102 d.C.)	<i>Epigrammaton Libri.</i>	1
Decimus Junius Juvenalis (séc. I d.C. – séc. II d.C.)	<i>Saturae.</i>	1
Sextus Julius Frontinus (40 d.C. – 103 d.C.)	<i>Strategemata; De Aquaeductu Urbis Romae; Opuscula Rerum Rusticarum.</i>	1
Publius Papinius Statius (45 d.C. – 96 d.C.)	<i>Thebaid; Silvae; Achilleid.</i>	1
Publius Cornelius Tacitus (56 d.C. – 117 d.C.)	<i>Annales; Historiae; Agricola; Germania; Dialogus de Oratoribus.</i>	1
Gaius Plinius Caecilius Secundus (61 d.C. – 113 d.C.)	<i>Epistularum Libri Decem; Panegyricum.</i>	1
Gaius Suetonius Tranquillus (69 d.C. – 122 d.C.)	<i>De Vitis Caesarum; De Poetis.</i>	1
Lucius Annaeus Florus (74 d.C. – 130 d.C.)	<i>Epitome de T. Livio Bellorum Omnium Annorum DCC Libri Duo.</i>	1
Lucius Apuleius Madaurensis	<i>De Dogmate Platonis; Metamorphoseon; Apologia; Florida; De Deo Socratis; De</i>	1

(123 d.C. – 180)	<i>Mundo.</i>	
Aulus Gellius (125 d.C. – 180 d.C.)	<i>Noctes Atticae.</i>	1
Quintus Septimius Florens Tertullianus (155 d.C. – 240 d.C.)	<i>Ad Martyres; Ad Nationes; Ad Scapulam; Ad Uxorem; Adversus Hermogenem; Adversus Iudaeos; Adversus Praxean; Adversus Valentinianos; Apologeticum ; De Anima; De Baptismo; De Carne Christi; De Corona Militis; De Cultu Feminarum; De Exhortatione Castitatis; De Fuga in Persecutione; De Idololatria; De Ieiunio; De Monogamia; De Oratione; De Pallio; De Paenitentia; De Patientia; De Praescriptione Haereticorum; De Pudicitia; De Resurrectione Carnis; De Spectaculis; Adversus Marcionem; De Testimonio Animae; De Virginibus Velandis; Liber Scorpiace; Adversus Omnes Haereses; Carmen ad Senatorem; Carmen de Iona Propheta; Carmen de Iudicio Domini; Carmen Genesis; De Execrandis Gentium Diis.</i>	1
Dionysius Cato (séc. III d.C.)	<i>Disticha Catonis.</i>	1
Junianus Justinus (séc. III d.C.)	<i>Historiarvm Philippicarvm Libri XLIV.</i>	1
Marcus Minucius Felix (? – 250 d.C.)	<i>Octavius.</i>	1
Aelius Donatus (séc. IV d.C.)	<i>De Partibus Orationis Ars Minor.</i>	1
Caelius Apicius (séc. IV d.C.)	<i>De Re Coquinaria.</i>	3
Flavius Eutropius (séc. IV d.C.)	<i>Breviarium Historiae Romanae.</i>	1
Julius Obsequens (séc.	<i>Liber de Prodigis.</i>	1

IV d.C.)		
Publius Flavius Vegetius Renatus (séc. IV d.C.)	<i>Epitoma Rei Militaris Libri IV.</i>	1
Rufus Festus (séc. IV d.C.)	<i>Breviarium Rerum Gestarum Populi Romanum.</i>	1
Scriptores Historiae Augustae (séc. IV d.C.)		1
Decimius Magnus Ausonius (310 d.C. – 395 d.C.)	<i>Mosella; Septem Sententiae.</i>	1
Sextus Aurelius Victor (320 d.C. – 390 d.C.)	<i>De Caesaribus; De Viris Illustribus; Epitome de Caesaribus; De Origine Gentis Romanae.</i>	1
Ammianus Marcellinus (325 d.C. – 391 d.C.)	<i>Res Gestae a Fine Corneli Taciti.</i>	1
Aurelius Ambrosius (340 d.C. – 397 d.C.)	<i>De Mysterii; Hymni; Epistula ad Sororem; Epistulae Variae.</i>	1
Flavius Theodosius Augustus (347 d.C. – 395 d.C.)	<i>Codex.</i>	1
Aurelius Prudentius Clemens (348 d.C. – 413 d.C.)	<i>Liber Peristephanon; Psychomachia.</i>	1
Aurelius Augustinus Hipponensis (354 d.C. – 430 d.C.)	<i>Confessiones; De Civitate Dei; De Trinitate; Contra Secundam Iuliani Responsionem; De Dialectica; De Fide et Symbolo; De Catechizandis Rudibus; Regula Sancti Augustini.</i>	4
Claudius Claudianus (370	<i>Carmina Minora; De Bello Gidonico; De Bello Gothico; De Consulatu Stilichonis; De</i>	2

d.C. – 404 d.C.)	<i>Raptu Proserpinae; Epithalamium de Nuptiis; Fescinnina de Nuptiis Honorii Augusti; In Eutropium; In Rufinum; Panegyricus de Sexto Consulatu Honorii Augusti.</i>	
Paulus Orosius (375 d.C. – 418 d.C.)	<i>Historiarum Adversum Paganos Libri VII.</i>	1
Avianus (séc. V d.C.)	<i>Fabulae.</i>	1
Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus Senator (485 d.C. – 585 d.C.)	<i>De Anima; De Musica; Epistulae Theodoricianae Variae; Variarum Libri XII.</i>	1

Fonte: desenvolvido pelo autor.